Sérgio Perales Francisco

**O Protagonismo nas Redes e Movimentos Sociais:
Etnografia e Gestão**

M E S T R A D O E M A D M I N I S T R A Ç Ã O

P U C / S P

São Paulo
2005

Sérgio Perales Francisco

O Protagonismo nas Redes e Movimentos Sociais: Etnografia e Gestão

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas, sob a orientação do Prof. Dr. Ladislau Dowbor.

P U C / S P

São Paulo
2005

Banca Examinadora

Dedicatória

*Esta obra foi construída com o apoio de muitas mãos, corações e mentes.
Nesta trilha trouxe como bagagem o amor de minha mãe, Joanna e a força de meu
saudoso pai, Francelino.
Docemente meu caminho cruzou com o de uma pessoa muito especial para mim e
que desempenhou um importante papel na confecção destas páginas, Luciana.
Ao carinho de meus filhos, Bernardo e Caio.
Ao apoio e amizade de meu orientador, Prof. Dr. Ladislau Dowbor.
Ao incentivo do Prof. Dr. Antonio Vico Mañas.
Ao colega Prof. Dr. Sérgio Vieira, por ter dado um caminho novo ao meu trabalho.
Às indicações oportunas e à paciência do Prof. Luciano Prates Junqueira.
E a todos os integrantes da Rede Social de Cultura, amigos e companheiros de
militância cultural.*

Resumo

A defesa do uso das ferramentas e conceitos antropológicos pelos administradores, sejam estes pertencentes à área corporativa, governamental ou ligados a organizações sociais, tem sido cada vez mais uma bandeira destes profissionais. Em um mundo cada vez mais interligado, permeado de incertezas, enredado em complexidades, as soluções organizacionais tradicionais não apresentam mais possibilidades de responder aos novos desafios que a pós-modernidade nos propõe. As organizações buscam novas formas de agir que atendam às necessidades do elemento humano de realizar seus anseios. E este modelo passa pela compreensão e utilização das teorias sobre redes sociais e seus substratos culturais.

Esta pesquisa procurou utilizar-se, portanto, dos instrumentais antropológicos para analisar e acompanhar um movimento social que se articula na Zona Sul de São Paulo por meio de organizações sociais, artistas, produtores e movimentos culturais. A finalidade deste grupo é promover ações onde a cultura é empregada como forma de despertar a consciência social e valores comunitários próprios. Este grupo procura criar um modelo de agir e saber coletivo a partir da constituição em rede de seus componentes.

Na abordagem teórica procurou-se interligar as conceituações de rede e cultura, de forma a demonstrar que cultura existe como tecido da construção social de sentidos. Tudo isto para fornecer ao exercício do fazer etnográfico um apanhado destes sentidos

Palavras-chave: redes sociais, etnografia, cultura, capital social, protagonismo

Abstract

The claim for the use of anthropological tools and concepts by managers, as much as these professionals belong to corporate, governmental or non-profit area, has been more and more a target to achieve. In a world progressively more interconnected, trespassed of uncertainty, embedded in complexities, the traditional organizational solutions don't be able to answer the new challenges that postmodernity propose us. Organizations search new ways of practice that it consider the human been anxieties. And this pattern goes by the understanding and helpful of social networks theories and their cultural essence.

Therefore, this research tried to apply anthropological tools to analyze and to engage in a social movement linked in the South Zone of city of São Paulo and promoted by social organizations, artists, cultural producers and movements. The purpose of the group is to develop using culture as a form of provoke the awakening of social consciousness and proper community values. Generating a model of acting and a collective awareness from a membered networked construction.

In the theoretical approach it try to connect the network and culture conceptions, in order to show that culture works like a net of social construction of senses. All this to supply to the ethnographical practice a gathering of this senses and to give conditions to set up a group history identity.

Key-words: social networks, ethnography, culture, social capital, protagonismo

Sumário

Introdução.....	1
Objetivos.....	2
Referencial Teórico.....	3
Metodologia.....	5
O Objeto de Pesquisa.....	6
Capítulo I – Teoria das Redes Sociais.....	7
1.1 – História	11
1.2 – Comunidade.....	14
1.3 – Movimentos Sociais.....	17
1.4 – Participação.....	21
1.5 – Sociedade Civil.....	24
1.6 – Capital Social.....	29
1.7 – A Importância das Redes Sociais para as Políticas Públicas.....	36
1.8 – Realidade Virtual.....	39
1.9 – Gestão de Redes e Cultura Organizacional.....	46
Capítulo II – Teoria Cultural.....	52
2.1 – As Várias Concepções de Cultura, Lazer e Cotidiano.....	53
2.2 – Cultura como Meio.....	57
2.2.1 – Transformação Política.....	58
2.2.2 – Transformação Social.....	59
2.2.3 – Transformação do Espaço.....	63
2.3 – Cultura como Fim.....	68
2.3.1 – Indústria Cultural.....	68
2.3.2 – Mercado e Política Cultural.....	78
2.3.3 – Mercado de Trabalho na Cultura.....	83
2.3.4 – Trabalho e Protagonismo.....	88
Capítulo III – Metodologia de Pesquisa.....	94
3.1 – Rede como uma Organização Complexa e Caótica.....	94
3.2 – Análise de Redes Sociais.....	96
3.3 – Análise de Discurso.....	99
3.4 – Imagem e Representação.....	100

3.5 – A Visão Antropológica.....	102
3.5.1 – Etnografia (Antropologia Organizacional).....	103
3.5.2 – Antropologia Fílmica (o uso da imagem como ferramenta de análise).....	105
Capítulo IV – Processo de Pesquisa.....	107
4.1 – Breve Histórico da Rede São Luís de Cultura.....	107
4.2 – Mapeamento da Região.....	108
4.3 – Acompanhamento da Rede.....	111
4.3.1 – Fórum de Maio de 2004.....	111
4.3.2 – Fórum de Julho de 2004.....	113
4.3.3 – Reunião Comunidade Santa Júlia.....	115
4.3.4 – Reunião da Rede Social de Cultura.....	116
4.3.5 – Fórum de Agosto.....	118
4.3.6 – Reunião com o Grupo de Artesanato.....	120
4.3.7 – Seminário Popular de Cultura.....	121
4.3.8 – Reunião com o Supervisor de Cultura do M'Boi Mirim.....	125
4.4 – Acompanhamento das Comunicações Virtuais do Grupo.....	127
4.5 – Entrevistas Individuais.....	132
4.5.1 – Vilma.....	133
4.5.2 – Carlos.....	136
4.5.3 – Jorge.....	136
4.5.4 – Roberto.....	138
4.5.5 – Luís.....	139
4.5.6 – Marcelo.....	141
4.5.7 – Seo Nestor.....	143
4.5.8 – Herculano.....	147
4.5.9 – Cátia.....	148
4.5.10 – Gunnar.....	148
4.5.11 – Ana Maria.....	149
4.6 – Acompanhamento das atividades do grupo.....	151
4.7 – Levantamento das Conexões.....	153
4.8 – Identificação de Eficiência dos Processos Internos.....	154
4.9 – Análise dos Resultados e Construção de uma História.....	156

Considerações Finais.....	160
A – Do Significado de Redes Sociais.....	160
B – Do Significado de Cultura.....	160
C – O Aprendizado do Processo Etnográfico.....	161
Referências Bibliográficas.....	163
Anexo 1.....	177
Anexo 2.....	179

Lista de Tabelas

Dados Demográficos.....	109
Indicadores Socio-econômicos.....	109
Favelas.....	110
Indicadores Educacionais.....	110
Equipamentos de Cultura e Esporte.....	110

Introdução

O ponto de partida deste trabalho foi a atividade do autor dentro do terceiro setor na formação, estruturação e planejamento de redes de organizações. Neste caminho de mais de sete anos, pudemos identificar duas realidades: a das imensas dificuldades de operar o associativismo articulado em um país onde a liberdade de organização foi, durante quase toda a extensão de sua história, algo proibitivo, o que gerou por um lado uma descrença nas ações coletivas e por outro um direcionismo associativo pelo uso de poder; a outra realidade é a da perspectiva e urgente necessidade de articulação da sociedade civil para poder fazer frente às atuais demandas sociais. Reverter esta cultura de pulverização do poder e saber coletivo é um trabalho que pode demandar muitas gerações e passa pelo entendimento de como os processos de protagonismo social que tem dado certo se articulam por meio de seus atores e das conexões existentes entre eles.

Esta dissertação tem a finalidade de oferecer conhecimento que possa ser aplicado em benefício da sociedade. Como o tema central a ser abordado é o das redes sociais e seus processos políticos internos, o aprendizado aqui exposto pode ser incorporado em várias instâncias organizacionais. Acreditamos que as vivências, as análises discursivas, as ponderações teorizantes podem ser incorporadas ao escopo do entendimento dos problemas encontrados em grupos dentro de quaisquer estruturas organizacionais. Seja dentro de uma corporação, onde os processos de aprendizado organizacional necessitam da geração de um corpo coletivo de conhecimento, bem como, e este é o verdadeiro pano de fundo, a atuação dentro de movimentos sociais, ong's, com o fito de compreender melhor as ações coletivas de transformação social e política. Dentro desta segunda possibilidade de utilização, torna este documento uma tentativa de pensar mecanismos facilitadores das políticas públicas.

Se o tema são as redes sociais, o pano de fundo a sociedade civil, a linguagem é a da cultura, do fazer cultural como processo de reconhecimento das possibilidades de produção de uma sociedade ativa e crítica e , ao mesmo tempo, do fazer cultural como elemento de saber político, de expressão dos anseios, das dúvidas, das necessidades inclusivas. E cultura como elemento permanente de grupo, de organização, enfim de leitura do pesquisador de campo.

A Administração é uma área do conhecimento (ciências sociais aplicadas) que não pode prescindir de vários outros saberes para se constituir. Tanto os elementos das ciências exatas são incorporados às suas necessidades, tais como apropriar-se dos conhecimentos matemáticos na mensuração dos processos, como também de praticamente todos os componentes das ciências humanas. A Psicologia no entendimento dos comportamentos humanos; a Sociologia, na análise das instituições; o Direito, na apreensão dos liames jurídicos dentro do escopo corporativo; na Economia, base de todo o proceder administrativo. Neste quadro apresentado aparece como esquecida a Antropologia, a ciência da compreensão do humano a partir de seus fazeres culturais. E é exatamente a cultura que nos dias atuais aparece como a esfinge, provocando os que pretendem decifrar os âmagos organizacionais.

Objetivos

Demonstrar a pertinência e necessidade de utilização do instrumental antropológico na administração da relação de desenvolvimento de políticas públicas, tanto pelo viés do poder público como forma de organização comunitária, o qual é visto como forma de aproximação e participação junto às causas dos atores pesquisados e entendimento dos princípios de articulação das redes estruturais socialmente construídas nestas comunidades.

Este trabalho procura, portanto, reiterar uma maior utilização dos conhecimentos antropológicos no desenvolvimento, análise e compreensão dos processos administrativos para que se alcance o interior dos processos relacionais humanos, o motor das estruturas institucionais.

Como objetivo, também o de identificar no protagonismo e na sua relação com a compreensão cultural, alternativas viáveis de emancipação cidadã.

Analisar o pano de fundo da cultura como reapropriação de um fazer cultural e deste processo como alavanca de participação política e desenvolvimento socioeconômico, além de utilizar do conceito de cultura a partir dos processos relacionais intraorganizacionais.

Referencial Teórico

Os referenciais teóricos deste trabalho partem de uma historicidade das relações humanas, da recuperação de seus princípios cooperativos e de suas estratégias de ação. Podemos entender que o homem, mesmo sob fortes estruturas de dominação, consegue manter este espírito de comunidade, de cooperação e de

razoável igualitarismo, até como condição de sua própria sobrevivência. Dos gregos criadores da democracia, até as ações coletivas organizadas virtualmente, a necessidade do fortalecimento dos laços entre os indivíduos determina a força de um povo.

Para o entendimento dos conceitos de rede, ver os agrupamentos dentro do referencial comunidades possibilita entendê-los por conta de uma representação de si próprio, isto é, mostra como estes grupos se vêem. Neste trabalho, procura-se entender o significado e a importância deste conceito e de como é visto por algumas correntes de pensamento. A sua atualidade, com a incorporação da virtualidade e de sua efetividade nas ações coletivas.

Hoje em dia, o estudo dos movimentos sociais atuais e dos antigos torna-se muito mais rico com a ferramenta de análise das redes sociais. Entender os princípios que geram os movimentos sociais, a sua importância como ferramenta de ativação da sociedade civil e as consequências de suas ações na relação com o Estado passa por entender as conexões de seus atores principais.

A participação é vista como a grande ferramenta de desenvolvimento dos grupos humanos entendidos como redes de conexões sociais e, portanto, de sua própria educação da ação democrática. Procuramos entender a participação também como ponto de partida do pesquisador em sua contribuição e envolvimento a partir da perspectiva da pesquisa participante.

Ao lidar com o conceito de sociedade civil, procuramos entendê-la como a efetivação da sociedade como o de uma imensa rede de conexões e de ações coletivas moldadas pelos interesses do bem público.

O capital social pode ser visto como uma amarra, a cola dos grupos humanos, da sociedade, da constituição de uma nação. É o que torna possível a efetivação das ações coletivas como propostas de rede.

Como amarra prática da conceituação de redes e pela própria propositura inicial deste trabalho, procuramos analisar e buscar respostas para as dúvidas encontradas nas ações junto a comunidades, movimentos sociais, organizações sociais, para a elaboração em conjunto de políticas públicas.

Acena com a emergência e atualidade da realidade virtual e suas novas inferências junto ao estudo de redes e das ações de criação de uma inteligência coletiva.

E finaliza abordando a importância crescente que os conceitos culturais têm exercido sobre as teorias organizacionais e de como, precisamente, a Antropologia pode proporcionar as respostas a estes enigmas.

No capítulo 2 abordou-se, primeiro, as várias concepções de se classificar e entender cultura. A seguir é proposta a visão de cultura como meio, isto é, da utilização do fazer cultural, da apropriação cultural, do domínio do espaço cultural como processo de transformação política e social dos indivíduos e dos coletivos humanos. E na última seção do capítulo, procuramos analisar a cultura em si própria a partir da análise de como a indústria cultural age nos processos de mercantilização da cultura, de como o mercado de cultura está ajustado de acordo com as instâncias atuais de poder, de como se cria um mercado de trabalho para a cultura e de como este se distorce e por fim a relação do jovem, o público focado nesta pesquisa, com este mercado de trabalho de cultura e a sua realidade cotidiana.

Metodologia

No desenvolvimento do corpo metodológico, procuramos partir do princípio do entendimento de redes sociais como estruturas organizacionais complexas e movidas por dinâmicas caóticas.

Procuramos levantar as ferramentas metodológicas utilizadas na análise de redes sociais e suas implicações epistemológicas, além de justificar a abordagem escolhida como ferramenta de leitura das estruturas abordadas.

Como optamos por uma abordagem exclusivamente qualitativa, precisamos ter o cuidado de estabelecer uma análise de discurso dos atores pesquisados e de suas interações coletivas.

A partir da análise de discurso, tornou-se obrigatório utilizar de elementos de análise das representações imagéticas elaboradas pelos atores pesquisados.

Na última seção do capítulo que versa sobre a metodologia aplicada na pesquisa, procuramos justificar o porque da abordagem antropológica dentro de um estudo que procura analisar as interações intraorganizacionais, além de se estender sobre as formas como a antropologia pode auxiliar neste trabalho, especificamente por meio do instrumental etnográfico. E por fim abordamos o modo de como as imagens podem auxiliar neste processo de análise.

Por fim, queremos aventar para o fato de que este trabalho procura identificar e conectar tendências de uma nova forma de atuação junto a sociedade civil, onde as redes, conexões sociais, cultura e protagonismo são elementos que, integrados, podem contribuir para a transformação desta sociedade.

O Objeto de Pesquisa

O trabalho de campo foi desenvolvido sobre a Rede Social de Cultura, um grupo composto por organizações, movimentos sociais, produtores culturais e artistas que atuam na região do M'Boi Mirim, Zona Sul da Cidade de São Paulo. Os distritos do Jardim São Luís e Jardim Ângela, que compõem o M'Boi Mirim, aparecem continuamente na mídia pelas estatísticas de violência, mas não pela qualidade de sua produção cultural. Reverter este quadro aproveitando este potencial e utilizando dos conceitos de atuação estratégica em rede é a missão da Rede Social de Cultura. Possibilitar que estas comunidades protagonizem a criação de sua própria identidade tem sido a razão de existir dos componentes desta Rede e da atuação participativa deste pesquisador.

Capítulo I

Teoria das Redes Sociais

Neste trabalho, como abordagem teórica do tema redes sociais, preferimos trabalhar com o estudo dos elementos necessários à constituição de uma rede do que trabalhar com sua morfologia, tipologia ou topografia. Procuramos optar por uma linha de tratamento mais afeita às correntes simbólico-semióticas da Antropologia em detrimento das linhas estruturalista-funcionalistas. Esta mesma abordagem, por coerência metodológica, foi também utilizada na conceituação de cultura.

A abordagem conceitual de redes sociais que será utilizada como base neste estudo é a que prega Tomás Villasante. Este autor afirma que o debate entre as leituras qualitativas e quantitativas pode cair no vazio se nenhuma delas se fizer acompanhar da praxis da construção de realidades identitárias participativas. A sua conceituação de redes parte de Spinoza, que por sua vez a percebe do ponto de vista do indivíduo, *um conjunto coerente de relações, tanto físicas quanto intelectuais, com a natureza, com os objetos e com as outras pessoas; relações que a transformam continuamente. Assim, nenhum indivíduo é estritamente individual.* [2002:91] E para poder obter a compreensão destas redes, devemos agir dentro delas, participar da construção de uma identidade, de uma realidade social:

A análise de redes freqüentemente tem se fixado no debate sobre o uso de algumas técnicas quantitativas ou qualitativas, tratando de encontrar matrizes de dados mais completos do enredamento da vida cotidiana ou de descobrir sentidos profundos que se escondem nas conversas ou nos comportamentos observados. Contudo, as relações de cotidianidade e proximidade estão fluindo continuamente e aparentam numerosas contradições. Não se deixam apreender nem por dados completos, nem em sentidos e identidades claras. Avançou-se até onde se podia, tendo em vista as próprias limitações da coleta de dados (“contas”) e a interpretação de textos (“contos”). Não nos interessa solucionar estes problemas em seu debate interno, mas sim passar do campo do diagnóstico aos campos de proposição e avaliação pela “praxis”. A análise de redes se mostra muito mais fecunda nas estratégias construtivas e participativas da realidade social. [VILLASANTE 1999:21]

Villasante acredita na conexão entre estudos de redes e movimentos sociais com a cultura, pois *não se pode entender os movimentos sociais somente pelas reivindicações manifestas, mas pelas construções de cultura de base anteriores,*

geradoras de identificações comunitárias. Nos processos de educação de dirigentes, de Ongs, de educação popular e outros, esses aspectos teriam que estar em primeiro plano. [2002:60] E tomando por base a ação desenvolvida pela Rede Social de Cultura, podemos deduzir que para uma maior efetividade das atividades dos movimentos e redes, todos estes devem ser, na realidade, redes de cultura.

Nestas redes de “cultura”, torna-se primordial entender a cultura de rede que se encontra latente:

Por trás de cada mobilização concreta ou de cada rede de associações, há algo mais que o manifesto; não é só a atividade ou a reivindicação expressada, há estilos e culturas sociopolíticas em jogo. Tratamos de analisar em profundidade o que escondem as linguagens de dirigentes e dirigidos, de umas cidades e de outras, de umas classes e de outras, que condutas e conjuntos de ação potencializam e tornam mais prováveis processos clientelares ou emancipatórios, ou como se passa de uns para outros na prática (estudos de caso). Aberturas e entradas metodológicas diferentes enfocam de ângulos distintos as mesmas realidades urbanas e sociais. Queremos ter uma compreensão a partir dos principais enfoques que se mostraram úteis aos movimentos populares para a emancipação social, entendida essa como um amplo campo de tendências e potencialidades. [VILLASANTE 2002:28]

Villasante ainda previne contra os perigos e simplificações das abordagens de estudo de casos e do viés cultural relativista:

A partir dos culturalismos locais é fácil passar-se às identidades diferenciais e relativistas dos estudos de caso e mais difícil acertar com os elementos emancipadores que podem se encontrar em uma comunidade potencialmente. A etnologia aplicada deve começar por uma crítica dos fundamentos da cultura patriarcal dominante (os tabus que geram mitos, uniformismos e autoritarismos) e da sua socialização, desde a mais tenra infância até a empresa ou a convivência urbana, passando pela escola e pelo serviço militar (como ritos de passagem) até o papel do Estado e dos meios de comunicação de massa (TV, música, esportes, etc.) a reprodução da vida cotidiana funciona como redes de relações das quais somos os suportes ou nós e as quais são percorridas por elementos uniformizantes e autoritários como habitus [BOURDIEU 1988;1991] bastante subconscientes na maior parte das situações. Como se verá, desentranhar as dinâmicas desses “conjuntos de ação” será uma tarefa central para essa investigação. Mais que uma descrição de casos com as suas estruturas internas, a etnologia dos movimentos populares deve ser historicamente emancipadora ao buscar os processos de liberação dos conjuntos de ação. [2002:29/30]

Neste estudo, procuramos estabelecer uma ligação entre a ação coletiva estabelecida pelos movimentos sociais e, na sua concepção contemporânea, da articulação de seus tecidos sociais, pela suas configurações estratégicas e

comunicacionais de rede que tem como objetivo central a constituição de uma sociedade civil organizada:

A mobilização coletiva assume formas, e em particular formas organizativas, que escapam às categorias da tradição política e que sublinham a descontinuidade analítica dos fenômenos contemporâneos, no que diz respeito aos movimentos do passado e, em particular, ao movimento operário. (...) O movimento é composto de unidades diversificadas e autônomas, que dedicam à sua solidariedade interna uma parte importante dos seus recursos. Uma rede de comunicação e de intercâmbio mantém, todavia, essas células em contato entre elas; informações, indivíduos, modelos de comportamento circulam por muito tempo nas pequenas redes, passando de uma unidade a outra e favorecendo uma certa homogeneidade do conjunto. A "leadership" não é concentrada, mas difusa; além disso, ela é limitada aos objetivos específicos e diversos indivíduos podem assumir gradativamente papéis de líder, para absorver determinadas funções. [MELUCCI 2001:95/96]

Podemos entender redes sociais em duas possibilidades: rede como uma realidade inconsciente, onde as atitudes de solidariedade e cooperação são desenvolvidas naturalmente (o que a perspectiva histórica comprova) e que esta atitude, com a revolução industrial e o crescimento dos espaços urbanos, começou a se perder; e como uma realidade de conscientização e ação coletiva estratégica para a transformação social e empoderamento das comunidades.

O nascimento do conceito moderno de rede, enquanto ele permite conceber e realizar uma estrutura artificial de gestão do espaço e do tempo, é contemporâneo à obra de Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825). A rede sai do corpo e torna-se um artefato superposto a um território e anamorfoseando-o. (...) Saint-Simon, o primeiro, vai tocar toda a partitura das significações e das imagens da idéia de rede. Sua filosofia visa a construção de uma religião compreendida em seu sentido etimológico de metaligação social (re-ligare), espécie de religião "racional": a rede, enquanto vínculo geral, é seu pivô. [MUSSO 2004:22/23]

Por outro lado, a cultura (tema de fundo deste trabalho) é uma teia de significados construídos pelas relações entre os seus nós (pessoas). Este conceito de cultura, que é o que permeia esta dissertação, é o defendido por Clifford Geertz, ao qual será dado um tratamento mais aprofundado no Capítulo II. A cultura não pertence a um indivíduo, a cultura é coletiva, é social. Qualquer tipo de rede, uma família, uma comunidade, uma organização, constrói a sua própria cultura e, como rede, não pode se imaginar isolada das outras redes, pois a sua construção passa, ultrapassa, perpassa pelas conexões com uma multivariabilidade de outras redes. Portanto, entender o que é rede não pode ser realizado sem entender o que seja a cultura desta rede e o que seja cultura para esta rede. A rede forma a cultura e a cultura identifica a rede.

A estrutura analisada por esta pesquisa, a Rede Social de Cultura, baseada no Jardim São Luís, Zona sul de São Paulo, exhibe uma constituição com uma boa dose de heterogeneidade. Isto significa formas de pensar e de agir diferentes, diferentes relações culturais, mas objetivadas por um único caminho, a cultura como transformação social e política.

Procuramos entender que se a chamada indústria cultural não atende às necessidades das populações periféricas e não tem interesse em formar seus quadros a partir destes locais, estas comunidades devem se preparar para, a partir da localidade, gerar suas próprias condições de desenvolvimento cultural e econômico. Formar um fazer econômico local e participativo a partir da rede.

...tem crescido no mundo inteiro experiências de sobrevivência através da produção “cooperativada” e autogestionária. Nesse caso, milhões de trabalhadores no mundo, no campo e nas cidades têm se juntado em cooperativas, nas quais não existe a relação de exploração entre empregador e empregado (uma vez que não existem essas duas figuras), nas quais a produção está a serviço da vida humana (e não o contrário) e nas quais a colaboração entre os agentes humanos produtivos é o princípio que deve, necessariamente, predominar. A partir de uma alternativa concreta de produção fora da racionalidade da troca competitiva, muitas pessoas têm encontrado um novo sustentáculo para a manutenção da sua existência. [ABDALLA 2002:99/100]

A concepção de rede como estratégia de ação coletiva, assim como preconizam Marcon e Moinet [2001], para o desenvolvimento das comunidades, dos movimentos sociais e das organizações por meio da cooperação, participação, permite imaginar o processo democrático, de formação da sociedade civil, como um processo de geração quase espontânea de capital social. A análise histórica das formações dos arranjos sociais demonstra que o fazer em conjunto é próprio do ser humano, faz parte de sua constituição antropológica:

O estabelecimento do princípio da cooperação como eixo racional fundamentador, em oposição ao da troca competitiva, além de garantir a sobrevivência (seria melhor dizer: a vida) de um grande número de pessoas, possibilita uma maior aproximação do universo subjetivo humano à praxis que, histórica e antropológicamente, possibilitou a existência do ser humano como espécie e evitou a sua extinção. É a possibilidade de reencontro do ser humano com a sua essência, perdida pelas conformações históricas fundamentais na exploração. [ABDALLA 2002:102]

No caso da Rede Social de Cultura, o nosso objeto de análise, a construção destes elementos é um visível processo educacional. Aprendemos (pois sou um

elemento que participa da rede) com a construção de nosso saber coletivo e este saber coletivo possibilita às comunidades participantes apreender e desenvolver a sua própria identidade cultural.

1.1 –História

Homens e mulheres estabelecem conexões e interações de pertencimento social mesmo em situações de maior ou menor liberdade. Redes, cooperação, solidariedade fazem parte da essência humana. Grande parte da existência humana foi passada sob o signo do bem coletivo.

Ao se estudar a estruturação das redes sociais no âmbito das comunidades, um dos elementos mais importantes na constituição de sua cultura é a comunicação, sobre a qual nos reteremos com mais aprofundamento à frente. E, já na antigüidade, as sociedades ao serem formadas, sentiam a necessidade de estabelecer o aprimoramento destas ferramentas de interação social. Após o aprimoramento da comunicação oral, *nas diversas póleis que se formavam no século VIII a. C., a adoção de um sistema de escrita fonética radicalmente novo colocou a leitura à disposição de todos. Mas, não se estabeleceu imediatamente uma sociedade de comunicação escrita. A escrita e a comunicação oral e os seus diversos veículos de comunicação caminharam paralelamente pelo menos até o IV século a. C.* [THEML 2002:11]

Este período comprovou a forte interação existente entre as artes como forma de comunicação e a geração dos corpos políticos:

Este convívio entre comunicação oral e escrita resultou em diferentes respostas sociais; por exemplo, as mudanças pela implementação do regime democrático em Atenas, onde o passado e o presente apresentavam as diferenças e as contradições de forma explícita, no dia-a-dia, levaram à criação de novos meios de comunicação. O aparecimento da tragédia e do teatro que reinterpretava e apresentava aos olhos de todos, como um espetáculo, as versões mais diferentes dos mitos, foi o meio de divulgar e criticar os valores da pólis e da própria democracia. O teatro foi um dos resultados do regime democrático, era o lugar de tudo dizer, e ao mesmo tempo atendia à necessidade do público do ouvir e do ver. [THEML, 2002: 14]

Na antigüidade e idade média, as dificuldades de locomoção e comunicação tornaram os processos de relações muito mais próximos.

Na Europa do fim do século X, com o término do período carolíngio (741/987), os senhores feudais, *não mais dispendo de contingentes de escravos e não podendo mais vender seus produtos, teriam renunciado à exploração direta da reserva, para adotar a exploração indireta (concessões de tenências)* [ANTONETTI 1977:55]. Passa-se, portanto, de um estado de economia dominial para o de economia senhorial onde existiam relações com responsabilidade mútua.

A apoteose do privado ampliado coincide com os acontecimentos marcantes de uma vida pessoal e familiar, aqueles que exaltam as solidariedades. O círculo próximo concede mil cuidados à futura mãe, e a parentela desvela-se em presentes (...) junto da jovem parturiente. [ARIÈS & DUBY 1990: 250]

Na Europa da Idade Média, com o surgimento dos burgos, possibilita-se um maior deslocamento em virtude das atividades comerciais e profissionais. O momento em

que a solidariedade das famílias, e mais ainda aquela entre primos e aquela das linhagens, é freqüentemente posta à prova. É ameaçada pela mobilidade de indivíduos cuja profissão leva muitas vezes a deslocarem-se (e que gostam de fazê-lo), ou que são vítimas dos incidentes da vida política (guerras, exílios, etc.) [ARIÈS & DUBY 1990:254]

O Anarquismo é o movimento social que mais se aproxima dos ideais da sociedade em rede. Pode-se dizer até que, ao contrário, foi a sociedade em rede, a sociedade civil global, que se apropriou de parte dos ideais anarquistas. Esta doutrina libertária surge na Rússia czarista durante a segunda metade do século XIX, espalhando-se até o fim do início do século XX por outros países da Europa, EUA e até o Brasil. Na virada do século XIX para o XX, o anarquismo aproxima-se do movimento sindical, aparecendo daí o chamado movimento anarco-sindicalista ampliando as causas dos trabalhadores de, mais do que lutar por melhorias salariais e de condições de trabalho, mas propor mudanças sociais revolucionárias.

Em fins do século XIX o movimento sindical fortaleceu intensamente o anarquismo, resultando no movimento chamado anarco-sindicalismo, que enfatizava

que os sindicatos deveriam não só brigar por salários mas também se tornar agentes de mudanças sociais.

O movimento anarquista pregava que só com o fim do Estado seria possível a construção de um novo mundo baseado na solidariedade entre os homens.

Quando observada através das lentes de um mundo ordenado, adequadamente construído e funcionando em harmonia, a “área cinzenta” da solidariedade, da amizade e das parcerias humanas é vista como o reino da anarquia. O conceito de “anarquia” carrega o peso de sua história essencialmente antiestatal. De Godwin a Kropotkin, passando por Proudhon e Bakunin, os teóricos e fundadores dos movimentos anarquistas apresentaram esse termo como a designação de uma sociedade alternativa, o avesso de uma ordem coercitiva e imposta pelo poder. Essa sociedade que postulavam diferia da existente devido à ausência do Estado – a síntese do poder desumano, intrinsecamente corruptor. Uma vez desmantelado e eliminado o poder do Estado, os seres humanos recorreriam (retornariam?) aos valores da ajuda mútua, usando, como Mikhail Bakunin vivia repetindo, sua capacidade natural de pensar e de se rebelar. [BAUMAN 2004:91/92]

Sufocado por violenta repressão em praticamente todos os países, sai de cena e retoma sua luta na década de 60 com os movimentos estudantis e ativistas políticos da Europa e EUA eclodindo no “maio de 68”, o referencial máximo de rebelião do século XX. Seus ecos ainda persistem nos movimentos mais recentes dos anarco-punks, hackers e o cyberativismo, com suas estratégias de utilização dos meios informacionais para atacar os interesses das grandes corporações e dos países que usam da força como instrumento de manipulação ou para resolver seus problemas internos.

As organizações que pretendem conhecer o futuro podem voltar o seu olhar para o passado e compreender um tipo de organização que tem todas estas características há mais de 250 anos, o Circo.

O Circo tem a sua identidade marcada pela forma que o caracterizou e que facilita a montagem e a desmontagem, a cobrança de ingressos, o conforto da visão completa do espetáculo para o público. Essa estrutura reproduz a própria forma da Terra. Circo é círculo. Nele cabem a unidade e a diversidade. Incorporando, absorvendo e transformando costumes, línguas e valores, o Circo é reconhecível em qualquer parte do mundo. Essa forma guarda em si todos os elementos que o identificam e o mantém íntegro. (...) São estes valores que fazem do Circo uma organização tão especial: um grupo de pessoas, unidas por um forte ideal e um grande amor ao seu trabalho, ligadas

fundamentalmente por laços de familiaridade e pelo conhecimento, lutando dia após dia para manter o seu negócio, sustentar com ele sua família e preservar sua arte. [COSTA 2001:45]

E o circo é visto como uma comunidade com fortes vínculos entre os seus participantes e uma clara horizontalidade hierárquica, conceitos a serem tratados nas próximas seções.

1.2 –Comunidade

De Comunidade à Comunidade Virtual

E o que vem a ser este conceito tão vago quanto utópico de comunidades organizadas? Movimentos populares, ong's, organizações de base comunitária, circos, movimento estudantil, grupos de apoio a minorias, e até mesmo comunidades dentro de estruturas corporativas, parecem mais confundir do que esclarecer o significado deste termo. Talvez as palavras que possam indicar um sentido para este corpo social que define a humanidade, sejam: a solidariedade, a coletividade, a cooperação e a responsabilidade para com o seu semelhante. Estes conceitos não podem ser entendidos como uma novidade pois são inerentes aos grupos humanos:

Desde tempos imemoriais os seres humanos estabelecem vínculos entre si visando o cuidado e a proteção recíprocos. (...) A solidariedade e a cooperação sempre caracterizaram as relações e os laços sociais entre famílias, comunidades e amigos. As preocupações e as obrigações que sentimos em relação a nossos parentes, amigos e vizinhos não são determinadas por interesse próprio e nem impostas por autoridade coercitiva externa. Ajudamos aqueles que nos cercam de forma espontânea, solidária e recíproca. [DE OLIVEIRA & TANDON 1995: 12]

Robert Wolff procura tecer algumas nuances na conceituação de comunidade por meio da identificação de *valores sociais como estados de consciência recíproca entre duas ou mais pessoas*. Comunidade afetiva seria a consciência recíproca de uma cultura compartilhada, de que existem outras pessoas que compartilham conosco desta mesma cultura. Wolff encontra em Marx a definição de comunidade produtiva na idéia de ser o homem, por natureza, um animal socialmente produtivo. Este se realiza através do ato produtivo, da exteriorização dos objetos de sua satisfação e de seu deleite. Adianta que, tanto a comunidade afetiva como a comunidade produtiva, apesar de *serem componentes legítimos de um possível bem*

comum, não são denotadamente políticas. Esta função seria da comunidade racional, a deliberação coletiva de metas sociais e determinação coletiva de escolhas sociais que era conhecida como democracia direta. Uma reciprocidade de consciência entre agentes racionais politicamente e moralmente iguais que livremente se unem e deliberam em conjunto suas vontades na colocação de metas coletivas e na realização de ações comuns. [WOLFF, 1989: 168:174]

Bauman vê na necessidade do homem de se organizar em comunidades a busca por um ideal de segurança por meio do vínculo identitário. *Essa comunidade de sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma 'comunidade' de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo – que, quando projetada na tela da conduta amplamente replicada/copiada, parece dotar a identidade individualmente escolhida de fundamentos sólidos que as pessoas que escolhem de outra maneira não acreditariam que possuísem.* Bauman, entretanto, entende que esta escolha por uma redoma social priva-nos da liberdade e do direito de sermos nós mesmos. *Quando monotonamente reiteradas pelas pessoas em volta, as escolhas perdem muito de suas idiossincrasias e deixam de parecer aleatórias, duvidosas ou arriscadas: a tranquilizadora solidez de que sentiriam falta se fossem os únicos a escolher é fornecida pelo peso impositivo da massa. [BAUMAN, 2003: 61]*

A descrença de Hayek [1990: 56 etc] nos encaminhamentos dos processos sociais coletivos, aprofunda ainda mais este peso impositivo de uma massa que pode ser a origem da criação de (tanto micro como macro) estruturas totalitárias. A sua obra foi produzida em um período em que o mundo esteve dividido entre as forças democráticas e os regimes totalitários (segunda guerra) e entre a liberdade de mercado e planificação centralizada (guerra fria). Neste século as suas palavras agora servem como um aviso num momento em que os fundamentalismos se fortalecem e se vêem as forças do bem contra as forças do mal novamente em luta. Onde as mais inocentes e puras bandeiras podem se transformar de uma hora para outra em centros de poder totalizante.

Tendo em vista que grande parte do planeta ainda se encontra em plena construção de seus instrumentos democráticos, pode-se pensar o conceito de cidadania como um processo gradativo:

A preocupação contemporânea direciona-se fundamentalmente para a busca de compatibilizar a existência de diversas possibilidades e gradações de cidadania: a vida em pequenas comunidades, a reformulação da cidadania no Estado-nação ou mesmo em nível global. A cidadania, no âmbito desse esforço coletivo, não pode mais ser vista como um conjunto de direitos formais, mas sim como um modo de incorporação de indivíduos e grupos ao contexto social. [VIEIRA, 2001: 36]

Outro aspecto importante a ser identificado com as comunidades é a participação nos processos democráticos. Dentro do jogo democrático, o envolvimento de seus componentes, sua união e articulação são vitais para se alcançar objetivos e concretizar anseios. É vital também para esta comunidade ser protagonista de seu próprio destino, de sua própria libertação.

E Pedro Demo [1996:11] conclui que: *participação é conquista para significar que é um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo.*

Tal pensamento nos remete ao fato de que a participação democrática se caracteriza por ser um processo educativo, de constante aprendizado. Como podemos entender as comunidades como corpos organizacionais, podemos vislumbrar que alguns conceitos provindos da teoria organizacional seriam úteis na estruturação deste aprendizado e na implementação das ações necessárias. É o que podemos constatar nas opiniões de vários componentes da Rede Social de Cultura, ao entender a necessidade de uma maior profundidade estratégica e organizativa na elaboração das ações do grupo.

Os novos instrumentos de comunicação e de informação podem, do mesmo modo que com as empresas, auxiliar as comunidades a atingir seus objetivos. Ter a consciência de que estes mesmos processos podem encontrar desvios totalitários ou serem as comunidades usadas para fins de terceiros, torna obrigatória a constante vigilância do coletivo. O poder do grupo deve ser exercido em nome deste grupo.

Dave Ulrich [1998:161] descreve modos de se criar comunidades de valores:

As seis práticas a seguir podem ser utilizadas para criar comunidades de valores e também para construir uma comunidade mais forte como um todo:

1. *Forjar uma identidade forte e distinta.*
2. *Estabelecer regras claras de inclusão.*
3. *Compartilhar informações através de fronteiras.*
4. *Criar a reciprocidade em série.*
5. *Utilizar símbolos, mitos e histórias que criem e mantenham valores.*
6. *Gerenciar similaridades suficientes para que a comunidade se sinta como uma família.*

Os movimentos sociais, quando constituídos, têm como objetivo a organização e defesa das comunidades representadas por meio da verbalização de seus problemas e de suas reivindicações. Esta temática a ser tratada na seção seguinte busca visualizar-se como o estado dinâmico das comunidades, o movimento de aprendizado democrático de renovação social.

1.3 – Movimentos Sociais

A teoria das redes sociais pode ser utilizada de dois modos ao se abordar os movimentos sociais: como ferramenta de análise ou como modo estratégico de ação coletiva. O que diferencia os movimentos sociais dos anos sessenta aos anos oitenta e as ações dos anos noventa e as atuais são a conscientização de certas dimensões específicas relacionadas à atuação em redes. Uma destas dimensões mais importantes é a da comunicação, enquanto que outra seria a dimensão estratégica. Quanto à dimensão comunicação no primeiro período, no caso brasileiro, o que se viu foi que, além das condições operacionais das bases comunicacionais serem incipientes, a ilegalidade oferecida pelo regime arbitrário não permitiu um maior alcance destas ações coletivas.

Os mecanismos de comunicação civil com as esferas superiores da vida pública foram estrangulados (partidos, mídia etc.) e as oposições armadas percorreram um caminho de tragédias. O movimento sindical, que no passado constituía a coluna vertebral das mobilizações populares, foi violentamente reprimido. Em suma, reduziu-se a um mínimo a participação cívica no Estado e nas empresas. [FERNANDES 1994: 34]

No século XXI, já o que se vê em termos de movimentos sociais é a grande ênfase nas formas e tecnologias comunicacionais e procedimentos estratégicos,

tornando possível, mesmo num ambiente de uma aparente descrença nas ações coletivas, de fortes antagonismos ao lado de esperançosos protagonismos, a articulação de diferentes atores, independentes de credo religioso ou político e, principalmente, de localização geográfica. As fronteiras para as ações coletivas são demolidas, tanto nos níveis micro (local) como no macro (global), e a possibilidade da criação de uma sociedade civil planetária salta dos discursos acadêmicos para as práticas de ativistas pelo mundo todo.

A resistência e a solidariedade são tão transnacionais quanto o capital. (...) Embora tenham ocorrido manifestações em mais de cem cidades ao redor do mundo (a destacar 75 mil manifestantes em oitenta cidades da França), foi em Seattle [30 de novembro de 1999] que obviamente as coisas tiveram proporções gigantescas. Pessoas de várias partes dos Estados Unidos e do mundo se deslocaram para lá (embora o governo americano tenha negado visto para muitas outras). Foram dezenas de milhares de manifestantes(...), formando a maior manifestação de protesto desde os anos 60 nos Estados Unidos. [LUDD 2002: 55]

O que mais uma vez demonstra o processo contraditório dos novos tempos, onde grupos pelo mundo todo se articulam contra a globalização por meio das inovações, como as novas tecnologias de informação e comunicação e a maior rapidez nos transportes, conquistas desta mesma globalização.

Com este pano de fundo e com a ferramenta da teoria de redes sociais, tornou-se muito mais complexo analisar os processos de formação dos movimentos sociais, pois estes podem hoje ser tanto presenciais como virtuais. De uma simples lista de discussão na Internet pode surgir um imenso movimento que em poucos dias se espalha pelo mundo todo. Portanto, entender os processos de redes sociais e utilizá-los como estratégia de ação define o caráter de efetividade de um movimento, mas deve-se levar em consideração o potencial de espontaneidade dos usuários da *world wide web*.

O desenvolvimento dos movimentos urbanos, vinculado, em primeiro lugar, às contradições estruturais do capitalismo avançado, produz-se num momento histórico [final dos anos 60 e durante os anos 70] em que a Europa Ocidental dá uma guinada decisiva na prática das forças socialistas. O que significa que a potencialidade dos movimentos urbanos como movimentos sociais, isto é, transformadores da sociedade, dependerá fundamentalmente da capacidade de articulação entre esses movimentos e as novas vias históricas do projeto socialista na Europa Ocidental. [CASTELLS 1980: 26]

Mauss [1975:38] procura identificar nos problemas sociais uma forma de movimento social ao considerar que, tanto os problemas sociais quanto os movimentos sociais têm características parecidas ao lidarem com construções de realidade, a formação de grupos de interesse com suas respectivas construções de realidade, os esforços destes grupos em mobilizar a opinião pública e vários outros processos típicos do comportamento coletivo e de movimentos sociais.

O que facilita a compreensão é imaginar os problemas sociais como gênese dos movimentos sociais e que a definição dos problemas, ou melhor, a construção de um quadro de uma realidade, já atua como processo de inicialização dos movimentos sociais.

A compreensão do problema social e da ação necessária para sua extinção ou transformação passa pela articulação de atores e de suas respectivas visões de realidade compartilhadas, podendo ou não gerar os movimentos sociais.

Quando os movimentos sociais procuram se constituir em redes articuladas e com estruturas comunicacionais mais eficazes, o grande desafio a ser transposto é o da participação comprometida dos elementos destas comunidades nas ações coletivas propostas.

A urgência dos movimentos sociais da atualidade demanda outras formas de ação. Os movimentos como o MST e dos “sem teto “ indicam que a necessidade de se criar estratégias de ação passa além do simples confronto. Articular com a sociedade, os organismos não governamentais, até fora do país, para que se possa criar uma cultura que busque entender as raízes dos problemas sociais e suas soluções. A tarefa é das mais espinhosas, já que a mídia procura defender e divulgar os interesses dos proprietários do capital.

Scherer-Warren acredita que os movimentos sociais venham a desempenhar um papel diferente do proposto anteriormente, onde estes serão, *fruto do encontro da tradição com a utopia da transformação. Serão também a expressão do encontro do indivíduo com seus pares identitários – redes de solidariedade – os quais, para o desenvolvimento do caráter pró-ativo, propositivo, transformador, por meio de suas*

associações, criam as redes estratégicas. E, talvez aqui esteja a grande diferença na atuação dos movimentos sociais na atualidade. Portanto, para se entender um movimento social, é necessário se buscar nesta dupla face das redes – solidarística e estratégica – os elos fracos e os fortes (como os sujeitos se relacionam e como atuam); as relações de complementaridade ou de conflitos e, em consequência, como a rede se constrói, se reconstrói, se transforma ou mesmo se dissolve. [2002:53]

Para a Rede Social de Cultura, ao ver-se como um movimento social que pretende defender junto à população das comunidades da região uma maior capacidade de gerar identidade local, de extrair seus saberes culturais latentes, a relação com os poderes públicos na gestação de políticas públicas para a cultura, a articulação das organizações por uma atuação conjunta é vital.

Quando se fala de um movimento social, refere-se , geralmente, a um fenômeno coletivo que se apresenta com uma certa unidade externa, mas que, no seu interior contém significados, formas de ação, modos de organização muito diferenciados e que, freqüentemente, investe uma parte importante das suas energias para manter unidas as diferenças. Assim, tende-se muitas vezes a representar os movimentos como personagens, com uma estrutura definida e homogênea, enquanto, na grande parte dos casos, trata-se de fenômenos heterogêneos e fragmentados, que devem destinar muitos dos seus recursos para gerir a complexidade e a diferenciação que os constitui. [MELUCCI 2001:29]

1.4 – Participação

Dentro de um agrupamento com a estrutura de uma rede, a ação coletiva não pode prescindir de níveis consideráveis de participação, seja no seu planejamento, na implementação e nos processos de decisão e correção de cursos. A atuação das redes deve, portanto, se basear na articulação de todos os atores interessados nos resultados ou afetados pelos problemas sociais levantados. Nas redes, seus atores devem atuar como protagonistas de seus destinos a partir da compreensão de seus ambientes.

O que tem se visto na passagem do século XX para o XXI, é que as condições para a efetivação das ações coletivas e da institucionalidade de prática participativa como ferramenta de educação democrática tem se multiplicado ao mesmo tempo que estas mesmas condições favorecem o estabelecimento da passividade e da apatia entre os indivíduos. Da bipolaridade ideológica dos anos sessenta e setenta para o multifacetário mundo da incerteza do novo milênio podemos identificar que entre estes atuantes e estes acomodados, encontramos vários extratos de pensamento político.

O jovem palestino que joga pedras no tanque israelense, o garoto americano que participa de passeata em apoio ao governo Bush, o homem curdo que participa de uma ação terrorista, a operária argentina que envia uma carta ao seu deputado exigindo uma posição do partido com relação ao Mercosul, o executivo francês que toma parte nas decisões de sua diretoria, estão todos imbuídos de um caráter fortemente participativo, mas suas preocupações e posicionamentos políticos são os mais variados. É interessante notar que, até com relação às intensidades de conflito entre grupos contrários, pode-se verificar uma gradação relativamente ampla. Da carnificina dos conflitos étnicos às ações em conjunto de grupos com colorações ideológicas distantes, podemos identificar uma possibilidade de convívio. O que muda é a abertura à aceitação do outro, do diferente, daquele que supomos ser uma ameaça a nossa sobrevivência.

Dentro do discurso sobre estratégia de redes, sociedade civil, processo democrático, a participação é o elemento chave para que a ação coletiva de transformação, que é o que importa, seja de fato algo concreto.

A prática da cidadania depende de fato da reativação da esfera pública, em que indivíduos podem agir coletivamente e se empenhar em deliberações comuns sobre todos os assuntos que afetam a comunidade política. Em segundo lugar, a prática da cidadania é essencial para a constituição da identidade política baseada em valores de solidariedade, autonomia e do reconhecimento da diferença. Cidadania participativa é também essencial para a obtenção da ação política efetiva, desde que habilite cada indivíduo para ter algum impacto nas decisões que afetam o bem-estar da comunidade. [VIEIRA 2001:73]

Ao analisar as mudanças ocorridas nos processos de mobilização das ações coletivas descobrimos que, até os anos 1980, o paradigma de análise e

planejamento da participação era caracterizado pela ênfase no coletivo, na objetividade e na racionalidade, independentemente das variações teóricas e ideológicas. Nessa concepção política e social, embora com diferentes intencionalidades: transformação social e reforma modernizadora. A ação é sempre coletiva, quer na forma de grupo, classe ou movimentos. Metodologicamente, predominam os indicadores quantitativos. Participar é arrebanhar o maior número de pessoas para diferentes objetivos coletivos, como reivindicar direitos e benefícios, criar projetos desenvolvimentistas ou revolucionários, exercer o direito de voto, fazer greves. A partir dos anos 1980, quando ocorrem grandes transformações nos processos organizacionais em todos os níveis, inclusive no do fazer coletivo, participação adquire um sentido mais subjetivo e menos estrutural, e a objetividade e o coletivo cedem lugar à preocupação com a individualidade e a afetividade. Autonomia, emancipação e diversidade tornam-se os valores éticos mais aplaudidos em substituição à liberdade e à igualdade. O espaço da participação social perde as fronteiras rígidas e a sua temporalidade deixa de ser delimitada pelas ações políticas pontuais, tornando-se o tempo do cotidiano. [SAWAIA 2002:117/118]

Bendit desenvolveu um estudo comparativo da participação política de jovens nos países europeus procurando encontrar razões que respondessem à discrepância entre os índices de envolvimento em regiões variadas. Se na Europa são encontradas variações no grau de participação, mesmo assim, em termos médios estes índices estão muito acima dos índices da América Latina no geral e no caso brasileiro em específico.

A participação cidadã (seja tanto de jovens como de adultos) em processos políticos, tanto em nível local, regional, nacional ou supranacional, deve ser considerada como um elemento central no funcionamento dos sistemas democráticos. Como o demonstram numerosos exemplos históricos, a participação política dos cidadãos é de suma importância tanto referente à manutenção da legitimidade do ordenamento político, quanto em relação à capacidade de tais sistemas para enfrentar e resolver problemas econômicos, sociais e políticos. [BENDIT 2000:35]

E aponta quais os caminhos para se entender o problema geral da participação política de jovens. No caso deste estudo, esta abordagem permite que se entenda também o porquê de, sendo a Rede Social de Cultura um projeto que pretende contar e incentivar a participação política por meio de ações coletivas, os

jovens têm dificuldade de se envolver na construção, atuando apenas nas ações diretas.

No caso de estudar o tema da participação política dos jovens, as três questões clássicas que se colocam são a do interesse pela política, a da confiança que depositam nas instituições vinculadas a ela e a da participação política (ativa) mesma. [BENDIT 2000:35]

Pedro Demo alerta para o fato de que, mesmo quando a participação é permitida, pode servir como instrumento de manipulação ou de manutenção de estruturas políticas viciadas. Indica que *o problema da participação nunca se soluciona adequadamente, seja porque o conflito de interesses é no fundo insolúvel, sobretudo entre comunidades excluídas e o mercado capitalista, seja porque as comunidades não têm condições iguais de acompanhamento, avaliação, questionamento*. Pedro Demo sugere que nestes termos, *é sempre recomendável colocar as coisas na perspectiva de processo histórico de conquista possível. Ponto central dessa idéia é a oferta de adequada educação básica, sempre que couber, mesmo para adultos, investimento na competência política de longo prazo*. Aqui Pedro Demo aponta para os meios que justamente corroboram as atividades propostas pela Rede Social de Cultura que seriam: *os processos mais abertos de produção, acesso e uso da informação, promoção das identidades culturais associativas, pluralidade e qualidade organizativa de base*. [2002:179]

São nos elementos constitutivos da participação, como exercício de aprendizado democrático que se constitui, portanto, a sociedade civil.

1.5 – Sociedade Civil

Ultimamente, a sociedade civil, ou o que se entende como um corpo social de representação política e ação cultural, tem demonstrado sua força em vários campos de batalha. Contra governos corruptos, contra a cegueira corporativa e contra os grupos que pregam atitudes fascistas e/ou predatórias ao meio ambiente são algumas das lutas dessa “entidade”. Além de defender os interesses de grupos, nações e da sustentabilidade do planeta, a sociedade civil propõe alternativas de desenvolvimento que não afetem a qualidade de vida e possam melhorá-la.

Cohen e Arato [1999:84], ao abordar conceitualmente o termo sociedade civil, procuram suas origens em Aristóteles a partir da denominação *politike koinonia*, ou na tradução latina *societas civilis*. O conceito representava a definição de *polis*, entendida como a teia de seres humanos vistos como animais políticos. O termo *politike koinonia* definia uma comunidade ético-política de cidadãos livres e iguais sobre um sistema de regras definido legalmente.

Em contraposição, um mergulho um pouco mais profundo nos ensinamentos fundadores do direito romano nos traz uma incongruência entre o termo *societas civilis* e o talvez mais apropriado *universitas personarum*. Segundo Cretella Júnior [2001:62], *o agrupamento (“universitas”) constitui uma persona, um corpo (“corpus”), distinto da persona individual de cada um de seus membros (“singuli”). (...) Corpus e universitas são vocábulos que designam a coletividade e não a personalidade jurídica. Portanto, universitas personarum designa aquele agrupamento de pessoas ao qual se reconhecem direitos próprios e que se reveste de uma personalidade. Para a finalidade deste estudo, este conceito se aproxima mais por definir melhor a forma do agrupamento de uma coletividade sem determinar um status de institucionalidade mais formal. Ao contrário, civilis ou status civilis era uma capacidade outorgada a poucos elementos da sociedade romana antiga e societas define o contrato consensual, sinalagmático perfeito, de boa fé, pelo qual duas ou mais pessoas se obrigam a conjugar seus esforços ou recursos para a obtenção de lucros comuns.* [2001:195]

Sociedade Civil Organizada e Virtualizada

E o que vem a ser este conceito tão vago quanto visionário de uma sociedade civil organizada? Movimentos populares, ong's, organizações de base comunitária, terceiro setor, movimento estudantil, grupos de apoio a minorias, e até mesmo o movimento de responsabilidade social empresarial parecem mais confundir do que esclarecer o significado deste termo. Talvez as palavras que possam indicar um sentido para este corpo social tão amplo sejam a solidariedade, a cooperação e a responsabilidade para com o seu semelhante. Estes conceitos não podem ser entendidos como uma novidade pois são inerentes aos grupos humanos.

A necessidade da organização se dá pela posição de pressão que o Estado e o mercado exercem sobre a sociedade civil. Uma sociedade civil enfraquecida sempre estará em posição de ser dominada por qualquer um destes agentes e por ser a representação própria da esfera pública, deve ser ativa na articulação de seus atores no controle do Estado e conseqüentemente, ou mesmo diretamente, do mercado. Pois, segundo Engels [apud BOBBIO 1999:46] *não é o Estado que condiciona e regula a sociedade civil, mas a sociedade civil que condiciona e regula o Estado.*

Se subentendemos que a sociedade, ao se organizar, almeja a liberdade, temos que definir quais as características e possibilidades desta liberdade ou liberdades. Se Locke [1978], por exemplo, procura ver nas leis o papel de regulador social quando o homem passa da liberdade natural para a liberdade civil e, do mesmo modo, Montesquieu [1979] propõe que liberdade seria o direito de se fazer tudo o que seja permitido pelas leis, Hobbes [1979] aponta na liberdade a ausência de oposição, onde oposição deve ser vista como os impeditivos externos ao movimento. Stuart Mil [1942] já entende liberdade pelos atributos de pensar, sentir e de emitir opiniões.

Pela abordagem e entendimento antropológico de Balandier, o que determina a ordem no mundo urbano não é o impedimento do movimento, mas a possibilidade de subvertê-lo pela liberdade natural, que em aparência é caótica e incontrolável:

A gestão da desordem não rege somente as representações coletivas ou as simulações imaginárias, mas também as práticas que não se reduzem à ação repressiva. Os meios para obter a conformidade são conhecidos. Admitem a Lei, concebida em sua acepção mais abrangente, bem como os dispositivos que corrigem o desvio. Compreendem – ainda que seu mofo de agir e seus efeitos sejam menos aparentes – os sistemas cognitivos, simbólicos e rituais que levam à adesão do indivíduo e à submissão a verdadeiras montagens inconscientes. É sobretudo por meio deles que a ordem social é colocada em analogia com a ordem da natureza, levando a crer, desse modo, que existe uma natureza social que só é comandada se obedecida. Portanto, o governo da ordem, é bom lembrar mais uma vez, está sempre inacabado; a passagem do tempo e o movimento das forças sociais traçam incessantemente os caminhos da desordem. Esta é percebida como uma energia ainda selvagem que convém expulsar realmente (utilizando uma vítima expiatória) e imaginariamente, e que é preciso domesticar ou converter fazendo-a trabalhar com finalidades positivas. [BALANDIER 1997:123]

Já Sartre entende liberdade como um atributo natural da psique do homem:

Certamente, eu não poderia descrever uma liberdade que fosse comum ao outro e a mim; não poderia, pois, considerar uma essência de liberdade. Ao contrário, a liberdade é fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias. [SARTRE 1999:542].

Para a sociedade civil, alcançar a liberdade demanda o envolvimento, o comprometimento, a participação dos indivíduos nestas ações de constituição e prática política. O que mais nos interessa neste ponto são as técnicas de criação e gestão das comunidades, tanto virtuais como presenciais, na resolução dos problemas sociais e na geração das amarras de confiança social. Este capital humano, intelectual, cívico e social que pode ser gerado por meio das resoluções de seus próprios problemas.

E sendo um processo de aprender a se articular, a se organizar e se aprender e apreender a realidade, as redes necessitam, para a efetividade de suas ações, de desenvolver mecanismos ótimos de comunicação. As redes, além da incumbência de saber dialogar com a mídia oficial, precisam criar os seus próprios meios comunicativos e desenvolver a competência de saber usá-los.

Na Revolução Iraniana, encontramos um exemplo particularmente claro do funcionamento das redes já existentes em relação à mídia. Era pelas redes religiosas que circulavam as fitas cassetes com material proibido, e os valores e tradições dessas redes davam coesão, sanção e energia ao amplo movimento de oposição ao xá. Para avaliar a mídia radical nesse contexto, é essencial perceber sua interação com essas redes. Mohammadi e Sreberny-Mohammadi corretamente identificam um paralelo com as redes paroquiais católicas e a resistência ao regime na Polônia durante as décadas do controle soviético. Álvarez também assinala as redes de base cristãs como focos dos movimentos sociais contra a ditadura no Brasil durante a década de 1970. Entretanto, embora as crenças religiosas com certeza ofereçam um foco muito importante, seria um erro considerar a relevância das redes de comunicação para a atuação da mídia radical nos movimentos sociais como um fenômeno exclusivamente religioso. Tais redes constituem uma das dimensões primárias de todos os movimentos sociais e uma dimensão de audiência vital para a mídia radical. [DOWNING 2002:70/71]

O significado de mídia radical para Downing [2002:39] *nas culturas modernas inclui uma vasta gama de atividades, desde o teatro de rua e os murais até a dança e a música (...), e não apenas os usos radicais das tecnologias de rádio, vídeo, imprensa e Internet. Ou seja toda manifestação cultural popular deve ser vista como uma forma de comunicação direta e compreensão da realidade vivida.*

A utilização da comunicação pelos processos educativos tem gerado grandes avanços na formação cidadã dentro das escolas e organizações comunitárias.

A Educomunicação propõe a credulidade no ser humano, seu permanente embate e encontro com o outro. A alteridade é o substrato constitutivo das educomunicação, que visa relações sociais mais humanizadas, acredita na transformação do indivíduo e da sociedade, na descoberta de novos caminhos para a resolução colaborativa de problemas e, sobretudo, na criação inovadora de olhares diferentes sobre o cotidiano. A comunicação é fator prioritário para o processo educativo e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção de valores éticos e estéticos. Aprender é um processo também coletivo, respeitando-se as diferenças e valorizando-se a criação, produção e alimentação de projetos geradores de transformação social. [SCHAUN 200282/83]

Mas como saber quando a comunicação atinge os seus objetivos originais?

Só há comunicação verdadeira quando os interlocutores compreendem ou interpretam os enunciados que lhes são destinados. Mas que significa dar sentido a um enunciado? Em sentido muito restrito, compreender uma proposição é imaginar a que o mundo se assemelharia se ela fosse verdadeira. Em outros termos, significa estabelecer uma correspondência entre representações proposicionais (o enunciado a interpretar) e modelos mentais, eventualmente construídos para a ocasião (o sentido do enunciado). [LÉVY 1998:125]

E como saber interpretar os discursos que as mídias oficiais ou não se predispõem a emitir?

A interpretação de um discurso supõe a representação de um estado de coisas, mas não se limita a isso. Pode igualmente implicar todo um trabalho de associação e elaboração “hipertextual” utilizando outros discursos, mas também a memória sensorial, cinestésica e afetiva do sujeito, seu corpo, sua história, sua situação e projetos. Tudo isso contribui para a construção de um ou vários modelos mentais, mas nisso não se esgota nem a isso se reduz. [LÉVY 1998:125]

A manipulação, o acesso e a utilização das informações nos dias atuais modificaram profundamente as possibilidades comunicacionais. De elemento passivo na comunicação, agora o indivíduo passa a ser mais uma mídia. Quando um celular que filma a realidade objetiva em um evento qualquer, como uma catástrofe e você pode ter acesso a este material, tanto na televisão, no programa jornalístico noturno, como na Internet até pelo seu próprio celular, torna a comunicação um processo muito mais pluridirecional.

Uma procura que é comum à necessidade de progressiva autonomia do sujeito moderno e simultaneamente da sua experiência participativa no campo social, cultural e político, aquilo a que se pode chamar também o transpolítico. As novas tecnologias vêm em seu auxílio uma vez que mudam a base da estrutura social e do poder. Daí poder chamar-se hoje ao campo dos media o universo emergente dos self-media. O fato de haverem cada vez mais formas de democratização da comunicação através dos meios de utilização individual – do computador portátil ao datamóvel, passando pela Internet e por outros meios interativos -, permite a emergência desse novo campo de medição protagonizado agora por uma rede matricial e não pela rede clássica em pirâmide do “escutar sem ser escutado”. [CÁDIMA 199/200]

Nesta contemplação da comunicação como um fator de fortalecimento da democracia, um setor que adquire legitimidade e grande importância é exatamente o terceiro setor, que pode ser visto como uma forma de se organizar a sociedade civil ou até de que sejam a mesma coisa. De uma forma ou de outra, as tendências apontam para uma transformação ampla dos corpos econômicos, culturais e sociais por meio da articulação da sociedade.

O serviço comunitário é uma alternativa revolucionária para formas tradicionais de trabalho. Ao contrário do trabalho escravo, da servidão e do trabalho remunerado, não é coagido nem se reduz ao relacionamento fiduciário. O serviço comunitário é uma ação de ajuda, é estender a mão. É um ato assumido voluntariamente e, muitas vezes, sem a expectativa de ganho material. (...) O serviço comunitário provém de uma profunda compreensão da conectividade de todas as coisas e é motivado por um senso pessoal de dívida. É, sobretudo um intercâmbio social, embora muitas vezes com conseqüências econômicas tanto para o beneficiário quanto para o benfeitor. A atividade comunitária é substancialmente diferente da atividade de mercado, em que a troca é sempre material e financeira e as conseqüências sociais são menos importantes do que ganhos e perdas econômicos. [RIFKIN 1995:265/266]

De modo diferente do que era contemplado até os anos sessenta e setenta, os processos democráticos devem abarcar, no desenvolvimento de seus instrumentos, as concepções culturalistas de reprodução social:

Começa hoje a desenvolver-se uma outra perspectiva, de carácter culturalista, segundo a qual os estudos sobre democratização devem acompanhar os processos culturais. (...) Nessa perspectiva, a democratização deixa de ser passageira e funcional para tornar-se forma permanente e processo de ajuste entre legalidade e legitimidade, entre moral e lei. Esta nova interpretação abre espaço para os movimentos sociais e associações da sociedade civil na compreensão mesma do processo de democratização, incorporando novos conceitos, destacando-se o de esfera pública. Os processos de reprodução sociocultural se convertem em forma política no espaço público. As associações civis absorvem iniciativas sociais difusas, encaminhando-as ao espaço público para o embate político. As associações e os movimentos sociais ampliam o espectro do político, incorporando novos temas na agenda política,

desempenhando, assim, papel fundamental na construção do espaço público. [VIEIRA 2001:73]

Vieira entende que as visões culturalista e republicana sobre sociedade civil, apesar de serem próximas, se afastam, pois a visão republicana tem para a concepção associativista de uma idéia de esfera pública não-estatal que adquire apenas uma conformidade paraestatal ao abrir mão de sua autonomia institucional. Já dentro desta visão culturalista, a necessidade de estruturação dos organismos não-estatais a partir de conexões de redes, permite a construção democrática de uma sociedade civil real, ativa, autocrítica e fortalecida politicamente.

1.6 – Capital Social

Quando procuramos entender o porquê de uma determinada rede ou movimento social conseguir alcançar determinado índice de sucesso ou de integração e articulação de seus elementos, precisamos identificar quais os elementos que participam neste processo de criação de conexões sociais. Precisamos, também, isolar quais são os inibidores deste processo e quais as formas de inibi-los ou neutralizá-los e impedi-los de, como na maioria das vezes acontece, desintegrar o grupo mesmo antes deste conseguir alcançar seus objetivos primeiros.

Light [2004:145/146] procura situar o capital social como um agregado contextual que inclui outras formas de capital: humano, financeiro, físico e cultural. O capital social é valioso para os indivíduos e para coletividades por sua potencial conversibilidade nestas outras formas.

Baumann [1999:22] procura analisar as amarras sociais sob o ponto de vista das possibilidades de comunicação e a realidade espaço-temporal ao dizer que as chamadas *“comunidades intimamente ligadas”* de outrora foram produzidas e mantidas, como agora podemos ver, pela defasagem entre a comunicação quase instantânea dentro da comunidade (...) e a enormidade de tempo e despesas necessárias para passar informação entre as localidades. Ao comparar estas comunidades às atuais identifica que, devido às facilidades e rapidez de

comunicação de hoje, elas não vêm na comunicação interna e na interação uma necessidade vital, pois *a atual fragilidade e curta duração das comunidades parece ser sobretudo resultado da redução ou completo desaparecimento daquela defasagem: a comunicação intracomunitária não leva vantagem sobre o intercâmbio entre comunidades, uma vez que ambos são instantâneos*. Baumann conclui que este raciocínio pode ser resumido por meio de *uma nova compreensão da íntima conexão entre a velocidade da viagem e a coesão social*.

No trabalho de Putnam [1996] existe uma freqüente preocupação da relação entre estado e sociedade como geradora de melhores alternativas de políticas públicas. E, neste sentido, a aproximação e entendimento das capilaridades sociais são essenciais para a efetivação destas políticas.

Se o capital social é um elemento que estabelece um o *laço social* gerador de conhecimento [LÉVY (b) 1999:26], outro fator tem sido apontado como o laço institucional que permite o crescimento do capital social, o contrato social. A urgência da resignificação do contrato social vem de encontro às novas incertezas pelas quais estamos passando neste início de milênio. De um elemento emperrador do crescimento global passa agora a ser um item indispensável da pauta de discussão da sustentabilidade planetária. E nas palavras esclarecedoras de Boaventura de Sousa Santos:

...temos sinais contraditórios a respeito do que deve ser o contrato social ou sequer se o contrato social é possível. Os anos 1980 passaram, um pouco por todo o mundo, sob a lógica do Banco Mundial (Bird) e do Fundo Monetário Internacional (FMI). Criticou-se o contrato social como sendo algo que criava rigidez e corporativismo e, portanto, era algo que impedia a flexibilidade da globalização. No fundo, o contrato social, mesmo que tivesse sido útil no passado, era uma idéia para abandonar no futuro. Nós não precisávamos de contrato social, precisávamos de contratos individuais, entre empregadores e operários, entre as diferenças nos serviços, nas diferentes áreas. Nós precisaríamos mais de uma contratualização, mais individualizada, e mesmo que fosse coletiva, que fosse micro, em nível de empresa, e nunca de sociedade no seu conjunto. [SANTOS: 2002, 15/16]

Rousseau, como determinador das coordenadas da Revolução Francesa, deu ao século XVIII as suas insígnias de liberdade, igualdade e fraternidade, como crenças no espírito libertário baseado em princípios morais e políticos. Para pensar a problemática da regulação da sociedade, encontrou como problema fundamental

que o contrato social teria que resolver o de *encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece contudo a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes.* [ROUSSEAU 1978:32]

Steiner e Steiner [1999:121], dentro de um enfoque empresarial, entendem a necessidade da participação das organizações de uma forma mais ampla. *Estas devem usar o seu poder [no estabelecimento e] na manutenção de um contrato social,* com a concepção de mutabilidade deste contrato.

A discussão sobre qual o contrato social a ser estabelecido entre a sociedade civil, o mercado e o Estado tem que passar pelo crivo da sustentabilidade da raça humana no planeta. Passa pelo repensar o processo de construção de desenvolvimento em outra base diferente da de exclusão e super concentração de renda. Responsabilidade Social não pode ser vista apenas como um fator microeconômico e sim como um evento macroeconômico de alcance global. As próprias leis da economia precisam ser recriadas. Grande parte destas leis provêm mais de mitos do que de análises científicas:

Uma parte importante da demanda de crescimento econômico vem do mito cuidadosamente cultivado de que a única maneira de conservarmos as pessoas empregadas é expandir o consumo agregado a fim de criar empregos em proporção mais rápida do que as corporações investem em tecnologias para poupar mão-de-obra e eliminá-la. Nós negligenciamos uma importante alternativa – redefinir o problema e concentrar-nos na criação de meios de vida, não de empregos. [KORTEN 1996:329]

Quando se suprime a idéia de um contrato social mínimo, a tendência de maximização da exploração ocorre como processo inerente ao desenvolvimento econômico. A eficiência econômica nem sempre anda de mãos dadas com a eficiência social.

A maximização do útil pelo desempenho do sistema, capaz de inovar segundo estímulos internos auto-adaptativos, são as novas divindades do sistema social. O nó dessa colocação é a racionalidade da eficiência, entendida como resposta aos estímulos que vêm do ambiente externo. Ela realiza, na prática, a supressão das dimensões simbólicas que têm caracterizado, ao contrário, a formação da esfera da comunicação social e tudo o que puder na esfera social é (sobre essa base) construído: a idéia de indivíduo, de grupo, de coletivo, de liberdade e de vínculo. [BARCELONA 1995:85]

Para podermos acreditar na realidade de uma nova proposta de desenvolvimento, no surgimento de *economias informacionais não-monetárias*, precisamos lutar por um mundo diferente do de soma zero e criarmos, no dizer de Hazel Henderson [2000], um *mundo onde todos ganhem*.

Fukuyama, ao abordar a questão da cooperação entre seres humanos, relata que no princípio da humanidade os vínculos de cooperação eram os de consangüinidade. Levanta a tese de que a propensão dos homens a cooperar não seja apenas socialmente construída.

Os dois principais caminhos pelos quais os interesses individuais levam à cooperação social são a seleção por parentesco e a reciprocidade. (...) Embora qualquer teoria de comportamento deva começar com os interesses próprios dos indivíduos, estes interesses estão em transmitir seus genes aos filhos e não necessariamente na sobrevivência da própria criatura. [FUKUYAMA 2000:178]

E no que diz respeito à reciprocidade dentro da concepção weberiana de comunidade doméstica dentro de um comunismo primitivo:

Embora a sociabilidade possa começar com o parentesco, também existe claramente comportamento altruísta e cooperativo no mundo natural entre não parentes. (...) Como agentes racionais, mas egoístas, conseguem chegar a normas cooperativas que maximizam o bem-estar do grupo, quando eles são tentados a deixar de lado a solução cooperativa e obter retornos individuais, mais certos? (...) O papel da caça como fonte de sociabilidade masculina e também humana tem sido sugerido por outros antropólogos evolucionários. A caça de grandes animais, em particular, proporcionava incentivos para a sociabilidade. Nas sociedades de caçadores-coletores a carne é dividida além da família nuclear muito mais rápido do que alimentos vegetais ou larvas de insetos, por razões que dispensam explicações. Os grandes animais exigem esforços cooperativos de vários homens para serem mortos, dando a cada um uma parte igual da presa. [FUKUYAMA 2000:179/183]

Apesar da aparente improbabilidade de sua realização, a convivência pacífica e fraternal entre indivíduos de diferentes origens, pode ser atribuída à descoberta ou iluminação espiritual dos homens na busca da sobrevivência de sua espécie.

A invocação de "amar o próximo como a si mesmo", diz Freud (em O Mal-estar na Civilização), é um dos preceitos fundamentais da vida civilizada. É também o que mais contraria o tipo de razão que a civilização promove: a razão do interesse próprio e da busca da felicidade. O preceito fundador da civilização só pode ser aceito como algo que "faz sentido" e adotado e praticado se nos rendermos à exortação teológica

“credere quia absurdum” – acredite porque é absurdo. Com efeito, é suficiente perguntar “por que devo fazer isso? Que benefício me trará?” para sentir o absurdo da exigência de amar o próximo – qualquer próximo – simplesmente por ser um próximo. Se eu amo alguém, ela ou ele deve ter merecido de alguma forma... “Eles o merecem se são tão parecidos comigo de tantas maneiras importantes que neles posso amar a mim mesmo; e se são tão mais perfeitos do que eu que posso amar neles o ideal de mim mesmo... Mas se ele é um estranho para mim e se não pode me atrair por qualquer valor próprio ou significação que possa ter adquirido para a minha vida emocional, será difícil amá-lo”. [BAUMAN 2004:97]

A despeito da conveniência de ser solidário em situações em que pode se beneficiar, o homem guarda dentro de si uma dimensão subjetiva deste atributo.

Assim, indaga Freud, “qual é o objetivo de um preceito enunciado de modo tão solene se seu cumprimento não pode ser recomendado como algo razoável?” Somos tentados a concluir, contra o bom senso, que o “amor ao próximo” é “um mandamento que na verdade se justifica pelo fato de que nada mais contraria tão fortemente a natureza original do homem”. Quanto menor a probabilidade de uma norma ser obedecida, maior a obstinação com que tenderá a ser reafirmada. E a obrigação de amar o próximo talvez tenha menos probabilidade de ser obedecida do que qualquer outra. (...) Aceitar esse preceito é um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções “naturais”, assume uma posição que se afasta da natureza, que é contrária a esta, e se torna o ser “não-natural” que, diferentemente das feras (e, na realidade, dos anjos, como apontou Aristóteles), os seres humanos são. Aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade. [BAUMAN 2004:98]

Bauman contrapõe a nossa atualidade, quando estes atributos que foram os fundadores da humanidade se põe em cheque, com conflitos pelo mundo todo, terrorismo causados por uma crescente onda de xenofobia e pelas dimensões de desigualdade entre as nações nunca antes vistas.

Por outro lado, ao observar a experiência de inovação e desenvolvimento econômico por que passou a Itália, Putnam procura relacionar as representações de cooperação e participação cívica como constituintes do capital social.

... em todas as sociedades os dilemas da ação coletiva obstam as tentativas de cooperar em benefício mútuo, seja na política ou na economia. A coerção de um terceiro é uma solução inadequada para este problema. A cooperação voluntária (por exemplo, associações de crédito rotativo) depende do capital social. As regras de reciprocidade generalizada e os sistemas de participação cívica estimulam a cooperação e a confiança social porque reduzem os incentivos a transgredir, diminuem a incerteza e fornecem modelos para a cooperação futura. A própria confiança é uma propriedade do sistema social, tanto quanto um atributo social. Os indivíduos podem ser confiantes (e não simplesmente crédulos) por causa das normas e dos sistemas em que se inserem seus atos. [PUTNAM 1996:186]

Esta possibilidade de criação de uma nova força social tem lugar dentro do espaço local. As grandes corporações tem imensas dificuldades de reproduzir estas amarras dentro de seus sistemas. A confiança social entre empresa e empregados é mínima por conta de sua estrutura e da própria estrutura do capitalismo privilegiar a concentração de forças e não o equilíbrio entre elas. A idéia corrente da Responsabilidade Social, de ocorrerem interesses comuns entre os vários atores e de que estes podem ser balanceados, é obstruída pela lógica da balança extremamente pensa. O jogo de forças não é equalizado para que possa haver confiança entre as partes. Ou seja, a antiga dicotomia entre capital e trabalho foi apenas substituída por um novo discurso, o da competitividade. Por outro lado, no espaço local surge a figura do protagonista:

Visando aos interesses comuns, o coletivo de atores locais auto-organizados, como protagonistas, marca presença ativa nas transformações que ocorrem no ambiente, possibilitando a formação do capital social, mobilizando-se e articulando-se em grupos, associações e envolvendo-se em uma aprendizagem contínua e cooperativa decorrente da construção do sentido comunitário e da difusão dos conhecimentos. [IPIRANGA 2002:63]

O capitalismo prega há um bom tempo a doutrina do individualismo consumista. A propaganda é voltada ao indivíduo enquanto elemento consumidor, exigindo desta criatura um comportamento cada vez mais hedonista. E, agora após a virada do milênio, somos convidados a ser cooperativos dentro da empresa. A sermos pró-ativos, a pensar no grupo como uma coletividade, uma comunidade de empregados autoliderados. Desenvolvedores do capital social da corporação. Capital este que se refere exatamente a *capacidade coletiva de tomar decisões e atuar conjuntamente para perseguir objetivos de benefício comum, capacidade que coloca o grupo ou a comunidade em um plano de superioridade com respeito ao indivíduo isolado.* [FLORES & RELLO 2002:27]

As tentativas do mundo corporativo de criar e fomentar o capital social esbarram na dificuldade de se estabelecer confiança, tanto internamente quanto externamente à organização. Anand, Glick e Manz [2002:69] aconselham a efetuar o mapeamento das amarras sociais da organização para o desenvolvimento do conhecimento e da necessidade de se utilizar de uma visão holística para esta

empreitada, mas avisam que, *como a empresa não controla o capital social, ele está potencialmente disponível para a concorrência*, o que dá o tom de paradoxo entre a competitividade e a cooperatividade. Ou de como ser ao mesmo tempo cooperativo dentro de seus sistemas e ser uma organização competitiva?

Quando estudamos os processos urbanos, percebemos que a confiança, a cola social ou o que está sendo chamado de capital social, se encontra ainda nos espaços rurais ou nas periferias dos grandes centros. Exatamente nestas localidades onde, no Brasil assim como na maioria dos países de terceiro mundo, os processos de exclusão social se aprofundam mais. E a ligação entre exclusão social e exclusão cultural é evidente. A falta de espaços culturais ou de políticas públicas que incentivam a sua instalação acabam por gerar cenários de violência e destruição de identidades. Por outro lado vemos que a grande maioria dos projetos sociais com índice de efetividade alto são os que procuram restituir a estas populações este fator de geração de caráter próprio. O potencial da cultura para a transformação e geração de capital social é imenso:

A cultura começa hoje a ser considerada, cada vez mais, como uma parte central do capital social de uma sociedade. Cada dia mais se reconhece que os países que souberam apoiar-se nela, e permitiram seu crescimento exponencial, vêm gerando novos modelos organizacionais, construindo conhecimento novo, redes poderosas de cooperação interna. (...) Dentre outras coisas, a cultura pode dar contribuições fundamentais para o desenvolvimento social. Os valores, as atitudes e as tradições favoráveis à cooperação, à solidariedade e ao trabalho voluntário, inscritos na cultura de certos países, estão na base do êxito que obtiveram para a criação de uma sociedade civil forte e diversificada. [KLIKSBURG 1997: 32]

1.7 – A Importância das Redes Sociais para as Políticas Públicas

No Brasil, a efetividade de certos programas sociais só pôde ser alcançada quando o Estado propôs novas formas de atuação baseadas na apropriação dos fenômenos de conectividades sociais já existentes. Os casos de programas formatados com o perfil do de “agentes comunitários de saúde” ¹ foram exitosos porque procuraram atingir as pessoas com maior inserção e comunicabilidade dentro

¹ Verificar em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/siab/pacsmap.htm>

das comunidades a serem atendidas. Não é por acaso que a área de saúde é em todo o mundo a que mais faz uso de estudos baseados em redes sociais.

Esta concepção permite, pelo lado do Estado, além de poder atuar de modo mais efetivo, mapear e entender melhor os problemas sociais, as comunidades atingidas, sua estrutura e seus perfis, as conexões internas e externas e de que modo poder interagir com as lideranças comunitárias para que seus agentes possam executar ou oferecer as melhores alternativas de políticas públicas possíveis. E, dentro desta novas concepções mais participativas, adquirem uma nova feição os processos de comunicação a partir da possibilidade dos meios virtuais de conexão, como procuraremos nos aprofundar na próxima seção.

Nos últimos anos, com o desenvolvimento das instituições democráticas no Brasil, o setor público prestador de serviços tem identificado a necessidade de criar modos de comunicação com as comunidades atendidas de maneira a ter uma base de dados e meios para a formatação de suas políticas e de seus planejamentos. Os planos de “gabinete” já começam a ser substituídos por estruturas que facilitam as tomadas de decisão a partir de um maior contato e envolvimento com o local. Para isto, adquire importância a formação de redes de movimentos e organizações comunitárias que fornecem a capilaridade necessária à construção participativa das políticas públicas.

A professora Marly Cavalcanti aponta que com o desenvolvimento do terceiro setor, *criar novas organizações voluntárias pode ser o encaminhamento para uma nova sociedade civil, com novos modos de pensar e agir, através de organizações autodeterminadas, locais ou regionais, constituindo um fluxo de solidariedades intermédias e mantendo o fluxo global/local e local/global, no interior de uma sociedade fragmentada e multifocada, mas capaz deste grupamento voluntário de solidariedade e inclusão social.* [2000:129] Demonstrando, por fim, sobre a *importância do conceito de redes e parcerias articuladas no trabalho comunitário e em sua ação social e política, pois é chegado o momento crucial de articulação, não mais das minorias, as quais já se apresentam com suas instituições e ONGs, e, sim, da imensa maioria dos cidadãos que ainda se apresentam desorganizados e difusos...* [2000:134]

Já Carvalho e Sachs apontam que com a internacionalização da economia e dos novos papéis do Estado, e

...entre as estratégias que formatam este cenário, está a transformação do “Estado executor” em um “Estado gestor” inovador nas relações com a sociedade organizada, dinamizador das iniciativas de auto organização da população e articulador dos agentes sociais. Este Estado, de feições novas, procura ser o articulador preferencial da sociedade organizada em múltiplas instituições e o grande incentivador a que os indivíduos busquem, autonomamente e de forma criativa, as soluções para os problemas da comunidade. [2001:112]

Nesta mesma linha de pensamento, Junqueira entende que o processo de transferência de competências do Estado para o âmbito das organizações prestadoras de serviços públicos, *ganha consistência quando as necessidades dos grupos populacionais, que se distribuem em um território como sujeitos, articulam soluções intersetoriais. Nesse processo a população passa a ser considerada como sujeito e não como objeto de intervenção. Com isso, ela passa a assumir um papel ativo. Assim muda-se a lógica da política social, que sai da visão da carência, da solução de necessidades, para a dos direitos dos cidadãos a uma vida digna e com qualidade. [2000:114]* Junqueira defende que estes objetivos passam pelas *práticas sociais articuladas que acarretem um impacto na qualidade de vida da população. Portanto, a viabilidade dessa ação intersetorial depende da habilidade de criar grupos que possuam um senso compartilhado de realidade com coesão em torno de entendimentos comuns, que determina seu crescimento. [2000:115]* Este processo leva à construção das redes sociais vistas como estratégia onde estas

constituem um meio de tornar mais eficaz a gestão das políticas sociais, otimizando a utilização dos recursos, faz com que essas organizações se integrem, tanto na concepção das ações intersetoriais como na sua execução, para garantir à população seus direitos sociais. (...) Portanto o conceito de rede cria uma possibilidade de intervenção, gerando em cada um de seus membros a participação, que viabiliza a reconstrução da sociedade civil. Ocasiona a criação de respostas novas aos problemas sociais, tornando mais eficaz a gestão social, que se caracteriza por ser intersetorial, articulando instituições e pessoas para construir projetos, recuperarem a vida e a utopia. [JUNQUEIRA 2000:118/119]

Forni, após pesquisar redes de organizações sociais da Argentina, concluiu que estas acabam por se tornar importantes atores no desenvolvimento de ações junto ao poder público e demais instituições:

A longo prazo, o efeito mais importante tem sido seu aporte à legitimação das Ong's de base. Como temos apontado, sua formação permitiu às organizações de base converterem-se em interlocutoras de funcionários estatais, líderes políticos e diferentes instituições, bem como ser reconhecidas como executoras de numerosos programas sociais. [FORNI 2001:104]

A Rede Social de Cultura procura exercer o seu papel de intermediadora e executora partícipe destas políticas. Estamos procurando trabalhar em conjunto com a subprefeitura, a Secretaria de Cultura de modo a criar espaços e condições para o desenvolvimento cultural, educacional e identitário da região. Com a mudança do governo municipal (da gestão Marta para a gestão Serra), o grupo foi procurado pelo representante da subprefeitura responsável pelas questões culturais para conhecer a realidade do local, suas necessidades e a sua capacidade de articulação e definir quais os caminhos que a atual gestão pretende tomar.

1.8 – Realidade Virtual

Grande parte da obra de Pierre Lévy aborda os conceitos de virtualidade e inteligência coletiva. Ao procurar definir o significado do virtual, estabelece uma contraposição entre as concepções do pensamento científico estabelecido e a apropriação dos novos tempos de ciberespacialidade. *Não me contentei em definir o virtual como um modo de ser particular, quis também analisar e ilustrar um processo de transformação de um modo de ser num outro.* Lévy procura estudar a virtualização que retorna do real ou do atual em direção ao virtual. *A tradição do trabalho filosófico busca analisar a passagem contrária, do possível ao real ou do virtual ao atual. Ora, é precisamente esse retorno à montante que me parece característico tanto do movimento de autocriação que fez surgir a espécie humana quanto da transição cultural que vivemos hoje.* Lévy procura abranger o virtual de três pontos de vista: *filosófico (o conceito de virtualização), antropológico (a relação entre o processo de hominização e a virtualização) e socio-político (compreender a mutação contemporânea para poder atuar nela).* [2001:12]

Aventa para a possibilidade da coexistência entre o real e o virtual:

Consideremos, para começar, a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e

simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização. (...) A palavra virtual vem do latim medieval “virtualis”, derivado por sua vez de “virtus”, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. [LÉVY 2001:15]

E é no ciberespaço que o virtual se oferece em múltiplas possibilidades, pois, *uma vez que uma informação pública se encontra no ciberespaço, ela está virtualmente e imediatamente a minha disposição, independentemente das coordenadas espaciais de seu suporte físico [LÉVY 1999(a):93/94].* Não interessa onde estou ou onde está o meu objetivo, ambos serão conectados virtualmente para que necessidades reais sejam supridas ou objetos reais sejam transformados em disponibilidades virtuais para quem estiver interessado.

A palavra-chave nesta nova era é o acesso aos meios e o poder se encontra em quem controla estes acessos, *pertence aos porteiros que controlam tanto o acesso à cultura popular quanto o espaço físico e redes ciberespaciais que expropriam, reembalam e transformam a cultura em commodity na forma de experiências e entretenimento pessoais pagos. Portais e porteiros são palavras ouvidas com uma frequência cada vez maior no discurso público e privado. (...) Os porteiros eram considerados como coletores de taxas nos pedágios das rodovias interestaduais. Hoje, os termos são usados em toda parte. Portais é usado cada vez mais para definir as várias passagens e rotas em redes, mundos paralelos e realidades virtuais de um tipo ou do outro. Porteiros refere-se às instituições e indivíduos que determinam as regras e condições de admissão e controlam quem tem acesso e quem é barrado de uma sociedade baseada em rede. [RIFKIN 2001:144/145].* Fácil conexão pode ser estabelecida com o que já dizia Dowbor sobre os mecanismos de “pedágio” no universo interconectado. A tecnologia, ou o modo como é utilizada, não diferencia o tipo de *commodity* transacionada. Deste modo, *pode parecer curioso aproximar o mundo da cultura do mundo das finanças. E no entanto, para as grandes empresas que manejam o processo, transferir símbolos que representam imagens, literatura ou mensagens publicitárias consiste*

mais ou menos na mesma coisa. Constitui um exemplo bastante evidente a evolução da agência internacional Reuters, que transitou, sem nenhuma dificuldade, da sua função de agência de notícias para agência de informação financeira e mediadora de investimentos. E os mecanismos de pedágio cobrados pelos grandes controladores do processo, pedágio que qualificamos de mais-valia social, tampouco são tão diferentes quando se trata de finanças, de notícias, ou de programas culturais. [DOWBOR 1998:281/282]

As comunidades virtuais, como processo de desenvolvimento de inteligência coletiva, não são uma conquista pós-moderna ou exclusividade do meio Internet. Stone [apud SANTAELLA 2003:122] estrutura o conceito de comunidade virtual em quatro fases distintas:

- a) **no século XVII**, em 1669, Robert Boyle inventou um método chamado *testemunho virtual* que permite formar uma comunidade de cientistas pelo *testemunho à distância* para a validação do trabalho de seus pares;
- b) **nas comunicações elétricas (1900)**, fase em que surgiram o telégrafo, o telefone, o fonógrafo, o rádio e a televisão, todos eles formas de compartilhamento que criam vínculos virtuais na formação de comunidades de espectadores, ouvintes e telespectadores;
- c) **na informática (1960)**, com o primeiro computador e os primeiros BBS's (ii) apareceu a primeira comunidade virtual com base na tecnologia da informação e, finalmente;
- d) **na fase do ciberespaço e realidade virtual**, com a emergência do ciberespaço, da comunicação mediada por computador, surgiram as comunidades virtuais das redes telemáticas.

Tajra vê com otimismo as possibilidades que a Internet traz para a humanidade:

As redes digitais de comunicação podem promover a formação de laços sociais, compondo um dos ingredientes da engenharia social. O ciberespaço cria novos espaços por onde circulam diferentes saberes, que podem se relacionar de forma integrada, mediante ações cooperativas e democráticas. O ciberespaço tende a ser ampliado e acessível para todos ou para muitos, assim como, hoje é o telefone, a televisão. Este novo espaço aparece como uma opção e meio para o desenvolvimento de novos saberes, permitindo-se viver situações nômades, circulantes, com limites transcendentais e movimentos diagonais. (...) Como o ciberespaço pode favorecer a construção de ambientes cooperativos e que promovam a inteligência coletiva? Talvez a partir da construção de comunidades virtuais. A partir da conexão entre pessoas, interesses, equipes, coletivos unidos realizando e promovendo a democracia, rompendo os sistemas burocráticos e totalitários. [TAJRA 2002:60]

E por que a necessidade dos grupos sociais de ocupar o espaço virtual proporcionado pela tecnologia? Acreditamos que, a partir da necessidade das comunidades operarem a sua própria transformação e que os canais de comunicação habituais estabelecem uma outra relação de poder, de dominação, priorizando um envolvimento mais passivo, a Internet surge como veículo privilegiado de comunicação e espaço de aprendizado muito mais livre e participativo.

As origens das comunidades virtuais operadas pela informática, segundo Dertouzos [1997:60] se deram logo no início da corrida espacial. O Departamento de Defesa norte-americano criou a ARPA (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada), com a finalidade de reforçar a segurança nacional. A ARPA escolheu as universidades de Stanford, Carnegie Mellon e o MIT para desenvolver as possibilidades de utilização computacional compartilhada. Deste núcleo gerou-se mais de um terço das inovações importantes na ciência e na tecnologia dos computadores, entre elas a criação da ARPANET, antecessora da Internet. O setor empresarial também participou ativamente destas conquistas e, com a utilização comercial da Internet foi que se possibilitou o grande avanço para o acesso maior à comunicação virtual e da sua utilização como elemento gerador de conhecimento.

Teixeira Filho, com grande experiência na animação e criação de comunidades virtuais nos ensina que:

Os membros de uma comunidade virtual estão reunidos pelos mesmos interesses e pelos mesmos problemas. A geografia não é uma dificuldade a mais. Apesar de não estar presente, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela existe, porém, sem um lugar de referência estável: seus membros podem estar em qualquer canto do mundo. A Siemens, por exemplo, adotou o sistema de gestão de conhecimento Sharenet com o objetivo de disseminá-lo entre seus 12.500 funcionários, que atuam em 84 países. A maioria trabalha nas áreas de tecnologia da informação e de telecomunicações. [TEIXEIRA FILHO 2002:23]

Outra contribuição de Teixeira Filho, que pode ser transposto para os grupos sociais, é estabelecer que para um processo de geração de conhecimento efetiva em uma comunidade, um dos fatores fundamentais é executar uma mediação eficaz e introduz um decálogo para esta atividade:

1. O mediador deve manter uma visão de curto prazo compartilhada, em alinhamento com os objetivos da organização, harmonizando, assim, os interesses dos participantes.
2. As comunidades devem ser mediadas com ênfase na comunicação entre as pessoas, que deve ser fluente, espontânea e cordial.
3. O mediador representa o 'histórico' de convivência da comunidade, reforçando seus propósitos e seus valores.
4. A mediação deve facilitar (e não restringir) a dinâmica natural das interações da comunidade.
5. O mediador tem papel fundamental no nivelamento dos participantes em relação a todas as informações da comunidade, facilitando a participação útil de cada um.
6. O mediador deve zelar para que as reflexões realizadas, a cooperação obtida, a liderança identificada e a própria estruturação das relações no grupo sejam efetivas, proveitosas e duradouras.
7. É crucial haver um clima de cooperação baseado no respeito mútuo, na abertura ao diálogo e no estímulo à participação.
8. Deve-se criar um processo de registro das idéias, opiniões, soluções, recomendações, responsabilidades, etc., derivadas das interações dos membros da comunidade.
9. O clima deve ser estimulante, propiciando oportunidades para troca de experiências e compartilhamento de conhecimento. Quando houver perda de interesse, o esquema tem que se repensado.
10. A avaliação da dinâmica da comunidade precisa ser permanente e o mediador deve divulgar as lições aprendidas. [TEIXEIRA FILHO 2002: 95/96]

E como gerir conhecimento coletivo para o desenvolvimento comunitário num ambiente virtual? Os grupos humanos desenvolvem, de modo auto-poiético, auto-organizável, uma série de atividades sem perceber as inter-relações entre os atos e sem ter uma dimensão do todo. Gordon em um trabalho sobre a organização das sociedades de insetos estabelece uma relação com os seres humanos e as suas atividades auto-organizáveis:

Comecei a estudar a alocação de tarefas [de colônias de formigas] perguntando como elas se relacionam. Uma mudança numa tarefa leva a uma mudança em outra? O número empenhado numa atividade a qualquer momento pode depender daquele empenhado em outra? Nas sociedades humanas damos esta interdependência por certa. Parece óbvio que o número de pessoas que dirige carros, trabalha em escritórios e come em restaurantes é temporariamente conformado em escalas de tempo diárias e semanais, porque estamos acostumados às noções de hora do rush, horário comercial, fins de semana e hora das refeições. Esperamos que o número de pessoas empenhadas nessas diferentes atividades seja funcionalmente relacionado. [GORDON 2002:100]

O sentido desta obviedade nos é dado pelo condicionamento das atividades do dia-a-dia. Nós entendemos que este tipo de modelo é necessário *para que as coisas aconteçam*, mas não nos acostumamos a questionar o porquê e como elas funcionam. Esta inteligência coletiva é, portanto, desenvolvida de modo tácito, o que

dificulta a sua transposição para uma comunidade com objetivos claros e estabelecidos. Na hora de transformarmos algo que é gerado de forma espontânea para um formato mais dirigido é que surgem os problemas. Os elementos da comunidade virtual que têm a função de animadores, devem utilizar de recursos pedagógicos que possibilitem a descoberta e conscientização pelo grupo das suas próprias potencialidades de realização e de exercer e desenvolver a criatividade.

A criatividade é fruto da destruição das formas habituais de pensar. As pessoas trazem dentro de si construções mentais limitadoras da sua percepção do mundo; vêem a realidade quase deterministicamente, segundo opções restritas de se fazer algo. Essas concepções, ou premissas sobre a realidade, ajudam a reforçar o uso de certas habilidades da mente humana e a inibir outras. (...) A criatividade é fruto do ambiente no qual o indivíduo está inserido. Presume-se uma relação entre um meio social e a geração de idéias novas. Nesse sentido, criatividade é um julgamento de valor aplicado a um contexto específico: varia por grupo, organização e no tempo, conforme o ambiente em que ocorre a produção da idéia. [MOTTA, 2000:159]

Se, segundo Maturana e Varela, o conhecimento advém da experiência, da reflexão sobre o fazer, de um fazer consciente e de como o mundo, as coisas, a sociedade interagem na geração deste conhecimento, desta inteligência, o pensar coletivo:

Tal circularidade, tal encadeamento entre ação e experiência, tal inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, indica que todo ato de conhecer produz um mundo. (...) Tudo isso pode ser condensado no aforismo: Todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer. [MATURANA & VARELA 1995:68]

Ou no entendimento de inteligência como uma exo-relação, isto é, de inteligência ser um fato não gerado no indivíduo unicamente, mas como um complexo social de interações gerativas:

A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais, o uso da escrita). [LÉVY 1999:28]

Uma das mais facilmente perceptíveis conseqüências da globalização é a padronização da cultura gerada pelos fenômenos de *mass media*. Coca-Cola, jeans e MacDonal'd's são ícones mundiais. As novas tecnologias de comunicação e informação aceleraram o processo de conquista do planeta. Por outro lado,

conferindo poder a uma dita inteligência global que esta mesma tecnologia proporcionou – não intencionalmente é claro – o mundo começa e vislumbrar novas possibilidades de geração de conhecimento e de ativismo político. Veja-se as possibilidades que as reuniões do Forum Social Global trouxeram à tona.

Nestas novas propostas de uma nova comunidade global (conexão, acesso e produção coletiva) e com uma perspectiva mais social que econômica, a participação tem um papel vital e viral. Viral porque estas concepções começam a se espalhar em escala geométrica e que tem um poder de ‘infecção’ muito grande. Quando se fala em participação, segundo Teixeira [2002:25], devemos identificar entre a participação política e a cidadã, qual a mais adequada para os nossos dias. Se na concepção impregnada de fundo ideológico ou na baseada no ideário liberal, mais preocupada com as decisões no nível local. Poderá existir uma perspectiva dialógica entre estas duas possibilidades? O localismo parece oferecer este caminho, onde se possibilita a resolução dos problemas das comunidades sem prescindir de um debate político e de uma dimensão histórica nas relações. E sem afastar a idéia de que, como disse Birnbaum [1969:14], se o conflito de classes se encontra obscurecido, assumindo formas parciais e particulares, não quer dizer a sua eliminação histórica.

Na instituição de uma inteligência coletiva global que responda por um projeto de governança planetária, a educação é fator primordial. As formas de se repensar a geração de conhecimento nas bases escolares, na ligação entre a universidade e a realidade da sociedade e nas estratégias das organizações voltadas à gestão do capital sócio-intelectual.

Frigotto [1995:145] nos alerta que na atualidade a concepção utilitarista da educação leva a *uma trilha [onde] podemos perceber que tanto a integração econômica quanto a valorização da educação básica geral para formar trabalhadores com capacidade de abstração, polivalentes, flexíveis e criativos ficam subordinadas à lógica do mercado, do capital e, portanto, da diferenciação, segmentação e exclusão.*

As comunidades, com a utilização do espaço virtual, podem ser o caminho de uma real regulamentação do mercado e da geração de conhecimento independente e coletivo.

Como prova factual desta afirmação temos o caso *comunidade virtual Linux x Microsoft*. A Microsoft desenvolveu grande parte das ferramentas que possibilitam a navegação neste espaço chamado Internet. A sua estratégia de domínio do mercado, gerando um dos maiores monopólios de produtos intelectuais do mundo, começa a ser ameaçada por uma organização composta em grande parte por voluntários. Um gigantesco corpo organizacional de produção coletiva. Uma guerrilha invisível e surda pelo direito ao acesso à comunicação. O sistema operacional Linux foi criado por Linus Torvalds da Universidade de Helsinki, Finlândia, em 1991 e é um software desenvolvido por uma imensa comunidade virtual composta por programadores e usuários do mundo inteiro. Esta comunidade disponibiliza, troca e até comercializa produtos informacionais produzidos, em grande parte, coletivamente e tem como bandeira a luta pelo software livre.

1.9 – Gestão de Redes e Cultura Organizacional

Quando um grupo de indivíduos se constitui em rede ou se percebe constituído, e se aproveita desta conexão e empreende ações em prol de um objetivo, necessita de desenvolver um processo interno de aprendizado auto-organizativo. A partir desta premissa, este grupo pode passar a se ver como um corpo organizacional.

Este fato acima descrito, pode estar acontecendo tanto em uma favela, em uma empresa ou até mesmo em condições não geograficamente determinadas, como é o caso de ações desenvolvidas pela Internet. Na favela, grupos de moradores que se reúnem e se organizam para construir uma escola ou reivindicar do poder público a instalação de um posto de saúde; uma equipe é constituída, com um determinado grau de informalidade, para a implementação de um projeto dentro da empresa; forma-se no ciberespaço uma comunidade de aprendizado constituída por interessados em algum tipo de área do conhecimento.

Estabelecida esta organizacionalidade, a sua gestão vai obedecer a certos parâmetros: auto-organizativos se a rede dispõe de uma protagonicidade conquistada pelo aprendizado do agir (praxis) ou se algum nó desta rede acende aos outros elementos. Em qualquer destes casos, os procedimentos administrativos, que em grande parte discordam em essência dos postulados básicos da administração tradicional, devem ter por ênfase a leitura dos relacionamentos desenvolvidos dentro do grupo, pelo próprio grupo, se este já atingiu uma maturidade auto-organizativa ou por um mediador instrumentalizado.

No início dos anos oitenta, quando a globalização começava a ser uma possibilidade, alguns gestores e teóricos organizacionais entenderam que, devido à necessidade de obter competitividade, as empresas precisavam desenvolver mecanismos que motivassem os trabalhadores a produzir mais e com mais qualidade. Os E.U.A. eram pressionados competitivamente pelas corporações japonesas e estas conseguiam obter de seus funcionários um altíssimo grau de comprometimento e fidelidade. Além disto, as empresas japonesas eram muito mais enxutas que as dos outros países e seus custos eram muito mais baixos.

Naquele período identificou-se os componentes histórico-culturais como as raízes da formação destes vínculos. As empresas japonesas eram estruturadas como famílias entrelaçadas por elos fortes de fidelidade.

A orientação holística das organizações japonesas tem origem tanto no acaso histórico como nas forças sociais e culturais subjacentes. Segundo uma opinião comum, o acaso histórico é que a industrialização invadiu o Japão depois de ter sido mantida fora durante décadas pelo sistema político feudal. As empresas foram forçadas a construir fábricas nas proximidades das vilas onde podiam recrutar trabalhadores. Sem a urbanização longa e gradativa da Europa, o Japão se defrontou com o rápido avanço da industrialização, tendo uma população rural esparsamente distribuída. Cada fábrica enviava recrutadores às aldeias, pedindo às mães e pais que mandassem seus filhos trabalhar na fábrica que ficava a trinta ou cinquenta quilômetros de distância. Os pais aldeões, que amavam seus filhos, simplesmente não os liberavam para que fossem viver e trabalhar em um lugar estranho. As empresas tiveram que construir dormitórios, fornecer refeições saudáveis e garantir aos pais que seus filhos receberiam formação moral, intelectual, física e doméstica, o que os prepararia para a vida. No caso das moças, a empresa dispunha de treinamento em prendas domésticas necessárias a uma jovem esposa. Neste ambiente, não era possível envolvimento parcial, nenhum vínculo provisório, tênue, entre a empresa e o

empregado. Em lugar disto, era um relacionamento completo e total que se formava entre o empregado e o empregador. [OUCHI 1982:55/56]

O primeiros estudos em cultura organizacional pecavam pela sua intencionalidade que, apesar de sua gênese estar baseada no discurso de diversidade, o conceito de cultura estava sendo apropriado de forma instrumental, especificamente para atender ao propósito de colonizar a subjetividade dos empregados na grande empresa. [WILLMOTT apud FARIA 2003:12]

Com os anos noventa, a globalização finalmente se instala e as relações comerciais entre diferentes países alcançam novos patamares. Para se estabelecer comércio com outros países é necessário entender o modo como eles fazem negócios, como eles vivem, enfim compreender a sua cultura. Somado a isto o fato de que as relações sociais, na sociedade de um modo geral e na particularidade das organizações, modificam-se profundamente. A globalização, por meio das transformações tecnológicas, empreende uma grande modificação nas relações de trabalho, eliminando vários postos e dando *status* privilegiado para o conhecimento como produto principal das empresas. Para este novo cenário são necessários novos paradigmas de relação entre os líderes organizacionais e seus comandados. Para o caso deste tipo de trabalhador altamente capacitado, as relações entre capital e trabalho encontram-se um pouco mais equilibradas. Se atraí-lo é muito difícil, pois a demanda costuma ser maior do que a oferta, mantê-lo na empresa torna-se uma tarefa quase impossível. Estabelecer uma relação de comprometimento com seus funcionários passa a ser uma via de mão dupla. O autoritarismo sai e entra no seu lugar a parceria. E para poder entender quais são as motivações dos grupos que se formam no ambiente organizacional as ferramentas comportamentais tradicionais não mais funcionam. Tornou-se urgente entender as movimentações, como se estabelecem as relações e como se constroem os papéis e valores destes indivíduos.

Sendo a cultura organizacional parte da cultura de um país, levando-se em consideração conceitos como sub-cultura e contracultura como elementos da cultura de uma organização, e que os participantes de cada grupo (rede) também participam ou são afetados por muitos outros grupos (redes), podemos ter uma idéia da

complexidade enfrentada pelos líderes organizacionais. Mesmo em uma sala de aula, o professor deve procurar entender como se formam os grupos internos de cada turma, de como estes se relacionam e de como se relacionam com outras turmas. De como a imagem de uma escola interfere na produtividade e no ambiente de aula. E como o poder do professor deve ser administrado para que estabeleça uma relação de parceria com seus alunos. Kotter e Heskett apontam para as dificuldades enfrentadas por líderes que pretendem efetuar mudanças culturais em organizações com dificuldades de adaptação cultural. Eles usam a ilustração de um sofá ou colchão de molas que tem a sua estrutura modificada quando se emprega uma boa dose de força, mas retornam ao seu formato original assim que a força deixa de ser empregada.

Ao menos quatro características fundamentais da cultura aparecem como responsáveis por este comportamento: (1) interdependência entre e dentro dos níveis de cultura (valores, comportamento/práticas), (2) interdependência entre cultura e estrutura de poder na organização, (3) os mecanismos usuais de perpetuação da cultura, e (4) a forte conexão entre valores e emoções humanas. [KOTTER & HESKETT 1992:79]

A compreensão desta complexidade pode ser melhor decifrada por meio dos conceitos elaborados por Edgar Schein. Para este teórico, os níveis da cultura de uma organização dividem-se em: (1) *artefatos*, as estruturas organizacionais visíveis e os processos (difíceis de decifrar); (2) *valores adotados*, estratégias metas, filosofias (justificativas assumidas); (3) *pressupostos básicos*, inconsciente, crenças assumidas, percepções, pensamentos, e sentimentos (fontes máximas de valores e ação). [1992:17]

Este enfoque demonstra como a visão organizacional modernista não pode dar conta das incertezas que os vários ambientes, dos quais a organização faz parte, geram e das formas complexas com que o ambiente interno responde.

A administração, num discurso modernista trabalha na base do controle, da crescente racionalização e colonização progressiva da natureza e das pessoas, enquanto trabalhadores, consumidores potenciais, ou sociedade. Mas há limites estruturais para o controle. O custo da integração e dos sistemas de controle, freqüentemente, excedem o valor adicionado pela administração dentro da corporação. (...) Visto que o custo do controle cresce e as cadeias de meios/fins ficam mais longas, a estratégia e o raciocínio instrumentais são tensionados. Temas como cultura organizacional, identidade, administração da qualidade, administração de serviços e o renovado apelo

à liderança, alma e carisma, durante o final dos anos 80 e começo dos anos 90, ilustram isso. Objetos para o controle administrativo são cada vez menos o poder trabalhista e o comportamento, e cada vez mais o poder da mente e a subjetividade dos empregados. [ALVESSON & DEETZ 1998:228]

Apesar destes avanços teóricos a prática administrativa tem procurado manter os mesmos caminhos de 30 anos atrás, com uma busca até mais acelerada de racionalização nos modos de gestão. Os indicadores desta tendência podem ser vistos sobre

...várias formas: as fusões e as aquisições, as reestruturações em massa, o agendamento controlado e a utilização de técnicas que buscam reduzir o tempo de resposta e os custos operacionais das organizações. É sob a pressão de imperativos muitas vezes financeiros e em nome da globalização e da competitividade que as grandes empresas lançaram-se nessas reestruturações na maioria das vezes radicais. Os resultados obtidos até o presente estão longe de atingir os objetivos que foram estabelecidos inicialmente. [CHANLAT 1999:53]

Se o grande capital ainda se pauta por uma racionalidade financeira, podemos visar que em várias instâncias organizacionais os conceitos pós-modernos de gestão, ou seja, aqueles que levam em conta as redes de conexões sociais, a cultura organizacional, estruturas de poder, símbolos e linguagem, estão sendo apreendidos. Empresas de alta tecnologia, cadeias de suprimentos, parcerias estratégicas, *clusters* produtivos, projetos de desenvolvimento local, redes de ong's e movimentos sociais. Podemos visualizar na relação do Estado com seus vários públicos a necessidade de criação de ferramentas onde a comunicação e a participação entre técnicos e comunidades é vital para que sejam atingidas as suas metas. Entre estas ferramentas podem ser utilizadas as metodologias de participação, onde os indivíduos a serem cooptados podem ser funcionários, moradores de comunidades carentes, pequenos empreendedores, estudantes. Alguns destes métodos podem ser o Metaplan, técnica criada nos anos setenta pela Metaplan GmbH e que é orientada para a capacitação de executivos; o método de planejamento ZOPP, de aplicação mais ampla da GTZ alemã; e o Enfoque Participativo, uma metodologia híbrida que busca orientar grupos para desenvolver a sua auto-gestão. [CORDIOLI 2001:33/36] Outras metodologias muito utilizadas são a Pesquisa-ação [THIOLLENT 1997] e as formas de pesquisa participante [BRANDÃO 1999].

A antropologia, como a área do conhecimento que busca analisar as relações e conexões entre os aparatos culturais do homem, tem apresentado boas soluções para os problemas organizacionais que envolvam redes sociais. No Brasil, vários autores têm se debruçado sobre esta relação interdisciplinar: analisando os processos estratégicos Faria [2003], o comportamento do consumidor em marketing Barbosa [1996] e Jaime Júnior [2001], a prestação de serviços públicos Junqueira [1999, 2000], as dimensões inconscientes Peçanha [1997], Vaitsman [2001], Fleury e Shinyashiki [1997], intersubjetividade e imaginário simbólico Freitas [2000], Cavedon e Fachini [2002], Spink [1991], comportamento e ritualismo Rodrigues [2001], além da discussão metodológica das ferramentas antropológicas na administração Barbosa [1996], Jaime Júnior [1995], Mascarenhas [2002].

Capítulo II

Teoria Cultural

O objeto central deste estudo é uma rede de agentes culturais (representantes de ong's, movimentos comunitários, artistas e produtores culturais) que se propõe a pensar, planejar e executar ações culturais de cunho protagonista. Sendo, portanto, este um estudo sobre redes e movimentos sociais que tem como pano de fundo uma ambientação e vivência cultural, faz-se necessário entender o significado, ou significados que cultura pode receber nesta frente de batalha.

Na construção da estrutura de análise da cultura neste trabalho, pensada como uma forma que fosse útil para o desenvolvimento de uma discussão dentro do grupo Rede Social de Cultura, de sua utilidade e de suas formas de ação, procuramos identificar os elementos necessários ao entendimento de cultura em todas as possibilidades pertinentes à ação de grupos nas periferias de uma cidade como São Paulo.

Esta estrutura acabou sendo, a posteriori, corroborada com a leitura do trabalho de Bizzocchi [2003] onde o autor, a partir de uma visão semiótica do significado de cultura, busca mapear as formas de compreensão culturais. A abordagem de Bizzocchi localiza-se mais especificamente na sociossemiótica, descrita como a área de conhecimento que estuda os discursos sociais enquanto manifestações semióticas. Em uma amplitude de significação, cultura divide-se em lato sensu ou antropocultura e cultura em sentido estrito. Sendo que cultura strito sensu *descreve o conjunto das manifestações humanas ligadas ao conhecimento, à compreensão do mundo, à criação, à reflexão e à expressão da subjetividade*. Já cultura em seu lato sensu *abrange tudo que no ser humano não é exclusivamente produto do instinto biológico* [BIZZOCCHI 2003:55]. Por conseguinte, o sentido largo contém o sentido estrito, mas levando em consideração que suas fronteiras não possam ser tão precisas.

Se a estrutura do capítulo foi baseada no trabalho de Bizzochi, o conceito de cultura geral empregado por esta pesquisa aporta-se na visão de Clifford Geertz de, também, semiotizar os componentes e agentes culturais:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. [GEERTZ 1989:15]

No campo sociossemiótico, trabalha-se com as seguintes categorias: atividades discursivas e não discursivas, pragmáticas e hedônicas como subdivisões da antropocultura.

O significado do fazer cultural como meio e o de produto cultural como fim e todos os seus elementos formam a estrutura que norteia este capítulo.

2.1 – As Várias Concepções de Cultura, Lazer e Cotidiano

As palavras cultura e lazer evocam uma profunda dificuldade na sua definição. Muitos teóricos externam uma grande precaução ao lidar com estes elementos sociais. Na relação entre cultura e lazer, o primeiro elemento abarca o segundo e ambos podem ser definidos como expressão da condição humana, portanto determinam relações políticas no convívio social.

Como se não bastasse, várias áreas das ciências humanas houveram por bem criar o seu próprio entendimento destes conceitos. A antropologia, a sociologia, a geografia, a história, psicologia encampam estas idéias dentro de seus domínios.

O termo “cultura”, tal como se emprega em estudos científicos, não porta nenhum dos tons secundários de avaliação que lhe estão ligados no uso popular. Refere-se ao modo de vida total de qualquer sociedade, não simplesmente àquelas partes desse modo, que a sociedade encara como mais altas o mais desejáveis. Assim, cultura, quando aplicada ao nosso próprio modo de vida, nada tem que ver com tocar piano ou ler Browning. Para o cientista social tais atividades são simplesmente elementos dentro da totalidade de nossa cultura. Esta totalidade também inclui atividades mundanas, tais como lavar pratos ou dirigir um automóvel e, para os propósitos de

estudos culturais, ficam elas de par com “as mais belas coisas da vida”. [LINTON 1973:42]

Cultura, cultura popular, de elite, de massa são elementos componentes de um mesmo fluxo de, ao mesmo tempo, processo de criação e recriação do homem e de esteira de conflitos sociais.

...gostaria de lhes contar sobre as dificuldades que tenho com o termo “popular”. Tenho quase tanta dificuldade com “popular” quanto tenho com “cultura”. Quando colocamos os dois termos juntos, as dificuldades podem se tornar tremendas. No decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores e dos pobres. Este fato deve constituir o ponto de partida para qualquer estudo, tanto da base da cultura popular quanto de suas transformações. As mudanças no equilíbrio e nas relações das forças sociais ao longo dessa história se revelam, freqüentemente, nas lutas em torno da cultura, tradições e formas de vida das classes populares. [HALL 2003:247]

Esta posição subjacente da expressão cultural popular e de realidades vivenciadas é que dá o tamanho de sua importância na constituição das amarras sociais. Está, portanto, em contraponto à dita cultura oficial e como aborda Milton Santos:

O efeito emprego do lazer não é exclusivo das formas organizadas e burocratizadas de uso do tempo livre, praticadas nas sociedades industriais e pelas camadas superiores e médias dos países menos desenvolvidos. Nestes, há também um lazer popular, rebelde às estatísticas, produzindo, de baixo para cima, formas ingênuas de distração coletiva, provindas do exercício banal da existência, criadas na emoção e geradoras de solidariedade e de trabalho. Sua espontaneidade é, na base da sociedade, a garantia de sua permanência, criatividade e renovação. [SANTOS 2000:34]

O que nos dias de hoje é dado como certo, o fato de que as nossas vidas sejam regradas pelo emprego e pelo empregador, não tem muita pertinência histórica.

Antes da indústria, não apenas os nobres não trabalhavam de fato, como até os operários e escravos se limitavam a trabalhar não mais de quatro ou cinco horas por dia. Os camponeses ficavam inativos muitos meses por ano. Um número enorme de festas – pagãs primeiro e depois cristãs – encarregava-se de preencher os espaços de tempo sem trabalho. [DE MASI 2001:13]

Existe uma discussão profunda sobre a origem do conceito de lazer e a sua relação com o cotidiano do homem.

Em Atenas a vida cotidiana era feita de pequenas coisas primitivas e mais do que simples e, em vez de multiplicar ou melhorar o objeto de todo dia, os gregos se exercitaram na arte de contentar-se com os poucos móveis essenciais e vaguear em espírito para além dos apertos materiais. Homens capazes de criar obras-primas de arte até hoje incomparáveis ou de elaborar sistemas filosóficos que continuam sendo a base da nossa cultura, descuidaram do próprio bem-estar material, tratando-o quase com desprezo. (...) Quase tudo o que havia para fazer na vida cotidiana, na Grécia como em Roma, era confiado aos cuidados dos metecos e ao esforço dos escravos. Os metecos eram estrangeiros livres, residentes na cidade, com poucas limitações políticas e a possibilidade (fundamental na sociedade helênica) de fruir do ensino e dos espetáculos. [DE MASI 2001:78/79]

Dumazedier [1999:26] identifica no lazer uma concepção de caráter moderno, não sendo aplicado aos períodos antigos e medieval. O trabalho se justapõe aos eventos naturais, às estações do ano.

É intenso durante a boa estação, e esmorece durante a estação má. (...) Estes ciclos naturais são marcados por uma sucessão de domingos e festas. O Domingo pertence ao culto. (...) Os festejos são indissociáveis das cerimônias; dependem geralmente do culto, não do lazer. (...) Não falaremos então de tempo liberado, muito menos de lazer, mas de tempo desocupado.

Com a Revolução Industrial, cria-se uma clara divisão entre o tempo livre (muito pouco) e o de trabalho (demasiado). O trabalhador passa a ter um caráter ainda mais profundamente utilitário do que os escravos, pois eram vistos não como atenuantes da vida cotidiana e sim como recursos disponibilizados para a geração de riqueza.

O modo de produção industrial determinou formas de convivência profundamente diferentes das precedentes. Aprofundou-se com ele o divisor de águas entre tempo livre e tempo de trabalho; o período de vida profissional ficou assim dividido em três partes: a fase juvenil, de aprendizado; a madura, de produção; e a senil, de aposentadoria. [DE MASI 2001:209]

Dumazedier [1999:88/91] procura levantar as conceitualizações em torno do lazer, primeiro não como um comportamento definido social e sim como um estilo de comportamento; segundo, o lazer como meramente oposição ao trabalho; terceiro, excluindo do lazer as atividades doméstico-familiares, criando uma dupla limitação; e

por último, e talvez mais importante, o lazer como o tempo orientado à realização pessoal como fim último.

Já na relação com o trabalho, o lazer, ou a utilização do tempo livre, tem sido modificada de acordo com o tipo de relação entre os detentores do poder, estado, igreja, capital e os ofertantes da força de trabalho.

A idéia de descanso como prêmio ao trabalho está presente nas mais remotas civilizações e, certamente, em todas as concepções religiosas. Na época clássica, Aristóteles observava que o skholé (lazer, descanso) constituía um ideal de vida espiritual e uma antítese do trabalho. “A felicidade completa consiste igualmente no ócio” [Ética a Nicômaco Vol 10, cap. 7]. Nos tempos medievais, as interpretações cristãs de Aristóteles atribuíram uma índole sagrada à contemplação, à sabedoria e à beleza que deveriam ser cultivadas pelos monges dentro dos mosteiros. Nesse ambiente o trabalho manual só era permitido depois da quietude alcançada pela contemplação da divindade. Nesse mesmo período também os nobres de todas as hierarquias desfrutavam do lazer, enquanto seus servos trabalhavam no campo ou eram obrigados, em épocas de guerra, a incorporar-se às tropas de seus senhores. [ORTEGA 1990:165]

Mas, será o lazer um conceito moderno ou pós-moderno?

As preocupações com o lazer, a partir da década de 80, começam também a timidamente fazer parte de forma mais estruturada de programas governamentais. Além de tímidas, observa-se uma constante incompreensão teórica ao redor da temática, com sua dissociação do âmbito da cultura e sua associação direta e linear ao esporte. De forma equivocada, não é incomum a existência de diferentes secretarias para “Cultura” e para o “Esporte e Lazer”, que, aliás, invariavelmente recebem menos verbas, já que ainda são consideradas de menor valor, como se fosse possível estabelecer rigidamente uma hierarquia de necessidades humanas. Mesmo entre os governos vinculados ao campo da esquerda pode-se identificar esse tipo de problema, embora experiências alvissareiras já possam também ser observadas. [MELO 2003:22]

Melo faz uma extensa análise sobre a obra do historiador Edward P. Thompson e seus estudos relacionando conflitos sociais e cultura.

... o autor apresenta o que considero uma fértil possibilidade de pensar os momentos de lazer, sempre com base nas lutas simbólicas que se estabelecem, sempre de acordo com a tensão entre resistência e contra-resistência. Mesmo nos dias de hoje, com a forte ação da indústria cultural, essa não é suficiente para destruir definitivamente as formas de diversão popular, tanto pela eliminação/restricção direta quanto pela distorção de seus sentidos originais. Thompson recupera, na verdade, a compreensão de que houve um processo de “circularidade cultural”. Existe um processo constante e tenso de mútua (e múltipla) influência entre dominados e dominadores. [MELO 2003:49]

Podemos, portanto, compreender que toda cultura seja uma cultura de resistência ou de dominação.

No universo capitalista e global, a cultura, o lazer agrupados ao turismo e à informação, gerou o campo do entretenimento que se constitui num dos setores econômicos que mais crescem no mundo. Ao mesmo tempo, provindas dos mais variados locais, começam a aflorar novas concepções de relações econômicas baseadas na solidariedade e na cooperação entre os agentes econômicos.

Nesta condição, a cultura e o lazer se apresentam como fortes fatores de geração de uma nova amarra social, diminuindo as diferenças e ampliando as oportunidades de transformação nas condições de vida dos excluídos.

2.2 – Cultura como Meio

Segundo Hoebel e Frost [2003:4], *cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de herança biológica*. Este sistema integrado de padrões de comportamento define os níveis de interações políticas permitidos dentro desta sociedade. E como política pode ser vista como o processo de estruturação do poder, podemos concluir que cultura é mecanismo de estabilização de poder, por definir as diferenças entre os extratos sociais e os mecanismos de libertação ou de dominação. Saber a língua do país visitante ou adotado é vital para a sobrevivência de um imigrante ao mesmo tempo que o domínio da escrita possibilita que o acesso às informações seja um processo de participação política. O homem, a medida em que desenvolve seus processos culturais, altera o ambiente em que vive. Este espaço de conformidades e redesenhos culturais acaba por constituir o espaço urbano de convivências sociais de desenvolvimentos econômicos e lutas políticas.

2.2.1 – Transformação Política

Quando procuramos analisar historicamente uma sociedade antiga, encontramos nas suas expressões artísticas mais informações do que nos documentos factuais. O artista é o cronista de seu tempo, de seu povo. É o comentarista de sua realidade vivida. E esta expressão existe em vários níveis: religioso, político, social. A expressão artística contribui para a construção e afirmação da identidade das sociedades e, mesmo quando trespassadas por influências culturais de sociedades estranhas, ainda assim procura dar um sabor local a este tipo de expressão. Afinal, o *hip hop* pode ter surgido nos Estados Unidos, mas cada país o absorve e lhe dá a sua leitura própria. No Brasil adquire função de porta voz de uma raiva das periferias contra o sistema opressor e de denúncia da realidade dos guetos; em Cuba da expressão de uma identidade e orgulho nacionais; na França da aceitação das diferenças e da luta contra o preconceito.

E ao falar de arte e cultura, podemos falar de dominação do poder de exercer ou de negar o exercício das expressividades

Ora, sempre houve numa determinada época um grupo dominante. A arte do país variará segundo predomine este ou aquele grupo. A literatura liberal de princípios do século XVIII, por exemplo, cujos grandes representantes na França são Montesquieu e Voltaire, está ligada à influência preponderante da qual gozavam então a burguesia e a nobreza de toga. Ao contrário, quando a uma antiga classe social se substitui uma nova, quando há circulação das elites, então efetua-se uma dança dos gostos e uma metamorfose da arte. [BASTIDE 1979:98]

Despimos o português ao nos apoderarmos dos signos mercadológicos e vemos as placas do comércio do Jardim São Luís, em que o idioma do nosso novo “descobridor” atual é antropofagizado *à la carte*: “Choping Center das Carnes”, “Lojas A Moda Féshion”, “Central Istori”, fazem a reconstrução deglutida de Tio Sam. Multiculturalismo versus homogeneização cultural: mas como é possível uma cultura nacional se as fronteiras do nacional se quebram? Ou serão os estados que se desintegram em contrapartida do fortalecimento de sentimentos nacionais?

Identidade cultural e consciência política são elementos constitutivos de qualquer processo democrático de desenvolvimento de uma sociedade:

É relevante a formação de uma cultura política, no sentido de constituir um espaço de renovação das identidades culturais, que emergem das comunidades. O Estado pode contribuir para a interação dos sujeitos comunitários, criando condições favoráveis para o desenvolvimento dessas práticas. A implementação de políticas de potencialização artísticas pode ajudar no enfrentamento das desigualdades socioculturais existentes, viabilizando e permitindo a difusão e socialização da arte, através da construção de novas formas de expressão, com as quais concorre a produção do conhecimento. [MARTINS 2003:36]

2.2.2 – Transformação Social

Algures entre os anos de 1755 e 1757, o filósofo e matemático francês Jean d’Alembert escreveu um texto para a “Encyclopédie” sobre a cidade de Genebra em que, entre outras considerações, lamentava a ausência de teatro naquela cidade. Em seu entender, tal resultaria da natureza calvinista e ascética de Genebra e dos seus habitantes. O texto suscitou a reação de Jean-Jacques Rousseau que, em outubro de 1758, fez surgir a sua famosa “Lettre à Mr. D’Alembert”, a quem acusava de soçobrar ao espírito cosmopolita da época, cujos valores, argumentava, reduziam a “delicadeza dos sentimentos” e corrompiam a honestidade dos sujeitos [Rousseau, 1948].

O que vemos em Rousseau é que a sua crítica veemente às artes se dá por conta de dois elementos: de seu profundo desagravo à relação da época entre artistas e artesãos e as cortes e burguesias, pois para Rousseau estas “artes” estariam ligadas ao luxo, ao ócio e à vaidade; por outro lado, a arte como espetáculo traria a desarticulação da sociedade e o abandono da busca pela virtude. Apesar de períodos históricos e estruturas de pensamentos completamente diferentes, poderíamos comparar o discurso de Rousseau às ações da Internacional Situacionista encabeçada por Debord. A severa crítica à sociedade do espetáculo está nas duas condições, na humanista e na marxista.

Rousseau via o espetáculo em geral, e o teatro em particular, como perversos fatores de corrupção e de subordinação dos homens à frivolidade e ao divertimento, capazes de os fazerem perder o sentido de virtude coletiva (...) Aos olhos de Rousseau, ao deslocarem a atenção dos sujeitos da vida real, o espetáculo e o teatro, tido como “antro de obscuridade”, semeiam o tédio e a “inação insuportável”, pelo que apenas sujeitos “descontentes consigo próprios” podem sentir necessidade de um tal “divertimento estrangeiro”. [FORTUNA & SILVA 2002:419/420]

Com o desenvolvimento dos processos de urbanização (o qual abordaremos ao tratarmos das transformações do espaço), a dimensão do universo cultural popular serve como profundo referencial para a leitura das relações sociais. Neste ponto podemos identificar que o *popular insere-se na dinâmica urbana – pelas transformações da vida no trabalho, identificação das ofertas culturais nos meios massivos, progresso dos serviços públicos, resistência à mudança – a partir da*

incerta relação com o Estado, da distância frente ao desenvolvimento tecnológico, da persistência de elementos que procedem da cultura oral, da manutenção de formas populares de transmissão do saber, da (re)funcionalização do machismo como chave de sobrevivência e dos usos práticos da religião. [MARTÍN-BARBERO 1997:209]

E. P. Thompson, como nos relembra Martín-Barbero, desenhou um amplo painel das relações históricas entre o trabalho, economia e a cultura popular:

Retomando E. P. Thompson podemos falar da memória de uma economia moral que, partindo do mundo popular, atravessa a modernização e se torna visível pelo sentido da festa que – da celebração familiar do batismo ou da morte, ao festival do bairro – integra sabores culturais e saberes de classe, transações com a indústria cultural e afirmações étnicas. Ou, então, falemos dessa outra vivência no trabalho subjacente à chamada economia informal na qual se recorre ao jeitinho como estratégia de sobrevivência marginal incentivada ou consentida a partir da própria política neoliberal; nela, os setores populares ainda resistem a uma organização do trabalho incompatível com certa percepção de tempo, certo sentido de liberdade e valor familiar; uma outra economia que afirma que nem todo o descompasso em relação à modernidade é pura anacronia; pode ser também resíduo, não integrado, de uma utopia ainda obstinada. [1997:209]

Um ponto importante da análise da cultura popular é que ela pode ser encarada como uma resposta imediata das sociedades às condições em que vivem. Se uma determinada elite provoca um impacto em algum aspecto da vida das classes populares prontamente ela tem uma resposta, seja em forma de piadas ou de manifestações contrárias. Se um político “pisa na bola”, logo irá ser motivo de vasto repertório anedótico ou de canções de artistas que falam esta linguagem. Para se compreender as relações que suportam a sua formação faz-se necessário ter em mente que, na verdade, a primeira forma profunda de organização da cultura é, nesse sentido, a própria percepção social da cultura.

A cultura popular é plural, e seria talvez mais adequado falarmos em culturas populares. (...) A memória de um fato folclórico existe enquanto tradição, e se encarna no grupo social que a suporta. É através das sucessivas apresentações teatrais que ela é realimentada. Isto significa que os grupos folclóricos encenam uma peça de enredo único que constitui sua memória coletiva; a tradição é mantida pelo esforço de celebrações sucessivas, como no caso dos ritos afro-brasileiros. [ORTIZ 2003:134]

Quando se aborda o tema do significado de cultura brasileira, algo que sempre vem à tona é a diferenciação entre o que se chama cultura popular, erudita,

de massa, sendo que existe um direcionamento por classe social nesta classificação, mas o *que estas perspectivas não conseguem perceber é a dinâmica que existe entre as classes sociais no processo de produção cultural. Assim, em certos momentos, o que é considerado cultura brasileira é a apropriação e reelaboração por parte de nossas classes dominantes de traços culturais gerados nas metrópoles que são tidos como os únicos dignos de serem adotados pelas elites. O processo inverso é representado pela valorização daquilo que seria mais autenticamente brasileiro, o que pode ser detectado desde o século passado.* [OLIVEN 1990:125]

E em termos de cultura popular fica mais complicado quando procuramos entender o universo da cultura jovem urbana. Como podemos convencer um jovem de que o ato de pichação é menos nobre do que o grafite. E podemos ainda entender que hoje o grafite é uma atividade que perdeu o seu impulso original de ser uma forma de expressão da revolta juvenil urbana. O grafite está domesticado e a pichação tem um viés de personificação de identidades, não de denúncia de uma determinada realidade. Quem pode dizer, enfim, que isto ou aquilo tem a condição de arte é a classe que referencia, que pode se dar ao luxo de dar um carimbo de verdade cultural.

As distinções entre arte e não-arte, ou entre intenções e respostas estéticas e de outro tipo, bem como aquelas distinções mais flexíveis por meio das quais elementos de um processo, ou intenções e respostas, são encaradas, em casos concretos, como dominantes ou subordinados, podem então ser vistas como são historicamente: como formas sociais variáveis no interior das quais práticas relevantes são percebidas e organizadas. Assim, as distinções não são verdades eternas, ou categorias supra-históricas, mas elementos concretos de um tipo de organização social. [WILLIAMS 2000:129]

Do mesmo modo é o que podemos observar no que se refere à arte contemporânea, onde o conceitual identifica o valor artístico. Enquanto no final do século XIX os pintores modernos eram considerados escandalosos, hoje são os termos do mercado. São considerados clássicos. Os carimbos acabam por ser empunhados pelas elites que dominam os mercados de arte.

O interessante é que essas distinções são feitas, com mais nitidez e de maneira mais segura, em sociedades mais ou menos complexas e com alto grau de especialização. Na verdade, há muita evidência indicativa de que se buscam de maneira mais ativa as

distinções em períodos de secularização crescente, quando se afrouxou ou se perdeu o hábito de, em última instância, relacionar todas as práticas a alguma fé e objetivo fundamental. Mas as formas das distinções, que são também sempre ênfase de importância, estão de fato disseminadas em muitas ordens sociais diversas. Na verdade, a primeira forma profunda da organização da arte é, nesse sentido, a própria percepção social da arte. [WILLIAMS 2000:129]

Enquanto que, nos anos setenta e oitenta, as ações de afirmação social consideravam a cultura com mero suporte de ação política, hoje estas ações começam a ser mediadas pela sociedade civil com uma caracterização de identidade social.

Diante das propostas que orientaram o pensamento das esquerdas até meados dos anos 1970 – organização excludente do proletariado, a política como totalização, a denúncia sobre o engodo parlamentar burguês –, começa a se formar nos últimos anos um outro projeto estreitamente relacionado com a redescoberta do popular, ou seja, com o novo sentido que essa noção hoje adquire: revalorização das articulações e mediações da sociedade civil, sentido social dos conflitos para além de sua formulação e síntese política, reconhecimento de experiências coletivas não enquadradas nas formas partidárias. [MARTÍN-BARBERO 2003:296]

E a sociedade civil utiliza-se de outras ferramentas diferentes daquelas utilizadas pelos movimentos dos anos 70 e 80. Agora entram em ação os processos comunicacionais como afirmação das culturas populares. Daí a importância de se criar nestas comunidades, organismos que promovam a relação e difusão das identidades. Jornais, rádios e TVs comunitárias têm esta função.

A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam “representações coletivas”, “consciência coletiva”, “imaginário coletivo”. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade e dirigem os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. Assim, a cultura não é nem “superestrutura” nem “infra-estrutura”, sendo estes termos impróprios numa organização recursiva onde o que é produzido e gerado se torna produtor e gerador daquilo que o produz ou gera. Cultura e sociedade encontram-se em relação geradora mútua, e, nesta relação, não esqueçamos as interações entre indivíduos, que são eles próprios portadores/transmissores de cultura; estas interações regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura. [MORIN 1992:17]

Sendo a exclusão cultural um dos piores tipos de exclusão social, ela deve ser eleita como um dos pilares de qualquer processo de renovação democrática. Durante este processo de pesquisa pudemos observar o quanto, na prática, as

manifestações culturais contribuem para a transformação destes jovens, pois o *domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade.* [FREIRE 1981:66]

Quanto à possibilidade de cultura ser um elemento libertador, é necessária um certa dose de cuidado devido à duplicidade de papéis culturais. Anthony Giddens [apud MATTELART & MATTELART 1999: 139], ao abordar a dualidade instrumental da estruturalidade social, entende que *as propriedades estruturais dos sistemas sociais são ao mesmo tempo o meio e o resultado que eles organizam de maneira recursiva. O estrutural não é “externo” aos agentes: enquanto traços mnésicos e enquanto atualizado nas práticas sociais, ele é, no sentido durkheimiano, mais “interno” que externo a suas atividades. O estrutural não é apenas limitação, ele é, ao mesmo tempo, limitante e habilitador. Isso não impede que as propriedades estruturadas dos sistemas sociais se estendam, no tempo e no espaço, para muito além do controle que cada ator pode exercer sobre elas.* Utilizando este pensamento sobre uma configuração estrutural da cultura, podemos deduzir que se esta limita, condiciona, identifica, separa, conflita, mas também configura e possibilita um bom nível de liberdade aos seus atores locais.

2.2.3 – Transformação do Espaço

Vila Carioca, Vila Edna, Vila Sônia, Vila Liviero, Vila Arapuá, Vila São José, Vila Natália, Vila Nair, Vila Medeiros, Vila Santo Antônio. São Paulo é um constante de Vilas. Espaços de vida periférica onde mora o perigo, onde persiste a pobreza, onde se despeja o descaso, onde sobrevive a cultura brasileira, feita de pandeiro, gingado e teimosia. Vilas que são uma grande Vila Brasileira. [FRANCISCO 2003:98]

Talvez os elementos mais visíveis das transformações culturais, vistas como as modificações que o homem realiza na natureza, sejam as alterações produzidas no espaço. A arquitetura é a mais indiscreta das intervenções humanas na natureza, chegando ao exagero da Muralha da China, a única construção humana que pode ser vista da Lua a olho nu. Mas onde arquitetura mostra realmente a sua dimensão é na elaboração e criação das cidades modernas, dos espaços urbanos, este estilo de vida social que o homem vê surgir com a modernidade e explodir com a pós-modernidade.

Queremos partir do princípio de que a cultura, nas suas mais diversas concepções e manifestações, tem uma espacialidade própria. Desde logo, num sentido físico mais restrito, a espacialidade da cultura diz respeito aos lugares e equipamentos especializados, sejam eles teatros, auditórios, museus ou galerias, onde se experimentam atos estéticos de criação artística. Mas a espacialidade da cultura é também e sobretudo uma espacialidade social e política mais ampla. Quando(...) falamos de cultura urbana e global, ou de terceiras culturas, ou de espaços públicos ou privados, referimo-nos tanto a modalidades de relacionamento social como a expressões artísticas ou a formas de comunicação social específicas. É esta contextualização da ação social que remete para o sentido amplo da espacialização da cultura que (...) estipula os termos da reflexão sobre as condições em que a cultura surge transformada em ingrediente de renovação potencial da vida social nas cidades contemporâneas. [FORTUNA & SILVA 2002:420/421]

Sobre o papel do artista e a necessidade de sua intervenção no espaço urbano, recriando este e propondo novas formas investigativas de trazer à tona o que seja local, o que seja próprio da cultura latente nas comunidades e de dialogar com seu *background*, Argan [1995:220] lembra que a *necessidade desta transformação das artes visuais em urbanismo, em visualização do espaço urbano, foi proposta, foi até teorizada, partindo sempre do pressuposto tão civil quanto impopular de que também o trabalho do artista é um serviço social e a posição apartada ou privilegiada do gênio já é decididamente estéril e inatual.*

E este artista que se aproxima de sua comunidade é antes de tudo um comunicador, pois é o elemento que estabelece um diálogo entre as tradições e o seu conhecimento adquirido para propor uma intervenção neste meio:

O artista contemporâneo está a caminho de um diálogo mais próximo com seu público. Uma arte que vem brotando da rua para a rua, vem dialogando com a cidade, vem operando na brecha, entre arte e vida, corpo e imagem, local e global. Uma arte como forma de comunicação sensorial, menos comprometida com interpretações intelectuais. Com um lugar para o espectador, que é convidado a interagir pelas sensações táteis, corporais, térmicas, os odores, paladares. E o espaço onde a obra é construída é também um espaço reconstruído. As performances da arte contemporânea oferecem ao espectador múltiplas possibilidades de apreensão, não apenas a retiniana e bidimensional. [ALMEIDA 2003:136]

A globalização, malgrado seus malefícios, trouxe a oportunidade da revelação do espaço local. Ao agirmos localmente e pensarmos globalmente, temos que intervir culturalmente.

Como a especificidade e a identidade de cada povo se encontram fortemente ancoradas na imagem e na cultura local, é principalmente através da cultura que se

supõe que as cidades possam se individualizar, acentuando suas identidades e marcando seu lugar no panorama mundial. [VAZ & JACQUES 2003:132]

Podemos entender este novo processo de reordenamento mundial pelo local, por tratar-se *da idéia de que o processo de globalização acarreta necessariamente um fortalecimento de culturas locais, populares, principalmente daquelas que são excluídas deste processo, provocando movimentos de afirmação de identidades locais, em termos culturais mas também religiosos ou étnicos. [VAZ & JACQUES 2003:133]*

A novidade que estas transformações trouxe foi a do espaço da multiculturalidade. Principalmente nas grandes cidades, com os movimentos migratórios que tem ocorrido por razões diferentes das do século passado, o que vemos é a integração de culturas as mais variadas, com umas absorvendo outras e mesmo assim se preservando como identidade, ou até mesmo criando novas identidades.

A globalização atual de mercados culturais não quer dizer necessariamente uma globalização da cultura, no sentido nobre e completo do termo. Felizmente a humanidade continua sendo uma máquina de produzir diferenças e, se por um lado, a globalização uniformiza os mercados culturais, por outro lado, ela causa a exclusão de uma grande parte da população mundial desses mesmos mercados e, assim, acaba indiretamente fomentando diferenças culturais e identidades próprias localizadas. [VAZ & JACQUES 2003:133]

Assim como cultura é um produto, é também um processo de desenvolvimento de identidades sociais.

Talvez uma das chaves da questão hoje seja pensar o sentido global do lugar, explorar positivamente a globalização para se valorizar o local através do global. No nosso caso, isso significa aproveitar-se da “moda” de utilização da cultura para revitalizar o espaço urbano, como meio de democratizar-se a cultura, facilitando o acesso à cultura erudita e ao mesmo tempo valorizando a cultura popular. Ao invés do que ocorre hoje, ou seja, um processo de gentrificação urbana e ao mesmo tempo cultural, não só de apropriação do espaço urbano (...) mas também pela criação de espaços e equipamentos culturais excludentes, por que não se apropriar do recurso da utilização da cultura para se criar espaços de inclusão social através da participação da população? [VAZ & JACQUES 2003:133]

Dizemos que a praça é do povo porque a praça é o espaço não segmentado, aberto à cotidianidade e ao teatro, mas um teatro sem distinção de atores e espectadores.(...) O carnaval é aquele tempo em que a linguagem da praça alcança

o seu paroxismo, ou seja, sua plenitude, a afirmação do corpo do povo, do corpo-povo e seu humor. Isso é o cômico antes de se converter em "gênero menor": a paródia feita corpo, carnaval. Com seus dois dispositivos fundamentais no riso e na máscara. [MARTÍN-BARBERO 2003:105/106] E neste momento Danuza Leão ² fotografa o carnaval de rua, o da tradição do carnaval popular que faz o cordão do Bola Preta atravessar 86 anos com o mesmo propósito, afugentar a opressão.

A criatividade popular é infinita. As fantasias não eram nada, praticamente: uma fitinha na cabeça com o nome do bloco, uma peruca de ráfia, um homem de minissaia e batom, outros de touca de bebê e chupeta na boca, tudo simplesinho, todos com uma latinha de cerveja na mão - isso às 9h da manhã. Carnaval popular tem a ver com a apropriação do espaço urbano da rua, e é chamado por isto justamente de carnaval de rua. Talvez a alegria e a espontaneidade do bloco tenham a ver com a liberdade; o Bola Preta não tem patrocínio, não obriga os carnavalescos a usar a mesma camiseta, ninguém pretende se exibir para arrasar na imprensa, ninguém faz lipo nem põe silicone para o Carnaval, as músicas são aquelas antigas que todo mundo conhece, e não é preciso ter boas relações para ganhar uma credencial e ter o direito de se divertir. O Bola Preta é a verdadeira democracia. E se o carnaval é popular, apesar da obviedade, o carnaval é do povo e por tanto deve ser democrático e não privativo de uma classe social. Em muitos espaços, as atividades carnavalescas estão sendo negadas às pessoas de classes sociais não favorecidas. O sambódromo tem ingresso caro, os bailes de clube sempre foram excludentes e elitistas, as "abadás" do carnaval bahiano são reservados para turistas e as escolas de samba preferem dar vez às personalidades televisivas. Ao primeiro repique da bateria, a multidão espocou cerveja na avenida como se fosse champanhe, e cantou o hino do bloco: "Quem não chora não mama, segura meu bem, a chupeta". Foi um delírio: além de sambar, estavam todos rindo, felizes, como se não tivessem um só problema na vida. O comércio informal de camisinhas faturou alto - claro; depois de um momento tão cívico - com todo o respeito - ninguém costuma voltar para casa sozinho. Porque todo mundo sabe que "lugar quente é na cama e no Cordão do Bola Preta". E carnaval é riso e exposição carnal.

² São Paulo, domingo, 06 de fevereiro de 2005, Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano

Esta relação entre o público e o privado no espírito do carnaval está bem anotada no estudo de Roberto da Matta em Carnavais, Malandros e Heróis, onde a divisão entre casa e rua se constitui o ponto de partida para o entendimento da formação cultural brasileira. Outra contribuição importante é a de Nelson Saldanha [1993] que analisa a dicotomia público/privado a partir da inter-relação social entre jardim e praça.

Sobre a relação entre espaços e cultura, é necessário comentar sobre a importância das escolas de samba, manifestações culturais extremamente vinculadas a comunidades locais. Sua existência, inclusive, seria praticamente inviável sem o aporte dos laços sociais envolvidos no projeto da escola. Ela representa, por isto, a comunidade e seus valores perante a sociedade.

No Brasil podemos identificar que uma das raízes de nossas instituições e de nossos problemas esteja na forma como diferenciamos o público e o privado. Portanto, para se *refletir sobre a complexidade das relações urbanas toma o espaço urbano, num primeiro momento, como um lugar de exercício das ações individuais limitadas às correspondências dessas ações com as intervenções públicas, destacando-se, no caso do Brasil, a avassaladora dependência que a esfera privada tem da esfera pública, responsável pela ditadura do público sobre as ações individuais, o que tem como consequência a eliminação de qualquer limite ou obstáculo à manutenção dos valores íntimos dos indivíduos e, como segundo destaque, a idealização do espaço urbano como um conjunto dissociado de relações entre o dentro e o fora. Explicando melhor, pensa-se, no Brasil, o espaço urbano por oposição ao espaço rural e pela separação entre o interior da casa e o espaço externo da rua. O resultado mais perverso desta dicotomia é a interiorização, no imaginário das populações que habitam esses lugares, da idéia de que a cidade pertence ao governo e não que é produto dessas relações, desses fazeres.* [RODRIGUES 1996:56]

2.3 – Cultura como Fim

A atribuição de cultura como produto, como direito de fruição, com o caráter de lazer ou meramente como o fazer cultural atribui a necessidade de uma estrutura de trocas econômicas e sociais. A existência de uma indústria cultural e de consumidores de cultura determina a formação do círculo perfeito de um mercado constituído.

2.3.1 – Indústria Cultural

À crítica da indústria cultural hoje em dia não mais interessa saber se a sua existência é necessária. O que se pretende é, além da identificação dos mecanismos de controle e exploração, traçar um painel das inter-relações ocorridas entre os componentes culturais, econômicos e sociais em que esta indústria se desloca e seus impactos.

Por outro lado, entender o que seja indústria cultural no século XXI é muito mais complexo do que ao tempo de Adorno, quando este segmento começava a se estruturar e a se entender como indústria. Na sociedade em rede, o termo indústria cultural perde o seu sentido original com o advento da indústria do entretenimento, incorporando todos os componentes comunicacionais a sua estrutura. Portanto, seguindo o raciocínio, tudo o que se comunica transforma-se imediatamente em entretenimento.

Quando Paul Weller, vocalista da banda The Jam, com a clareza de seus 20 anos cantava “THAT'S ENTERTAINMENT”³, uma colagem de imagens, falava da agonia do cotidiano urbano e de como as pessoas procuram válvulas de escape nos produtos que a indústria do entretenimento oferece e de como esta mesma indústria procura grande parte de sua matéria-prima no próprio cotidiano

*A police car and a screaming siren
Pneumatic drill and ripped-up concrete
A baby wailing, stray dog howling
A screech of brakes, a lamp light blinking*

³ Originally released in 1980 by Polygram

That's entertainment
That's entertainment

Waking up at 6 A.M. on a cool warm morning
Opening the windows and breathing in petrol
An amateur band rehearse in a nearby yard
Watching the telly and thinking 'bout your holidays

That's entertainment
That's entertainment

Portanto, como veremos mais adiante, hoje em dia, existe pouca divisão entre o artístico e o utilitário e o termo estética se dissolve em tudo que possa ser transformado em produto, ou seja, praticamente tudo. Depende apenas de um *layout* bem trabalhado.

O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades (de roupas a aviões), com um ritmo de turn over cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo. [JAMESON 2004:30]

E este caráter de produção estética volta-se até para o próprio corpo humano, com cirurgias e tratamentos que prometem um novo eu. Isto que a indústria genética ainda não pode propor, com as tecnologias atuais, um novo eu que seja totalmente diferente de você. E, com o culto às personalidades instantâneas, o corpo se torna realmente um produto que precisa de todo o suporte desta indústria da manufatura corpórea.

O fenômeno dos *reality shows* demonstra que hoje em dia a operação de homogeneização cultural que se alastra pelo mundo tem cada vez menos caráter de colonização e dominação e muito mais de estratégia dos processos de produção, distribuição e comercialização de mercadorias que as corporações criam.

A questão que se coloca é a do sentido do conceito de cultura: o esvaziamento do seu caráter identitário, das diferenças e singularidades da “cultura-étnica”, mas também dos valores (supostamente universais) da “cultura-estética”, em prol do mercantilismo da “cultura-econômica”. Esta cultura globalizada seria como um simulacro vazio do próprio conceito de cultura, uma cultura virtual, pura representação e imagem de si mesma. [VAZ & JACQUES 2003:130]

Uma espessa malha de conexões que, para gerar valor, precisa de estruturas interligadas e padronizadas no desenvolvimento de seus processos que, deste modo, passam a falar a mesma língua. Com a globalização foram retirados quase todos os entraves para o livre comércio, pelo menos em algumas direções do fluxo. Ora, se cultura, ou seja, entretenimento, indústria de comunicação, podem, em todos os sentidos, ser considerados produtos/serviços, a sua homogeneização, a par de todos os outros setores, também viria a facilitar a livre circulação de seus valores e capitais correspondentes.

*Se o principal efeito da mídia, no final do século XX, foi ter transformado quase tudo que era noticiado em entretenimento, o efeito secundário e basicamente mais significativo foi forçar quase tudo a se transformar em entretenimento, para atrair a atenção da mídia. Em *The Image*, Daniel Boorstin cunhou o termo “pseudo-evento” para descrever aquilo que os serviços de relações públicas criavam para conseguir espaço nos veículos de comunicação. Pré-estréias de filmes, lançamentos de livros, coletivas à imprensa, viagens em balão, patrocínio de competições esportivas, premiações, passeatas e greves de fome, para citar apenas alguns exemplos, eram pseudo-eventos, ocasiões sintéticas, fabricadas, que não teriam existido se não houvesse pessoas em busca de publicidade e uma mídia em busca de algo para encher seus espaços, de preferência alguma coisa capaz de entreter. [GABLER 1999:96]*

Ao mesmo tempo, tanto as transformações globais no geral, como as específicas do setor de comunicações e entretenimento, a existência de um mercado que possibilite também as trocas culturais, além das econômicas, possibilita o surgimento do fenômeno do multiculturalismo.

Para podermos entender a dimensão da complexidade que as inter-relações culturais atingem na virada do século, precisamos entender as condições históricas em que Adorno analisa as modificações que a cultura passa a sofrer com o advento do capitalismo e do surgimento da indústria cultural:

A modificação da função da música atinge os próprios fundamentos da relação entre arte e sociedade. Quanto mais inexoravelmente o princípio do valor de troca subtrai aos homens os valores de uso, tanto mais impenetravelmente se mascara o próprio valor de troca como objeto de prazer. [ADORNO 1980:173]

O que Adorno não teria condição de imaginar é que as condições de superestrutura são subvertidas pela apropriação do público dos produtos culturais e não de apenas ser meros consumidores passivos, além da necessidade da indústria

de estabelecer uma relação com este público para a sua própria sobrevivência. Isto equívale a dizer que a cultura, seja ela de massa, popular ou de elite, se estas subdivisões ainda podem ser utilizadas, estabelece um caráter de extrema simbiose dinâmica entre os vários participantes, produtores, intermediários, distribuidores e, claro, público consumidor, mesmo que estas denominações não sejam categorizações fixas. E por ser a leitura de Adorno uma leitura marxista, acaba deixando escapar certas sutilezas fabricadas pela pós-modernidade

O mais surpreendente, contudo, no caso da indústria cultural a partir da segunda metade do século XX é a rapidez com que seus valores, estratégias e estruturas se espalharam para além do núcleo de sua formação original, que estaria na Europa e nos Estados Unidos. Podemos dizer que a origem da indústria cultural é paralela à criação e ao desenvolvimento do “American way of life” ao ponto deles até se confundirem. A própria cultura Pós-moderna (da qual a indústria cultural é a principal amostra) tem suas raízes nessa afirmação de valores e ideais americanos. Por um lado (como numa clássica abordagem frankfurtiana marxista) essa hegemonia americana pode ser interpretada coma a versão contemporânea do imperialismo tradicional de séculos passados, estendido de maneira implacável sobre a cultura. [PRYSTHON 2003:68]

Martín-Barbero procura identificar o ponto de partida para a compreensão do conceito de indústria cultural em Adorno/Horkheimer:

Parte-se do sofisma que representa a idéia de “caos cultural” – essa perda do centro e conseguinte dispersão e diversificação dos níveis das experiências culturais descobertas e descritas pelos teóricos da sociedade de massa – e afirma-se a existência de um sistema que regula, dado que a produz, a aparente dispersão. [MARTÍN-BARBERO 2003:77]

E Borelli procura mapear historicamente as condições em que esta negação de um mundo muito diferente daquele do século XIX surge:

A construção da teoria crítica da sociedade moderna passa, para os frankfurtianos, pela rejeição da cultura de massa como cultura, pela afirmação do conceito de indústria cultural e pela constatação da impossibilidade de existência de tradições, cultura popular, obra de arte e espaço para o autêntico no mundo moderno. Para Theodor W. Adorno, por exemplo, a sociedade moderna está permeada de falseamento ideológico intrínseco que impede o surgimento de manifestações de originalidade, criatividade e atividade – no pleno sentido da ação realizada por sujeitos ativos – e que impossibilita qualquer forma de produção ou recepção culturais críticas. Assim sendo, a cultura de massa – ou indústria cultural, no sentido mais preciso do conceito frankfurtiano – produz mercadorias resultantes de processo de fabricação padronizado e homogeneizado no interior de uma sociedade onde “a ideologia é a sociedade como fenômeno”. (...) Em um mundo estilhaçado pela ameaça nazi-fascista, deturpado pela ascensão stalinista e projetado idilicamente nos espaços audiovisuais

– da já competente indústria cultural americana –, torna-se justificável o surgimento de uma interpretação cujo pressuposto estético é o da negatividade e cuja perspectiva analítica revela um inequívoco tom de desencantamento. Desencantamento resultante do diagnóstico da presença de uma sociedade fragmentada, descontínua e em processo acelerado de desagregação. [BORELLI 1996:28/29]

Já a abordagem de Walter Benjamin sobre a cultura foge deste mundo da modernidade e busca refúgio na descontinuidade dos processos culturais, comunicacionais e históricos:

Há uma rivalidade histórica entre as diversas formas da comunicação. Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila. [BENJAMIN 2000 :107]

Em sua obra “Rua de Mão Única”, Benjamin procura analisar o processo de urbanização e o surgimento do homem urbano por meio dos signos e modos de comunicação que se transformam com as modificações que a vida passa a ter com a instalação da modernidade.

Com “A obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica”, não por acaso uma das obras mais citadas do século XX, Benjamin inaugura uma nova forma de entender as relações entre arte, cultura, economia e sociedade. *Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. (...) Como o olho aprende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. [2000:166]* Benjamin compara a evolução que a litografia proporcionou ao jornal e do cinema com a invenção da captação do som. *A reprodução técnica do som iniciou-se no fim do século passado. Com ela, a reprodução técnica atingiu tal padrão de qualidade que*

ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas, como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos. [2000:167]

Aqui, Benjamin introduz um porém vital, de que, mesmo com a reprodutibilidade perfeita, está ausente a presença física da obra de arte, da experiência da sua contemplação, da identificação dos sinais do artista em sua obra. Aí está a perda da aura da obra de arte que a reprodutibilidade instaura na cultura e nas relações sociais.

E da perda da aura podemos traçar um paralelo com a concepção de duplo de Morin, em que, a partir da imagem provida pelas mídias, temos o momento em que as noções de realidade e de ficção começam a se tornar imbricadas.

Efetivamente, no encontro alucinatório da máxima subjetividade com a máxima objetividade, no lugar geométrico da máxima alienação e da máxima aspiração, encontra-se o “duplo”, imagem-espectro do homem. A tal ponto a imagem é projetada, alienada, objetivada, que se manifesta como ser ou espectro autônomo, estranho, dotado duma realidade absoluta. Esta realidade absoluta é ao mesmo tempo uma super-realidade absoluta: o duplo concentra em si, como se aí se realizassem, todas as aspirações do indivíduo e, em primeiro lugar, o seu anseio mais loucamente subjetivo: a imortalidade. [MORIN 1997:44]

A análise de Martín-Barbero do processo de construção de Walter Benjamin, procura olhar para o homem por trás do pensador, de suas relações, do estado de coisas reinante no período e do fato de que o investigador vivencia o seu próprio objeto de pesquisa como a si próprio. *A ruptura está no ponto de partida. Benjamin não investiga a partir de um lugar fixo, pois toma a realidade como algo descontínuo. (...) Essa dissolução do centro como método é o que explica seu interesse pelas margens, esses impulsos que trabalham as margens, seja em política ou em arte: Fourier e Baudelaire, as artes menores, os relatos, a fotografia. Daí o paradoxo. E apesar de ter sido acusado de ser fragmentário, foi exatamente Benjamin o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do “sensorium” dos modos de percepção, da experiência social. [2003:84]*

No entender de J. Martín-Barbero e Germán Rey [2001:36], *o rádio [e logicamente a TV] veio ritmar a jornada doméstica, dando forma, pela primeira vez, com seu fluxo sonoro, ao continuum da rotina cotidiana*. Podemos concluir que, tanto a TV quanto o rádio constituem-se em aparatos ainda modernos, ainda industrialmente constituídos e constituidores. Apontando e impondo cronometricamente o ritmo do trabalho e do lazer como trabalho. A TV e o rádio nos posicionaram na linha de produção do cotidiano. Faustão e Gugu não são lazer ou entretenimento, são determinantes de tempos e movimentos, são supervisores de linha de montagem do tempo “livre”. O Jornal Nacional, do mesmo modo, indica o horário conveniente e mais produtivo para o jantar, claro, em frente ao aparelho de televisão.

Já com a pós-modernidade, e seu processo de fragmentação cultural, nos é ofertado o acesso, e um acesso em tempo integral. É o que já temos com as rádios na Internet, com programações tanto contínuas como também descontínuas e cumulativas, ou seja, tanto você pode assistir em tempo real como nas rádios convencionais como também pode ter acesso a qualquer número do seu programa favorito no horário que bem entender. Do mesmo modo que temos acesso ao lazer em inúmeros formatos e a qualquer hora, o trabalho também tem acesso a nossa capacidade no momento em que esta for necessária. Portanto podemos usufruir de lazer 24 horas por dia e oferecer nossa capacidade de trabalho – já não somos trabalhadores e sim prestadores de serviço – também em tempo integral. A noção de local de trabalho igualmente se transforma com a desterritorialização do trabalho. A qualquer hora e de qualquer lugar.

Se, no Brasil assim como em boa parte do mundo, a realidade ou antes, a sua noção, é pautada pelo “continuum” televisivo, constitui exercício poderoso e hercúleo divisar de que modo a TV digital influenciará na elaboração do cotidiano das pessoas.

O modelo que se seguirá na convergência da televisão e da Internet será parecido ao que se desenvolveu nas redes comerciais dos produtos materiais. Com a diferença de que, agora, as empresas de redes irão produzir, encaixotar e comercializar o tempo e as experiências dos próprios usuários. A mercantilização das experiências humanas, por meio de formatos midiáticos, significará que cada usuário poderá ter uma extensão de seu tempo na rede. Por sua vez, a rede será a extensão dos usuários. Cada

usuário se constituirá no meio e no cliente de uma grande operação de migração midiática. [VILCHES 2003:43]

A reprodutibilidade digital faz com que as reproduções, como produto, percam seu valor econômico. A commoditização dos CD's estará sendo seguida em breve pelos DVD's e outras mídias. E a expansão da troca de músicas pela Internet traz como resultado *que, para os artistas alternativos, os downloads ajudam a vender mais ingressos para os shows, e, durante a apresentação, também acabam vendendo CD's, camisetas e outros produtos que fazem com que o público não apenas assista a um espetáculo, mas viva uma experiência musical.* [BAGGIO 2005:64]

Mais do que duschampianamente colocar um bigode na Monalisa ou elevar um vaso sanitário ou uma roda de bicicleta espetada em cima de um banquinho à categoria de obra de arte, as condições de uma reprodutibilidade digital possibilitam ao sujeito apor a sua assinatura a de qualquer mestre. Baixar uma música em mp3 e depois criar o seu próprio remix utilizando um software como o GarageBand da Apple (cujo slogan é "Record your next big hit"); trabalhar a imagem de qualquer Vermeer e depois imprimi-lo impondo seus próprios traços (técnica já muito utilizada por artistas profissionais); decupar as imagens de um filme ou de vários e propor a sua própria versão dos fatos são apenas algumas das infinitas possibilidades que o meio digital oferece e transforma o fazer cultural em algo contínuo e coletivo. A obra de arte já não é algo estático e monodirecional, a interatividade disponibiliza caminhos que vão muito além do DVDokê. A diferença entre os equipamentos disponíveis para o amador avançado e o profissional diminuem cada vez mais. O fotógrafo de fim de semana hoje em dia tem ao seu dispor um padrão de qualidade muito próximo ao alcançado por profissionais e, ao mesmo tempo, jovens de periferia podem documentar o seu cotidiano com câmeras digitais em um exercício de olhar e de trabalhar imagens como um processo de emancipação democrática.

Mas a facilidade de produzir a expressão popular esbarra nos modos de distribuição dos produtos desta expressão, porque, no caso das imagens, a *simplificação do aparato remove apenas uma parte dos obstáculos à*

democratização e diversificação do cinema. De que adianta produzir filmes a mancheias sem ter como escoar tanto excedente? [AUGUSTO 2005:60]

Kujawski vai mais fundo na dimensão público/privado exposta pelas novas possibilidades que a reprodução digital permite, onde procura destacar dois pontos: *o primeiro diz respeito à necessidade de novas relações entre negócio e cultura. As tecnologias digitais facilitaram e baratearam o acesso a bens culturais antes limitados a um restrito círculo de indivíduos. Com isso, o consumo cultural é ampliado com a entrada de potenciais clientes, cujos perfis e interesses precisam ser identificados e atendidos por empresas que atuam em negócios relacionados à cultura. O segundo ponto refere-se à necessidade de as empresas que detêm patrimônios culturais defenderem seus interesses comerciais sem, no entanto, restringirem a inovação cultural pelo bloqueio ao acesso de conteúdos de elevado valor social. De um lado, isso toca no problema da pirataria, que nada mais é do que a reprodução indiscriminada e ilegal de bens culturais, hoje facilitada pelas tecnologias digitais, de outro, evoca um tema cuja discussão não é recente: a relação entre público e privado, conceitos cuja definição depende hoje da análise dos processos de reprodução cultural que transformam categorias tradicionais, tais como a de propriedade. [2005:118/119]*

Neste ponto podemos entender a dificuldade que as empresas do setor de entretenimento vêm enfrentando e de como a sua postura belicosa pode ser contraproducente. De um certo modo, a chamada pirataria, ou uma variação dela, pode trazer importantes contribuições às novas formas de produzir cultura. Kujawski [2005:117] informa sobre a existência da “Wikipedia”, uma enciclopédia virtual que se constrói com a contribuição de milhares de pessoas do mundo inteiro e de maneira absolutamente voluntária. Assim como Lessig [2004:39/42] traz à tona o fenômeno dos *doujinshi*, uma vertente do imenso mercado japonês dos *mangás*, onde um universo de mais de 450.000 pessoas trocam entre si, comercializam e divulgam cópias de outros *mangás*. Estas pessoas copiam, mas buscam dar às suas cópias modificações, às vezes sutis e em outras apresentando drásticas intervenções. No Japão, apesar das leis de direitos autorais serem parecidas com as

americanas, existe uma tolerância das corporações “main stream” para com os *doujinshi*, mesmo sabendo que estes oferecem uma concorrência razoável.

O direito autoral, na realidade, não faculta o direito do autor de se beneficiar da transação com seu produto cultural. Quem se beneficia da obra ou de sua reprodução são os intermediários econômicos ou os detentores das estruturas midiáticas.

Com a desfetichização do produto na maior parte das ofertas da indústria cultural, um setor tem apresentado um crescimento em sentido contrário e um comportamento excêntrico. O mercado de artes plásticas, com um valor global estimado em US\$ 22 bilhões aponta para uma tendência de crescimento continuado, *aparentemente impossível de ser interrompido, mas pouco comentado. Em março de 2004, na feira de arte contemporânea Armory, em Nova York, os marchands presentes venderam virtualmente o dobro do que tinham vendido em 2003: US\$ 43 milhões em obras de arte em quatro dias.* Ben Lewis ⁴ diagnostica que está ocorrendo uma grande modificação na forma como as pessoas de posse colecionam obras de arte. Antes as obras de arte é que validavam o colecionador, agora o que se quer é ser um agente de validação no processo histórico de desenvolvimento da arte.

Guy Debord foi um dos críticos mais mordazes da sociedade do espetáculo e, por ironia ou até por algo que ele provavelmente tivesse previsto, depois de sua morte a mídia, que durante toda a sua vida procurou ignorá-lo solenemente, deu um grande destaque para a sua vida, nomeando-o como um dos pensadores mais importantes do século. Transformaram em espetáculo a morte de um de seus maiores detratores:

O princípio do fetichismo da mercadoria, da dominação da sociedade por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência. O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu

⁴ In Caderno Mais Folha de São Paulo de 23/01/2005

movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem. [1997:28]

Outra ironia sobre o pensamento de Debord é que a sua preocupação se fundamenta na fetichização da mercadoria e neste momento vemos o mundo apontar para a descontinuidade deste princípio com o surgimento da era do acesso como Rifkin [2001] preconiza. O que importa não é tanto a propriedade da mercadoria e sim o acesso à ela.

Portanto, o momento em que vivemos, pela sua complexidade e alto grau de descontinuidade e incerteza, é o mais ingrato para o entendimento e muito mais para qualquer previsão.

Estamos no e pertencemos ao momento que tentamos analisar, estamos nas e pertencemos às estruturas que empregamos para analisá-lo. Quase poderíamos dizer que essa autoconsciência terminal (“terminal” é glamuroso, mas impreciso, porque a questão é que essa autoconsciência nunca é terminal) caracteriza nosso momento contemporâneo ou “pósmoderno”. [CONNOR 1993:13]

2.3.2 – Mercado e Política Cultural

Uma política cultural não deixa nunca de ser uma política de gosto. A elite que assume institucionalmente ou em substância a direção de um país ou nação, repassa à sociedade os seus valores culturais. Não só oferece como também estabelece paradigmaticamente estes valores. Devemos à Collor a longevidade de uma determinada homogeneização cultural quando este presidente abre as portas da “Casa da Dinda” para sertanejos e pagodeiros? Esta mesma cultura que há meros vinte anos atrás era excluída dos salões de uma outra elite ora substituída no comando do país. E Collor não impactou a cultura apenas em substância, mas também institucionalmente, quando em 1990 rebaixou o Ministério da Cultura à condição de Secretaria, além de exterminar várias instituições federais ligadas à preservação, à organização ou ao fomento da cultura.

Políticas culturais podem ser consideradas uma mensagem do Estado para a população de um país por *definir para o conjunto de indivíduos da sociedade uma ideologia, no sentido de concepção de mundo, de projetos. São mais nitidamente políticas culturais de conteúdo, do que de estilo ou forma. Os meios dessa “política*

de conteúdos” são ideológicos, com o objetivo de ampliar a influência exercida pelo Estado. Acompanhando ações administrativas e políticas. [MARTINS 2003:229]

Se as políticas culturais no Brasil sempre foram consideradas inócuas, clientelistas e paternalistas ou até mesmo inexistentes, a formação dos mecanismos do mercado cultural necessita de um profundo aprendizado social:

Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social. Se apontamos os anos 40 como o início de uma “sociedade de massa” no Brasil é porque se consolida neste momento o que os sociólogos denominaram de sociedade urbano-industrial.[ORTIZ 1995:38]

Neste ponto cabe pensar que a formação de público consumidor de cultura passa pela imbricação com a educação. Quando havia o MEC, Ministério da Educação e Cultura a pergunta que se colocava é se o que se ensina deva ser cultura, então por que separar as duas coisas? Hoje em dia até os ministérios são diferentes, um ministro da educação e um da cultura enquanto que o correto deveria ser a educação pela cultura. Bourdieu [2003:39] quando pesquisou os museus da Europa, encontrou uma forte relação entre a idade, hierarquia social e escolaridade entre os visitantes. Descobriu que a

...idade média dos visitantes aumenta continuamente à medida que se sobe na hierarquia social, o que parece indicar que o efeito da ação escolar é tanto mais duradouro quanto mais elevado é o nível escolar atingido: portanto, essa ação ter-se-ia exercido de forma mais prolongada; todo aquele que a suportou disporia previamente de uma maior competência adquirida pelo contato precoce e direto com as obras (...) e uma atmosfera cultural favorável viria alavancar e intermediar sua eficácia.

Como não poderia deixar de ser, a televisão se encontra na raiz da formação do mercado cultural brasileiro:

Se os anos 40 e 50 podem ser considerados como momentos de incipiência de uma sociedade de consumo, as décadas de 60 e 70 se definem pela consolidação de um mercado de bens culturais. Existe, é claro, um desenvolvimento diferenciado dos diversos setores ao longo desse período. A televisão se concretiza como veículo de massa em meados de 60, enquanto o cinema nacional somente se estrutura como indústria nos anos 70. O mesmo pode ser dito de outras esferas da cultura popular de massa: indústria do disco, editorial, publicidade, etc. No entanto, se podemos distinguir um passo diferenciado de crescimento desses setores, não resta dúvida que sua evolução constante se vincula a razões de fundo, e se associa a transformações estruturais por que passa a sociedade brasileira. [ORTIZ 1995:113]

As mídias e o poder público têm um peso importantíssimo na estrutura de um mercado cultural, mas um elemento é mais do que vital nestes mecanismos, o produtor cultural. Ao mesmo tempo é o elo mais fraco desta corrente, pois na estrutura mercadológica cultural, o produto é muito mais importante do que o produtor:

O grau de reconhecimento de produtores culturais relativamente autônomos e, pois, de “artistas” e “intelectuais” em seus sentidos atuais é função da distinção da produção cultural “como tal”, em certas distâncias relativas dos processos ainda bastante gerais e fundamentais de produção e reprodução culturais. É, pois, sempre uma questão de distância relativa, a ser definida por estudos históricos e sociais específicos, mais do que uma questão de categorias ou “esferas” abstratas. [WILLIAMS 2000:217]

Quando Collor resolveu colocar o mercado como balizador da cultura, proporcionou a importação de uma atividade inexistente no Brasil tendo como desculpa a profissionalização do setor, o marketing cultural. Segundo Reis [2003:4] marketing cultural, nas terminologias mercadológicas, é o processo de usar *a cultura como base e instrumento para transmitir determinada mensagem (e, a longo prazo, desenvolver um relacionamento) a um público específico, sem que a cultura seja a atividade-fim da empresa.*

A primeira lei de incentivo fiscal à cultura foi sancionada pelo presidente Sarney em 1986, sendo seguida pela lei Rouanet em 1991 (no governo Collor), do audiovisual em 1993 (Itamar), mas como todos os processos que são introduzidos sem uma consulta prévia à sociedade, acabaram gerando graves distorções:

Se antes cabia ao Estado nominar o que é cultura, agora cabe ao dinheiro fazê-lo. Ora, ao se entregarem recursos públicos (renúncia fiscal) ao mercado para que ele priorize o que fazer, os objetivos públicos passam a se subordinar à lógica das vantagens empresariais. Quando o Estado confere ao mercado o papel de organizador de uma atividade pública, deveria intervir sempre e quando a democracia fosse violada pela exclusão dos cidadãos da condição de consumidores e beneficiários finais dos recursos públicos. Quando artistas como “Sandy e Júnior “ se utilizam das leis de incentivo, mas seu produto final já tem um alcance de mercado seguro; quando peças da nossa “Broadway” (teatros que ficam no centro

da cidade de São Paulo, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio) se utilizam das leis de incentivo, mas tem o preço do ingresso (em média de R\$ 100,00) proibitivos para a imensa maioria da população. *Ao contrário, sob a Lei Rouanet prevalece o “laissez-faire” na política cultural o que está em contradição, por exemplo, com o que ocorreu com a indústria farmacêutica, com a imposição dos remédios genéricos. Quando a lei impõe ao mercado o interesse público, coletivo, os conflitos podem ser fortes, mas nem sempre prevalece o particular, o exclusivo.* [DÓRIA 2003:58/59]

Outra acusação grave contra as leis de incentivo vem da voz de um dos mais importantes maestros brasileiros, John Neschling, ao não obter financiamento para a montagem da ópera de Wagner, o Anel dos Nibelungos: *a Lei Rouanet é ridícula, uma perversidade. Essa lei existe para que Itaú, Bradesco e Banco do Brasil possam investir neles mesmos, fazer seus centros culturais e pagar seus ascensoristas.* ⁵

Um entrave que as leis de incentivo proporcionam é a concentração das rédeas da cultura nas mãos de poucas empresas. A cultura pode estar nas mãos de cervejarias, distribuidores de petróleo e bancos. Como exemplo temos que *em 2000, apenas dezessete empresas responderam por 61% dos incentivos fiscais que chegaram ao mercado (R\$ 213 milhões de um total de R\$ 353 milhões), ao passo que, na outra ponta, outras 2.629 empresas aportaram 2% do total de incentivos (uns magros R\$ 7 milhões). Numa leitura “regional”, 320 empresas estabelecidas no eixo Rio-São Paulo controlam 94% dos incentivos fiscais que o mercado absorve. É claro que o poder de compra dessas 320 empresas é infinitamente superior ao dos 2.629 incentivadores pequenos.* [DÓRIA 2003:61]

Outra contribuição perniciosa à cultura das leis de incentivo é a competitividade desigual gerada pela busca dos patrocinadores. Temos que *o valor médio dos projetos incentivados esteve em torno de R\$ 688 mil. Portanto, para incentivar um projeto à base de pequenas contribuições um produtor precisa convencer vários empresários da excelência da sua proposta. Já aquele que tem acesso a alguma das 320 empresas “top” do eixo Rio-São Paulo facilmente pode ter*

⁵ In Revista Carta Capital, 24 de Julho de 2002, pag. 53.

seu projeto incentivado por um só empresário. É por isso que de 4 mil autores-peregrinos só uns seiscentos conseguem bater nas portas certas. [DÓRIA 2003:61]

A pior constatação é que estas leis de incentivo praticamente não chegam às regiões onde a exclusão cultural é mais cruel. Estas localidades têm que contar com seus próprios agentes culturais para obter estes bens.

Aqui cabe contar uma boa história:

E tudo começou numa segunda-feira. Era julho de 2000 quando quatro rapazes moradores da zona sul de São Paulo resolvem se encontrar para fazer o que mais gostam, tocar e cantar bons sambas. Como toda roda de samba, o clima era de extrema descontração e aqueles amigos começam a apresentar suas composições uns aos outros. Samba vai, samba vem, e quando viam a manhã vinha chegando. E todo sambista ou simpatizante sabe o custo que é terminar uma roda.

Então... uma luz! Sim, foi preciso uma luz.

Surgiu a idéia, que a princípio assustou um pouco, de por uma vela no centro da mesa e quando esta apagasse o samba acabava.

Inventaram o relógio do samba, inventaram o Samba da Vela. 6

Uma manifestação de cultura popular legítima e de ótima qualidade, que chama a atenção de toda a cidade e de até outros estados e, claro, da comunidade do samba. Tanto que a madrinha dos rapazes, que já não são mais quatro e sim uma verdadeira pequena comunidade do Samba da Vela, é nada mais nada menos que uma das figuras mais importantes da música popular brasileira, Beth Carvalho.

Depois de tanto samba de plástico que a indústria cultural nos impingiu, o sopro de um samba feito por e para a comunidade acaba atraindo até quem nunca foi a uma roda de samba. Torna-se até um ponto de referência cultural e turística, do mesmo modo que vem ocorrendo com a revitalização do bairro da Lapa no Rio de

Janeiro e dos bairros próximos ao cais da cidade de Recife (locais antes considerados deteriorados), criando espaços onde são acolhidas as manifestações culturais populares de boa qualidade.

Estes fatos apontam para a possibilidade da criação de um localismo econômico que pode transformar a paisagem das periferias. De zonas proibidas para pontos de visita turística e de geração de renda para a própria localidade. O surgimento de mercados locais movidos pelo protagonismo de seus moradores e não pelo lucro de grupos econômicos estranhos.

2.3.3 – Mercado de Trabalho na Cultura

O mercado de trabalho de modo geral tem apresentado profundas transformações nos últimos vinte anos. Na especificidade do mercado dos profissionais da cultura, a inexistência de um real mercado de consumo cultural ou a sua substituição por um análogo ineficiente e distorcido impede a formação de canais de complementaridade operacional. Em outras palavras, como no Brasil cultura não é considerada como um bem social e sim como uma *commodity* supérflua, não existe uma estrutura de formação, colocação e representação de profissionais de cultura. Este arremedo de indústria cultural brasileira acaba por criar arranjos de negócios baseados no apadrinhamento deixando a preparação e o talento em segundo plano. Se pensarmos que os meios de comunicação no Brasil são distribuídos entre políticos como moeda de barganha de poder e de geração posterior de um poder ainda maior e, que são nestes canais que os produtos culturais são divulgados e vendidos, torna-se difícil imaginar um mercado de trabalho cultural minimamente saudável.

A feudalização das comunicações no Brasil produziu uma nova forma de coronelismo, do tipo informacional, e a produção cultural se vê atrelada a estes mecanismos. Se existe realmente uma indústria cultural no país, as condições deste mercado não são a de um mercado livre. De um modo geral, na região norte e nordeste, quem detém a concessão da Globo é quem detém o poder estadual. No Pará são os *Maiorana* concessionários da Liberal, Jornal O Liberal, emissoras de rádios, portal de Internet - capital e interior; os *Mutran* - em Marabá, quarta cidade do

⁶ <http://www.sambadavela.com.br/>

Pará, eles são donos da TV Tocantins, afiliada da Band. *Jader Barbalho* é dono do Diário do Pará na capital, jornal que é o concorrente do poderoso O Liberal. No Amazonas são os *Calderaro*, da TV e Jornal A Crítica (grupo local que representa o SBT), não se vinculam muito a ninguém, mas a todos, e têm muito poder também, e *Felipe Daou* nas outras mídias, além de possuírem um canal no satélite para cobertura regional, o Amazonsat – captado por parabólica em todo o país. Rondônia, Acre, Amapá e Roraima também são feudos de *Felipe Daou*, dono da Rede Amazônia (Amazonsat); *Amazonino* é muito ligado aos interesses da gestão atual, leia-se *Eduardo Braga* e aliado ao grupo político do deputado federal *Francisco Garcia*, do PP de Manaus, proprietário da TV Rio Negro e do Jornal O Estado do Amazonas. Nesses estados, há imperadores na mídia impressa local, um dos mais influentes politicamente é *Mário Calixto Filho*, de Porto Velho-RO, proprietário do "O Estadão do Norte", suplente de senador, que assumiu a vaga do Amir Lando, que é o atual ministro da Previdência Social; foi impedido de assumir o cargo de senador por causa da folha corrida, mas conseguiu uma liminar e, enfim, está senador, ganhando assim imunidade parlamentar. No Maranhão, a família *Sarney* domina mídia e, lógico, poder estadual. No Ceará os *Jereissati* são os concessionários da mídia TV, através da Verdes Mares (Globo), e jornal Diário do Nordeste. Também são proprietários de outros negócios - gás, Coca-Cola e Shoppings Iguatemi em quase todo o Brasil. Na Bahia, *Antônio Carlos Magalhães* - com ajuda de *Sarney*, então presidente - obteve a concessão da Globo que estava com a TV Aratu, havia mais de 30 anos, e transferiu-a para a sua (dele) TV Bahia. Em Recife a Globo é da própria Globo. Já no o Sul, Rio grande do Sul e Santa Catarina, a RBS, dos *Sirotsky* detém muito poder econômico mas pouco poder político efetivo. No Paraná a Rede Paranaense de Comunicação, afiliada da Rede Globo (rádio 98, TV, jornal Gazeta do Povo) é de Francisco Cunha Pereira, que não é político mas é respeitado e temido. TV Iguaçu, afiliada SBT, jornal O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná são de Paulo Pimentel (atual presidente da COPEL) político ligado ao Governador do Estado - Roberto Requião (PMDB). TV Bandeirantes, Rádio CBN, rádio 96 rock, rádio globo são da família Malucelli - bancários e empresários. Jornal do Estado e Correio Paranaense - de propriedade da família Barroso. Nos outros Estados o poder se divide, em geral, entre duas famílias, uma delas com mais interesse político

do que a outra. Agora, sobre a influência política da Rede Globo por todo o Brasil é dispensável qualquer comentário. ⁷

Os monopólios comunicacionais também servem para impedir uma maior integração das várias culturas que compõem a nossa totalidade, além de exterminar as identidades regionais. Em entrevista de 2002 à Folha de São Paulo, José Dumont, conhecido por seus papéis de personagens populares, aborda a condição dos artistas que estão fora do eixo econômico central brasileiro e fora do padrão eleito pela televisão para os profissionais da representação. Fala também da importância que esta TV adquire na formação ou deformação cultural do país:

É possível ser ator no Brasil sem a TV?

No Brasil, um ator que estiver fora da Globo está tecnicamente desempregado. Mesmo que faça teatro, precisa da Globo para ter público. O cinema tem um nível pequeno de produção. O que pega é o pão de cada dia, porque sem pão não se vive; por isso faço o que aparece, não posso me dar ao luxo de escolher.

A origem nordestina dificulta o trabalho de um ator na TV?

Se o nordestino não for bonito, a dificuldade é maior. Meu tipo é popular, mas, se houvesse mais mercado, esta dificuldade não existiria. A beleza faz parte da história da dramaturgia. Hoje, a televisão é o mercado cultural do país. E ela repete modelos de outros países, já que só veicula filmes estrangeiros. O Brasil é uma franquia econômica e cultural. ⁸

Assusta saber que de todas as novelas com temática nordestina já produzidas pelas grandes redes televisivas, a presença de elenco genuinamente nordestino não se eleva a mais de 4 %. O Brasil criou a segregação cultural regional:

Quem faz papel de nordestino na Rede Globo é quase sempre um carioca. É triste dizer isso desse modo, é triste dizer isso quando se sabe dos méritos dos autores e diretores que conseguiram, nas novelas, falar de regiões remotas desta nossa terra, falar dos "rincões" e dessa multiplicidade de tipos exóticos, caleidoscópicos e bem desenhadinhos que acabaram compondo a imagem de pluralidade dócil do Brasil integrado pela TV. (...) No horário nobre, o "nordestinês" falsificado, cheio de facilidades e de glamour, substituiu os sotaques nordestinos autênticos e, no mesmo movimento, cassou aos nordestinos o direito de aparecer na TV. Não são apenas os negros que não têm vez na televisão brasileira. É o Brasil que não tem vez. É verdade que não temos mais o Sérgio Cardoso pintando o rosto de negro para interpretar um escravo, mas temos aí uma porção de bonitões bancando os "coronês" de araque, ou posando de jagunços perfumados. Ah, sim, temos também os palhaços que fazem a nação inteira gargalhar às custas dos caipiras. Na TV, o banimento dos sotaques

⁷ informações obtidas com profissionais de comunicação que atuam ou atuaram nas regiões assinaladas. Maiores detalhes podem ser obtidos pelo link <http://www.mc.gov.br/rtv/licitacao/ACIONISTAS.pdf>, página do Ministério que relaciona todas as empresas de Rádio e TV do Brasil e a sua composição acionária.

⁸ In Folha de São Paulo, domingo, 02 de junho de 2002, Caderno de TV

corresponde ao banimento das diferenças no ideal de Brasil integrado. O Brasil que idolatramos é um Brasil de mentira. ⁹

Outro dado crítico da entrada no mercado de trabalho cultural é o forte nepotismo estabelecido no Brasil. Apesar de ser um elemento não quantificável ainda, pode ser constatado facilmente ao se ligar a televisão ou ler qualquer revista de fofocas do meio artístico. Ser parente de artista conhecido abre portas não preocupadas com talento. Podemos citar também a recente onda de celebridades e emergentes nos meios culturais. Lucélia Santos, uma atriz conhecida em muitos países ser preterida por uma moça de profissão desconhecida e formação idem, chega a ser um ultraje. Ser filha de ministro pode ser lucrativo também.

Ao, diferenciarmos arte de entretenimento, temos em mente que entretenimento segue a risca as determinações das leis do mercado, mas

...a arte não pode ser estruturada pela lógica do comércio ou do entretenimento. Ela é um bem social, a comunidade como um todo precisa dela e, por isso mesmo, ela não pode depender do lucro para sua criação ou manutenção. Seus operadores, os artistas, devem ter sua vida estruturada de tal maneira que possam se dedicar a seu ofício tendo a subsistência garantida. Na prática isso deveria se traduzir em duas opções diferentes – que é o que acontece na Europa e nos Estados Unidos. Por um lado, há artistas que se dedicam a seu ofício tendo garantida sua subsistência, mas não mais do que isso. Por outro lado, há artistas que se jogam no mercado, correndo o risco de enriquecer ou não. No Brasil não temos essa opção. Estamos todos no mercado, ainda que optemos por fazer arte. O teatro não garante a subsistência de ninguém. Se médicos, engenheiros, advogados ou operários especializados não têm a subsistência garantida, por que seríamos diferentes? [LABAKI 2003:64]

Qualquer política cultural passa obrigatoriamente pela *capacitação de profissionais da área*. A formação desse profissional passa a ser uma preocupação do poder público, de instituições de ensino privadas e de organizações do terceiro setor. Mas é, antes de tudo, uma demanda que surge principalmente dos próprios profissionais da área, que sentem necessidade de acompanhar as mudanças que ocorrem à sua volta. Na Europa, esse era um tema que já vinha sendo abordado como uma preocupação do setor. (...) Atualmente, em alguns setores, percebe-se uma preocupação com a formação mais teórica e acadêmica. Antes disso, havia cursos de curta duração, que, em parte, cumpriam essa tarefa cobrindo lacunas. [CUNHA 2003:104/105] Vale acrescentar que no Brasil o aprendizado das atividades

⁹ Idem

de produção ou de suporte cultural acaba sendo dado na prática, pois as estruturas de ensino são mínimas e direcionadas apenas para certas classes sociais.

E se a formação, em estrutura, já é precária, Coutinho lembra que dentro dos espaços educacionais onde se desenvolvem os pensadores das artes e cultura existe o mesmo ranço corporativa dos quadros docentes de quase todas as universidades brasileiras:

O mercado de força de trabalho intelectual – impulsionado pela emergência da indústria cultural monopoliza – faz com que os intelectuais não mais sejam, pelos simples fato de serem intelectuais, “mandarins” privilegiados aos quais a posse da cultura fornece prestígio e status. A generalização das relações capitalistas no âmbito da cultura os vai convertendo, no momento mesmo em que aumenta seu número e complexifica suas funções, em trabalhadores assalariados a serviço da reprodução do capital. Ora, se existe cooptação, essa opera agora através dos mecanismos impessoalizados do mercado e esse mercado produz, entre outras coisas, diferenciações salariais extremadas entre as diferentes categorias intelectuais. [2000:76]

Podemos concluir que se a entrada no mercado de trabalho na indústria cultural brasileira já seria um bloqueio intransponível para pessoas de classe média, com boa escolaridade e bom nível de aprendizado técnico, torna-se quase impossível para um artista ou produtor cultural proveniente das periferias ingressar neste setor pela porta da frente.

2.3.4 – Trabalho e Protagonismo

Ao falar de protagonismo pelo trabalho, precisamos, antes de tudo, definir este termo. Usa-se em demasia o termo acoplado com a juventude, acarretando o que Milton Santos [1999:208] designa como polissemia vocabular, que ao disseminar vários sentidos, acaba afrouxando o seu sentido original.

Protagonismos juvenis, infantis, adultos, de gênero, comunitários são alçados à categoria de novos atores do palco social. Maria da Glória Gohn procura identificar nestas ações uma nova possibilidade de formação da sociedade civil constituída partir de seus atores aparentemente mais fragilizados:

A tendência é enfatizar o protagonismo de seus atores sociopolíticos, transformados em novos sujeitos de poder. A palavra protagonismo vem do grego e o termo designava o lutador principal de um torneio. Depois a palavra passou a ser usada para

designar os atores principais de um enredo teatral ou os personagens principais de uma trama literária. Recentemente, as ciências sociais não só se apropriaram do termo ator como passaram a utilizar o próprio termo protagonismo para os atores que configuram as ações de um movimento social. No Brasil atual, o protagonismo ampliou-se não somente entre vários setores da sociedade civil como invadiu a sociedade política, realizando parcerias com o Estado, desenvolvendo uma nova esfera pública. [GOHN 2005:9]

Como a noção de protagonismo está vinculada à de libertação de fontes de domínio, ou seja, os indivíduos ou comunidades deixam de ser meros coadjuvantes sociais e passam a determinar seus caminhos, obriga-nos a entender os modelos de domínio existentes. A estrutura patriarcal de dominação, segundo Max Weber [1999:234], *em sua essência, não se baseia no dever de servir a determinada “finalidade” objetiva e impessoal e na obediência a normas abstratas, senão precisamente no contrário: em relações de piedade rigorosamente pessoais. Seu germe encontra-se na autoridade do chefe da comunidade doméstica. A posição autoritária pessoal deste tem em comum com a dominação burocrática, que está a serviço de finalidades objetivas, a continuidade de sua existência, o “caráter cotidiano”. Além disso, ambas encontram-se seu apoio interior, em última instância, na obediência a “normas” por parte dos submetidos ao poder.* Weber também entende um outro tipo de dominação, a patrimonial, que pode ser estabelecida tanto por aqueles que detêm o controle da terra, do capital, como modernamente do acesso à informação. Cria-se com qualquer destes patrimônios, uma relação de dependência, e esta permanece uma relação de piedade e lealdade. Mas uma relação baseada em tal fundamento, por mais que represente inicialmente uma dominação unilateral, faz surgir sempre a exigência de reciprocidade, por parte dos submetidos ao poder, e esta exigência, em virtude da “própria natureza da coisa”, adquire reconhecimento social como “costume” [1999:237]. É importante atentar para o fato de que, mesmo em movimentos sociais e estruturas de rede, podem estas formas de domínio atuar. Como as relações de movimentos, organizações sociais e comunidades muitas vezes têm que se dar com outros parceiros, as diferenças de força podem determinar, até de modo inconsciente, formas variadas de domínio.

Ferréz, jovem escritor do Capão Redondo, é incisivo: *É foda, mano, saber que o que você ganha por ano o fila da puta que nunca passou necessidade na vida e que não faz porra nenhuma a não ser colocar aquelas putas mostrando a bunda na*

televisão ganha por minuto. Ferréz nos leva a constatar a importância que a televisão adquiriu na indústria cultural brasileira, tornando-se o seu centro e de como ela aproxima e ao mesmo tempo se distancia ao criar uma realidade anos luz distante da realidade de um jovem de periferia. Ferréz é um dos exemplos de como a periferia pode ser um projeto de transformação social pela cultura. E como alguém que começa a desenvolver esta visão e consciência, Ferréz aconselha a seus “manos” sobre os cuidados que devem ter para sobreviver neste campo minado.

O nome “campo de batalha” [do capítulo] se deu porque é uma constante luta pela vida, tá ligado? Você tem que correr atrás de um emprego pra se sustentar, tem que estudar pra não ser manipulado, tem que ficar esperto com a polícia porque você é favelado, tem que ter consciência pra não cair na porra da droga, tem que ter calma pra não sentar o dedo nos nóia e uma pá de coisa que só um soldado da favela tem pra sobreviver. O único jeito é crer em Deus, fazendo a revolução ideológica, montar formas de ataque, conseguindo espaço aos poucos, pois temos força sim, mano. Somos a maioria, é só usar nossas cabeças, estudando, nos informando, esperando a virada, e quando ela chegar, vamos dizer: Aí a favela, toma conta de ponta a ponta...
[FERRÉZ 2000:160/161]

Ao contrário do que o senso comum indica, o jovem, que por sinal não é um, são vários, com várias diferenças entre si, não tem uma noção pobre do fazer político. O que o diferencia é exatamente a sua forma de exercer a sua ação política. Os acontecimentos antiglobalização pelo mundo, o ciberativismo são novas concepções do fazer político e de se expressar culturalmente, que dizem muito sobre a conscientização das realidades que os envolvem.

A maioria dos jovens em situação de pobreza e exclusão – diferentemente do que se costuma afirmar – luta ferrenhamente para conquistar acesso e abrir seu mundo restrito. Conquistam espaços de participação social e política (na escola, na periferia, no bairro) os quais se expressam sob diversas formas e linguagens, geralmente em espaços reduzidos, solapados e guetificados. Expressão dessa luta revela-se no próprio aumento da escolaridade conquistado pelos jovens na última década e na avalanche do comércio de oportunidades capacitadoras para estes na periferia.
[CARVALHO 2000:30]

Novos tempos, novas formas de luta, ou na linguagem dos tempos que correm, de uma nova atitude.

Nos diferentes conflitos sociais urbanos que contam com o envolvimento direto e majoritário da juventude é possível perceber uma nítida presença de grupos de identidade referidos a práticas culturais de tempo livre e lazer. Torna-se cada vez mais difícil estabelecer identidades de grupos que possam ser catalogados como unicamente políticos ou de contestação. Os jovens que estabelecem vínculos sociais,

culturais e afetivos nos grupos de lazer também são aqueles que constituem a “reserva” política das mobilizações nos territórios das cidades. Esta realidade nos leva a reconhecer o lugar central que o corpo e a cultura dos sentimentos ocupa no cotidiano e nas distintas projeções sociais da juventude. [CARRANO 2003:148]

O que os responsáveis pelas políticas públicas direcionadas aos jovens não conseguem identificar é que, comportamentos que a primeira vista têm um componente de delinquência como a pichação, na realidade compõe um arcabouço de expressividade delimitada pelas condições impostas à sociedade para a sua inserção. Sujar um muro recém pintado com bobagens ininteligíveis que pode aparentar para alguns como indício de não sociabilidade, faz parte de um processo ritualístico de aceitabilidade comum a várias culturas. As drogas e as bebidas também têm essa função. Portanto, resta saber identificar o que é fase a ser superada com o amadurecimento e o que é comportamento delinqüente. Entender antes de reprimir ou entender sem reprimir.

Quem acompanha os grupos de jovens das periferias sabe como estes conseguem se articular de forma independente, com outros grupos da região metropolitana, de outros estados e até mesmo em contatos com jovens de outros países. As organizações da Zona Sul de São Paulo atuantes no movimento *hip hop* têm conseguido trazer, com uma certa freqüência, grupos de Cuba, de outros países latino-americanos e até de países europeus. O que facilita esta comunicação fértil é que, a despeito de línguas e outros processos culturais, os jovens conseguem se entender por meio de identidades geracionais.

É interessante notar como na América Latina ultimamente têm sido produzidas boas análises sobre a condição do jovem e a sua perspectiva de protagonista social.

Nos discursos dos jovens, as perspectivas cidadãs se representam como desesperança ante níveis de efetividade social que aparentam demasiadamente distantes. É nesta direção que o som da cidadania ativa se escuta mais forte, é aí que é possível engatilhar processos reconstrutivos de um movimento sociocultural juvenil com perspectivas de exercer a ação política desde sua autonomia. [TAMAYO 2002:64]

Pensar também que os ideários que alimentaram a juventude de outras gerações não são os mesmos dos destas, nem suas estratégias de ação política e social passam pelo mesmo prisma ideológico.

A cidadania cultural, aquela que se define desde a articulação do direito à organização, o direito à expressão, o direito à participação no mundo a partir das pertinências e classes culturais: o gênero, a etnia, a religião, as opções sexuais, as múltiplas descrições identitárias, entre outras, pode resultar numa categoria útil para dotar a cidadania juvenil de um marco político que permita reverter os formalismos políticos e as essencialidades que atribuem à condição juvenil um “mal que passa com os anos”, ou seja, uma definição que se constrói quase que exclusivamente a partir dos crivos de idade. (...) Pode, ainda assim, dar chance de recolocar o problema de gênero, o de acesso à cultura mundial e de maneira especial, o que constitui a produção de visibilidade em torno dos jovens por meio dos discursos mediáticos e do discurso social dominante. Nem organização tradicional, nem participação eleitoral ou formal, são hoje categorias úteis para pensar a cidadania juvenil. [REGUILLO 2003:20]

Tornou-se, também, lugar comum identificar os jovens com a violência, principalmente quando este jovem provém dos estratos periféricos do espaço urbano. A cultura da violência é muito mais abrangente e penetrante do que se pensa. Esta *abrangência varia segundo o tipo de violência. É inegável, no entanto, que estatisticamente concentra-se na juventude.* [FERNANDES 2004:260] A violência faz parte de quase todo produto da cultura de massa da atualidade. Os instrumentos de transmissão de processos violentos, caso das armas e dos automóveis, são artigos extremamente fetichizados pela mídia. Quando um novo filme do ator Arnold Schwarzenegger estoura nas bilheterias o seu cartaz fatalmente o exhibirá portando um dos novos objetos de desejo, não somente para o traficante novato e para o *pitboy*, como para o sujeito comum, pai de família e assinante da revista *FireArms*. Ser o feliz possuidor de uma máquina que chega a 250 Km/h em 15,6 segundos e poder usar toda esta força em rachas nas avenidas das cidades configura um delito penal ou uma mera exibição de poder econômico e alto teor de testosterona.

Os elementos que compõe a dimensão estrutural/econômica são eficientes, para explicar a proliferação dos atos de violência na atualidade. Há uma articulação entre as esferas de análise objetiva e subjetiva, que precisam ser consideradas para que possamos aprender, por exemplo, as condições sociais que possibilitam a construção e consolidação de uma cultura de violência na atualidade. [VASCONCELOS 2002:161]

As radicais transformações por que passa o universo do trabalho determinam horizontes improváveis para os jovens, principalmente os de baixa renda e

escolaridade. A faixa que vai dos 15 aos 24 anos, fase de formação do futuro adulto e futuro cidadão, é a mais atingida pelo desemprego.

Para avaliar bem o que essa porcentagem significa é preciso comparar a taxa de desemprego pelas demais faixas etárias. De 15 a 17 anos o desemprego atinge 17%. E é de 18,7% dos 18 aos 24 anos. Depois dessa faixa a crise do emprego se atenua bem: de 25 a 29 anos é de 8,2% e de 5,9% dos 30 aos 39 anos. [TREVISAN, 1994:71]

Em depoimento a Pierre Bourdieu, um sindicalista coloca de modo simples, mas preciso a situação de não emprego vivida no mundo todo pelos jovens:

A única possibilidade de encontrar trabalho aqui é abrir-se uma pequena empresa. Antigamente não era problema ingressar numa fábrica. Nossos pais, como falavam nossos pais, quando eu tinha 14 anos, como eles falavam: “você não foi bem na escola, você vai para a fábrica”. Nossos pais falavam assim. Por que a gente ia para a fábrica? Porque sabíamos que havia admissão praticamente todos os anos, ingressavam 300 ou 400 pessoas. Não havia problema. Mas agora, os pais não podem mais dizer: “Você vai para a fábrica”, não há mais fábrica. [BOURDIEU 1997:365]

Em compensação, Trevisan [2004, 76/77] relata a experiência do Programa Primeiro Emprego no Rio Grande do Sul como uma possibilidade de inserção dos jovens no mercado de trabalho e como resultado a *construção de um outro tipo de “cultura do emprego”* para estes jovens. O programa beneficiou mais de 20.000 jovens entre 15 a 24 anos no período de 1999 a 2002 com a participação de 10.214 empresas.

Nas mudanças de postura dos jovens desta época, a principal diferença encontra-se na diferente sensibilidade com relação aos processos midiáticos. As relações destes para com os meios

...apontam para a emergência de sensibilidades desligadas das figuras, estilos e práticas das antigas tradições definidoras da “cultura”, cujos sujeitos constituem-se a partir da conexão/desconexão com os aparatos. Isto se evidencia por meio de uma plasticidade neuronal que os dota de uma grande facilidade para os idiomas da tecnologia. A empatia dos jovens com a cultura tecnológica vai da informação absorvida pelo adolescente em sua relação com a televisão – que desgasta seriamente a autoridade da escola como única instância legítima de transmissão de saberes – à facilidade para entrar e manejar a complexidade das redes de informática. [MARTÍN-BARBERO 1997:/211]

Portanto a sociedade civil organizada precisa adaptar-se a estes meios para atrair e se comunicar com este público. Para isto são necessários:

projetos juvenis de comunicação que deixam para trás as idéias da imprensa-escola para por em diálogo adultos e jovens e, sobretudo, para se arriscar na construção de uma opinião pública em que os jovens sejam atores. Projetos comunitários que insistem na importância da informação política como parte de uma modalidade nova de gestão local ou de projetos sociais, por exemplo, de gênero, que acolhem, como parte do seu sentido político mais vivo, a participação na criação de agendas públicas em que circulem seus temas, se entrecruzem com outros e se transmitam perspectivas de interpretação não tradicionais. Todas essas possibilidades são formas que inauguram, do ponto de vista das mídias, outras oportunidades para a política cidadã, para a participação social e o desenvolvimento de novos atores. [MARTÍN-BARBERO & REY 2001:94/95]

E o que virá primeiro, a transformação política ou a social por meio do protagonismo cultural? O que é mais importante para este jovem que mora na favela Rainha da Paz (um dos locais observados por esta pesquisa), a ação política de afirmação de seu grupo no espaço conquistado de expressão ou a força de integração de seus elementos e de sentido e sentimento de pertencimento e aceitação a uma sociedade? *Manos* com uma postura ou *manos* aceitos por outros *manos*? A resposta parece passar pela interação das duas atitudes.

Capítulo III

Metodologia de Pesquisa

Como procuramos adiantar no início do texto, o processo de pesquisa se pautou por uma abordagem antropológica, tendo como ferramenta de trabalho de campo o processo etnográfico. Abrimos mão dos modelos matemáticos para a análise de redes sociais por acreditar que o que queremos é entender os processos internos pela utilização dos discursos, dos modos de ação coletiva, das histórias individuais na construção de uma história de grupo e não quantificar as conexões. A abordagem de análise dos papéis procurou identificar uma história de vida e uma para a vida do grupo, constituindo uma história da rede como criação de identidade e modelagem de uma visão da realidade objetiva e subjetiva.

A utilização da imagem serviu para testar de qual modo esta possui o poder de congelar o momento e de ser testemunho dos fatos, pois vivemos na era da imagem acima da comunicação escrita e da oralidade. A imagem capta este fragmento da realidade que a compõe como uma nova realidade de um tempo mais que fragmentado. *Frames* no lugar de apenas palavras.

3.1 – Rede como uma Organização Complexa e Caótica

A teoria da complexidade trouxe para o estudo das redes sociais uma visão mais apropriada para a realidade dos movimentos sociais, assim como o de qualquer agrupamento humano. Os preceitos de ordem, controle e previsibilidade, tão afeitos aos princípios administrativos, perdem o sentido quando o que se busca é o protagonismo transformatório de grupos a partir da ação coletiva. Hoje em dia, muitas empresas têm procurado abandonar aqueles princípios administrativos fundamentais porque eles não respondem mais aos desafios do mundo atual. Não podem mais contribuir para entender a incerteza e complexidade atuais. Ser competitivo ou cooperativo, como transformar os funcionários em sujeitos participativos, plano estratégico ou pensamento estratégico, quais são as fronteiras

das organizações, são questões urgentes do mundo corporativo. E este mundo parece cada vez mais aparentado com o mundo externo. As perguntas parecem ser as mesmas das organizações e dos movimentos sociais. E as respostas parecem cada vez mais estar na leitura da complexidade dos sistemas.

Na concepção positivista, o objeto de estudo, qualquer que seja ele, pode ser dissecado em várias partes e cada componente deste organismo ser estudado isoladamente. Perdem-se aí, portanto, todas as conexões e suas resultantes ao serem cortados os vasos comunicantes. O positivismo passou a ter a atribuição da filosofia científica do objeto morto, inanimado, dissecado, ao passo que a realidade só é compreendida a partir do orgânico, do vivo, do pulsante do complexificado.

Por que estamos desarmados perante a complexidade? Porque nossa educação nos ensinou a separar e a isolar as coisas. Separarmos os objetos de seus contextos, a realidade em disciplinas compartimentadas umas das outras. Mas, como a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é incapaz de perceber o complexus – o tecido que junta o todo. Ao mesmo tempo, nosso sistema de educação nos ensinou a perceber as coisas de modo determinista, que obedece a uma lógica mecânica, coisas das quais podemos falar com muita clareza e que permitem, evidentemente, a previsão e a predição. Vivemos num mundo onde cada vez mais há incertezas. A crença no determinismo universal, que era o dogma da ciência no século passado, desmoronou e o problema reside em como enfrentar e rejuntar a incerteza. [MORIN 1997:175/176]

Esta dificuldade de entender o orgânico, o complexo, o conectado, é própria do mundo ocidental, da herança judaico-cristã. Enquanto a medicina ocidental procura preocupar-se com a especialização, tanto funcional como instrumental, isto é, tanto na especialidade do profissional como na de seus instrumentos curativos, a medicina oriental procura obter diagnóstico e cura a partir do entendimento do todo, de seus componentes, das conexões entre seus componentes e da interação deste ser com seus ambientes variados.

Um elemento que potencializa a complexidade de um movimento social em suas ações coletivas é a necessidade de comunicação e os instrumentos comunicacionais disponíveis hoje em dia.

Cada vez que os membros de um conjunto de seres vivos constituem, com sua conduta, uma rede de interações que opera para eles como um meio, no qual eles se realizam como seres vivos, e no qual eles, portanto, conservam sua organização e

adaptação, e existem em uma co-deriva contingente com sua participação em tal rede de interações, temos um sistema social. [MATURANA 1997: 199]

Sobre a autopoiese, o conceito de sistemas auto-reguladores e semifechados que Maturana e Varela identificam na biologia, podemos entender que: *A célula contém conjuntos interconectados de hiperciclos em redes ou teias, comunicantes semi-abertamente com o ambiente externo. Ela depende do ambiente, pelo menos como fonte de nutrientes, e este é modificado por ela, pela retirada dos nutrientes e por modificações produzidas pelos seus excrementos e outros produtos. [GUIMARÃES 2002:173]* Estes princípios, com restrições podem ser aplicados à sociologia dos grupos humanos.

Bauer faz uma clara leitura de Maturana e Varela ao indicar quase como receituário, facilmente identificável e aplicável a organizações de rede:

“Sistema autopoietico: uma rede de produção de componentes em que: (a) as interações entre os componentes recursivamente regeneram a rede de produção que as produziu: e (b) a rede percebe a si própria como uma unidade, por meio de uma fronteira claramente delimitada relativamente ao resto. Assim, um sistema autopoietico define a si próprio, e a função última de cada componente da rede é participar da produção dos demais componentes.

Autonomia: um sistema autopoietico é autônomo à medida que só depende de si próprio para sua autoprodução. (...)

Organização: é a configuração das relações entre os processos de produção dos componentes da rede que lhe conferem um sentido de unidade. (...)

Estrutura: corresponde aos componentes em si, ainda que em permanente transformação: ou ainda, é a incorporação física do padrão de organização. De fato, no instante em que o organismo morre, o que desaparece é a organização (o padrão de relações entre as partes), mas a estrutura persiste. (...)

Fechamento organizacional: os sistemas autopoieticos não transformam nenhum input do ambiente em output para o ambiente, exceto no sentido de estarem transformando a si próprios (...). Em outras palavras, o produto do sistema é o próprio sistema. Tudo o que ele fizer será sempre no sentido de autoproduzir-se. Enfim, dizer que os sistemas vivos são organizacionalmente fechados é o mesmo que afirmar que eles são... auto-organizantes. [BAUER 1999:66/67]

3.2 – Análise de Redes Sociais

A área que cuida da análise das redes sociais é muito extensa e abrangente na sua extrema transdisciplinaridade. Os instrumentos utilizados oferecem escopos tanto qualitativos quanto quantitativos.

Jacob Levy Moreno, pai do psicodrama, cunhou pela primeira vez o termo sociometria [1994], como um método para se mensurar, estabelecer e transformar as relações intragrupais, em 1916. Em 1944 aparecem os primeiros trabalhos de Kurt Lewin, dentro de uma perspectiva behaviorista na Psicologia Social, do que foi chamado “Teoria do Campo” [1952]. Esta teoria propunha metodologias de mensuração dos campos relacionais entre os indivíduos nos grupos sociais. Outro cientista social, Stanley Milgram, em 1967 iniciou experiências que mais tarde viriam a apontar para os caminhos da utilização da Teoria dos Grafos na análise das conexões de rede e no próprio campo da análise de redes sociais.

Atualmente os estudos de análise de redes sociais, principalmente dos pesquisadores americanos, têm se centrado no desenvolvimento de modelos matemáticos para se possibilitar uma leitura das estruturas e conexões dentro das redes sociais e seus processos dinâmicos. Com o avanço da informática a partir dos anos oitenta, esta área vem apresentando significativos avanços. Autores como Wasserman, Scott, Carrington, Freeman e Foster têm desenvolvido importantes ferramentas de análise estrutural em redes sociais, apontando para uma ênfase quantitativa na pesquisa de conexões sociais.

Esta forma de tratamento encontrada nos Estados Unidos, resulta da herança estrutural-funcionalista de Talcott Parsons, cuja influência se vê ainda hoje em grande parte das ciências sociais americanas.

Dentro de um escopo mais qualitativo, Deroy-Pineau [Apud MARTELOTO 1991] se utiliza do desenvolvimento de tipologias a partir da análise de papéis dentro das redes sociais. Esta forma de análise procura identificar quais os indivíduos e sua importância dentro de movimentos, organizações e grupos.

Para estudar os papéis dos atores nas redes de movimentos em educação popular e saúde foram construídas algumas categorias de modo a perceber os modos de combinação dos recursos comunicacionais, informacionais e cognitivos que cada um dos personagens-chave é capaz de mobilizar de acordo com as ações a serem encaminhadas e as representações que formulam sobre as suas práticas e vivências. [MARTELOTO 2001:23]

Estes papéis podem, portanto, ser categorizados da seguinte maneira:

Mentor - que formula teoricamente a vivência prática, que orienta, que guia. No interior das redes estudadas, pode ser considerado tanto o mentor acadêmico quanto o "mentor popular", ou o representante das classes populares que formula idéias a partir da sua vivência prática nos movimentos populares. (...)

Articulador - que tem contato com outros subgrupos facilitando a comunicação e o fluxo de informação na rede. Estabelece contatos entre as pessoas, liga em cadeia. (...)

Tradutor - que explica, a quem se pede explicação. Simboliza, representa, manifesta, deixa transparecer. Traduz algo em palavras para que todos possam compreender. Faz a mediação entre as informações e conhecimentos externos e aqueles do próprio meio dos membros das redes. (...)

Instrumentalizador - que dá meios para a ação, para atingir objetivos na prática. Que passa ferramentas, instrumentos.

Operador. Detém o conhecimento sobre o instrumento. De forma diferente do tradutor, tem ação mais prática do que discursiva. (...)

Cosmopolita - que faz as mediações, que intervém. Exerce papel de representante do seu campo ou de seu subgrupo na rede, facilitando a troca de informações entre aqueles e o ambiente mais amplo das redes. É mais do que um articulador por ser uma referência nas redes e ter influência sobre os seus membros. [MARTELOTO 2001:24]

Ferrand e Lazega do GARES¹⁰ (*Group of Analysis of Social Networks, Spaces and Structures*) propõe a seguinte estratégia para trabalhar com a análise de redes sociais:

Primeiro, examinando o modo no qual contextos específicos de ação influenciam os processos cognitivos (representações, conhecimento, normas e preferências); recursos disponíveis e sua distribuição mais ou menos solidária.

E especificar, de modo teórico ou empírico, os contextos de ação baseados em:

- a) sistemas relacionais que são caracterizados por um modelo particular de organização de links entre atores;
- b) a interdependência entre diferentes sistemas relacionais exercendo restrições;
- c) Processos de posicionamento do ator nesta estrutura

¹⁰ verificar em <http://www.univ-lille1.fr/gares/>

3.3 – Análise de Discurso

Um dos aspectos mais importantes na articulação de redes é a constituição de mecanismos comunicacionais que, dialeticamente, auxiliam na compreensão da situação do grupo, das comunidades representadas e seus respectivos problemas e das ações propostas.

Como estamos lidando com realidades e visões subjetivas destas realidades, notamos que um dos processos de subjetivação é a própria linguagem além da visão. Nesta encruzilhada de apropriações epistemológicas, várias áreas do conhecimento se entrecruzam: a lingüística, a semiótica, as ciências cognitivas, a psicologia social com suas representações sociais. A antropologia também constitui seu quinhão de percepções de significados em abordagens como a de Geertz [1997] em sua “teia de significados”.

Linguagem, como mecanismo dinâmico, pressupõe a geração de interações sociais e é, ao mesmo tempo, alimentada por estas.

Essa visão da linguagem como interação social, em que o outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo o ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social. O percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo, a ser expresso à objetivação externa – a enunciação – desse conteúdo, é orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, a interlocutores concretos. [BRANDÃO 2004:8]

Na articulação entre o enfoque lingüístico e o social quando da elaboração de um sistema de significação da realidade, a linguagem vem a ser um distanciamento entre a coisa representada e o signo que a representa. E é nessa distância, no interstício entre a coisa e a sua representação sígnica, que reside o ideológico. [BRANDÃO 2004:9]

O pesquisador quando procura se apropriar destas interpretações de uma dada realidade, ainda mais quando o seu caráter participante exige um posicionamento, deve procurar observar até que ponto a ideologia pode interpenetrar a compreensão desta realidade. Fica claro que nesta concepção de pesquisa, a isenção torna-se algo impossível, mas saber diferenciar entre

engajamento militante e direcionismo é vital. Portanto, o que determina a coerência do pesquisador é o seu posicionamento, pois *em boa medida, a lógica, a técnica e a estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca na pesquisa e através dela e, a partir daí, constitui simbolicamente o “outro” que investiga.* [BRANDÃO 1984:8]

Para a produção de sentido, quando o pesquisador confronta-se com a justaposição entre o caráter subjetivo e objetivo da observação, acaba-se por utilizar a referência como condicional.

Sem referência não há sentido e sem sentido não há encadeamento interno de significações fragmentadas. (...) Devemos lembrar-nos de que o texto [ou contexto], quando interpretado por nós, perde suas referências ostensivas, mas ao mesmo tempo cria, para nossa interpretação, novas referências ostensivas atualizadas e possibilitadas por nossa leitura. É dessas referências que falamos. Elas são possibilitadas graças ao nosso “engajamento” no ato de ler [ver, ouvir, registrar, analisar]. Graças a esse engajamento referenciamos novamente aquilo que já havia perdido sua referência, bem como abrimos um mundo possível de sentido. [AZZAN JÚNIOR 1993:24/25]

3.4 – Imagem e Representação

A confusão existente entre imagem captada, sua percepção pelo equipamento sensório e sua representação, seja nos processos psíquicos ou nas representações culturais dos agrupamentos, torna o ato investigativo revestido de uma intensa complexidade. O que vemos, entendemos, comunicamos, representamos ou nos é representado midiaticamente condiz com qual realidade? A realidade da representação? Quando no interior de alguma associação ou centro cultural de alguma comunidade de periferia, um grupo de jovens e adultos sentam-se para pensar formas de ação cultural que dê uma maior visibilidade para os problemas que aquela comunidade enfrenta, que aponte para soluções para estes mesmos problemas que podem ser ou não resolvidos a partir dos próprios ativos desta comunidade, estará esta série de conceitos e compreensões apresentados por alguém com um determinado repertório e com uma determinada representação interna do que seja autonomia, sustentabilidade, superação de uma comunidade sendo signos com o mesmo peso de significação para estes outros sujeitos?

Quando abrimos os olhos, recebemos do mundo exterior uma enorme quantidade de informações. Mas o mundo exterior é altamente estruturado, e as imagens que nossos olhos recebem são, portanto, muito redundantes. O sistema visual, ao fazer hipóteses sobre a classe das mensagens permitidas, procede a uma compressão dos dados recebidos. Esta compressão de dados começa no nível da retina, e antes de chegar ao córtex visual as mensagens já estão tratadas e consideravelmente comprimidas. Tudo o que vemos são imagens interpretadas, por um sistema visual que a evolução natural preparou para enfrentar certo tipo de realidade física exterior. [RUELLE 1993:212]

Esta abordagem torna-se necessária quando um grupo busca obter a sua identidade e coesão de linguagem. Esta unidade facilitaria na tomada de decisões nas ações coletivas propostas pelo grupo.

Sobre identidade individual, Berger avalia que *identidade não é uma coisa pré-existente, é atribuída em atos de reconhecimento social. Somos aquilo que os outros crêem que sejamos. [1995:113]* O processo de aprendizado social é um processo reflexivo. Aprendemos quem somos ao aprender o que é a sociedade que nos cerca.

As identidades [tanto individuais quanto coletivas] são atribuídas pela sociedade. É preciso ainda que a sociedade as sustente, e com bastante regularidade. Uma pessoa não pode ser humana sozinha e, aparentemente, não pode apegar-se a qualquer identidade sem o amparo da sociedade. A auto-imagem do oficial como oficial só pode ser mantida num contexto social no qual outras pessoas estejam dispostas a reconhecê-lo nessa identidade. Se esse reconhecimento for subitamente retirado, geralmente não tardará muito para que a auto-imagem seja abalada. [1995:114]

Do ponto de vista das reconfigurações que a globalização colocou em evidências uma delas tem características antes não previstas, a questão das identidades nacionais. Boa Ventura de Souza Santos recorda que certos espaços sociais, antes não focados pelas lentes das instituições, agora aparecem como importantes atores dentro do cenário global. Os espaços das encostas, das franjas, das periferias, adquirem uma nova importância no mapeamento global, pois

...a recontextualização das identidades exige, nas condições atuais, que o esforço analítico e teórico concentre-se na elucidação das especificidades dos campos de confrontação e de negociação em que as identidades se formam e se dissolvem e na localização dessas especificidades nos movimentos de globalização do capital e, portanto, no sistema mundial. Para além disto, toda a teorização global será pouco esclarecedora. [1994:43]

E Boaventura procura encontrar na multiculturalidade exposta pelos processos globalizantes, uma forma de entendimento da formação ou reconstrução destas novas-velhas identidades, tanto nacionais, mas antes de tudo coletivas. Se novas culturas surgem do conflito, da superposição de contrários, da aceitação ou não das diferenças, temos portanto, que

...as novas-velhas identidades constróem-se numa linha de tensão entre o “demos” e o “ethnos” e contra a identificação entre ambos, até há pouco julgada não problemática, e que o Estado nacional liberal levou a cabo. A crise desta forma de Estado acarreta consigo a problematização de tal identificação. Cabe, pois, perguntar: quem sustenta a nova, ou renovada, tensão entre “demos” e “ethnos”? Julgo que a cultura. Daí a auto-concepção das identidades contextuais como multiculturalidades, e daí o renovado interesse pela cultura nas ciências sociais, daí, finalmente, a crescente interdisciplinaridade entre ciências sociais e humanidades. [SANTOS 1994:43]

Hoje em dia as periferias, antes extirpadas e desconectadas de suas identidades, vêem-se perante a necessidade dessa reconstrução. E esta reconstrução passa ao lado da própria reconstrução de identidade urbana. Jovens de classe média comparecem e participam das atividades culturais realizadas no Jardim São Luís. Eles sentem a necessidade de recompor com esta população nesta reconstrução da cidade, na reconstrução de um saber paulistano, de uma nova cultura. Plural e multifacetada. Uma cultura com uma identidade enredada.

O problema de efetivação de um consenso dentro de uma rede explica-se pela dificuldade na adequação das significações entre os membros desta rede.

3.5 – A Visão Antropológica

Nos últimos vinte anos tem aumentado o número de inserções da Antropologia nos meios organizacionais. Os estudos envolvendo os componentes culturais das organizações adquirem uma maior importância na análise dos grupos sociais internos a estas organizações. A Antropologia vem se unir à Psicologia Social, ao Serviço Social e à Sociologia como saberes que podem contribuir para a compreensão dos corpos organizacionais.

Quando olhamos os movimentos e organizações sociais com o viés antropológico, podemos conceber a necessidade de um aporte participativo. A antropologia, por meio de sua ferramenta mais comum, a etnografia, não pode ser concebida sem este caráter participativo, de envolvimento com os objetos e sujeitos de pesquisa.

Este trabalho de pesquisa não pretende ser uma etnografia propriamente dita, devido às condições de pesquisa e ao tempo exíguo, mas ele se enquadra como uma pesquisa participante com um escopo etnográfico.

As organizações, quaisquer que sejam suas origens, têm a sua estrutura baseada no estabelecimento de seus valores e, por sua vez, são estes valores os elementos formadores e alicerces de todos os fenômenos culturais criados em seus interior. É sobre estes elementos que um etnógrafo deve se debruçar.

3.5.1 – Etnografia (Antropologia Organizacional)

Se a representação etnográfica é obtida por meio da observação e o observador, antropólogo ou quem quer que se aproprie desta lente, necessita compreender as formas do perceber, a observação visual e suas várias formas de transcrição oferecem ao pesquisador todas as chances de errar. Entre o presente e a representação do passado ocorre um hiato de objetividade que por si só já inviabiliza quaisquer tentativas de uma compreensão mais objetiva. Acresce-se a isto o fato de que a verdade do ator investigado é permeada de uma representação desta realidade o que torna a pesquisa uma tarefa investigativa que demanda uma certa aproximação do objeto que nem sempre se constata. Esta aproximação se define como o elemento de participação da realidade vivida pelos atores.

A chamada Antropologia de gabinete do final do século XIX, onde as pesquisas eram desenvolvidas segundo relatos de terceiros, deu lugar a uma vertente onde não se viam mais antropólogos e etnógrafos como cientistas isolados:

A nova etnografia era marcada por uma acentuada ênfase no poder de observação. A cultura era pensada como um conjunto de comportamentos, cerimônias e gestos característicos passíveis de registro e explicação por um observador treinado. Mead frisou bem este ponto (na verdade, seus próprios poderes de análise visual eram

extraordinários). Como uma tendência geral, o observador-participante emergiu como uma norma de pesquisa. Por certo o trabalho de campo bem sucedido mobilizava a mais completa variedade de interações, mas uma distinta primazia era dada ao visual: a interpretação dependia da transcrição. [CLIFFORD 2002:29]

Geertz produz uma verdadeira profissão de fé ao contemplar o fazer etnográfico:

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. [GEERTZ 1989:15]

Lívia Barbosa e Eugenio Giglio são defensores de uma maior utilização da antropologia na administração. Em recente artigo, demonstram como se pode utilizar das técnicas de pesquisa etnográfica na investigação do público consumidor:

Os antropólogos usam a etnografia porque essa metodologia os ajuda a aprender os modos lógicos e significativos pelos quais as pessoas organizam a “realidade”. Quando a observação direta é combinada com entrevistas em profundidade, como normalmente ocorre, a informação visual é enriquecida com os pontos de vista dos próprios “nativos” sobre suas práticas, valores e significados e do grupo social ao qual pertencem. Isso dá aos antropólogos a oportunidade de olhar a realidade de um grupo ou de uma sociedade por meio das categorias deles, evitando, assim, a armadilha do etnocentrismo. Portanto, uma das atividades básicas do trabalho de campo da etnografia é identificar as principais categorias que são usadas por um grupo de pessoas para classificarem a si mesmas, o mundo social a sua volta, os diferentes tipos de pessoas e as relações entre elas, o mundo material no qual vivem e suas relações com objetos que o compõem. Assim, qualquer trabalho de campo e de observação direta precisa começar com os pesquisadores evitando qualquer espécie de classificação a priori sobre o grupo, caso contrário o antropólogo estará investigando seu próprio modo de pensar sobre o mundo e não o pensamento dos “nativos” sobre o mundo deles. [2005:2]

A contribuição da etnografia como elemento analítico das estruturações das redes sociais pode ser compreendida por este relato de pesquisa de campo de uma comunidade aborígene argentina: *Se opta pelo registro etnográfico das atividades de subsistência como contextos de tomadas de decisão rotineiras que integram as interações individuais (nível micro) com as estruturas da sociedade (nível macro).*

Deste modo, o trabalho etnográfico nos conduz desde as condutas concretas ao que emerge delas como um padrão de organização diferente, representado na estrutura de rede. [TEVES et al 2002:80] Na análise da Rede Social de Cultura, foram focados os processos de tomada de decisão para as ações dentro das reuniões do grupo e na aproximação com os indivíduos participantes para identificar qual o seu posicionamento dentro do grupo.

3.5.2 – Antropologia Fílmica (o uso da imagem como ferramenta de análise)

Um recurso muito utilizado por pesquisadores em processos etnográficos é o uso da imagem, seja ela fixa (fotográfica) ou em movimento (filmada), onde a perspectiva do observador é auxiliada por uma continuidade não disponível no olhar nu. Esta continuidade possibilita também uma extensa capacidade de percepção, pois aquilo que o olho mesmo treinado não observou, pode ser captado pela lente de uma câmera.

É quando uma certa objetividade pode captar elementos sógnicos de subjetividades só passíveis de serem entendidas após uma prolongada aproximação dos objetos de estudo. Samain [apud ANDRADE 2000:72] observa que a Antropologia Visual se concentra mais na captação das atividades corporais ou materiais, quando poderia ser direcionada para campos mais abstratos.

Nessa linha, é possível ampliar ainda mais o alcance da Antropologia Visual e afirmar que ela pode contribuir para a identificação e o reconhecimento de sentimentos, emoções, sensações, e, como afirma Geertz, dentro de um contexto próprio para que esses gestos sejam melhor interpretados. A integração das linguagens visual e escrita pode favorecer o melhor entendimento dos significados culturais, tornando as investigações e as pesquisas mais completas. [ANDRADE 2002:73]

O tempo de continuidade observacional que a imagem permite faz com que novas descobertas acabem surgindo, abrindo um leque de pistas dentro do processo investigativo.

Nas imagens, o exame dos gestos simples da toailete cotidiana de um bebê parisiense permite, assim, descobrir uma rede complexa de relações de cooperação intrafamiliares. Sua complexidade deve-se em parte ao fato de o banho da criança ser o ponto de encontro de dois atos de cooperação: um baseado na repartição horizontal das tarefas entre os sexos; outro, na transmissão vertical dos ritos de limpeza entre pais e crianças. [GUÉRONNET 2000:71]

Temos que a imagem pode transmitir mais do que informações, *pois o que se fotografa é a imagem do outro e a imagem não verbal tende a ser mais carregada emocionalmente do que aquilo que se expressa verbalmente.* [COLLIER apud ANDRADE 2000:40]

Por fim, é necessário esclarecer que a estratégia utilizada na pesquisa da Rede Social de cultura compreende a filmagem em vídeo das reuniões do grupo, das entrevistas com os representantes de cada organização participante nas suas sedes, na captação de imagens das atividades destas organizações, de entrevistas individuais com jovens que participam destes projetos e das atividades que o grupo realiza em conjunto.

Capítulo IV

Processo de Pesquisa

Para o desenvolvimento deste exercício etnográfico foi escolhida a Rede Social de Cultura, baseada no Jardim São Luís, Zona Sul de São Paulo. Este relato da pesquisa constituiu-se pelo acompanhamento das reuniões do grupo, atividades das organizações, atividades realizadas pelo grupo e por entrevistas individuais com seus componentes. A maior parte destes momentos foi captada em vídeo pelo pesquisador. Na primeira reunião o equipamento utilizado foi uma câmera VHS do tipo *camcorder* de tamanho grande com tripé. Para evitar a inevitável interferência de um equipamento deste tipo, adotou-se para as próximas captações uma câmera de tipo *handycam*, muito mais prática, com menor grau de interferência e possibilitando uma maior participação do pesquisador no andamento das reuniões. Foram também analisadas as comunicações digitais estabelecidas entre os componentes da Rede Social de Cultura. O objetivo da pesquisa foi obter uma história do grupo como forma de se estabelecer uma identidade coletiva.

4.1 – Breve Histórico da Rede São Luís de Cultura

A Rede Social de Cultura (verificar no Anexo 1 a relação das organizações) define-se como uma rede temática, mas regionalizada, que reúne organizações da Região Sul da Cidade de São Paulo, mais especificamente da Subprefeitura de M'Boi Mirim, que por sua vez abrange os distritos de Jardim São Luís e Jardim Ângela. A partir de 2002, as organizações, artistas, grupos e produtores culturais sentiram a necessidade de reunir-se para pensar a cultura na região e de promover um espaço de articulação entre os participantes, fomentando a realização de projetos que contribuíssem para o desenvolvimento de ações culturais com abrangência social. Por meio de reuniões periódicas, passou-se a estabelecer uma prática de troca de informações onde foram discutidas propostas de atividades em grupos. A partir do estabelecimento de um fórum regular, procurou-se estabelecer uma identidade de grupo a partir da identificação de pontos comuns entre os

componentes e de criar uma forma de ação coletiva. A iniciativa da criação da Rede Social de Cultura deu-se por conta de uma ação anterior do SENAC, na região, pelo seu Centro de Educação Comunitária para o Trabalho. Dentro do programa Rede Social de fomento a redes de organizações de terceiro setor do SENAC, foi criada a Rede Social São Luís e a partir de uma oportunidade de financiamento de projetos culturais na região, foi arregimentado um grupo inicial que deu origem à Rede Social de Cultura.

4.2 – Mapeamento da Região

A Rede Social de Cultura abrange a subprefeitura de M' Boi Mirim composta pelos distritos Jardim Ângela e Jardim São Luís. Esta região já foi descrita pela imprensa como uma das mais violentas da cidade de São Paulo. Em entrevista à Folha de São Paulo⁽¹¹⁾, o padre Jaime Crowe, da paróquia Santos Mártires, ao participar de uma caminhada pela paz que envolveu 3.000 moradores dos dois distritos que escolheram o Cemitério São Luís para o seu término, comentou: *é o cemitério no Brasil com o maior número de mortos por armas de fogo, e o terceiro na América Latina*. Jacobo Waiselfisz, a partir de um mapeamento da violência no Brasil, detectou que esta se encontra mais concentrada nos segmentos mais jovens da população:

As taxas de homicídios (em 100 mil) estabelecidas para as diversas idades confirmam estas evidências:

- *é na faixa "jovem", dos 15 aos 24 anos, que homicídios atingem sua maior incidência.*
- *"momento" crítico, de maior risco de ser vítima de homicídio, é na idade de 20 anos.*
[WAISELFISZ 2002:8]

Segundo os dados demográficos, a região responde por 4,65% da população do município de São Paulo. O total dos dois distritos se aproxima bastante da faixa dos municípios do Estado de São Paulo que contabiliza mais de 500.000 habitantes, em número de apenas 9 municípios **(11)**.

¹¹ In Caderno Cotidiano, Folha de S. Paulo 03/11/2004

Dados Demográficos

Subprefeitura	Distritos	População 1996	População 2000	Crescimento %	Área (Km2)	Densidade Demográfica
M' Boi Mirim	J. Angela	221.424	243.854	10,13	37,40	6.520
	J. São Luís	223.252	236.969	6,14	24,70	9.594
	Total	444.676	480.823	8,13	62,10	7.743

(Tabela 1) Fonte:

<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados/0002>

Os dados socio-econômicos (tabela 2) da região, como em geral na periferia, não são muito animadores, com o grosso da população na faixa de até 5 salários mínimos. A partir destes dados é possível imaginar que as condições de moradia da região não sejam minimamente satisfatórias. Como se pode ler na tabela 3, o percentual de população favelada da região é mais do que o dobro da média do município de São Paulo, assim como a sua taxa de crescimento anual.

Indicadores Socio-econômicos

Rendimento Chefes de Família	M'Boi Mirim (%)	MSP (%)
Sem Rendimentos	17,02	10,43
Até 5 Salários Mínimos	61,32	47,55
Mais de 5 a 10 Salário Mínimos	20,45	32,58
Mais que 20 Salários Mínimos	1,21	9,44
Rendimento Médio dos Chefes de Família (R\$)	574,47	1.325,43

(Tabela 2) Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo Demográfico 2000

Para dar conta deste contingente populacional, as oportunidades de desenvolvimento social pela educação podem estar comprometidas pela estrutura de ensino ofertada. Além de não existirem escolas de formação tecnológica, os indicadores de eficiência educacionais (tabela 4) apontam um percentual de 52% como taxa de analfabetismo e de 21% na taxa de evasão em relação à média municipal indicando ineficiências na estrutura de ensino ofertada.

Favelas

Tipo de Indicador	M'Boi Mirim	MSP
Número de Favelas	272	2.018
População Favelada	126.559	1.160.590
Percentual da População em Favelas (%)	26,10	11,12
Taxa de Crescimento Anual da População Favelada	6,35	2,97

(Tabela 3) Fonte: Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano/PMSP e Companhia de Processamento de Dados do Município de São Paulo (PRODAM), Base Cartográfica Digital das Favelas do Município de São Paulo, 2000

Indicadores Educacionais

Tipo de Indicador	M'Boi Mirim	MSP
Taxa de Analfabetismo (%)	7,42	4,88
Taxa de Evasão Escolar do Ensino Fundamental da Rede Municipal (%)*	1,37	1,13

(Tabela 4) Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo Demográfico 2000; * Secretaria Municipal de Educação/PMSP; 2003

O dado que mais interessa a esta pesquisa é o que inventaria o número de equipamentos de cultura e lazer (tabela 5) disponíveis para os moradores desta região. Se, segundo Walselisz [2002:8], como já vimos, a faixa etária da população mais próxima da violência é a que vai dos 15 aos 24 anos, e que existe uma sazonalidade desta mesma violência:

A sazonalidade dos homicídios parece atuar com força considerável durante os dias da semana. O maior número de óbitos por homicídio é registrado durante os sábados e domingos. Nos fins de semana, os homicídios crescem, em média, mais de 70% com relação aos dias da semana. [WALSELFISZ 2002:10]

Equipamentos de Cultura e Esporte

Área	Tipo de Equipamento	M'Boi Mirim	MSP
Cultura	Biblioteca	0	64
	Casa de Cultura/Centro Cultural	1	16
	Casa Histórica/Museu	0	12
	Teatro	0	8
	Total	1	100
Área	Tipo de Equipamento	M'Boi Mirim	MSP
Esportes	Clubes da Cidade	0	41
	Clubes Desportivos Municipais (CDMs)	6	197
	Equipamentos Especiais (Estádios, Autódromos, Centro Olímpico)	0	6
	Total	6	244

(Tabela 5) Fonte: Secretaria Municipal de Cultura/PMSP, 2004 e Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação/PMSP, 2003

A quase inexistência destes equipamentos propicia o aumento da violência já que é nos finais de semana que tradicionalmente o universo do trabalho reserva para o lazer. O campo perigoso do ócio destrutivo.

4.3 – Acompanhamento da Rede

Antes de iniciar a pesquisa de campo junto à Rede Social de Cultura, foi consultado o grupo sobre a aceitação deste processo. Vale citar que o pesquisador já faz parte desta rede desde o início de 2003 e tem contatos com alguns participantes em outros grupos como é o caso da RAC (Rede de Agentes Culturais), um grupo apoiado pelo SEBRAE de São Paulo e que tem características parecidas com as da Rede Social de Cultura.

4.3.1 – Fórum de Maio de 2004

A pesquisa inicia-se com o acompanhamento do fórum realizado em 19/05/2004 na Associação Comunitária Monte Azul, tendo como mediadora Vilma Ambrosia, técnica do SENAC. A pauta procurava abordar os temas de configuração da visão, missão do trabalho em rede e determinação de qual seria o propósito da Rede Social de Cultura, além da participação da rede nas préconferências que articulariam a I Conferência Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo.

Os Participantes foram:

- Carlos Eduardo Silva – Grafiteiro
- Rosa Pontes – Academia Movimento de Mulheres
- Anabela – Associação Sarambeque
- Seo Nestor – CCESL
- Luís Cláudio – Bloco do Beco
- Herculano – Casa Popular de Cultura/ Sub-Prefeitura M'Boi Mirim
- Ana Maria – Ass. Comunitária Monte Azul
- Luciana, Tais e Igor – Grupo de Teatro Monte Azul
- Gunnar – CEU Dutra

Sobre o propósito da rede, levantou-se que poderia ser o fortalecimento, fomento, difusão das mais diversas manifestações artísticas e culturais; dar visibilidade às ações das entidades e indivíduos ligados à Rede; discutir a forma de trabalhar cultura; discutir política para a cultura, como será a distribuição da verba da cultura; sobre a qualidade dos produtos desenvolvidos pelos componentes da Rede e possível discriminação; se discutir políticas públicas para a região faz parte dos

objetivos da Rede; falta de uma proposta concreta para as reivindicações do grupo; necessidade de um projeto vendável; *Nosso discurso está esvaziado! Precisamos voltar a discussão ideológica, convidar mais pessoas para a discussão; tem que ser um Seminário de Formação Cultural temos que ter um pé na Universidade e outro na favela; precisamos propor linhas de discussão cultural. Pensar isso com a ação cultural; intercalar uma palestra com um convidado e no próximo encontro uma discussão na rede; discutir o propósito da mediação na rede, como experiência, um exercício de aprendizado que todos poderão vivenciar; um desafio que todos terão oportunidade de passar.*

As deliberações do grupo, nesta reunião, determinaram a necessidade de se ampliar a discussão de cultura levando isto para se pensar a produção de um seminário de cultura popular; deliberou-se também que os próximos fóruns tenham a mediação rodiziada, sendo que na próxima reunião, esta ficaria por conta de Gunnar.

Neste início de pesquisa, a primeira impressão é que, devido ao número de pessoas que apareceram, os debates acalorados sobre os objetivos da Rede e do papel de mediação, faziam crer que este era um momento em que a Rede começava a se efetivar como construção de um saber coletivo. As disputas por poder, que ficaram mais claras com o decorrer da pesquisa, já tinham se iniciado um pouco antes até desta reunião. E, ao contrário do que se poderia concluir a uma primeira vista naquele momento, não era um processo de debate profícuo e sim quase o fim desta Rede.

4.3.2 – Fórum de Julho de 2004 – 14/07/2004

Sobre a reunião de Junho, que não foi acompanhada, acabou ficando esvaziada por conta do conflito gerado após o fórum de maio. Com apenas quatro participantes: Ana Maria do Monte Azul, Anabela e Flávia da Associação Sarambeque e Gunnar representando o CEU Dutra, ficou evidente o “racha” ocorrido no grupo. Como veremos mais adiante, estas pessoas fazem parte de uma facção dentro do grupo que defende uma abordagem mais política do fazer cultural.

A reunião ocorrida na Casa de Cultura do Jardim São Luís inicia-se com a Vilma, técnica do SENAC, mostrando, na sala de informática, como funciona a página da Rede Social de Cultura dentro do site www.setor3.com.br do SENAC. Logo a seguir, já na sala de reuniões, a Vilma consulta o grupo se alguém gostaria de mediar a reunião. É definido, sem muita discussão, que a mediação continue com a Vilma.

Presentes:

- Seo Nestor – Casa de Cultura do Jardim São Luís
- Tatiana – coordenadora de ação cultural do CEU (Centro de Educação Unificado) Casablanca
- Márcia – Projeto Crescer
- Silma – estagiária em educação para o terceiro setor
- Luís – Bloco do Beco
- Herculano – Casa de Cultura do M'Boi Mirim e supervisor de cultura da subprefeitura
- Mário – Casa dos Meninos
- Roberto – Rainha da Paz
- Vilma – SENAC
- Diane – Casa dos Meninos

Algumas falas:

Herculano – *(reclama que quando o poder público chama para conversar e nomeia isto como um fórum, não tem legitimidade, pois o que dá legitimidade a um fórum de discussão sobre cultura é que ele seja desenvolvido pelos movimentos sociais). As entidades estão sendo hoje balcão de pedidos. Os grupos... ah! Eu tenho o meu grupo e vou lá e apresento. A construção coletiva tem que ser realmente coletiva.*

A legitimidade é obtida por meio da construção coletiva, não pela imposição, o que também pode ser pensado em relação ao fazer cultural. E se a própria construção da Rede Social de Cultura partiu de uma proposta do SENAC, seria esta a razão da falta de legitimidade e identidade desta rede?

Diane – *muita discussão e pouco fazer. Tá na hora de a gente partir para uma ação prática. Acho que a gente deve estar provocando coisas aqui e acho que esse provocar, ele tem que vir pela ação.*

Luís – *(discute se os projetos Casa de Cultura Jardim São Luís e Rede Social de Cultura tem inter-relacionamento).*

Vilma – *Existem vários projetos de rede, mas estão adormecidos. O Jean do Manicômicos, na última reunião, disse que estava indo embora. “Quando precisar de mim me chamem, porque eu quero ação, não ficar só discutindo.*

Alguém não identificado – *eu também.*

Uma das causas da quase pulverização do grupo foi a não obtenção de consenso sobre qual seria o propósito de existência do grupo. Se a ação cultural, com fins de conscientização social ou de recuperação de identidade comunitária ou se a implementação de um debate sobre o significado de cultura popular com caráter politizado.

Vilma – *lembra-se da invasão cultural na reunião de moradores, realizada pelo grupo Manicômicos, e do problema da invasão que não pode contar com ônibus.*

Diane – *chamar os grupos que fazem a cultura que eles sabem o que precisam para trabalhar.*

Roberto – *acho que a gente pode fechar uma data hoje, mesmo que seja simbólica, porque cultura nunca é ação pela ação. Você faz e ela já carrega, incentiva e tudo. (sugere que o primeiro evento seja no CEU Casablanca, para ninguém reclamar de estrutura e comunica de um evento que a Rainha da Paz pretende fazer na Favela Fim de Semana contando com recursos mínimos).*

Diane – *quando você faz um evento, este chama a atenção do pessoal que faz e dos grupos que também querem participar.*

Seo Nestor – *em Pernambuco, na semana santa, o sujeito passa o dia lá na roça, o dia inteiro trabalhando na roça, no dia da cultura ele se veste como artista e vai pra cidade dar o recado dele. Está faltando isto. O que nós temos de tocador sanfona, de viola... Estas são as inteligências adormecidas.*

Nesta reunião foi determinada uma nova orientação: a de dar preferência à ação cultural. Talvez o que ainda tenha ficado pendente tenha sido a mediação e a definição do papel do SENAC. Outro dado é que começava a ser operada uma profunda modificação nos nós centrais da rede. Poderia ser identificado que antes da primeira reunião que a pesquisa acompanhou, a centralização da rede estava nas pessoas de Rosa (Casa de Cultura Jardim São Luís e, posteriormente, Academia de Mulheres) e Gunnar (Trópis e CEU Dutra). A partir deste fórum, este espaço começou a ser preenchido pelo Roberto (Rainha da Paz) e pelo Luís (Bloco do Beco), como um parceiro na construção das ações.

4.3.3 – Reunião da Rede São Luís - Comunidade Santa Júlia – Itapecerica da Serra – 14/07/2004

Alguns componentes (Herculano, Sérgio, Tatiana e Luís) da Rede Social de Cultura foram convidados a participar deste encontro pelo SENAC e pelo Seo Nestor. Nesta reunião, o objetivo em parte foi o de focar os problemas da comunidade Santa Júlia, onde, além das questões de saúde, existe um alto nível de desemprego. Este é o interesse do SENAC em levar capacitações, formação e profissionalização.

Lourdes (técnica do SENAC) – *alguém pergunta, como é que eu faço para ter curso lá na comunidade? Resposta: faz um tempo que a gente não faz mais assim. O que a gente faz é capacitar multiplicadores e estes multiplicadores vão fazer nas suas comunidades. É desta forma que a gente acredita que deixa uma pessoa mais capacitada na comunidade. Quando o SENAC fazia diferente, o SENAC ia com o docente e capacitava as pessoas e quando o SENAC ia embora, não ficava este know-how, essa experiência.*

É interessante notar que o SENAC, nas suas ações sociais, tem tentado se adaptar às novas circunstâncias, mas talvez a capacidade de identificar as alterações nos organismos sociais, as tendências de comportamento e de necessidades da população, não tenham acompanhado a velocidade destas transformações. Vê-se que a antiga vocação do SENAC para projetos vinculados ao mundo do trabalho não se alterou significativamente, haja vista que o nome anterior do Centro de Tecnologia Gestão do Terceiro Setor era Centro de Educação Comunitária para o Trabalho.

4.3.4 – Reunião da Rede Social de Cultura – Rainha da Paz – 23/07/2004

Vilma – *(coloca a questão da nova invasão cultural, porque o pessoal acredita que a cultura invade os espaços, e que a ação não é só fazer apresentações, mas também se comunicar com as pessoas procurando mostrar a importância destas atividades e do envolvimento das comunidades. Relata uma das invasões culturais ocorrida em uma reunião de moradia). Ela (um dos representantes do grupo Manicômicos) chegou com uma mala como se fosse uma retirante, abriu a mala e começou a resgatar, tirou um livro de um escritor muito conhecido no nordeste. Ela começou a tirar da bagagem coisas da cultura, coisas tão adormecidas deste povo. Naquela apresentação ela trouxe todo o espírito do grupo com relação ao projeto.*

Luís – *uma das propostas, que é da invasão cultural, está sendo alcançada que é não ficar o Douglas fazendo o trabalho dele aqui, ficar o Bloco (do Beco) fazendo um trabalho isolado, tem que haver um intercâmbio. Era uma das propostas. Neste sentido, está começando a se concretizar. Tá começando a ter intercâmbio. Vai ter o evento do Rainha da Paz, vamos trazer a galera. Uma série de eventos... um ponto que já é concreto, já está acontecendo.*

Roberto – *(propõe que o Sábado Cultural, que faz parte do Projeto Metamorfose, seja renomeado como Invasão Cultural) o Sábado Cultural surgiu de dentro de um outro projeto chamado Metamorfose que é um projeto de grafite. Um projeto que nasceu na comunidade. Foram os jovens da comunidade que vieram à entidade e nós estamos como parceiros destes jovens neste projeto. É um projeto de grafite porque eles queriam uma transformação visual de alguns pontos da comunidade, e acabou sendo enriquecido este projeto se tornando um projeto de grafite, mas temático. Ele é um projeto de grafite, mas vai abordar temas que, junto com os jovens, definimos como interessantes para a comunidade. É um projeto de seis meses abordando seis temas e no final de cada oficina vai ter uma intervenção em grafite e cultura em pontos específicos da comunidade, abordando temas como cultura hip hop, Estatuto da Criança e do Adolescente, educação ambiental, mídia na periferia e organização de favelas.*

Douglas – *já foram convidados o pessoal dos quatro elementos. A gente tá correndo atrás de uma pessoa que, não necessariamente precise ser do movimento hip hop, que possa somar e representar o quinto elemento que é o conhecimento. Os quatro são o break, o grafite, o DJ e o MC e o quinto é o conhecimento. Estes forma os elementos que deram origem ao movimento hip hop. O quinto elemento é a hora em que as pessoas mais intelectualizadas, que tem mais conhecimento, atuação mais antiga no movimento social... O hip hop hoje tá dentro, faz parte do movimento social. Tem muita gente trabalhando em entidades, ongs, que têm muito conhecimento pra passar pra nós.*

Luís – *(comenta de uma idéia para um evento onde os jovens iriam homenagear os pioneiros do movimento hip hop) um evento onde estariam homenageando estas pessoas, resgatando por que, pô, eles deram o pontapé inicial!*

Neste momento, o grupo inicia um processo de entendimento do que seja o seu propósito. De discutir cultura e de articular ações com finalidades de conscientização das comunidades da região sobre seus próprios ativos culturais e de proporcionar o acesso a outras visões.

Rosa – *a rede tem essa coisa de ser aberta, de repente grupos que chegam para fazer um evento acabam fazendo parte da rede depois. Não necessariamente, não é obrigatório. De repente eles se sentem a vontade a fazer parte da rede. É como ele falou (Roberto), nada de utilizar uma camisa de força. Eu acho que é aquela coisa que você estava falando, de estar assim criando uma força maior como rede social de cultura, mas não perder a identidade dos eventos. A identificação, o que vai ser feito porque isso vem fortalecer demais as ações do coletivo, que faz com que, cada vez que um projeto venha a ser feito pelo grupo, pela Rede Social de Cultura, eu tenho certeza, ele vai ter uma força muito grande. Ele se fortalece e vai criando um nome, um nome que vai trazer muita força para o grupo.*

A Rosa resume bem o espírito do que seja a atuação em rede e de uma rede de cultura.

Tatiana – *(sobre a divulgação da Festa das Nações) na realidade é assim, o CEU, a gente tá cedendo o espaço, é um pessoal, a Maíra (funcionária da subprefeitura), que tão organizando. A gente tá cedendo o espaço, alguma coisa de material, né? E eles vão pegar essa parte da divulgação com a subprefeitura também e tal, mas seria legal pelo menos tá colocando na rede, no site.*

Tatiana – *mas sabe que este dia de especial assim vão ter... ela (Maíra) tinha colocado no projeto 150 grupos de hip hop da região que ela vai contatar e tal e é capaz de ter a galera... e vai ter uma entrega de títulos habitacionais no CEU que é pra 3.000 pessoas na área externa. Títulos... é... entrega de casas.*

Roberto – *(sorrindo) sei sei... comércio, também conhecido como comércio.*

Tatiana – *é, não sei se vai ter este caráter, vai ter a entrega do título... (ligeiramente constrangida)*

Roberto – *vai, vai...*

Douglas – *u, u, se vai...*

Tatiana – *sei lá, eu nunca vi isto na minha vida, mas enfim, vai ter 3.000 pessoas na área externa e o pessoal dentro do teatro, então vai ser bastante gente mesmo... (frisando)*

Neste ponto da discussão vê-se claramente como o poder público utiliza-se, dos espaços que cria, para suas atividades de proselitismo político. O tom de humor com que as pessoas do grupo tratam o assunto denota a “normalidade” do fato. Tanto a utilização do espaço público com interesses próprios como o aproveitamento de oportunidades de marcar presença política são práticas já banalizadas na cultura brasileira.

Vilma – *então o objetivo deste projeto (metamorfose)...*

Roberto – *é o resgate cultural dentro da comunidade. É... até tentar...eu não sei se é isto, se é só resgate. Aqui faltam opções culturais mesmo, que aconteçam aqui dentro. É mais isto.*

Vilma – *proporcionar...*

Douglas – *quando se discute essa palavra “resgate”, principalmente aqui na quebrada, aqui na favela... É resgatar o que? Aqui nunca teve nada. É trazer mesmo, apresentar acho que, embora tenha vários lugares que estão resgatando, a gente tá apresentando.*

Roberto – *é despertar na verdade. Tem muita coisa que existe aqui dentro que tá dormindo.*

Douglas – *o que é forte aqui, vou falar, são duas coisas. O hip hop não entra aí não. O forte desta comunidade, da favela Fim de Semana é o axé e o forró. Não tem outra. É o axé e o forró. Tem as pessoas que curtem rock, tem o pessoal do movimento hip hop, mas o forte é estes dois. Então você tem que trazer mais coisas pra estas pessoas ver que não são só estes dois.*

Rosa – *é,... ter mais opções.*

Aqui aparece a dificuldade do grupo de entender o que seja ação cultural e patrimônio cultural comunitário e do indivíduo. Cultura, para alguns, ainda se apresenta como uma externalidade ao indivíduo e não a sua própria bagagem experiencial. Roberto consegue aproximar-se desta compreensão ao falar sobre o “despertar”. A protagonicidade cultural passa pelo despertar, pela conscientização de que cultura é mais que um produto, cultura é um fazer, é a aceitação de si próprio, de sua herança.

4.3.5 – Fórum da Rede São Luís – Bloco do Beco 11/08/2004

Roberto – *(aborda a importância das ações culturais executadas a partir dos ativos da própria comunidade. Fazer cultural com mobilização comunitária).*

Tatiana – *porque na verdade quem fez a divulgação, a gente cedeu o espaço, que inclusive é uma coisa que a gente discutiu bastante, que a gente não vai mais fazer simplesmente isto. Senão o CEU vai começar a virar um espaço de aluguel: “ah! Queremos o teatro pra um dia tal” e a gente dá o espaço. E não é a proposta. A proposta é construir junto, pensar junto, e executar junto. Então toda a divulgação ficou por conta da sub (subprefeitura do M’Boi Mirim). Na verdade, da Maíra que trabalha na sub. Que ela divulgou e tal... quando eu conversava com ela, ela dizia “ah! não... tá tudo certo, tudo articulado”. E a gente achava que tava divulgado, ...até que tinha bastante gente, tava praticamente lotado, mas...*

Evandro (oficineiro de hip hop do Bloco do Beco) – *daqui não tinha ninguém. Do cemitério pra cá não tinha ninguém. Os caras lá debaixo: “pô nem sabia”!*

Tatiana – *é uma falha que a gente tá... até assim, tem que anotar para os próximos, a gente tá pensando em outro evento de hip hop. Nos próximos tá... não deixar que isto aconteça de novo.*

Luís – *tá, até entre o movimento tem que ir mais, tem que ter... haver mais uma... tem que haver mais... intercâmbio.*

Roberto – *ah! você tem que assumir os papéis mesmo! Não tem que reclamar. Você tem que divulgar.*

Existe uma grande dificuldade entre os movimentos sociais de se efetivar os processos comunicacionais. E quem deve fazer o quê? O poder público oferece serviços e os movimentos os usam? Como podemos saber o que está à disposição e quais são as demandas sem instrumentos comunicacionais eficientes de ambos os lados ou entre estes?

Vilma – *(tentando retomar) vamos lá gente?! Eu tenho que garantir a pauta.*

A estrutura burocrática do SENAC cobra de seus técnicos a eficiência no cumprimento de suas funções.

Tatiana – *a nossa região, o M'Boi Mirim, foi escolhida pela prefeitura, pela prefeita, como o grande foco, assim, onde vai estar... vai estar sendo direcionado mais, inclusive a imprensa, TV...verba, várias coisas aqui que esta região foi escolhida o grande foco de ação... do Sábado Saudável contra a violência.*

A palavra-chave verba parece neste momento não ter surtido o efeito desejado. Até a Tatiana não parece acreditar muito no que diz.

Evandro – *uma coisa que aconteceu na festa dos “b boys”, o meu protesto em si não é pela festa, e não porque eu não fui e não fiquei sabendo. A gente teve oportunidade de fazer uma festa pra “b boy”... Eu não conheço uma boa festa de “b boy” sem um bom grafite (frisando) e creio que não teve grafite. Então, os “b boys”, eles viram lá um show legal. Toda infraestrutura, CEU, essa coisa toda e esqueceram do que? De familiarizar a coisa. Puxa vamos chamar alguém pra pintar, vamos chamar alguém pra cantar, vamos chamar alguém pra fazer 5 minutos de discotecagem. Acho que é legal fazer a coisa bem feita. Ah! me deram o show, me deram espaço, vamos dançar. Pegou todo mundo lá e vamos fazer uma quebrada, então acho que isso deveria ser mais discutido, mas deveria ser falado... pô são “b boys”, são, mas e aí? É só o CEU abrir as portas e fazer dançar. A gente tem aqui uma oficina de brake, mas não é só isso, a gente passa outras coisas... tem que trazer a família pra coisa, porque o hip hop em si não é só a dança, não é só o RAP, só o DJ, é tudo junto!*

O hip hop tem sido usado muito por políticos nos últimos anos. O Agosto Negro, um projeto que teve início nos movimentos de periferia, acabou esvaziado quando foi encampado pela prefeitura nos anos de 2003 e 2004. Há uma clara dificuldade de se entender as complexidades dos movimentos de periferia.

Vilma – *(foi perguntado sobre a visita do ministro Gilberto Gil à Casa dos Meninos) a Rosa não conseguiu entregar a carta (documento preparado pelos representantes de movimentos e organizações sociais da região sobre projetos e ações culturais para o local) ao Gilberto Gil (o grupo só ficou sabendo da visita às 18h00 do dia anterior à visita que seria realizada às 09h00 da manhã).*

Representantes do poder público visitando projetos sociais é prática corrente. A utilidade destas ações parece se dar apenas pelo fato de autopromoção e dar pauta para a mídia, ou até mesmo cumprir agenda.

Roberto – *(sobre o seminário de cultura) seria muito interessante se viesse um vereador, porque acho que um vereador seria mais transparente. Um vereador preocupado com políticas culturais geralmente ele tem idéias, não importa o partido, eu acho. Pra ele ter preocupações culturais, ele já é interessante. Agora, se você traz um representante do governo futuro, provavelmente ele vai ser lenga-lenga. “Ah! não vamos mexer no que tá funcionando bem”. É aquela história que...*

Esta aproximação foi tentada mas os resultados não foram positivos. Após o palanque, políticos ficam bem mais ariscos.

4.3.6 – Reunião com o Grupo de Artesanato – 10/11/2004

Sérgio (pesquisador) – *(nesta reunião, procurou informar sobre uma ação do SEBRAE, criando uma unidade para abrigar projetos de artesanato, cultura e turismo. O interessante é que grande parte dos participantes do grupo de artesãos já sabia e alguns participaram ou participam das atividades do SEBRAE e conhecem a RAC, Rede de Agentes Culturais, rede fomentada pelo SEBRAE e da qual o pesquisador também faz parte).*

Problemas dos artesãos identificados pelo grupo:

- espaços para a instalação das feiras
- capacitação técnica e administrativa (oficinas)
- divulgação
- legalização
- falta de um calendário de feiras
- materiais e estrutura (barracas)
- cadastro de artesãos
- mais dinamismo nas feiras (atividades culturais paralelas – festa cultural)

Este último item é o que configura a possibilidade de parceria com a Rede Social de Cultura.

- Problemas identificados pelo pesquisador a *posteriori*
- identidade do grupo
- marca e diferencial (para atrair pessoas de outros bairros)
- meios de divulgação a serem utilizados
- troca de informações com outros grupos de artesãos
- formatação de negócios
- outros canais de distribuição
- pesquisa (o que motiva as pessoas a comprar artesanato)

4.3.7 – Seminário de Cultura Popular – Casa de Cultura do M'Boi Mirim – 14/12/2004

Pauta:

- 1 – Avaliação do momento de transição política.
- 2 – A dificuldade do trabalho em rede.
- 3 – Expectativas.

Jonas (Espírito de Zumbi e Coordenador da Casa de Cultura do M'Boi Mirim) – *fazendo uma comparação entre a administração do Pitta e Maluf e essa, essa da Marta Suplicy, nós tivemos mais facilidade de trabalhar culturalmente nessa administração. A abertura foi, assim, ampla. Tivemos dificuldades com verbas, atrações artísticas... Isso aí realmente deixou a desejar. Essa administração, pelo menos nas casas de cultura, deixou a desejar. Mas acho que com relação ao trabalho de politização, de conscientização, foi uma abertura democrática muito grande. (segundo Jonas, a atuação dos grupos, ongs, se manteve muito isolada e faltou um diálogo maior com o poder público, até para que este soubesse o que as comunidades precisavam ou dispunham culturalmente). E até pela falta de articulação deste seminário, vê-se a dificuldade de atuar em rede na região. Nós poderíamos estar aqui fazendo um fechamento de pelo menos 12 encontros ao ano. Estaríamos numa posição muito mais elevada, muito mais esclarecida.*

Roberto (Rainha da Paz) – *poderíamos interferir até na campanha, porque a campanha não focou a cultura.*

Ivonete (presidente da Jogos da Figueira Grande) – *espero que o próximo governo reconheça o profissional e não o político.*

Daniel (Diretor da Casa de Cultura do M'Boi Mirim) – *se joga muito peso culturalmente no CEU em detrimento de outros aparelhos.*

Adilson (Vice-presidente da Casa de Cultura do M'Boi Mirim) – *nós estamos vendo alguns sinais (da próxima administração) pelos jornais... Em primeiro lugar, né, escolheu um secretário de educação que é um médico, né? A próxima gestão não tá apontando coisa boa, nem pra educação nem pra cultura. Não dá pra saber qual apito será tocado, mas já dá pra perceber que não será tão favorável quanto esta administração da Marta tem sido, mas de repente acho que a gente tá criando uma resposta através desta união que a gente tá, por exemplo, nos reunindo agora, com vários movimentos, várias pessoas que têm representatividade no campo cultural.*

Neste momento de transição, quando uma administração que procurou dar uma face mais popular, de aproximação e diálogo com os movimentos e organizações sociais, é trocada por uma outra que, a princípio, é identificada com as ditas elites burguesas, a expectativa para os militantes culturais é de desconstrução do que foi conquistado. Por outro lado, existe sempre a necessidade de se adaptar às circunstâncias, ao cenário político atual para que se possa encontrar caminhos de continuidade de trabalho. Esta parece ser a visão do grupo neste momento.

Sérgio (Pesquisador) – *eu vi uma matéria no site do SENAC (www.setor3.com.br), não sei se vocês viram, deve ter sido colocada esta semana, sobre um movimento ambiental aqui no Jardim São Luís.*

Roberto – *o Eco-Social. Eu participo, estou dentro. É um grupo que surgiu pra pensar a questão ambiental no Jardim São Luís a partir de uma luta por um terreno que tem ali próximo do cemitério. Uma área de 11.000 m². Uma área remanescente de mata atlântica que o governo Alckmin já devastou quase a metade. A partir dali, estamos desenvolvendo um projeto ambiental que tem tudo a ver com cultura.*

Roberto confirma a possibilidade de conexões múltiplas ocorrendo entre as redes.

Rafael (Santos Mártires) – *a gente não tem um contato legal com esta área política, com a prefeitura, governo, etc. Começamos meio que no anonimato, sem informação nenhuma, no amadorismo, no amadorismo mesmo. Tem grupo amador e tem grupo muito amador mesmo, é a gente. Meio com esta ignorância a gente não conseguiu correr atrás. Agora, nós estamos procurando participar de grupos como este e acho que a gente tem que procurar se adaptar ao novo governo que vem aí. Nós temos que avaliar no momento que estiver acontecendo. Outra coisa é chamar o jovem pra cultura. Falar pro jovem em teatro, poesia... “argh!!” Então acho que as casas de cultura deviam ir às escolas fazer palestras, conversar, porque pra encontrar o jovem, ele está é nas escolas. Tem muito jovem que tá interessado,*

mas não sabe onde ir, fica sem informação. Portanto, acho que o ponto-chave são as escolas.

Rafael é um jovem da periferia que tem plena consciência de sua situação. O tom jocoso de assumir a precariedade de suas ações contrapõe-se a sua clareza de avaliar a necessidade de se conectar com outros grupos e, de que a ação cultural pode ser mais efetiva ao se aproximar dos jovens por meio da educação. Esta clareza é pouco encontrada mesmo nos militantes mais esclarecidos.

Marcelo (CEU Casablanca) – *pra entender é melhor olhar pra trás, antes mesmo desta administração. A história começa com o fechamento desta casa de cultura quando houve um movimento organizado pra manter aberta. Acho que foi aí que começou uma preocupação com cultura, porque até então ninguém se interessava, nenhuma igreja se interessava, nem um movimento popular se interessava por cultura, nem um comerciante... a partir deste engajamento, desta motivação, todo mundo começou a ver que cultura é um negócio que pega. Quando entrou este governo, ele veio com um pé na frente. Pô, vamos investir e tem fulanos e beltranos aí. Eles já mapearam rapidamente a cidade de São Paulo, porque sabiam que era o negócio. Cultura, arte, o caso da violência, né? Os filmes que produziam, né? Feito pela classe média alta focando a violência. Esta é a política cultural... deles né? Nós fomos meio que manipulados de certa forma, mas até aí não entregamos o ouro. E eu acho que nesta gestão houve um avanço, foi a aproximação do diálogo, nesta gestão, com política cultural. Você podia dialogar diretamente com o secretário, ele ouviu, outras pessoas ouviram também enquanto movimento. Se essa rede de cultura existe, essa aqui especificamente, é porque o grupo foi apresentado um ao outro e o outro já faz parte de outra, então constituiu-se a rede. Infelizmente... não é que infelizmente, eu vi também uma transformação nesta gestão de... pipocou de grupos culturais, de produtores culturais, de ongs que eu nunca tinha visto na vida. O Rainha da Paz nasceu nesta gestão, Casa de Cultura São Luís nasceu nesta gestão, Casa dos Meninos acho que tem mais de 40 anos, só que mudou a missão nesta gestão...*

Herculano (Supervisor de cultura do M'Boi Mirim) – *(complementando) Soldados do Baixo Escalão...*

Marcelo – *então você viu Jodafe... Entendeu? Não sei porque, são coisas que, não sei porque ocasião surgiram nesta gestão... Porque a história da cultura não começa nesta gestão. Começa há muitos anos, anterior até ao nascimento desta casa. (Casa de Cultura do M'Boi Mirim) lá nos anos 80. Já havia cultura na região, em São Paulo, existia um intercâmbio... Então já houve... então o primeiro embate político que eu lembro foi quando quiseram fechar o Piraporinha (?), não sei se vocês lembram, foi um movimento cultural que chegou lá e reformou, só que de lá pra cá quebrou. Tinha também o fórum, o único fórum de cultura que tinha aqui, o da Capela do Socorro, quebrou e voltou nesta gestão. O que pra mim é um ponto negativo. Onde há PT tudo volta, tudo desenterra, mas também houve uma coisa legal que foi: vieram novos atores aqui, surgiram novas ongs com a cabeça totalmente diferente trazendo um interesse mais social pra dentro da cultura e também de aproximar com a educação. Eu também acho meio complicado de chegar perto da educação que são coisas diferentes. O Herculano mesmo costuma falar que a cultura vem muito antes da educação. Uma coisa pra gente refletir futuramente. E assim, como eu também fui representante do governo nesta gestão, vi coisas muito legais acontecerem. Os cara foram muito ousados em muita coisa. Houve ousadia apesar do CEU, que é uma coisa da Secretaria de Educação, foi uma ousadia sim muito grandiosa que outras pessoas não tentaram, mas, em contrapartida, não capacitaram na música, o cara que faz evento na rua,*

mas apesar que este governo se interessou muito em fazer este tipo de parceria. Você vê que na cidade inteira houve parceria dos movimentos com o governo. Isto é um lado positivo. Outro lado negativo também é que houve muita, infelizmente, fogueira das vaidades: “o fulano é o cara porque o fulano faz campanha pra beltrano”, então colocava ele para assumir uma responsabilidade, um cargo, e, às vezes, ele nem entendia daquilo. Poucos ouviam “olha, eu sei fazer aquilo”. Você vê que São Paulo se quebrou por causa disso. Outro ponto negativo, na cultura, houve na cultura também muito assistencialismo, tanto na parte técnica, como na articulação, muito assistencialismo, porque tudo é o governo que tem que dar, cem por cento é o governo que tem que dar. Acho que, se já existe um movimento anterior a isto acho que ele também tem pernas pra correr. O governo só tem que ser parceiro. Entendeu? Um exemplo, o da Casa de Cultura (do M’Boi Mirim), ela sempre foi uma ong, anterior à criação dessa Casa de Cultura como instituição, sempre esteve junto com o governo, o governo Covas, né? Na época do secretário o Guarnieri. Eu acho que nós assim, pecamos por não termos nos articulado bem, apesar que idependente de ter poucas pessoas neste fórum, tá rolando um fórum. Se há um fórum é porque há persistência. São poucas pessoas, mas as que estão aqui são as mais importantes para a região. Minha expectativa para o próximo governo eu tiro hoje do governo do estado que está aí, que a Secretaria não fomenta, não divulga, não funciona! Não reverte, não tem uma diretriz como se fosse assistência social. Um lado positivo é que nós estamos aqui e a gente tem que conversar com ele: “olha existe isso, aquilo, topa ser parceiro?”. Eu acho que ele tem que ouvir. Todo governo tem essa mania de destruir o que o outro já fez.

A participação do Marcelo, com seu depoimento (que mais tarde na entrevista é mais aprofundado) denota alguém que sente a necessidade de recuperar a historicidade dos movimentos culturais, de sua relação com os poderes públicos. Uma breve leitura de seu discurso possibilita duas hipóteses como análise: a de um agente preocupado em não fechar portas políticas e inseguro com relação a um posicionamento mais fechado e, segundo, de alguém que procura identificar todas as variantes dos cenários possíveis.

Tatiana (CEU Casablanca) – *fazendo um relatório das atividades do CEU, de tudo o que aconteceu em seis meses, são absurdos os números. A gente teve mais de 40 bandas da região que tocaram no CEU. Isto em menos de seis meses, é muita coisa. A gente teve muitos grupos de teatro, muitas coisas de dança... eu me impressionei muito com os números mesmo, com a quantidade e com qualidade das coisas daqui. Eu até dei uma desanimada quando conversei com o Roberto semana passada, porque tava parecendo que não ia acontecer nada hoje. O que eu sinto também é que estes grupos estão isolados. Existe a tentativa da Rede Social de Cultura que eu faço parte, mas a gente vê que é um pouco assim: às vezes vem um, às vezes vem outro, mas a gente conseguiu em pouco tempo formalizar algumas coisas concretas na rede, não ficou só no blá blá blá... que eu critico. Quando eu entrei... eu também sou dessa idéia, se tem que discutir vamos discutir, vamos conversar, mas vamos para a prática senão cansa, senão é chato, você não tem vontade de vir na próxima. Mas numericamente falando, nunca foi investido tanto em cultura assim, em nenhuma cidade do Brasil. Nunca. A gente passou dos 2%... É ridículo, né? Mas nunca foi investido mais que 2%.*

Infelizmente não foi possível realizar a entrevista individual com a Tatiana. Seria muito importante a sua visão e dados de como está configurada a força cultural da região do M’Boi Mirim. Pela sua fala vê-se que o potencial de

desenvolvimento sócio-econômico da região pela cultura é muito alto. Nota-se também, que este potencial só se dará pelo caminho da articulação e cooperação entre entidades, artistas, produtores culturais, grupos artísticos e que a dificuldade de se fazer esta integração dilui muito este poder. Poder que poderia também se focar até na reavaliação do orçamento do município para a cultura.

Roberto – *quando eu comecei a trabalhar com cultura eu fui participar de uma reunião com a Rede Social de Cultura, coordenada... coordenada não, fomentada pelo SENAC. E quando eu fui nesta primeira reunião eu acreditei muito na proposta e depois de algum tempo eu fui vendo que tinha muita gente que tinha resistência a essa rede, já tinha passado por lá e não gostou. E eu estava falando disso hoje, que é importante avaliar isso hoje, a participação do SENAC nesse processo.*

O grupo chegou a discutir brevemente sobre a necessidade de aumento de investimento, atualmente os canais de investimento resumem-se ao VAI .

Roberto – *(concluindo) teve momentos que ficou bem claro que nós precisamos nos unir. Isto é quase que uma unanimidade aqui. Isto é importante politicamente? Sem dúvida. No primeiro semestre de 2001 eu participei de um processo lá no Jardim São Luís que era uma proposta de rede também. Não sei se vocês chegaram a conhecer que era o projeto PP do Sílvio da Casa dos Meninos. Ele tinha um projeto de rede, de unir todas as organizações e eu participei de várias reuniões no primeiro semestre de 2001 e fiquei encantado... no final de 2001 a proposta já tinha ido por água abaixo. A rede acabou, todo mundo sentando o pau em quem tinha tido a idéia, o Sílvio. E eu fiquei impressionado de que como uma idéia tão boa pode ter dado tão errado. E aí agora, quando eu comecei a participar da proposta da rede social de cultura, eu comecei a ficar com a mesma impressão. Todo mundo só sentava o pau e até a Vilma chegou a falar pra mim assim: “será que o problema sou eu, Roberto?”. Eu falei: “não Vilma”. E aí hoje o Luís abriu este bate-papo falando assim: “o pessoal tem muita resistência ao SENAC...”. Eu, em nenhum momento em que eu participei desta rede, vi essa como uma rede do SENAC. O SENAC sempre apoiou essa idéia de nos unirmos e ao mesmo, tempo, hoje, aqui todo mundo lamentou o fato de não conseguirmos nos reunir mais, nos unirmos mais... então é uma coisa contraditória. Se é tão necessário porque eu e o Luís, a Tati quebramos a cabeça, “pô, o pessoal não vem na reunião...”. No meu ponto de vista o objetivo final da rede é o fortalecimento político. Agora a estratégia que se usa para isso ela tem que ser prática, ela tem que criar ações.*

4.3.8 – Reunião com o Supervisor de Cultura da Subprefeitura do M’Boi Mirim Gestão Serra

Tião (Supervisor de Cultura do M’Boi Mirim) – *quero agradecer a presença de todos nesta empreitada do desafio que começamos a assumir neste momento. Na verdade, a primeira reunião que tivemos de um grupo menor do que este foi o pontapé inicial para que nós fizéssemos uma coisa mais ampla em cima de uma proposta trazida na perspectiva da formulação, da construção coletiva de uma política pública de cultura para a região e isto, esta proposta, partiria não de mim, enquanto estou supervisor ou como um ator social, ou um ativista da área das políticas públicas em geral que tem sido a minha prática cotidiana desde minha infância, etc e a sugestão era auscultar socialmente as pessoas que já estão no cotidiano fazendo alguma coisa e a partir desta ausculta social que a gente começa a fazer, a partir deste momento, que eu acho que aqui estou para escutar mesmo e elaborar, e sistematizar depois desta ausculta em direção à formulação de uma ação futura aqui.*

Além dessa ausculta eu também pretendo fazer uma visitação nos lugares, nas ruas, etc, que seria exatamente uma proposta de encaminhamento desta política. Sabemos que aqui não se propõe e eu não me proponho a isso de fazer como político que vem aqui e que faz umas promessas de construção, com políticos e não sei o quê. O poder público todo mundo sabe que é limitadíssimo como eu falei ali fora, mas nós somos pessoas ilimitadas e é neste sentido que eu estou propondo esta ausculta social para a construção desse trabalho. Eu venho de longe, já percorremos diversos lugares do Brasil sempre trabalhando nesta mesma área e tal. Sou educador de formação, tenho mestrado em Educação e estive também na construção de uma política de cultura aqui no município vizinho de Itapeverica da Serra de 97 até agora o ano passado. Fui diretor de cultura, depois passei a ser secretário de cultura de lá e nesta cidade, nesta região eu implantei um programa chamado Barracões Culturais da Cidadania, um projeto bastante conhecido nacional e internacionalmente, ganhou alguns prêmios, é reconhecido e legitimado na comunidade, na sociedade cultural e esse trabalho lá feito também teve exatamente essa fundamentação a partir do saber popular, do saber existente, da cultura local não da cultura do ponto de vista artístico, mas da cultura do ponto de vista antropológico que a gente se propôs a construir uma política pública para a cultura. Dar um novo sentido à concepção de cultura e isto foi possível com a participação e o pertencimento de todas as pessoas, não só do artista que geralmente quando se fala em cultura você já vê, aí eu sou um músico, eu sou um artista plástico, então a cultura parece que fica limitada especialmente para essas pessoas e lá nós fizemos o contrário. Nesse sentido eu contei com o apoio da comunidade em geral e isso começou exatamente como a gente está fazendo aqui, visitando todas as pessoas, conversando, discutindo, construindo junto, eu ainda que mesmo que sendo incipiente este programa, mas de um respaldo muito grande para modelos de política no Brasil inteiro.

Com a mudança de governo na cidade de São Paulo, as trocas de cargos afetaram também a Rede Social de Cultura, bem como, de um modo geral, a todas as organizações e agentes culturais do M'Boi Mirim. As diferenças começaram a ser sentidas na forma de impor um novo projeto de cultura para a região. Sai Herculano, arregimentado dentro das fileiras de militantes culturais locais, entra Tião, com uma boa experiência em gestão de cultura e com projetos testados em outras oportunidades, mas sem a legitimidade que a consulta às lideranças possibilita. A sua intenção de mapear os saberes e demandas locais é pertinente, mas seu discurso pode, à primeira vista, ser confundido com um certo jargão acadêmicomilitante, comum nos meios parapartidários, isto é, aqueles onde nunca fica muito clara a afiliação ideológicopartidária, mas as ações são sempre exercidas em nome destas parcerias. Este tipo de junção é muito comum em projetos realizados em meios universitários onde a prática de ações pode ser facilitada por meio de parcerias vinculadas a um partido ou ao poder executivo.

Tião – *então eu estou dizendo assim: a cultura é a mãe da Filosofia, da Economia, da Antropologia, de todas as outras ciências que a cultura compreende exatamente esse dizer. Tudo nasce da cultura e é neste sentido que eu quero fazer este diálogo, esta dialógica para nós compreendermos a cultura com outro conceito, num outro sentido, não mais a gente entrar “com o pires na mão”. Eu represento aqui o poder público mas assim eu não quero*

inclusive fazer nada do poder público que não pertença a partidos políticos nem nada, eu estou aqui representando exatamente um governo novo que se entra e todo saber como é constituído e como foi construído, etc. e que sai num outro governo mais popular e entra esse outro, mas eu não represento nenhuma facção, eu sou um trabalhador desta área e neste sentido é que eu quero inclusive construir uma outra política, política neste sentido como se diz no fórum mundial social, um outro mundo possível, ou uma outra cultura possível, uma cultura que compreenda não o “pires da mão” mas uma cultura que se imponha e que dialogue no cotidiano com as pessoas, com a cidade, com a rua, compreender uma outra rua, um outro povo e é isso que eu digo que a cultura é a mãe.

Corroborando o afirmado na anotação anterior, a frase: *eu não represento nenhuma facção, eu sou um trabalhador desta área e neste sentido é que eu quero inclusive construir uma outra política*, a dita não representatividade partidária, ou seja, um não comungar de preceitos ideológicos, improvável na cultura política brasileira, a identificação de Tião com sua atividade de pensador de cultura, faz com que seu discurso procure desvincular uma coisa com a outra, a ação com a agremiação. Outro ponto é a sua necessidade de construir uma outra política em substituição a que estava em vigor que, como ele mesmo diz, era de vínculo mais popular. E como é praxe na nossa cultura política, destruir o que foi feito – com o agravante de que o que foi feito foi a partir de uma construção mais próxima do coletivo – para colocar a sua placa em cima.

Tião – ... *um programa que chama Barracões Culturais da Cidadania que tem um novo conceito e uma metodologia diferente, inclusive metodologias que já são exercitadas aqui na região, inclusive até com a performance mais enriquecedora, mais forte até do que esta minha concepção, mas assim se alguém pudesse inclusive empreender esta postura do projeto Barracões aqui que, inclusive eu posso neste momento, em outro momento, na sua localidade discutir mais a fundo o que seria esta proposta, mas o Barracão Cultural se discute exatamente na apropriação dos espaços públicos. Então espaço de convivência, a rua além dos templos da cultura.*

Um projeto que não dialoga com o que já está construído, apesar das negativas e impõe a sua presença, sua marca registrada.

4.4 – Acompanhamento de comunicações do grupo por e-mail e por e-group próprio no período Março a Abril de 2004:

As formatações e ortografia dos e-mails originais foram preservadas.

Prezado Gil

Muito pertinente suas colocações e todas passíveis de serem amplamente discutidas ao vivo no próximo fórum (inclusive a questão da mediação que se não foi solicitada, foi proposta e até hoje aceita)

Todos esses questionamentos, na minha opinião, são produtivos e devem levar o grupo a um novo patamar de organização e evolução.

Abraços

Carlos

Proposta de mudança de data

Olá Amigos de batalha

Achei esta última discussão referente a agilidade da rede de tomar decisões e sobre o espaço virtual muito interessante, por isso que deixar tb meu ponto de vista. É claro que tenho participado muito de longe das ações, ou falta delas, que a Rede Social de Cultura tem desenvolvido, isso se deve a minha nova realidade, mas quando concebo e ouço propostas de projetos a Rede é um pólo que sempre está em meus contatos para possíveis articulações.

O último e-mail que mandei foi discutindo sobre a institucionalização da Rede, é, já faz algum tempo, eu sei.

Pois bem, um questionamento que tenho e que já ouvi de alguns outros participantes e outros ex-participantes é se a mediação feita pelo SENAC dá conta do que se propõe, já ouvi muitos relatos de pessoas que se sentiam o processo de ação engessado e um dos motivos (quero deixar claro que tem outros que explicitarei um pouco mais a frente) desse engessamento se deve a esse papel que em momento algum foi solicitado, e olha que participei de todas as reuniões realizadas pela rede no seu primeiro ano.

Nunca me senti engessado, mesmo por que o SENAC nos meus conceitos era mais um sentado na rede, e que é muito legal e importante esta participação, de fato acho importante, mas acho que **TODOS PRECISAMOS NOS REPOSICIONAR**, isso se queremos ser uma REDE...

Ao mesmo tempo acho que tb falta posicionamento dos participanetes, todo mundo é tão político que deixa a desenjar no que diz respeito as nossas ações e posições. Acho que tem que se manifestar sim, como a Ana se manifestou, certa ou errada ela propos algo e algo que vai acontecer, que é importante e que precisa do nosso apoio, eu estou tentando apoio para a Mostra aqui na secretaria de cultura, sefor possível será ótimo, mas se não for fiz o que foi possível. E sinceramente precisamos parar com nossa masturbação intelectual e de fato promovermos alguma coisa. Não precisa de muito conceito, precisa apenas de alguns e sinceramente acredito que os principais são:

- A Rede precisa apoiar os projetos que nossas organizações ou grupos promovem, para que juntos possamos nos promover; queremos uma Rede de apoio mútuo e não de perda de tempo.
- Alguns princípios são norteadores do que devemos apoiar e para isso não precisamos de muitas reuniões, precisamos ter claro que este grupo aglutinado tem uma missão em comum, que é a disseminação da ação cultural em nossa região e com isso receber todos os presentes que a cultura propicia para a população: saúde, formação, educação, consciência etc e tal!!!

Peço mil perdões de do nada mandar este e-mail atrevido, mas estou me posicionando.

Abraço
Gil Marçal

Proposta de mudança de data

Desculpe, não concordo com essa argumentação, estava me referindo a Bloco do Beco, Meninos Percussônicos, o grupo de rock (excelente) em que o Vital da Casa dos Meninos toca e aos muitos que poderiam ser indicados (como aconteceu na mostra de teatro em que o Marcelo indicou grupos amadores da sua região), pensei em fazer um cortejo pelo bairro com os grupos de teatro de rua e os percussivos, se tivéssemos trocado idéias iria sugerir isso, daria visibilidade à rede de "tabela", mesmo a negociação de patrocínio poderia ter sido encaminhada em nome da rede (a Monte Azul já tem projetos na Tim e isto impediu que eu encaminhasse o pedido por aqui, mas poderíamos ter entrado na Tim como uma proposta da rede). Acho o fórum um momento especial em que se debate propostas que são de conhecimento da rede e as pessoas tomam decisões da REDE, rede se explica pelo próprio nome, sei que você tem se esforçado, que a Rosa tem se esforçado e que agradecem minhas contribuições mas isso não **tece** uma rede, no momento do fórum está se perdendo o conceito de rede.

Ana

----- Original Message -----

From: VILMA AMBROSIA JUREVICIUS

To: CARLOS ALBERTO LOPES DA SILVA ; Centro Cultural - Monte Azul

Cc: LOURDES ALVES DE SOUZA

Sent: Tuesday, April 13, 2004 9:15 PM

Subject: RES: Proposta de mudança de data

Ana

Com relação a mostra de música, das organizações participantes da rede as que você representa são as que possuem uma atuação mais focada nesta área.

Pelo que tenho percebido as outras orgs participantes tem uma proposta mais voltada para o teatro de rua.

De qualquer forma, você tem razão quando diz que as pessoas lamentavelmente deixam de se manifestar virtualmente.

Tenho feito um esforço em organizar as propostas e informações direcionando para o momento presencial (Fórum) pois temos condições de esclarecer as dúvidas na hora.

Agradeço suas contribuições.
Vilma

-----Mensagem original-----

De: CARLOS ALBERTO LOPES DA SILVA
Enviada em: terça-feira, 13 de abril de 2004 11:07
Para: 'Centro Cultural - Monte Azul'
Cc: LOURDES ALVES DE SOUZA; VILMA AMBROSIA JUREVICIUS
Assunto: RES: Proposta de mudança de data

Ana

Possivelmente a virtualidade poderia contribuir em muito para a formação e a para as ações da rede. Existe, no entanto, fatores culturais que tem dificultado esta prática. Talvez este grupo não tenha, no momento, maturidade suficiente para tratar questões com essa agilidade necessária.

Assim que possível, mantenho minha proposta de nos encontrarmos para discutir melhor a questão.

Obrigado

Carlos

-----Mensagem original-----

De: Centro Cultural - Monte Azul
[mailto:centrocultural@monteazul.org.br]
Enviada em: quarta-feira, 7 de abril de 2004 9:25
Para: CARLOS ALBERTO LOPES DA SILVA
Assunto: Re: Proposta de mudança de data

De fato existe um certo desconforto, mas não sei se as pessoas estão recebendo meus e-mails, ou se eu não estou me expressando de forma correta, o fato é que hoje estou fechando a mostra de música Monte Azul sem a adesão da rede, os grupos não manifestaram o menor interesse e a rede não me respondeu se iremos ou não aos locais que já nos propusemos ir na reunião passada, o fato é que respondo por duas entidades (meu tempo é pouco) e gostaria que levássemos algumas questões mais trabalhadas para as reuniões e acho que a rede no seu aspecto virtual se presta a isso, então discuto as questões pela internet. Não é o correto?

----- Original Message -----

From: CARLOS ALBERTO LOPES DA SILVA
To: Centro Cultural - Monte Azul
Cc: LOURDES ALVES DE SOUZA ; VILMA AMBROSIA JUREVICIUS
Sent: Wednesday, April 07, 2004 8:34 PM
Subject: RES: Proposta de mudança de data

Prezada Ana

Gostaria de discutir alguns aspectos da rede social de cultura com você, principalmente relativos à concepção, mediação, comunicação, etc.

Tenho percebido alguns desconfortos em alguns e-mails e gostaria de contribuir.

Copio a Lourdes (supervisora do Projeto Rede Social), para agendarmos algo junto com Vilma

Obrigado

Carlos

-----Mensagem original-----

De: Centro Cultural - Monte Azul

[mailto:centrocultural@monteazul.org.br]

Enviada em: domingo, 4 de abril de 2004 13:22

Para: redesocialdecultura@tropis.org; REDES SOCIAIS; VILMA AMBROSIA JUREVICIUS

Assunto: Re: Proposta de mudança de data
COLOQUEI PARA O GRUPO SE ANTES DA REUNIÃO DEVEMOS IR AO SEBRAE E À SUBPREFEITURA, NÃO OBTIVE RESPOSTA, A REDE NÃO É UM LUGAR DE DELIBERAÇÃO DO GRUPO OU A PROPOSTA NÃO MERECE NEM REJEIÇÃO.

aNA

----- Original Message -----

From: VILMA AMBROSIA JUREVICIUS

To: ; redesocialdecultura@tropis.org

Cc: CARLOS ALBERTO LOPES DA SILVA

Sent: Monday, April 05, 2004 8:46 AM

Subject: RES: Proposta de mudança de data

Pedro

Não tenho a menor idéia do que você está propondo. Caros participantes da Rede, antes de lançarmos qualquer idéia, devemos levar a apreciação do Fórum pois, **é o espaço certo para discutirmos e deliberarmos sobre as questões do grupo.**

Pedro: Com relação ao dia tudo bem, você estará conosco ?

Grata

Vilma

-----Mensagem original-----

De: pedro.com [mailto:pedro@pedrovicente.com]

Enviada em: sábado, 3 de abril de 2004 11:58

Para: REDES SOCIAIS; redesocialdecultura@tropis.org

Assunto: Re: Proposta de mudança de data

Gostaria de informar:

Coloquei para o Fórum Social Sul que estaria conversando

com a Rede Social de Cultura sobre a possibilidade de fazermos as apresentações de aberturas dos painéis.

Informo também que a abertura do Fórum é dia 28/04

Toparemos?

Um abraço

Pedro Vicente

Fórum da Rede Social de Cultura

Caros participantes

Em razão de um prazo maior para articulação das organizações da Rede Social de Cultura, inclusive para avaliar com maior precisão o Projeto Invasão Cultural, propomos a mudança da data do nosso próximo fórum para **28/04/04** .

Gostaríamos de saber a disponibilidade de cada um para o dia 28/04/2004 , bem como sugestões de pauta.

Propomos a seguinte pauta:

- 1. Discutir a sustentabilidade do Projeto Invasão Cultural.*
- 2. Objetivos estratégicos do Projeto.*
- 3. E os próximos passos do Projeto.*

Esta pequena amostra das comunicações virtuais entre alguns dos componentes do grupo – é importante frisar que nem todos os componentes ou organizações têm acesso à Internet ou mesmo tendo, não têm o hábito de utilizar esta ferramenta tão assiduamente – demonstra que as discussões eram muito ricas. Talvez os posicionamentos fossem colocados de maneira até mais veementes do que presencialmente pelo fato da não contestação imediata. O certo é que as pessoas que mais participaram desta amostra são o Carlos e a Vilma, técnicos do SENAC, Gil da Trópis e do CEU Dutra e a Ana Maria do Monte Azul. Destes o que ficou evidente é que a posição do Gil parece bem clara a princípio, mesmo que se mantivesse, já nesta época, distante do grupo; do Carlos, de procurar transformar as discussões num momento produtivo e de entender que o meio virtual pode propiciar uma agilidade e extensão da abrangência da rede; e da Ana Maria, com sua veemência e pouca clareza de posicionamento (enfim, qual o seu conceito de rede?), mas que coloca mais uma questão a esta pesquisa: se uma das grandes perguntas não respondidas do grupo foi sobre qual seria a posição e papel do SENAC no grupo, outra pergunta que aparece é qual o papel do Monte Azul na região e na rede? O Monte Azul, pela sua dimensão na região, pelo seu apelo de mídia, pelo seu espaço, único na região e pelo número de apoiadores financeiros, exerce também um papel de dominação muito extenso.

4.5 – Entrevistas Individuais

No processo de investigação junto aos indivíduos representantes das organizações que participam da Rede Social de Cultura, foi criado um corpo de questões que se transformavam em um processo pouco dirigido, tanto que as questões eram apresentadas antes e se indicava que não era necessário uma ordenação destas questões e que poderiam ser respondidas ao longo da conversa.

A Enquete utilizada é o que se segue:

- 1) Qual a sua história da Rede Social de Cultura?
- 2) Elabore uma relação dos participantes que você lembra e trace um perfil de cada um.
- 3) Diga qual o tipo de relação que existe entre você e cada um dos componentes?
- 4) Qual o seu papel na Rede?
- 5) Qual o papel da sua organização na Rede?
- 6) O que falta à Rede Social de Cultura?
- 7) Para que serve uma Rede Social de Cultura?
- 8) Qual o futuro desta Rede?
- 9) Qual o significado de Rede para você?
- 10) Qual o significado de cultura para você?
- 11) Comente o papel do SENAC nesta Rede.

Vale frisar que a enquete serviu mais como um ponto de apoio para se ter uma maior objetividade na conversa, mas que a entrevista procurou se dar com o máximo possível de informalidade e flexibilidade.

4.5.1 – Entrevista Vilma – 16/12/2004

Vilma – *a partir dos seis últimos meses, apesar de ter um grupo reduzido, Roberto, Luís, Herculano, Anabela, Tatiana e algumas pessoas que estão sempre ali, mas não tão atuantes, a gente percebe que eles estão mais... mais unidos, se falando mais. O fórum é um momento legal, a gente vai se ver, vai trocar, vai ver outras pessoas, mas eles estão conversando fora disso. E eu destaco o Luís do Bloco que teve um crescimento, assim fantástico. Ele chegou a dizer: “olha o meu crescimento se deve à rede, foi a rede que me*

proporcionou isto”. Ele teve uma ação, por exemplo, o Luís, que sem uma grande divulgação, reunir artesãos. Ele conseguiu reunir 70 artesãos. Criou comissão, foram pra feira... Já teve duas feiras de arte, artesanato e cultura do M’Boi Mirim. É importante fazer acontecer, é legal para quem tá na rede perceber essas coisas. Meu papel além de mediadora, facilitadora, de dar informação, dar comunicação... é “não deixar cair a peteca”. Eu digo que eles têm o óleo, o milho, se você for pensar, cada item deste tem uma simbologia, tem a panela e a gente vai lá aumentando o fogo, diminuindo... “então gente, vamos pra frente?” Quando eu cheguei nesta rede eles queriam fazer tudo. “Não, vamos fazer, vamos na praça, vamos...”, “não perai, vamos organizar” porque se um grupo vai sem planejar, sem articular, sem subsídio, ele vai quebrar a cara, e aí é muito dolorido...

Um elemento vital para a constituição de redes é que as conexões sejam construídas pela afetividade entre seus componentes. Gostar de estar em rede é gostar de estar com seus amigos. Esta pode ser uma construção lenta e tênue. Se a Rosa (Academia de Mulheres) foi um elo de amarração no início desta rede, este papel foi suprido pelo Roberto (Rainha da Paz) que exerce uma leve influência sobre o Luís (Bloco do Beco) e estes dois constituíram uma amizade muito importante para o grupo. Além de desenvolver ações em conjunto, eles também compartilham de visões deste tipo de atuação. Apesar da Vilma apresentar, como técnica do SENAC, um tom paternalista para com a rede, ele aparece também configurado pela afetividade pelas pessoas que a compõe. Na sua última frase se aparenta com a mãe que procura preservar seus filhos de uma decepção com a dura realidade.

Vilma – *os que se denominam pensadores de cultura dentro da rede, eles têm uma visão de contra-cultura... Meu Deus, se o grupo que age, que tem mais ação ele não tem mais clareza ainda do que é cultura. Ele foi fazendo, ele vai agir dentro do que ele entende como cultura, aí tem os pensadores, que se denominam pensadores de cultura, que sem trabalhar a questão de contra-cultura, ah já vai dar choque mesmo.*

Uma pena que a falta de diálogo dentro do grupo não permitiu a visão completa que a transposição da atitude “poiética” para uma inserção de “praxis” cultural poderia proporcionar. Ou seja, não apenas produzir cultura, mas produzir cultura como um processo de conscientização da realidade.

Vilma – *elas (os componentes da Rede Social de Cultura) têm um grande projeto, a rede de cultura, só que eu não sei se eles se deram conta disso ainda e não cabe à gente antecipar.*

Vilma aponta para a chave da questão Rede Social de Cultura, não se dar conta de seu potencial de ser veículo de transformação social e politicocultural para a região e, principalmente, para os seus componentes. É aí que se poderia inverter

os polos de dominação, identificando o potencial do patrimônio cultural da própria região.

Vilma – *ela serve, entre outras coisas, com a característica que este grupo tem, dentro daquele contexto, daquele cenário que é este resgate cultural, ali na região, despertar novos grupos, através deste projeto, identificar e chamar novos grupos pra fazer parte da Rede Social de Cultura. É uma rede temática, serve pra discutir cultura, agora qual cultura, este grupo que vai descobrir.*

Seria excelente se fossem discutidas várias culturas do que apenas uma determinada cultura.

Vilma – *(sobre o papel do mediador) e o que acontece? A cada reunião parecia que era uma nova reunião, que não existia uma anterior. É incrível. Eu não consegui na cultura, em um ano, ver realmente uma seqüência. Por que? Novos personagens, um grupo diferenciado, a cada dia uma nova novidade. Quando não, o pessoal que buscava mais a questão do pensar a cultura, eles simplesmente não deixavam a coisa acontecer. O grupo estava falando de um tema e eles traziam coisas lá de 2003, então não avançava, e era um esforço enorme para o mediador tentar, a partir de um fio de novelo, ali que um componente tá trazendo... O intuito das pessoas atrapalharem que as coisas caminhassem foi impressionante...*

Vilma – *(sobre o papel do SENAC) qual o papel do SENAC dentro de um grupo? É mais uma organização, só que naquele momento ele tem um papel bem diferenciado e a gente faz questão de deixar claro este papel, que não é de trazer coisas prontas, não é de dar nada... O papel do SENAC é muito claro. A nossa proposta é ser mediador. Nós temos uma metodologia que a gente desenvolveu com quem? Com as organizações.*

O papel de mediador e a imagem da instituição se embaralham, o que torna a sua identificação pelos participantes da rede bem mais confusa. Se o papel do SENAC pode parecer *claro* para seus técnicos, estes têm que se convencer que, para os participantes da rede, até por sua configuração heterogênea, ele é visto sobre vários prismas e este deveria se constituir um exercício valioso para a efetividade do trabalho desta unidade do SENAC.

Vilma – *(comparando a ação do SEBRAE na RAC com o SENAC na Rede Social de Cultura) e defender o projeto do programa Redes Sociais também é um desafio. Acredito que o SEBRAE tenha isso também.*

Vilma – *quando eu comecei a participar da rede, uma coisa que eu notei é que ainda existia uma grande dificuldade de entender o papel do SENAC, quanto mais o papel de mediadora. O problema não é a Vilma, o problema é o SENAC. Como uma organização hierarquizada pode propor um trabalho que a proposta é bem diferente que é a rede. Então acho que isto dá um nó mesmo na cabeça das pessoas. É interessante isto, Sérgio, porque você enquanto mediador, você tem clareza da sua função, enquanto facilitador neste grupo. E algumas coisas que o grupo traz, o que o grupo defende, você enquanto mediador, você*

traz pra instituição. Só que a instituição tem uma... (faz gesto com a mão desenhando uma linha vertical de cima para baixo). O mediador lida o tempo todo com estas coisas. É uma experiência fantástica, só que sofrida. Por que você, como mediador, tem que garantir o que o grupo quer.

Organizações estruturadas piramidalmente e fortemente burocratizadas apoiando projetos de redes sociais podem gerar um sério problema de identidade, de entender qual o seu papel. Papel de unidade ou de organização? Esta esquizofrênica condição, que a Vilma aponta, afeta a integridade da sua ação com relação tanto ao grupo mediado como à unidade com a qual tem que prestar contas e, desta para com a estrutura central, que é quem dita as diretrizes de atuação de todos os órgãos internos.

4.5.2 – Entrevista Carlos (técnico do SENAC e coordenador do Projeto Rede Social) – 03/01/2005

Carlos – *este papel que normalmente é claro, mas na Rede Social de Cultura sempre houve questionamentos em relação a isso. Aí eu reputo isso, parte destes questionamentos... o questionamento em si não é ruim, ele é muito bom, mas parte do não entendimento deste papel é por conta de posturas político-ideológicas. É pensar o seguinte: em outras redes também existe um questionamento e na maior parte das vezes é um questionamento muito sadio do papel de mediação. Primeiro: as pessoas acabam identificando o SENAC como uma organização que tem muito dinheiro, portanto ela própria poderia financiar, mas não é este o papel que estamos nos colocando numa rede. Segundo: porque a mediação é uma forma de poder dentro da rede. Não é o mesmo poder que tem o presidente de uma empresa, um coordenador de um projeto. Não é um poder verticalizado, é um poder horizontalizado e é uma atribuição dada, feita pelo grupo.*

Carlos tem a mesma visão de clareza do papel do SENAC, o qual não é compartilhada pelos componentes do grupo e não somente daqueles que, como a Vilma denomina *pensadores de cultura*, mas como ficou claro nas entrevistas com os outros participantes, existe uma grande dificuldade de entender este papel em geral. Em contrapartida entende que este papel, o de mediador do grupo, exerce um importante poder sobre a rede.

Carlos – *três grupos distintos nesta rede, um grupo de organizações sociais, de ongs que tinham projetos culturais, um outro grupo de igual tamanho de grupos artísticos, de movimentos artísticos. É o grupo de teatro da escola que eu citei, é o Soldados do Baixo Escalão, Manicômicos, a professora que tinha um grupo de teatro e tinha um outro grupo, em menor quantidade, mas muito ativo que era de produtores culturais. Então esta mistura, essa heterogeneidade de objetivos, dificultou muitas ações desta rede. Até que depois de um certo tempo este grupo de produtores culturais se afastou da rede e nós trabalhamos mais no sentido de fomentar atividades culturais entre as organizações sociais, entre as ongs. E preservou-se um grupo de artistas também porque isto é interessante pra discutir a questão cultural.*

Este mapeamento que Carlos apresenta é muito útil para compreender a história da Rede Social de Cultura. O curioso é que foi perguntado a alguns dos participantes da rede sobre se viam esta divisão de forma clara e nenhum declarou visualizá-la.

4.5.3 – Entrevista Jorge – Gerente do Centro de Tecnologia e Gestão do Terceiro Setor do SENAC São Paulo – 07/01/2005

Jorge – *(o porque do nome) a gente chama, ou passou a se chamar, Rede Social de Cultura por que nós no SENAC usamos este prefixo Rede Social para identificar qualquer grupo que a gente tava motivando, enfim, fazendo o papel de fomentador, de articulação.*

Como pai da rede, o SENAC se vê na obrigação de dar-lhe um nome.

Jorge – *Quando foi dada a informação de que não haveria o apoio acho que... primeiro assim... eh as organizações, de alguma forma estão sempre na expectativa de que alguém apoie seus projetos e aí quando surge uma entidade como a Câmara de Comércio... representativa em termos de Brasil, em termos de Estado de São Paulo... a possibilidade era muito concreta de estas organizações verem estes projetos concretizados, porque é um dos problemas fundamentais a questão do recurso para se viabilizar, então posso dizer que foi de frustração mesmo, de frustração. “Puxa vida, mais uma vez a gente tem dificuldade que alguém nos apoie”. Se não é a iniciativa privada é a dificuldade junto aos governos conseguindo os recursos e, enfim, a área da cultura com mais dificuldades ainda e pelo menos dentro deste público de organizações de base comunitária.*

Qual o papel do SENAC na produção desta frustração? As pessoas colocam muita expectativa na força do SENAC em produzir novas realidades e este procura mitigar esta expectativa ou inconscientemente incentivá-la?

Jorge – *Uma análise que eu faço do grupo, um grupo que se reuniu em torno de um objetivo, porque existia uma proposta de investimento, isso foi quebrado. Retomar qual era o motivo de porque que eu estava lá dentro era difícil. Apesar de que as pessoas sempre têm essa sensação em rede de que algo é possível conseguir neste lugar e por isto que as pessoas insistem e acabam participando. Eu acho que começou, digamos, eu não digo assim, consolidar... eu nunca entendi a Rede Social de Cultura como uma rede consolidada ou como um grupo que efetivamente está realizando ações conjuntas, mas entendi a Rede de Cultura como um espaço onde é possível encontrarem-se organizações de pessoas... encontrarem e pensarem projetos pontuais e conseguirem informações tais capazes de ajudar individualmente seus processos junto à comunidade. Enfim, melhorar um pouco aquilo que eles realizam.*

Jorge chega a comparar que a diferença desta rede com as outras é que elas têm o foco em questões sociais que são mais padronizadas enquanto que os agentes culturais apresentam demandas muito mais diferenciadas. E por isto é difícil

existir um projeto conjunto. Para as ongs, cultura é mais um projeto e não uma forma de ver o mundo, enquanto para os produtores culturais com aporte de militância, esta é uma missão de combate.

Jorge – *(sobre a cobrança de um componente da rede de que o mediador do SENAC deveria ser alguém que atue culturalmente) O nosso papel de mediação não tem a ver com o conhecimento de uma causa, o papel nosso de mediação tem a ver com a garantia de um conceito. Talvez a gente nunca tenha conseguido superar a questão conceitual. Este é o primeiro ponto. E talvez a questão conceitual ela possa se superar a partir de uma própria prática de conviver com os diferentes, mas algo tem que ser feito que eu não sei o que. Algo tem que acontecer nesta rede social de cultura que a mobilize de forma tal que direcione as pessoas, que direcione as atividades para que haja efetividade e para que as relações se mantenham gostoso. Por que acho que rede tem que ser algo gostoso. Trabalho, muito trabalho, mas tem que ser gostoso.*

Jorge também aparenta entender o papel da afetividade na construção de uma rede. O que parece faltar é perceber qual o papel de cultura, tanto lato como estrito senso, deve ter na compreensão de uma estrutura organizacional. Garantir o conceito de rede e o de cultura também.

4.5.4 – Entrevista Roberto – Coordenador do Núcleo de Cultura do Rainha da Paz – 02/02/2005

Roberto - *o que me levou a procurar a rede talvez seja algo que vem de muito antes. Vinte anos antes, né? Até bem mais de vinte. Bem adolescente mesmo eu comecei a trabalhar no bairro em ações sociais e a primeira de todas foi cultural que foi quando nós fundamos um cine clube aqui no bairro. Isso em 79. Eu tinha 18 anos no máximo. Então é uma história que vem de muito antes. Depois disso é... ainda participei da fundação de uma associação de moradores de bairro aqui bem próximo, ou seja, desde muito jovem eu estava envolvido neste processo. Eu sou do interior de São Paulo, mas cheguei aqui com 5 anos de idade. E moro aqui desde os 5 anos, faz 37 anos que eu moro aqui e depois disso, depois destas tentativas, nesta primeira juventude, de algum trabalho social, eu me afastei, fui trabalhar. O mundo trabalho, empresa, comércio, banco, fiz de tudo, nunca me identificando muito com este mundo do trabalho, mais comercial assim e há pouco tempo atrás eu fui convidado pra voltar ao trabalho social, daí eu fui trabalhar como educador social num projeto de inclusão social voltado para adolescentes e daí começa um processo. Assim, desde aquele princípio que já era cultura, o cine clube até essa aproximação do trabalho de inclusão social.*

Sérgio (pesquisador) – *e esta organização que te convidou...*

Roberto – *foi a Casa dos Meninos bem próximo daqui. Trabalhei durante 3 anos lá e daí quando eu vim pra Rainha da Paz também foi no trabalho de educação social, mas gradativamente eu fui me aproximando mais das ações culturais... Hoje eu sou coordenador do Núcleo de Cultura e, antes até de me tornar coordenador de cultura, foi quando eu conheci a Rede Social de Cultura. Eu fui convidado pra participar enquanto entidade, enquanto representante da entidade, mas o meu interesse remonta a todo aquele interesse que eu tenho desde os primórdios, né?, por este aspecto cultural e também por ter percebido nestes 5 anos de trabalho social que a cultura é um caminho, sabe?, dos*

melhores, assim pra você trabalhar transformações com os jovens, porque é uma coisa muito natural. Assim, quando o jovem se interessa por arte, por cultura, o processo de transformação é muito mais rápido, muito mais tranquilo e isso pra mim... eu me aproximei mais de cultura agora justamente pra tentar entender este fenômeno. Quando não é com arte, também é possível, mas o processo é mais lento. Tem outro caminho que é muito rápido também que é o trabalho. Sempre que você envolve o jovem no projeto de trabalho, como eu sempre falo, pode ser até pra carregar pedra, o jovem vai numa boa. Entendeu? O trabalho transforma também. O trabalho transforma, dignifica.

Roberto, além de ser um componente importante não somente na Rede Social de Cultura, mas principalmente em sua comunidade, a favela Fim de Semana, operou inconscientemente um redirecionamento nesta pesquisa. Foi pedido a ele que fizesse um breve histórico da Rede e ele achou por bem dar um depoimento sobre a sua história de vida e de como ela se conecta com o seu projeto e o projeto da rede. Foi a partir daí que se entendeu que a identidade de um grupo passa pela história de vida de seus componentes, de como suas vidas se imbricam e seus sonhos também.

Roberto - *acho que houve um fracasso. Do que eu ouço dizer ouve um fracasso do grupo no... ou uma incapacidade, pelo que eu percebi, de discutir a relação e o papel do SENAC. Na verdade acho que o grupo deveria ter conseguido superar isto, discutir, colocar na mesa... sabe? Duvido que o SENAC, ao contrário do que algumas pessoas dizem, duvido que o SENAC veio para impor alguma coisa.*

Uma dúvida: qual o potencial da rede, onde podemos chegar? Parece que esta pergunta e a sua resposta foi perdida no confronto com o papel do SENAC e na tentativa de obstruir o diálogo entre o grupo.

Érica (participante do grupo de teatro do Rainha da Paz) – *(perguntada sobre qual era o seu sonho) eu posso estar meio que viajando. Eu tenho vontade, tenho um sonho do meu grupo de teatro fazer uma apresentação no Teatro Municipal. Que é o meu grande sonho.*

A entrevista com a Érica foi realizada com a indicação do Roberto de algum jovem que atuasse nos projetos da instituição. A pesquisa tinha inicialmente a idéia de trabalhar mais com o público atendido pelos projetos, o que daria um outro ponto de vista sobre a atuação destes grupos, mas pela exiguidade de tempo, isto não foi possível.

4.5.5 – Entrevista Luís – Presidente do Bloco do Beco

Luís – *putz! Minha história de vida... raramente eu paro pra me auto-analisar. Eu na verdade, eu não fui um cara assim não muito... er... Eu fui meio rebelde na parte educacional na minha infância, na minha juventude. Parei de estudar na 5ª série, sabe? Er...*

sinto muita falta disso. Depois eu retomei os estudos, terminei o ensino fundamental. Nem terminei o ensino médio completo, fiz o primeiro ano e vou terminar agora, apesar de estar envolvido na parte educacional, né?... Eu não fui um bom exemplo. Mais pela realidade, pela... A realidade da periferia tem muito disso, né? E eu sou, eu sou um exemplo disso aí, mas sempre trabalhei desde os 13 anos pra você ver como é que é na... eu com 13 anos de idade, eu falei para a minha mãe que não queria estudar e ela então falou: “você quer estudar ou trabalhar?” Então eu falei: “eu quero trabalhar”. Eu não acho hoje que se deva fazer e deixar a cargo de um jovem decidir isto. E ficou para mim decidir. Aí eu falei: “não, eu vou trabalhar”. Aí eu fui trabalhar desde os 13 anos de idade, mas muito mais pela necessidade de tá ajudando em casa. Sempre trabalhei, sempre ajudei em casa. Então desde os 13 anos sempre trabalhei. Fui pacoteiro, fui ajudante geral, depois tive uma oportunidade, entrei pra ferramentaria, fui meio-oficial de ferramenteiro, aí terminei essa fase de indústria, aí como ferramenteiro, tem 3 anos. Aí já nesse meio, aí eu já vinha fazendo algumas ações culturais... Eu sempre tava envolvido... realizando algum evento na comunidade, no negócio de batuque. “Vou fazer o negócio do bloco carnavalesco mesmo”. Sempre gostei muito de samba, sempre gostei de Noel Rosa, Cartola, Candeia... Sempre me liquei ao samba, a um bom samba e acabei caindo pra parte de bloco, né? Eu sozinho assim tinha parado. O Jardim São Luís tinha uma cultura forte nessa parte de... O pessoal fala que os melhores batuqueiros da Zona Sul eram do São Luís. A Vai Vai vinha buscar... o Tadeu vinha buscar o pessoal aqui, vendia show e vinha buscar o pessoal do São Luís, pegava só pessoal daqui, botava a camisa da Vai Vai nos caras e os caras já... e fazia e detonava. Então o São Luís sempre teve essa tradição no samba só que aí ficou perdido durante algum tempo. Que tinha uma escola de samba, tentaram fundar uma escola de samba e não deu em nada, por falta de organização não foi pra frente, né? Aí ficou parado, mas isso sempre ficou enraizado. Aí eu, eu acompanhei o finalzinho, mas participei mais como adolescente participando dos eventos. Foi aí que pintou, quando... ah! sei lá, há uns 3 anos atrás eu estava... ah! não, foi num jogo de futebol que os caras arrumaram os instrumentos porque tinha vários grupos de samba. O pessoal pegou um instrumento ali, um outro ali, um outro ali e saímos fazendo carnaval. Sem nada, do nada, saímos, foi na época do carnaval mesmo, saímos do jogo de futebol fazendo carnaval pela rua. Falei assim: “meu, vamos reativar isso aí, vamos”. Aí que surgiu a idéia do Bloco do Beco, mas o pessoal todo na empolgação. Só que passou fevereiro, passou março e nada, e aí eu falei: “assim não, não vou deixar isso pra trás não, vou reativar isso mesmo”. Aí sozinho eu ia, que a gente não tinha instrumento, pegava tudo emprestado, quando foi chegando o final do ano, pegava um instrumento ali, um outro ali, sozinho, aí as pessoas, aí começaram a vir ajudar, mas aí que surgiu a idéia do bloco, “vou montar um bloco, vou montar um bloco e todo ano nós vamos sair agora”. Aí começamos a ensaiar no beco, realmente um beco, uma rua sem saída. Aí do nada apareceu o “Bloco do Beco, Bloco do Beco”. Não foi nem eu que... (deu o nome).

A comovente espontaneidade do Luís com sua história que foge por pouco do padrão de jovem de periferia, isto é, um sistema educacional incapaz de vislumbrar ou despertar as potencialidades, a evasão escolar e a marginalidade. E de um não marginal para um líder comunitário com visão de trabalho coletivo, só foi possível praticamente com seu próprio esforço.

Luís – a rede, ela foi muito importante quando eu comecei com a linha do bloco. Vim procurar aqui na Casa de Cultura (M’Boi Mirim) porque eu tinha idéia do bloco, comecei a viabilizar esta idéia, mas você não tem projeto, você não tem definido o que você quer fazer. Se você não é regularizado, você não é respeitado, você é apenas um bando de maloqueiro fazendo batucada e pedindo dinheiro pra comprar mais instrumento. Aí foi nessa que eu

falei: “eu tenho que... é isso que vocês querem? Então eu vou atrás disso”. Fui na Secretaria de Cultura direto, aí o pessoal: “você tem que procurar um órgão mais perto de você”. Aí vim na Casa de Cultura (M’Boi Mirim), aí conversei com o Jonas, com o Marcelo. (breve pausa) Se falar que houve um apoio, não houve, né? O pessoal: “aí você tem que fazer isso e isso e isso”, “beleza, então vou atrás”, mas eu vi assim um certo ar de “isso não vai dar em nada”. Aí que o Marcelo falou assim “meu, tá rolando a Rede de Cultura. O clima é legal, o pessoal se reúne, o SENAC tá organizando”. E o Bloco do Beco começou a ter uma visão de trabalho sociocultural foi através da rede.

A probabilidade da existência de outros “Luíses” faz com que o projeto de redes seja estratégico no desenvolvimento das periferias pela cultura e educação. Estes indivíduos poderiam se tornar importantes elos de ligação no estabelecimento de redes de apoio, cooperação e integração entre organizações, pessoas e setores.

Luís – *rede é um espaço pras pessoas, pras organizações se conhecerem. Se não existir a rede sempre vai ser mais difícil, cada um no seu cantinho. Troca de experiência, de discussão.*

E o Luís conseguiu criar o Bloco do Beco quando realmente resolveu sair do seu *cantinho*.

Luís - *cultura não é só arte, não é só música, é sua maneira de viver, de se relacionar com sua família, com seus amigos. Você já vem naquela cultura, naquela maneira de fazer aquilo, isso é a cultura.*

Luís é um jovem com uma grande capacidade de aprendizado e de articulação. Em pouquíssimo tempo fez mais ações pela rede do que todos os seus componentes. Pode ser descrito como uma “esponja ativa”.

4.5.6 – Entrevista Marcelo – produtor cultural do CEU Casablanca

Marcelo – *eu não sei como é que eu cheguei até aqui. Bom, sei que, sei lá, começa tudo na infância, como todo mundo. Brincar na rua, peão, bola... Eu sei que tudo começou mesmo, como todo bairro de periferia... como você não tem lazer, você sempre ia no circo, de vez em quando os pais levavam a gente no parque e... no caso, eu não nasci aqui, eu nasci na Zona Norte de São Paulo, Vila Maria. Vim pra cá com dois anos de idade e como toda criança, brincar no balde, eu... aqui era tudo mato antigamente, então você caçava tatuzinho, aquela coisa de criança mesmo... Na nossa época a coisa era brincar na rua a noite inteira, não tinha esse problema de violência, todo mundo... Era o lazer pra gente. De vez em quando algumas festas, quermesse, festa de escola... Até 10 anos a vida era só, só alegria. Eu sei que por volta de 80, você começa a ficar adulto, começa a ver outras coisas. Eu sei que a gente começou assim, tinha as manias aqui, principalmente aqui na periferia, tinha aqueles bailes funk, só olhava... eu era meio sistemático, de uma família meio rígida, então era uma coisa meio estranha, então a gente não ia. Era época das discotecas. A gente via aquele pessoal andando naquele visual meio maluco. A nova mania era a mania da capoeira que pegou muito aqui, então tinha aquelas capoeiras de rua, conhecia várias pessoas e a gente brincava muito, foi uma febre assim maluca por volta de 82. Nossos pais,*

vizinhos odiavam, achavam que era coisa do capeta. O próprio sistema fechava a mente das pessoas. Teve as ruas de lazer, a gente levava a capoeira pra lá. O comportamento começou a mudar. Muita informação bombardeando... Foi quando eu conheci também em 82... eu achava estranho que na escola o pessoal usando camisetas de um grupo de rock chamado Kiss. Foi quando o rock entrou pra valer. Veio a adolescência e eu me lembro que o meu primeiro disco foi o *Let it Be* dos Beatles e eu não entendi o que era aquilo. Bem... que eu era um cara largadão assim, não tava nem aí, aí entrei de cabeça no mundo do rock, virei boêmio, no bom sentido, balada ali, show ali... Eu me lembro que com 16 anos eu me interessei em tocar violão e achei legal. Eu me lembro que aprendi a tocar violão sozinho. Com 17 montei minha primeira banda com alguns amigos do bairro e a gente foi nessa aí, aquela banda toda torta de rock querendo dar uma de Led Zepellin. Tinha algumas bandas que já existiam, pouquíssimas bandas aqui da região. A gente ia em tudo que era lugar, show, balada, conhecia muita gente de tudo que é classe social... na adolescência foi muito rico tudo isso. A partir do momento que eu já me interessei na parte cultural, eu já estava envolvido, gostei muito disso, show, bienal, a gente ia muito na bienal e foi quando, conhecendo outras pessoas que estavam envolvidas com outros projetos... E eu me lembro que a minha primeira inserção que eu tive na cultura mesmo que pra mim foi um choque, foi quando a banda foi convidada pra tocar na Casa de Cultura de Piraporinha, que é o lugar onde estamos aqui (Casa de Cultura do M'Boi Mirim). Eu moro há muito tempo aqui e nunca tinha entrado nesta casa. Eu não sabia o que era o engajamento ainda. Eu não tinha isso. E essa casa era horrível. Quando a gente veio tocar quase que ninguém vinha pra cá, funcionava como uma associação amigos de bairro, tinha cursos, mas pra nós era muito pequenininho, era muito brega: "nós somos doidões, a gente quer coisa maluca". A gente ia buscar nas elites. E foi a primeira vez que tocou uma banda da região que não fosse em igreja ou escola. Foi uma repercussão legal. Foi quando dois dos caras da banda conversando com o pessoal da casa, e eles queriam fazer um trabalho com violão e quando falaram comigo eu disse: "iii, naquele lugarzinho. Eu achei muito fraquinho...". Tinha as aulas, mas também tinha os ensaios da banda e vinha muita gente para assistir. E quando a gente veio pra cá, foi quando isto foi instituído mesmo como centro cultural, como equipamento público da Secretaria de Cultura, o que empolgou mais ainda. Foi quando a coordenadora falou: "olha, a gente vai ter um show de uma banda famosa". "Qual banda?". "Inocentes". "O quê?!?! Aqui na Piraporinha?". "Vocês conhecem?". A gente achou louco e a gente organizando junto... Doideira. Inocentes!... A coordenadora tava começando, foi quando começou pegar, foi quando a gente começou a ter uma filosofia de voltar e fazer uma coisa assim na própria região porque não tinha. A gente tinha que sair pra fora, não tinha como. Isto empolgou a gente. Nós fizemos este evento e eu lembro que foi numa final de brasileiro... A gente era voluntário, a gente ajudava e a molecada começou a vir porque a coordenadora era muito aberta. E aí começamos a trabalhar e eu já tava dentro. Discussões, "vamos fazer aprimorando mais as coisas".

O Marcelo estava um pouco nervoso e arredio no momento da entrevista e foi até com espanto que ele dispôs este painel com uma emoção um pouco contida. Apesar de não ser mais tão ativo na rede, Marcelo exerce um papel na região da mesma dimensão de militante antigo como é o caso do Herculano e detém a mesma oralidade e capacidade de verbalizar uma história do local.

Marcelo – *minha história com a Rede Social de Cultura é que eu já estava aqui nessa época que eu comecei. Eu pela primeira vez fui contratado como produtor cultural e foi quando Jonas chegou e começou a conhecer as ongs daqui, aí falou: "ó meu, tem uma ong, a Casa de Cultura do Jardim São Luís, que tá fazendo umas reuniões com grupos de cultura e tal, vamos lá?". "Então vamos lá". Fomos lá fazer a reunião e foi lá que a gente conheceu*

o pessoal da Casa dos Meninos, o pessoal ali da Casa São Luís, o Monte Azul e foi quando a gente começou a discutir os problemas e o intercâmbio entre nós. Pra mim foi um choque, era complicado entender uma ong que mexe com cultura. Pra mim tudo era movimento cultural, mas achei legal a iniciativa. Achei legal trocar essas idéias e comecei a participar da Rede Social de Cultura.

Marcelo – *(sobre o papel do SENAC na rede) o que eu questionei muito quando comecei a participar da rede... porque o SENAC visava muito o espaço físico, a organização e eu achava isso muito errado, achava isso muito maluco.*

Uma das teses que esta pesquisa defende é que uma das grandes falhas na visão de rede do SENAC é seu foco em organizações e não em pessoas.

4.5.7 – Entrevista Seo Nestor – Presidente da Casa de Cultura do Jardim São Luís – 11/05/2005

Seo Nestor – *moro aqui nessa região há 20 anos, comecei como líder... eu não sabia se era líder, acordei líder, er er, eu cheguei aqui no bairro, no Parque Hotel, uma rua sem saída, uma vila muito pequena. Eu sou maranhense e sofri muito, cheguei em São Paulo muito doente, mas fui pra essa Vila Parque Hotel e lá como sempre... sou uma pessoa muito comunicativa e... os moradores... aí não tinha nada na vila, era uma rua sem saída, sem asfalto, na lama e tal e comecei a conversar com o pessoal e terminei convidando este pessoal para abrir uma associação... uma associação para ver se nós melhora essa vila e o pessoal toparam e, apesar deles morarem há mais tempo na vila, terminaram me escolhendo como presidente da associação...er não sei porque me escolheram.*

Sérgio (pesquisador) – *Isso já no começo dos anos 80?*

Seo Nestor – *isso, é... e aí eu terminei me envolvendo naquela luta pela água e energia nas favelas. Terminei desenvolvendo um trabalho muito bom e desta... nesta época os movimentos de favela eram muito ativos, né? Eles faziam manifestação por esta briga pelo direito da água e luz, e terminou-se conquistando isso, isso é, é...rola até hoje, está meio capenga, querendo acabar com este direito conquistado. Hoje nessa favela existe um conjunto de prédios de 500 apartamentos.*

Sérgio (pesquisador) – *qual favela?*

Seo Nestor – *favela do Parque Hotel, exatamente. Foi muito difícil eu me daparar com a coisa que eu não conhecia, mas como sempre sou comunicativo, sou otimista, eu não deixo as coisas, né? Sempre eu tenho uma visão além do... tenho facilidade de colocar os ideais que seja bom para o povo na cabeça deles, tenho essa facilidade e terminou isso desenvolvendo um negócio muito bom. E nessa época era um movimento de favela... eram 28 favelas er... urbanizada total só tem esta favela do Parque Hotel... Foi muito difícil pra minha vida, eu fui ameaçado de morte muitas vezes é, é, eu não podia... eu aprendi a ser esperto..., né?, eh mexendo com muito, muito matadores de aluguel, que naquela época era o “pé de pato”, né? mas eu terminei fazendo assim, ah, uma certa amizade com ele, um respeito entre eles, o trabalho deles pra lá e a minha responsabilidade e mesmo pra própria melhoria da qualidade de vida dos filhos deles. E aí dentro da favela criava aquele, aqueles que o perigo da favela não é o sujeito que mora assim tal, que são os botequinhos de dentro da favela que é onde se junta todo mundo e ali termina fazendo um..., uma panelinha como diz, né? e eu não podia andar na favela sozinho, eu não podia demorar em lugar nenhum, eu tinha que passar a contar minha história, saía quando começava juntar muita gente em*

torno de mim, eu digo, olha eu tenho pressa, tenho que sair, eu saía, depois no outro dia eu voltava e continuava a conversa e terminei é, é mesmo com essas ameaças de morte, a coisa apertou e eu chamei os cara, chamei os cara e sentei com eles e convidei eles para que me ajudassem a fazer aquele trabalho e eles toparam e desmanchei a casa deles todos e aí nesse entremeio, um sujeito foi pra me matar, foi em casa pra me matar e eu também tinha um boteco que era a minha sobrevivência, mas fora da favela e o sujeito chegou pra me matar com uma sacola a tiracolo com um revólver 38 dentro da sacola e de quando em vez ele metia a mão na sacola, puxava o bicho, colocava e guardava, e pá, eu encostei, eu tava do lado de dentro do balcão, eu saí pra fora e ficamos encostados no balcão, ele tomando umas cachaça e eu, o meu menino estava do lado de dentro servindo, estava esperto também, nessa época meu menino tinha uns 10 anos e aí conversa vai, conversa vem e tal, o estabelecimento estava cheio de gente com aquela conversa de ameaça de morte e tal, eu fiquei sozinho, eu, o menino e o sujeito. O sujeito muito mais forte que eu e eu digo aqui, ou eu ou ele, mas não vou abrir, e aí conversa vai, conversa vem e tal, saímos amigos, fui com ele até a descida de uma escada, fui com ele até a escada e ele foi embora. Não me matou neste dia e aí aconteceu um negócio que só por Deus parece, na hora que o sujeito chegou na casa dele, mataram ele. Ele entrou dentro da casa, abriu a porta, o sujeito pá, matou ele. Ouvi os tiros, saiu a história que o Cabeção... que tinham matado o Cabeção aí eu me assustei. E agora, fui eu, não não foi eu, que poderia ser, se fosse em outro dia poderia ter sido eu, mas a história... ele tinha um problema, ele batia muito na mulher. E o irmão veio nesse dia, coincidiu ser nesse dia, o sujeito na hora que ele abriu a porta, o sujeito pá, deu 3 tiros nele e ele desapareceu. Se fosse no outro dia, daqui que eu dissesse que não era eu, com tanta gente vendo ameaça dele dentro do estabelecimento era... precisava ter morrido, né? Mas graças a Deus, passou e etc, me salvei, ele tinha que morrer neste dia para não me complicar.

Na formação de um líder carismático o papel de herói deve ser preenchido, comunicado e incentivado por histórias. Seo Nestor é um ótimo contador de histórias e estas fazem o trabalho de justificar suas ações e seu papel diante dos diversos atores com quem ele dialoga. O seu tom de voz é sempre discursivo, grandiloqüente. Não perde uma oportunidade de pontuar em qualquer evento em que esteja. Pessoa de poucas letras, mas muita sabedoria.

Seo Nestor – *...o que mais me incentivou andando dentro dessa favela foi uma criança que a mãe trabalhava, o menininho tinha mais ou menos um ano e poucos meses ainda brincando e sem saber em que pegar passava na porta da casa dele um córrego, um rego de água e ali descia tudo que era de fezes, e o menino... eu cheguei lá e o menino com o dedinho na boca com a mão dentro da lama, aquilo me chocou muito e aí isso me incentivou a lutar mais por aquilo, mas infelizmente eu sempre acompanhei este garoto. Mas infelizmente esse garoto está vivo ainda mas ele está envolvido com bandido, ele é bandido, infelizmente, né? Mas esse garoto me incentivou muito porque foi me espelhando na necessidade de melhorar a qualidade de vida daquelas crianças foi que me fez enfrentar todas essas dificuldades. Tem pequenas coisas da vida que você olha e você faz daquilo uma visão, né? Foi o que eu fiz e daí pra cá vem vindo... eu fiz uma, eu terminei fazendo um círculo de conhecimento, de mostrar a necessidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas e terminei junto ao CDHU que tinha essa casa aqui (Casa de Cultura Jardim São Luís) e eu pedi esta casa para desenvolver o meu trabalho e foi no entre que eu ia construir também em mutirão, o CDHU se aproximou mais de mim, eh, por acaso eu ouvia falar do trabalho do SENAC é... eu digo, eu quero conhecer o SENAC.*

Sérgio (Pesquisador) – *Isso quando?*

Seo Nestor – *isso, não me lembro a data. Já nos anos 90 por aí mais ou menos isso e aí eu consegui o telefone, eu liguei pra lá “olha eu precisava falar com alguém do SENAC. Eu queria desenvolver um trabalho junto com vocês”, eu falei do que tinha em mãos, mas sem condições e tal e a primeira pessoa que me visitou foi o Dorival. Dorival chegou e a gente conversou bastante tá, daí terminou fazendo essa ponte que existe até hoje sólido. O SENAC é um bom parceiro e aí aproximou-se também, tudo por acaso, a Consul. Terminei descobrindo a Consul através de um engenheiro que trabalhou numa obra pra nós e aí apareceu uma pessoa da Consul que também queria e eles queriam investir em alguma coisa na Zona Sul. E aí naquela época era muito difícil sair se oferecendo alguma coisa para organização e ninguém queria porque o pessoal não acreditava e principalmente o pessoal do centro da cidade, quando entrava pra periferia eles eram visto como bicho, como um explorador, uma pessoa pra levar vantagem em cima e ninguém quis e por acaso um dia nós... me indicaram... esse engenheiro me indicou que tinha uma liderança que poderia falar com a assistente social da Consul. E terminou, a gente... ela foi me visitar e aí a gente conversou bastante eu tava com outro pessoal, conversamos bastante eu no meu barraco com estrutura muito precária, mas aí ela falou assim, disse: “olha, é aqui que eu vou ficar, pela conversa que tivemos eu vim pra ficar”. Terminou isso se transformando numa parceria muito bom, muito boa. O CDHU tinha esse prédio... eu sempre fui apaixonado pela coisa de alimentação, de trabalhar com alimentação e como eles tinham essa linha, me ofereceu um equipamento pra cozinhas e aí nós negociamos com o CDHU. O CDHU arrumou esse prédio e a Consul entrou com a reforma desse prédio, montou essas duas cozinhas... não mandei sequer um projeto para a Consul, foi só olho no olho, foi só acreditando na pessoa, eles investiram muito aqui na Casa de Cultura.*

O grande problema de editar a fala de Seo Nestor é que a sua história exhibe uma riqueza de vivência e de envolvimento com as causas sociais que torna-se difícil excluir alguma fala. Pode-se ter a história dos movimentos sociais a partir do seu relato e, ao mesmo tempo, pode-se apreender algumas noções de sobrevivência diante das adversidade do trabalho de defesa das causas sociais, diante da criminalidade, das ofertas do poder econômico, das regulações do poder estatal, das movimentações dos quadros políticos, do estabelecimento de relações com outras organizações e da aproximação de seu público.

Seo Nestor – *... rede já existia mas não se chamava de rede, existia a ABRINQ, o Grupo Pão de Açúcar...*

Seo Nestor – *... o Jorge, uma pessoa que acredita muito em mim, é um companheiro que acredita. A gente passava dias, ele ia para o SENAC e vinha pra cá e aí nós ficávamos nessa calçada conversando. Quando terminou o evento dos 500 anos, a gente sentou pra analisar e chamamos: “isso é rede”. Aí surgiu a história de rede.*

Seo Nestor – *... e eu tinha muita vontade de me comunicar com as outras organizações e terminou o SENAC como animador, terminou se encadeando a história de rede e hoje é até uma coisa engraçada. Depois que nós publicamos isso, rede, a mídia tomou de conta, ela não sabe de onde veio, ela nem conhece essas pessoas, ela não conhece às vezes o talento que tem aqui.*

A pessoa necessária dentro de uma estrutura de rede é aquela que domina a comunicação.

Seo Nestor – ... e aí quando criou-se a Rede São Luís ela foi indo muito bem e saiu a história da cultura, porque não buscar pessoas que fazem cultura?. E aí surgiu a rede de cultura. Mas aí a rede de cultura, o pessoal de cultura, o artista popular de periferia, eles são muito o umbigo deles, eles precisam às vezes olhar em volta deles, que eles sozinhos não fazem nada, eles sozinhos não mobiliza ninguém, ele acha que: “eu sei fazer teatro, eu faço sozinho”. Sem ter quem assista ao teatro não adianta. Eu acho que a rede de cultura, ela tem um talento muito bom, pois todos têm uma visão de cultura e tal, mas uma visão isolada de pensar em grupo. Eu acompanho pouco a rede de cultura...

Seo Nestor – ... eu acho que a rede de cultura, se o pessoal da cultura que faz essa rede, eles tivessem mais um pouco de amor pelas coisas que eles fazem, essa rede poderia ser muito forte.

Seo Nestor – (identifica que na gestão Serra a cultura está sendo deixada de lado, citando o exemplo da Casa de Cultura do M'Boi Mirim que se encontra em processo de desintegração fazendo com que isso desmotive mais ainda os grupos na atuação em conjunto).

Seo Nestor – ... a Rosa tinha muita vontade nessa rede de cultura. Ela se dedicou muito tempo à rede de cultura, mas não sei porque ela acabou o brilho, faz falta o incentivo. Eu posso até ter sido o culpado por isso porque não acompanhei mais de perto, mas a gente sabe que o Monte Azul ficou com essa... com a maior parte das organizações, mas o Monte Azul, ele é muito ele, visto eles terem muitos parceiros para financiar os projetos deles, eles terminaram achando que eles estão bem, eles não precisam de rede. Eu me queixo um pouco do Monte Azul que poderia, com a estrutura que eles têm, eles poderiam ter saído do casulo. Buscar mais integrar isso. Não é só o trabalho que eles têm feito lá que é muito bom, não há dúvida, mas eles deveriam ter saído um pouco de dentro do Monte Azul.

Seo Nestor dá uma pista do porquê da saída da Rosa, tanto da Rede Social de Cultura como da Casa de Cultura do Jardim São Luís, que seria a necessidade da Rosa de se manter, algo que a Casa de Cultura não poderia proporcionar. Aparentemente, Rosa montou a Academia de Mulheres, um espaço de ensino de dança e ginástica para mulheres, para poder se manter. Seo Nestor acredita que o Monte Azul poderia ter cumprido o papel que a Casa de Cultura do Jardim São Luís exerce. O de fomentar as ações coletivas e não apenas de espaço para atividades culturais.

Seo Nestor – a rede está no meu sangue. Eu tenho fome de organização, eu tenho fome de oferecer o meu melhor... pra mim rede é a troca de idéias, de experiências, a união do povo, aprender junto, eu acho que rede pra mim é isso, é integração, é não esconder o que faz... cultura pra mim parece, parece pra mim que é um tudo, ela é o sal que precisa para desenvolver um país, uma cidade, uma periferia nossa como nós temos, tão carente e aqui é até meio difícil de se falar de cultura. Cultura é alfabetização, é ser artista, é ser a faculdade?

Seo Nestor demonstra carregar na ação coletiva a sua esperança de transformação social e isto preenchido com muita emoção.

4.5.8 – Entrevista Herculano – Casa de Cultura do M'Boi Mirim (enviada por e-mail)

Herculano – *conheci a rede com minha vinda para casa de cultura por volta de 1998, e achei importante que entidades ligadas a cultura estivessem ligadas se encontrassem.*

Herculano – *Luiz (Bloco do Beco), Marcelo (Casa de Cultura), Roberto (Rainha da Paz), Ana e Anabella, (Monte Azul), Sr. Nestor e Rosa (Casa de Cultura J. S. Luís). Cada um desses tem seu papel para organizar a rede, porém parece que cada um está preocupado somente em atividades, não pensando no todo. Temos relações muito boas, compartilhamos informações, eventos e idéias.*

Herculano – *esperava ser mais um para preencher o elo ou a teia desta rede: divulgar, participar e cooperar para que avancemos enquanto uma verdadeira rede. Minha opinião pessoal, bem como da diretoria da Casa de Cultura, entende que para que cultura popular nos extremos de uma cidade somente será respeitada, se articulada.*

Herculano aparenta, com seu laconismo, uma descrença que a rede possa cumprir seus objetivos. O termo “esperava” no tempo verbal conjugado denota uma profunda tristeza em relação aos novos tempos e ao novo cenário político.

Herculano – *(sobre o que falta à Rede Social de Cultura) saber o que queremos, pra que e para onde vamos? Para que serve uma rede Social de Cultura? Pensar projetos articulados de forma que possa ultrapassar o portão de nossas organizações que favoreça um numero maior da população. Qual o futuro desta Rede? Depende de cada um de nós. Sendo pessimista vejo as pessoas com vontade de fazer acontecer terem que buscar outros caminhos.*

Herculano – *(sobre o significado de rede) Uma proposta de unir propostas convergentes.*

Herculano – *(sobre o significado de cultura) Prefiro filosofar: conjunto de práticas, ações e instituições pelas quais os seres humanos se relacionam entre si e com a natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela, modificando-a. É a maneira pela qual os humanos se humanizam, por meio de práticas, interdições, obrigações, e de uma ordem simbólica. Cria, assim, a existência social, econômica, política, religiosa e artística. **Síntese de Marilena Chauí***

O distanciamento de Herculano provavelmente se dá por conta de seu desânimo e desilusão para com os andamentos atuais da Rede Social de Cultura.

Herculano – *(sobre o papel do SENAC na rede) articular com os movimentos “o pensamento” do desenvolvimento local, porém no meu ponto de vista as ditas lideranças ainda não compreenderam, cada um tem pensado nos seus próprios espaços e as prováveis conquistas, prêmios e o reconhecimento da mídia.*

O papel do SENAC de ser “apenas” mais um ator da rede parece ser a “esfinge “ da Rede Social de Cultura. Decifra o meu papel ou te devoro, pois se o

grupo não consegue atuar com a presença do SENAC, também não consegue se constituir sem ele.

4.5.9 – Entrevista Cátia - Cia. Teatral ManiCômicos (enviada por e-mail)

Cátia – *nosso papel ao participar da rede, era fortalecer o movimento cultural na região (o que já fazíamos) em rede, com outras organizações teríamos, e seríamos mais fortes (pensamos).*

Cátia – *(sobre o que falta à Rede Social de Cultura) acho que definir qual realmente é o objetivo, e todos olharem para o mesmo ponto. Isso não é fácil pois envolve diversas vontades e desejos diferentes. A Cia. Teatral ManiCômicos, saiu dessa rede por perceber que nossos objetivos e desejos não iam de encontro com as dos outros participantes.*

Cátia – *(sobre a utilidade da rede Social de Cultura) para troca de experiências, ajuda mútua e realização de ações em conjunto.*

Cátia – *(sobre o significado de rede) união de pessoas ou organizações com objetivos (dentro da rede) em comum.*

O ManiCômicos é uma organização que faz cultura. Teria sido ótimo para a pesquisa conseguir identificar quais são estes objetivos e desejos tão dissonantes.

Cátia – *(sobre o significado de cultura) modos e costumes de uma determinada região. Sobre o papel do SENAC na rede. O pouco tempo que ficamos na rede, não conseguimos entender bem qual era esse papel.*

Aqui a recorrência da dúvida maior.

4.5.10 – Entrevista Gunnar – Trópis e CEU Dutra – (enviada por e-mail)

Gunnar – *fui convidado para participar das reuniões da rede, na qual discutiríamos ações culturais para a região e viabilização de projetos conjuntos, participei ativamente da rede por 2 anos. Mantenho amizade com as pessoas mais próximas.*

Gunnar – *pra esta rede em específico falta o principal, a “rede”. Uma rede social de cultura poderia servir como uma centralização de forças, ou seja, como uma rede elétrica, ou uma rede de telefones, que passa a mensagem ou energia pra todos os lugares conectados, facilitando assim a ação cultural nos locais mais desfavorecidos economicamente, mas não por isso “sem cultura”, mas com práticas culturais de baixo custo, o que aos olhos dos críticos pode significar uma cultura oriunda, mas em todas as épocas as coisas foram assim, e assim nasceu a capoeira, o carnaval, o frevo, o maracatu, etc.*

A concepção de cultura de Gunnar não parece, à primeira vista, ser tão subversiva quanto se propagava. O termo contracultura utilizado pela Vilma não se aplica.

Gunnar – *(sobre o significado de rede) sempre tive como rede uma série de vínculos que seriam, iguais e diferentes; ou seja, na sua particularidade seriam diferentes, mas num contexto mais amplo, com a mesma finalidade, de uma ajuda mútua, quase uma*

corporação.

Gunnar – *(sobre o significado de cultura) esta pergunta remete a um assunto muito amplo, no qual vou me restringir a me colocar de uma forma geral. Cultura é a interface do imaginário pessoal costurando com os sentimentos de um determinado povo que reconhece ali uma ligação comum.*

Gunnar – *(sobre o papel do SENAC na rede) o SENAC, neste momento, o vejo como um disco voador (diga-se de passagem, burguês), que pousou na periferia precisando de mérito de bom samaritano mas sem nenhum tipo de experiência no que ele se propunha a fomentar e realizando um grande “bum” e depois um “boff” desinflando tudo o que havia inflado.*

Apesar do discurso um pouco esquerdizante de Gunnar, a sua visão do papel do SENAC não é destituída de razão. Este “desinflar” parece recorrente quando uma organização se aproxima de outras comunidades e não consegue transmitir uma transparência de intenções. Em redes, a presença de elementos de grande porte pode desestabilizar o grupo, gerando conflito ou desintegração. Empresas e poder público costumam fazer este papel de desequilíbrio a despeito das boas intenções de seus representantes.

4.5.11 – Entrevista Ana Maria – Associação Monte Azul (enviada por e-mail)

Ana Maria – *comecei a participar da Rede desde antes dela existir pois o embrião ao meu ver foram as reuniões entre a Trópis, Sarambeque e Monte Azul, logo na seqüência a Letícia e o Gil passaram a se reunir com a Rosa e o pessoal da Casa de Cultura e eu fiquei acompanhando a rede virtualmente e através deles. Eu acompanho a rede desde sua criação em 2002, ocasião em que a Monte Azul era representada pela Letícia e eu era da Sarambeque, na realidade já fazíamos parte de um embrião de rede. Comecei a participar pela Monte Azul em 2003 e desde então ocupo uma posição não muito confortável, pois acho que falta dinamismo no processo e que a crítica não é vista como construtiva nunca.*

O Seo Nestor critica a postura da Associação Comunitária Monte Azul pela sua ausência nos debates, de seu autocentramento: *o Monte Azul, ele é muito ele.* As organizações quando atingem uma certa dimensão, quando crescem muito rapidamente acabam perdendo a visão de seus ambientes externos, a capacidade de entender suas conexões mais próximas. A dinâmica é sempre de fora para dentro do que de dentro para fora. A minha organização é o centro dos acontecimentos e eu tenho que investir muito tempo na sua administração. Seo Nestor acredita que *eles poderiam ter saído do casulo* e olhado um pouco mais para fora.

Ana Maria – *vou citar alguns aspectos negativos: Acho algumas entidades (SENAC, Movimento de Moradia, Casa de Cultura São Luís) muito distanciados do fazer cultural e de uma certa forma engessados pela sua missão não usando a cultura sequer como ferramenta de mobilização social, no início isso ainda não era tão claro pelo perfil pessoal do mediador mas com a mudança houve um esfriamento do grupo. Outras entidades são extremamente fisiológicas, freqüentadoras de gabinete atreladas ao governo (seja ele qual for) e com interesses muito individuais para participarem de uma rede. e a grande maioria é*

de gente muito bem intencionada mas com muito pouco tempo para discutir, que ficam condicionadas ao fazer.

E a mesma crítica é dirigida pela Ana Maria, não somente à Casa de Cultura do Jardim São Luís, mas a outras organizações da rede. Nas atividades de formação de redes o que mais causa demora nos processos é a dificuldade dos participantes em disponibilizar tempo para suas ações conjuntas. A organização a que pertencem acaba tomando muito tempo e sobrando pouco para as articulações entre as entidades.

Ana Maria – *acho que tenho bons amigos e outros que me acham uma chata, que rezam para eu não aparecer na reunião. Os amigos são os mais rebeldes: Gil, Marcelo, Roberto, ManiCômicos, alguns da Casa dos Meninos, Ocça, Ceu Casablanca.*

Esta parece ser uma postura um pouco rígida e uma certa dificuldade de dialogar com as diferenças. Aceitar apenas os que são amigos pode parecer um pouco cômodo. Rede não é panela, rede é poder aceitar os outros e gostar deles.

Ana Maria – *não tenho papel na Rede ultimamente tento encaminhar pessoas para ela quando percebo que é de interesse mútuo, mas evito de ir às reuniões para não me sentir constrangida e não incomodar.*

Mas ainda faz parte da rede.

Ana Maria – *a Monte Azul tem muita importância na região, mas por ter conquistado um espaço é excluída pelo grupo que alega que ela já tem muito.*

É excluída ou se exclui?

Ana Maria – *(sobre o que falta à Rede Social de Cultura) organização, liderança conquistada e não autoritária, união, clareza de objetivo. Que serve para trabalhar em rede, discutir, divulgar, fortalecer, ampliar, reconhecer e estimular as atividades culturais das entidades e indivíduos ligados a Rede.*

Ana Maria – *(quanto ao futuro) esta elasticidade do grupo que incha e esvazia um dia vai acabar, não vejo uma clareza de objetivos e o fortalecimento da rede acontecendo.*

Ana Maria – *(sobre o significado de rede) era um desafio e uma esperança agora é só um evento distante.*

Evento distante tem um caráter de externalidade, de coisa desimportante que vem de fora. O que a Ana Maria faz parecer é que quando não se consegue vencer um desafio é melhor dar-lhe menor importância.

4.6 – Acompanhamento das atividades do grupo

Foram acompanhados três eventos realizados pela Rede Social de Cultura que puderam dar a idéia do potencial de realização do grupo.

O projeto Metamorfose da Rainha da Paz, que acabou se tornando uma Invasão Cultural com a participação de outros participantes da Rede Social de Cultura, ocorreu no dia 28/08/2004, na entrada da favela Fim de Semana. O projeto consistiu em várias oficinas temáticas que culminavam com algum tipo de evento, performance ou atividade chamada de Sábado Cultural com a finalidade de exercitar o discutido nas oficinas. A oficina que antecedeu as atividades foi focada no tema organização de favelas. Foi a atividade que contou com o maior número de participantes da Rede Social de Cultura: Rainha da Paz, Bloco do Beco, Casa dos Meninos, Associação Cultural Monte Azul, CEU Casablanca, Casa de Cultura do Jardim São Luiz, Cooperifa, Espíritos de Zumbi e Casa de Cultura de M'Boi Mirim.

Programação:

10:00 Abertura – Debate: 'O projeto Metamorfose e o sonho da transformação' Na Associação Rainha da Paz (Rua Aderbal, 20)

11:00 Grafite: duas intervenções; R. Aderbal e Trav. Ofélia Monteiro Plantio de Árvores; R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto Músicas Infanto-juvenis: Meninos da Casa dos Meninos. R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

11:30 Jogos e Brincadeiras de Rua: oficina de serpentes, oficina de bonecos, teatro, poesia e muita brincadeira; R. Aderbal, R. Yoshimara Minamoto e Campinho da R. Primo Morati Um som diferente: Diogo e seu Violoncelo; R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto Músicas Infantis: Paulinho e Édria R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

13:00 Break: Bloco do Beco R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

14:00 Maracatu: Alunos da Escola Vera Cruz Saída da Rua Aderbal

15:00 Percussão e Cordas: Meninos Percussônicos (Casa dos Meninos) R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

16:00 Dança e Tambores Afro: Grupo Espíritos de Zumbi R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

17:00 Sarau de Poesia: Cooperifa R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

18:00 Bossa Nova Instrumental: Paulo Roberto e Osvaldo Nery; R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto Jazz ao Vivo: Perifazz R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

18:30 Samba Enredo: Bloco do Beco R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

19:30 Cinema: exibição de curtas metragens – Grupo MUCCA Campinho da Rua Primo Morati

20:30 Encerramento e apresentação do Grupo Trajetória Periférica (RAP), formado por meninos da comunidade. R. Aderbal x R. Yoshimara Minamoto

Eventos como este, com uma programação tão extensa e uma maior periodicidade, poderiam afetar beneficentemente o modo como as pessoas encaram o seu cotidiano. O resultado para o grupo foi poder demonstrar o potencial do trabalho de rede. Havia ainda muitas pessoas de organizações de outras regiões, universitários e artistas que vieram interessados neste projeto.

No dia 27/11/2004 foi realizada a I FERIA de Arte, Cultura e Culinária de M'Boi Mirim que foi resultado da parceria entre a Rede Social de Cultura e o grupo de artesãos do M'Boi Mirim. Este evento também contou com uma programação bastante extensa e, além da qualidade, por exemplo, dos grupos de maracatu e hip hop, foi possível identificar que alguns folguedos do nordeste como as danças de roda, que não são muito visíveis aqui no sudeste eram recuperadas de um modo bem peculiar. Havia o grupo de jovens que participavam de oficinas de danças nordestinas e a este grupo foram incorporados outros jovens que estavam no local e foram convidados a participar. Certas brincadeiras têm uma infinidade de passos que só alguém que viveu nas regiões onde elas são cultivadas poderia conhecê-las em profundidade. Este costuma ser o caso das pessoas que vêm para São Paulo e ministram cursos e oficinas destas modalidades de danças. Mas como boa parte dos jovens que moram na Zona Sul são ou migrantes ou descendentes de migrantes, de certo modo, parte desta herança ainda consegue ser passada aos filhos ou comunicada aos amigos. Era interessante ver que quando alguém não dominava certo passo totalmente, logo era corrigido por outro que sabia uma outra parte do movimento e, formando uma colcha de retalhos da memória cultural, a dança se completava.

A terceira atividade acompanhada foi uma oficina de democracia realizada no Rainha da Paz, mas oferecida para todas as organizações da rede. Nesta oficina foi tratado com os jovens temas como instâncias do poder público, a estrutura do Estado, o significado dos cargos políticos, da finalidade das diversas instâncias do direito, formas de participação democrática, partidos políticos, eleições, etc. A forma de transmitir o conteúdo teve um caráter lúdico sendo facilmente absorvido pelos jovens que participaram ativamente dos exercícios.

4.7 – Levantamento das Conexões

Para se desenhar uma estrutura definida da Rede Social de Cultura, um complicador encontrado foi a constatação da pouca configuração estática do grupo, isto é, a grande mobilidade entre os componentes não determinava uma apropriação de identidade organizacional, mas sim local. O que se tornou possível verificar foram alguns movimentos da rede e procurar, durante as pesquisas, identificar as causas destes movimentos.

De início ficou visível que o grupo era composto por pelo menos três subgrupos com visões dos caminhos da rede que nem sempre eram justapostos. Esta visão foi possível a partir das conversas com os técnicos do SENAC, onde se pôde identificar que havia um grupo de produtores culturais politicamente engajados, representantes de ongs e artistas ou grupos artísticos. O que acabou caracterizando as ações da rede é que cada grupo se acionava no momento apropriado, mas a própria dificuldade de tomar decisões do grupo acabou afastando alguns componentes importantes. Apesar de útil, a classificação que os técnicos do SENAC usaram para poder entender os movimentos da Rede Social de Cultura não pode ser usada de modo rígido. O que se pode constatar é que o grupo que Vilma denominava de *os pensadores culturais*, é composto por pessoas com um bom grau de influência cultural na região. E mesmo com a sua saída eles ainda continuaram participando de algumas atividades do grupo, se comunicando, enfim, não poderiam ser considerados fora da rede. Outro ponto importante é que se foi por meio do Seo Nestor que o SENAC chegou à região, quando surgiu a oportunidade da formação do que seria a Rede Social de Cultura, foi a Rosa que chamou as pessoas e os

grupos para participar. E a Rosa é amiga de todos eles, ela foi durante muito tempo, neste grupo, o elo de afetividade que garantia a coesão da rede e quando surgiu o conflito interno entre o grupo dos *pensadores culturais* e os outros grupos, ela acabou ficando isolada por ter interesse apenas em que a rede tivesse continuidade no seu processo de formação. E esta lacuna foi logo suprida pelo Roberto que tem grande capacidade de articulação e organização, mas neste momento parecia que o grupo ainda se encontrava desestruturado, com muitos participantes indo embora. O que ocorreu de importante foram as novas conexões criadas, como entre Roberto e Luís, entre Luís e o grupo de artesãos e entre Roberto e o projeto Eco-cidadania. Estas conexões entre os componentes da rede com uma forma diferente de agir e as com outras redes, apontam novos caminhos para a Rede Social de Cultura. E sobre o papel de mediação do SENAC pode-se dizer que existe uma dissonância entre a pessoa do mediador e a instituição, o que interfere na qualidade do trabalho. Outro papel do SENAC é o de disponibilizar instrumentos de comunicação que ainda não foram apropriados pelos membros da rede. E é justamente na falta de comunicação que reside a dificuldade de integração dos componentes e da eficiência na tomada de decisões.

4.8 – Identificação de Eficiência dos Processos Internos

O processo de construção da identidade da Rede Social de Cultura passa pelo aprendizado da ação cultural coletiva. A continuidade destas ações e a análise e discussão dos seus resultados a partir de uma perspectiva dialética e dialógica poderão ser os fatores de formação de uma identidade do grupo. Com esta estratégia, o grupo acabará contribuindo também para a formação de uma identidade das comunidades locais. Para a reestruturação destes espaços e da criação ou transformação de novos espaços de geração de cultura.

A dificuldade de se estabelecer esta continuidade passa exatamente pela dificuldade de criação, de melhor utilização ou de acesso aos processos comunicacionais intra e extragrupo. Tanto durante a pesquisa, como durante a fase de participante do grupo, foi constatada a dificuldade de se estabelecer uma comunicação mais eficiente entre os seus representantes. Durante um breve período

relatado anteriormente, foi criada na Internet, uma lista de discussão que durou alguns meses, quando foi espaço de importantes discussões para o grupo. O próprio SENAC colocou à disposição da rede uma ferramenta que propiciasse esta comunicação, mas os resultados aí foram nulos. Ninguém aderiu a esta ferramenta.

Foi defendido dentro do grupo pelo pesquisador que as ações devem, pelo menos no princípio, contar com apenas os ativos das próprias comunidades e não esperar que o poder público contribua com algo. Esta participação deve ser construída e conquistada com o decorrer das ações do grupo e não pedida. O poder público, setor empresarial, caso tenham interesse, devem participar motivados pela excelência das ações do grupo, não porque estejam ajudando. E na prática este posicionamento se mostrou correto, pois em algumas ações em que se precisou contar com parceiros externos, acabou não resultando em ações efetivas e quando se pautou por ações constituídas pelos próprios ativos do grupo, os resultados esperados foram alcançados.

As discussões em torno das metodologias que o SENAC utiliza para mediar os grupos parece apontar que grupos como a Rede Social de Cultura são essenciais para que o SENAC reveja as suas formas de atuação. Se agora o momento presencial do grupo, o fórum, é quando se tomam decisões, estes momentos têm que apresentar uma dinâmica maior. Como já havíamos dito, os técnicos do SENAC têm formação de educadores, o que acaba tornando as reuniões algo parecido com salas de aula, onde o objeto *flip-chart* exerce a função de quadro-negro. Outro elemento que preocupa é o tempo de reunião. Normalmente o fórum se estende por duas horas, o que acaba se tornando cansativo. Levando em consideração que grande parte dos participantes é ligado a artes, seria interessante utilizar-se de dinâmicas que contemplassem este fato. Conclui-se que, se a mediação tem que ser obtida a partir de uma construção coletiva, e é neste caminho que o SENAC – ou qualquer outra organização ou poder público interessado em apoiar projetos deste tipo – deve buscar suas novas metodologias de trabalho com redes sociais.

4.9 – Análise dos Resultados e Construção de uma História

A história da Rede Social de Cultura começa pelo projeto do SENAC chamado Redes Sociais. E uma das primeiras redes fomentadas pelo SENAC foi a Rede Social São Luís, centralizada na Casa de Cultura do Jardim São Luís e na figura do Seo Nestor. Em 2002, Jorge, técnico de SENAC, fazia parte do Comitê de Assuntos Comunitários da Câmara Americana de Comércio (AmCham) que estava definindo que tipo de ações sociais as empresas associadas deveriam efetuar. Foi acordado que a forma mais efetiva de ação social desenvolvida pelas empresas seria a que estivesse conectada com cultura. Jorge então entra em contato com Seo Nestor comunicando que haveria uma boa chance dos projetos da região serem financiados. Seo Nestor aciona a Rosa, uma de suas coordenadoras, que desenvolvia atividades culturais dentro da organização, para que contatasse organizações que trabalhassem com cultura na região. Isso foi feito, sendo realizada uma reunião com os representantes de oito organizações. Chegou-se à conclusão de que os projetos que cada grupo apresentava precisavam ser melhor estruturados. Foi então realizada uma oficina de elaboração de projetos sendo os resultados apresentados por Jorge à Câmara Americana de Comércio. Por motivos que não ficaram muito claros, apenas um dos projetos foi efetivamente apoiado e a ponte que a Câmara Americana criou foi desativada e não se falou mais nesta possibilidade. Os efeitos foram que, se esta iniciativa que poderia ter fortalecido a ação de rede entre as organizações, acabou gerando uma frustração muito grande no grupo, acabando por dar uma conotação ruim às ações do SENAC nas comunidades. Outro fato foi que a organização que teve o seu projeto aprovado acabou se desvinculando do grupo. Apesar deste início desanimador, as organizações acabaram concordando que as ações em conjunto poderiam reverter para todos e dar maior visibilidade aos trabalhos realizados. Jorge continuou acompanhando o grupo por mais cinco meses, sendo acionados técnicos para desempenhar a mediação das reuniões da rede. A primeira ação a ser realizada pela rede foi uma apresentação no campus do Centro Universitário SENAC. Já o primeiro projeto gerado dentro da Rede Social de Cultura foi o “Invasão Cultural”, cujo nome a princípio causou uma certa polêmica por lembrar o tipo de ação de movimentos sociais considerados pela sociedade como violentos como os movimentos de moradia e o MST. Alguns componentes do grupo

sugeriram que isto poderia afastar possíveis apoiadores. Aqui aparece um primeiro indício de desagregação dentro do grupo, pois ficou claro que cada um dos subgrupos internos se posicionava de modo diferente. O grupo dos pensadores culturais foi o que mais incentivou este tipo de ação, a de intervenção cultural com finalidade de conscientização política. O grupo dos representantes de ongs tinha a mesma preocupação do técnico do SENAC, na época a Vilma, de desenvolver um projeto ¹² que desse visibilidade ao trabalho das organizações e atraísse possíveis financiadores. E por último, o dos artistas e grupos artísticos que tinham por objetivo, a princípio, obter espaço para apresentar seus trabalhos, sem grandes ambições políticas. Começa a aparecer a dificuldade de se obter um consenso dentro do grupo com objetivos e motivações tão díspares. Dúvidas quanto ao formato do evento, de sua dimensão e objetivos não foram acordadas. Depois de vários meses de preparação foi agendada uma primeira Invasão Cultural que foi realizada no dia 21/03/2004, na Vila São Remo, mas com resultado aquém do esperado. Como o transporte ficou por conta da subprefeitura, que cancelou o envio de um ônibus ¹³ na véspera do dia do evento, a Invasão Cultural se resumiu a apresentações do Grupo e Cia. Teatral ManiCômicos e do Grupo Arte Vida. Após a avaliação dos resultados, o grupo deu uma esfriada, e nas reuniões a troca de farpas e acusações sobre a culpa do relativo fracasso da Invasão Cultural e a tentativa de determinar um caminho único de ação foram a única pauta possível. Este impasse foi fatal para o processo de aprendizado do grupo. Este dependeria de haver uma regularidade maior de ações e que se criasse uma rotina de avaliação e redirecionamento dos processos mais dinâmica. Isto culminou na fatídica reunião de maio de 2004, quando as diferenças se tornaram incontornáveis, resultando na ruptura dentro do grupo. Este foi o momento em que começava a pesquisa sobre a Rede Social de Cultura, bem no olho do furacão. O grupo recomeça os esforços esvaziado e com a questão da intermediação não resolvida. Numa primeira reunião após a ruptura, para sua confirmação, só compareceram três elementos representantes do subgrupo dos

¹² O SENAC (por meio de seus técnicos do Centro de Tecnologia e Gestão do Terceiro Setor de São Paulo) segue o receituário moderno – o que alguns autores adjetivam de neoliberal – do terceiro setor que prega que para qualquer atividade ou ação deve ser providenciado “um projeto” e que as organizações devem seguir um modelo administrativo próximo do corporativo.

¹³ Foi confidenciado ao pesquisador por um dos entrevistados que a causa do transporte ter sido cancelado pela subprefeitura teve, de certo modo, participação de um dos membros da rede. A parte a possibilidade de ser penas “fofoca”, podemos entender que: a participação do pesquisador pode ter sido aceita e entendida por parte do grupo e por outro lado, como é usual em grupos em processo de conflito, a confidência teve a intenção de jogar a culpa pelo fracasso do grupo em facções contrárias.

pensadores culturais que contavam em realizar a intermediação. O grupo, com esta ausência, confirmou o seu desagrado para com os pensadores. Nas outras reuniões posteriores o que se viu foi uma transformação nas lideranças. Rosa, depois de mais algumas participações, se afasta do grupo e da Casa de Cultura do Jardim São Luís. E este espaço de articulação dentro da rede rapidamente é assumido pelo Roberto (Rainha da Paz). Interessante que estes dois jovens, cuja história de vida está extremamente impregnada da vivência nestas comunidades, conseguem em pouco tempo e com um contingente mais reduzido de participantes da rede, produzir bons e consistentes resultados. A Invasão Cultural dentro do projeto Metamorfose, a parceria com o grupo de artesãos que resultaria na I Feira de Arte, Cultura e Culinária do M'Boi Mirim, Seminário de Cultura Popular e Oficina de Comunicação, este um projeto do Rainha da Paz em conjunto com alunos do curso de jornalismo da PUCSP e estendido aos participantes da Rede Social de Cultura. Particularmente no Seminário de Cultura Popular, o enfoque foi mais na discussão sobre as expectativas, nos modos de se relacionar com a nova administração que estava sendo empossada e de como, para isso, seria necessária uma melhor articulação em rede dos atores locais. Foi um momento rico de troca de visões e experiências entre os participantes. Logo a seguir ocorreu uma reunião com o novo supervisor de cultura do M'Boi Mirim, Tião. Apesar de toda a bagagem que este profissional trazia para a região e a sua intenção de *auscultar* as práticas e os ativos locais, provocou uma ligeira apreensão quanto ao projeto que a nova administração traria para a cultura. Como se pôde acompanhar pela imprensa (verificar anexo 2), a falta de uma política cultural clara na gestão Serra fez com que as conquistas anteriores fossem praticamente desmanteladas. Portanto, o primeiro semestre de 2005, pelo impasse e indefinição dos caminhos a serem seguidos, acabou desmotivando os componentes da Rede e o que se viu foi que cada um se voltou para as suas atividades próprias. Mas como esta Rede, pelo fato que grande parte de seus componentes mora na localidade, nunca morre, apenas hiberna, esperando novos tempos e oportunidades de se posicionar, as ações continuam a ser realizadas, as pessoas continuam conversando e a chama continua acesa.

Neste momento em que a pesquisa termina, temos como conclusão da história da Rede Social de Cultura que, num organismo enredado, os resultados,

muitas vezes aparecem nos locais não planejados. Se ações não conseguem ser efetivadas, no seu processo de preparação podem ser desenvolvidos relacionamentos que serão a argamassa da rede, o seu efeito colateral, visto que o que liga as pessoas em quaisquer circunstâncias é a afetividade, o gostar de trabalhar em conjunto, de fazer junto.

Rede Social de Cultura em oito momentos:

- de entusiasmo desconfiado
- de frustração confirmativa
- de recomeço desanimado e lenta retomada
- de nova frustração e desagregação
- de recomeço a partir do rescaldo do incêndio
- de novas possibilidades
- de nova administração pública
- de desativação e hibernação (ou de conspiração)

Considerações Finais

A – Do Significado de Redes Sociais

Nesta pesquisa, anteriormente ao trabalho de campo, foi feito um exaustivo levantamento bibliográfico sobre o tema redes sociais. Neste processo foi tomado conhecimento de várias abordagens diferentes do que sejam redes sociais. Confirmamos também, o que já era uma das hipóteses de pesquisa, a urgência de se desenvolver estes conhecimentos dentro de quaisquer tecidos organizacionais e de que grande parte das metodologias utilizadas atualmente não dão conta da complexidade do processo de autogestionamento necessário às redes.

Na área de análise de redes sociais, a dificuldade encontrada era que pouco material existe relacionando um procedimento de pesquisa participativa com uma leitura dos movimentos culturais que ocorrem em uma rede de pessoas. A abordagem antropológica, com a sua metodologia de pesquisa de campo, a etnografia, possibilitou uma nova compreensão das representações mentais na configuração de uma história de grupo. Uma colcha de retalhos, de fragmentos de histórias, de visões, de caminhos que apontam para a construção de uma identidade própria. De um caminho autônomo, de um fazer-se protagonista de sua realidade.

B – Do Significado de Cultura

A abordagem do significado de cultura utilizado neste trabalho, o de cultura como um processo de significados enredados entre seus nós, deu o norte para uma compreensão mais fluida das conexões sociais e das formas de agir coletivo, de fazer coletivo, de criar uma forma deste fazer, uma cultura deste fazer.

Cultura é um processo dinâmico de imbricação de conhecimentos, de relativização de poderes, de estruturação e desestruturação de significados. Cultura é uma rede de sentidos que faz do homem um ser interdependente de outros homens. Cultura é a arte do fazer com arte a vida.

C – Do Aprendizado do Processo Etnográfico

A atividade etnográfica demanda tempo. Para que se possa descobrir as verdades escondidas e às vezes até inconscientemente, precisamos nos sentir participando do grupo, ser mais um sujeito desta comunidade. Alguns fatores fizeram com que os processos de desenvolvimento desta pesquisa demorassem a ficar claros. Apesar do autor ser um membro do grupo, mesmo antes de iniciar a pesquisa, trata-se de um elemento estranho ao grupo. Saber ser aceito por alguns membros, mas para alguns ainda ser um desconhecido, um estrangeiro. Isto ficou claro quando foi realizado o acompanhamento das atividades de cada grupo. Outro fator inibidor de uma maior aproximação é o simples fato de não ser morador da região. Este grupo é composto pela maior parte de pessoas amigas que convivem entre si quotidianamente e que conhecem a história de seus elementos.

A pouca experiência no trabalho de campo obrigou o uso do instinto quase tanto do que de uma sistematização científica. Existem dezenas de manuais de etnografia disponíveis, mas nenhum deles possibilita indicar um caminho para cada situação de campo. Alguns caminhos foram ficando claros com o desenvolvimento da pesquisa. Como o ponto de partida para uma leitura da rede era o da construção da sua história pelos seus participantes, o que se começou a ser feito foi pedir a cada entrevistado que contasse a sua história da rede. Quando Roberto foi entrevistado e lhe foi pedido para contar esta história, até pelo fato de que apesar de sua importante participação, fazia pouco tempo que ele era um membro do grupo. E ele resolveu contar a sua história de vida. Este fato apontou bem claro qual deveria ser o foco. A história de vida indica o grau de importância que a rede desempenha para este sujeito. E de qual modo ele se vê como um ator neste cenário, sua posição, seu perfil, sua importância a partir da sua história. Finalmente, a grande dificuldade foi poder estruturar os dados coletados e transformá-los em algo que

apontasse para um caminho conclusivo ou que abrisse para novas perguntas. Um imenso quebra-cabeças faltando muitas peças.

Este fazer etnográfico que, acredita-se, pelo menos neste caso, ainda precisa de muita pavimentação, mas começa a apontar qual será o caminho deste pesquisador. De qual modo poderá contribuir na elaboração de um conhecimento, de um saber coletivo que possa ser útil para a criação de uma identidade cultural do nosso povo.

Referências Bibliográficas

- ABDALLA, Maurício. *O Princípio da Cooperação: Em busca de uma Nova Racionalidade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- ADORNO, Theodor W. *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ALMEIDA, Ângela. *Palimpsesto – Um Corpo na Arte Contemporânea*. In GALENO, Alex (et al.). *Complexidade à Flor da Pele: Ensaio sobre Ciência, Cultura e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALVESSON, Mats & DEETZ, Stanley. *Teoria Crítica e Abordagens Pós-modernas para Estudos Organizacionais*. In CLEGG, Stewart R. e tal. *Handbook de Estudos Organizacionais, V. 1: Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. São Paulo: Atlas, 1998.
- ANAND, Vikas & GLICK, William H. & MANZ, Charles C. *Capital Social: Explorando a Rede de Relações da Empresa*. In Revista de Administração de Empresas – RAE. São Paulo: FGVSP, v. 42, n. 4, out/nov/dez 2002
- ANDRADE, Rosane Pedroza. *Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro*. São Paulo: Estação Liberdade: EDUC, 2002.
- _____. *Fotografia e Antropologia: Uma Comunhão do Olhar*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PucSP, 2000.
- ANTONETTI, Guy. *A Economia Medieval*. São Paulo: Atlas, 1977.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- AUGUSTO, Sérgio. *Tendências para o Cinema*. In GV Executivo, vol. 3, n. 4. São Paulo: FVG-EAESP, nov. 2004/jan. 2005.
- AZZAN JÚNIOR, Celso. *Antropologia e Interpretação: Explicação e Compreensão nas Antropologias de Lévi-Strauss e Geertz*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993
- BAGGIO, Adriana. *Música em 2004*. In GV Executivo, vol. 3, n. 4. São Paulo: FVG-EAESP, nov. 2004/jan. 2005.
- BALANDIER, Georges. *A Desordem: Elogio do Movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARBOSA, Livia Neves de Holanda. *Cultura Administrativa: Uma Nova Perspectiva das Relações entre Antropologia e Administração*. In RAE Revista de Administração de Empresas, v. 36, n. 4. São Paulo: FGV EAESP, out./dez. 1996.

_____. *Marketing Etnográfico: Colocando a Etnografia no seu devido Lugar*. In RAE Revista de Administração de Empresas, v. 43, n. 3. São Paulo: FGV EAESP, jul./set. 2003.

_____ & GIGLIO, Eugenio. *Como Entender seu Consumidor*. In HSM Management Update n. 19. São Paulo: HSM do Brasil, Abril de 2005.

BARCELLONA, Pietro. *Egoísmo Maduro e a Insensatez do Capital*. São Paulo: Ícone Editora, 1995.

BASTIDE, Roger. *Arte e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUER, Ruben. *Gestão da Mudança: Caos e Complexidade nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As Conseqüências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BENDIT, René. *Participación Social y Política de los Jovenes en Países de la Unión Europea*. In BALARDINI, Sergio. *La Participación Social y Política de los Jovenes en el Horizonte del Nuevo Siglo*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. Obras Escolhidas v. 1*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo. Obras Escolhidas v. 3*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BIRNBAUM, Norman. *A Crise da Sociedade Industrial*. São Paulo: Cultrix, 1973.

- BIZZOCCHI, Aldo. *Anatomia da Cultura: Uma Nova Visão da Ciência, Arte, Religião e Esporte*. São Paulo: Palas-Athena, 2003.
- BOBBIO, Norberto. *Ensaio sobre Gramsci e o Conceito de Sociedade Civil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- BOCK, Sílvio D. *A Inserção do Jovem no Mercado de Trabalho*. In ABRAMO, Helena Wendel & FREITAS, Maria Virginia de & SPOSITO, Marília Pontes (org.). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, Suspense, Emoção: Literatura e Cultura de Massa no Brasil*. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O Fim de um Mundo*. In: *A Miséria do Mundo*. BOURDIEU, Pierre (dir.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____ & DARBEL, Alain. *O Amor pela Arte: Os Museus de Arte na Europa e seu Público*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. Participar-pesquisar. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CÁDIMA, Francisco Rui. *História e Crítica da Comunicação*. Lisboa: Edições Século XXI, 1996.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e Cidades Educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CARRASCO, Fernando Pliego. *Participación Comunitaria y Cambio Social*. México, DF: Plaza y Valdés Editores: Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.
- CARVALHO, Cristina Amélia & SACHS, Tatiana Régine. *A Internacionalização da Economia chega ao Terceiro Setor: As Relações (de)Pendentes entre as ONGS do Sul e do Norte*. In *Revista Organizações e Sociedade*; v. 8, n. 20. Salvador: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia – EAUFBA, jan/abr 2001.

- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *Juventude: Reflexões sobre o Mundo do Trabalho e a Inclusão Social*. In CALDERÓN, Adolfo Ignacio. *Juventude, Capacitação Profissional e Inclusão Social: Uma Experiência de Extensão Universitária*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: A Era da Informação: Economia, sociedade e Cultura* Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *A Sociedade em Rede: A Era da Informação: Economia, sociedade e Cultura - Vol. 1*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Cidade, Democracia e Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. *O Poder da Identidade: A Era da Informação: Economia, sociedade e Cultura - Vol. 2*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Cultivando Vida Desarmando Violências: Experiências em Educação, Cultura, lazer, Esporte e Cidadania com Jovens em Situação de Pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.
- CAVALCANTI, Marly. *O Novo Papel das Organizações Comunitárias*. In Cadernos de Administração; n. 3. São Paulo: Departamento de Administração – FEA/PUC-SP, 2000.
- CAVEDON, Neusa Rolita & FACHIN, Roberto Costa. *Homogeneidade Versus Heterogeneidade Cultural: Um Estudo em Universidade Pública*. In O & S Revista Organização & Sociedade v. 9, n. 25. Salvador: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, set./dez. 2002.
- CHANLAT, Jean-François. *Ciências Sociais e Management: Reconciliando o Econômico e o Social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- COHEN, Jean L. & ARATO, Andrew. *Civil Society and Political Theory*. Massachusetts: The MIT Press, 1999
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-moderna: Introdução às Teorias do Contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- COSTA, Martha. *Vem, vem, vem, ver o Circo de verdade*. São Paulo: Revista Exame Edição 733; 07/02/2001.

- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Tempo de Servir: O protagonismo Juvenil Passo a Passo: Um Guia para o Educador*. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2001. *
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre Idéias e Formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CUNHA, Maria Helena. *Formação do Profissional de Cultura: Desafios e Perspectivas*. In BRANT, Leonardo (org.). *Políticas Culturais*, v. I. Barueri, São Paulo: Manole, 2003.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DE MASI, Domenico. *O Futuro do Trabalho: Fadiga e Ócio na Sociedade Pós-industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DEMO, Pedro. *Participação é Conquista*. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. *Participação e Avaliação: Projetos de Intervenção e Ação*. In SORRENTINO, Marcos. *Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2002.
- DE OLIVEIRA, Miguel Darcy & TANDON, Rajesh. *A Emergência de uma Sociedade Civil Global in Cidadãos: Construindo a Sociedade Civil Planetária*. USA: Washington
- DERTOUZOS, Michael L. *O que será? Como o Novo Mundo da Informação transformará nossas Vidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- DÓRIA, Carlos Alberto. *Os Federais da Cultura*. São Paulo: Biruta, 2003.
- DOWBOR, Ladislau. *A Reprodução Social: Propostas para uma Gestão Descentralizada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- DOWNING, John D. H. *Mídia Radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- DUBY, Georges & BARTHÉLEMY, Dominique & RONCIÈRE, Charles de la. *Quadros* In ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges (org.). *História da Vida Privada, 2: Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.
- FARIA, Alexandre. *Pesquisa em Redes Estratégicas: Descobertas e Reflexões Etnográficas*. In RAE Revista de Administração de Empresas, v. 43, n. 1. São Paulo: FGV EAESP, jan./mar. 2003.
- FERNANDES, Rubem César. *Privado porém Público: O Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
- FLEURY, Maria Tereza Leme & SHINYASHIKI, Gilberto & STEVANATO, Luiz Arnaldo. *Entre a Antropologia e a Psicanálise: Dilemas Metodológicos dos Estudos sobre Cultura Organizacional*. In RAUSP Revista de Administração da Universidade de São Paulo, v. 32, n. 1. São Paulo: FIA USP, jan./mar. 1997.
- FLORES, Margarita & RELLO, Fernando. *Capital Social Rural y Experiencias de México y Centroamérica*. México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México: Plaza y Valdés Editores, 2002.
- FORNI, Pablo Ruiz. *Las redes Inter-Organizacionales y el Desarrollo de las Ongs de Base: Estudios de Caso en el Gran Buenos Aires durante la Década del 90*. In Revista Organizações e Sociedade; v. 8, n. 20. Salvador: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia – EAUFBA, jan/abr 2001.
- FORTUNA, Carlos & SILVA, Augusto Santos. *A Cidade do lado da Cultura: Espacialidades Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural*. In SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- FRANCISCO, Sérgio Perales. *Vila Brasileira: Um Programa para Protagonistas Juvenis*. In Comunicação & Educação; ano IX; n. 27. São Paulo: ECA-USP: Editora Salesiana, maio/ago de 2003.
- FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1981.

- FREITAS, Maria Ester de. *Contexto Social e Imaginário Organizacional Moderno*. In RAE Revista de Administração de Empresas, v. 40, n. 2. São Paulo: FGV EAESP, abr./jun. 2000.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FUKUYAMA, Francis. *A Grande Ruptura: A Natureza Humana e a Reconstituição da Ordem Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- GABLER, Neal. *Vida O Filme: Como o Entretenimento conquistou a Realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.
- _____. *O Saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. *O Protagonismo da Sociedade Civil: Movimentos Sociais, Ongs e Redes Solidárias*. Soa Paulo: Cortez, 2005.
- GORDON, Deborah. *Formigas em Ação: Como se organiza uma Comunidade de Insetos*. Rio e Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.
- GUÉRONNET, Jane. *Ritualismo e Cooperação em uma Técnica do Corpo*. In FRANCE, Claudine de. *Do Filme Etnográfico à Antropologia Fílmica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.
- GUIMARÃES, Romeu Cardoso. *Vida*. In MARTINS, R. P. & MARI, H. *Universos do Conhecimento*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2002.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HAYEK, Friedrich August von. *O Caminho da Servidão*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.
- HENDERSON, Hazel. *Construindo um Mundo onde Todos Ganhem: A Vida depois da Guerra da Economia Global*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HOEBEL, E. Adamson & FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2003.

- JAIME JÚNIOR, Pedro & SERVA, Maurício. *Observação Participante e Pesquisa em Administração: Uma Postura Antropológica*. In RAE Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3. São Paulo: FGV EAESP, jul./set. 1995.
- _____. *Etnomarketing: Antropologia, Cultura e Consumo*. In RAE Revista de Administração de Empresas, v. 41, n. 4. São Paulo: FGV EAESP, out./dez. 2001.
- JAMESON, Frederic. *Pós-Modernismo: a Lógica Cultural do capitalismo Tardio*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- JUNQUEIRA, Luciano A. Prates. *Descentralização, Intersetorialidade e Rede como Estratégias de Gestão da Cidade*. In Revista da FEA-PUC n. 1. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. *Organizações sem Fins Lucrativos e Redes Sociais na Gestão das Políticas Sociais*. In Cadernos de Administração n. 3. São Paulo: Departamento de Administração – FEA/PUC-SP, 2000.
- KLIKSBERG, Bernardo. *O Desafio da Exclusão: Para uma Gestão Social Eficiente*. São Paulo: FUNDAP, 1997.
- KORTEN, Dacid C. *Quando as Corporações regem o Mundo: Conseqüências da Globalização Econômica*. São Paulo: Futura, 1996.
- KOTTER, John P. & HESKETT, James L. *Corporate Culture and Performance*. New York: The Free Press, 1992.
- KUJAWSKI, Guilherme. *Cultura Livre*. In GV Executivo, vol. 3, n. 4. São Paulo: FVG-EAESP, nov. 2004/jan. 2005.
- LABAKI, Aimar. *Mercado e Sociedade*. In BRANT, Leonardo (org.). *Políticas Culturais, v. I*. Barueri, São Paulo: Manole, 2003.
- LESSIG, Lawrence. *Free Culture: The Nature and Future of Creativity*. London: The Pinguim Press, 2004.
- LÉVY, Pierre. *A Ideografia Dinâmica: Rumo a uma Imaginação Artificial?* São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- _____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999. (a)
- _____. *A Inteligência Coletiva: Por um Antropologia do Ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. (b)
- LEWIN, Kurt. *Field Theory in Social Science: Selected Theoretical Papers*. London: Tavistock Publications Ltd., 1952.

- LIGHT, Ivan. *Social Capital's Unique Accessibility*. Journal of the American Planning Association. Spring 2004, Vol. 70. No. 2
- LINTON, Ralph. *Cultura e Personalidade*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.
- LIPNACK, Jessica & STAMPS, Jeffrey. *Rede de Informações*. São Paulo: Makron Books, 1994.
- LOCKE, John. *Segundo Tratado sobre o Governo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LUDD, Ned. *Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.
- MARCON, Christian & MOINET, Nicolas. *Estratégia-Rede: Ensaio de Estratégia*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2001.
- MARQUES, Eduardo Cesar. *Redes Sociais, Instituições e Atores Políticos no governo da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.
- MARTELOTO, Regina Maria. *Confronto simbólico, apropriação do conhecimento e produção de informação nas redes de movimentos sociais*. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação; v. 2, n. 1. Rio de Janeiro: IASI, fev. de 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A Cidade Virtual – Transformações da Sensibilidade e Novos Cenários da Comunicação*. In Margem n. 6. São Paulo: EDUC/Fapesp, dez. de 1997.
- _____. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- _____ & REY, Germán. *Os Exercícios do Ver: Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- MARTINS, Sonia Teixeira. *Políticas Culturais de Inclusão*. In BENECKE, Dieter W. & NASCIMENTO, Renata (org.). *Política Social Preventiva: Desafio para o Brasil*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2003.
- MASCARENHAS, André Ofenhejm. *Etnografia e Cultura Organizacional: Uma Contribuição à Administração de Empresas*. In RAE Revista de Administração de Empresas, v. 42, n. 2. São Paulo: FGV EAESP, abr./jun. 2002.
- MATURANA R., Humberto & VARELA G., Francisco. *A Árvore do Conhecimento: As Bases Biológicas do Entendimento Humano*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.
- _____. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

- MAUSS, Armand L. *Social Problems as Social Movements*. Philadelphia: Lippincott, 1975.
- MELO, Victor Andrade de. *Lazer e Minorias Sociais*. São Paulo: IBRASA, 2003.
- MELUCCI, Alberto. *A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MILGRAM, Stanley. *Obedience to Authority: An Experimental View*. New York: Harper/Collins, 1983.
- MILL, John Stuart. *Sobre a Liberdade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, Baron de la Brède et de. *Do Espírito das Leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- MORENO, Jacob L. *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de grupo e Sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1994.
- MORIN, Edgar. Conferência de julho/1997: *Por uma Reforma do Pensamento*. In Margem nº. 6. São Paulo: EDUC, dez. 1997. (a)
- _____. *O Método IV. As Idéias: A sua Natureza, Vida, Habitat e Organização*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.
- _____. *O Cinema ou o Homem Imaginário: Ensaio de Antropologia*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- _____ & KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- MOTTA, Paulo Roberto. *Transformação Organizacional: A Teoria e a Prática de inovar*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.
- MUSSO, Pierre. *A Filosofia da Rede*. In PARENTE, André. *Tramas da Rede: Novas Dimensões Filosóficas*. Porto Alegre: Sulina, 2004
- OLIVEIRA, Miguel Darcy de & TANDON, Rajesh. *A Emergência de uma Sociedade Civil Global* In OLIVEIRA, Miguel Darcy de & TANDON, Rajesh (coord.). *Cidadãos: Construindo a Sociedade Civil Planetária*. Washington: CIVICUS, 1995.
- OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia e a Diversidade Cultural no Brasil*. In Revista de Antropologia vol. 33. São Paulo: FFLCH-USP, 1990.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003
- _____. *A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- OUCHI, William. *Teoria Z: Como as Empresas podem enfrentar o Desafio Japonês*. São Paulo: Ed. Fundo Educativo Brasileiro, 1982.
- PEÇANHA, Dóris Lieth. *Cultura Organizacional: O Desvelar de Padrões Inconscientes*. In RAUSP Revista de Administração da Universidade de São Paulo, v. 32, n. 4. São Paulo: FIA USP, out./dez. 1997.
- PRYSTHON, Ângela. *O Cosmopolitismo e a Cidade: Transitando por Velhos e Novos Conceitos*. In Espaço e Debates – Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Vol. 23 n. 43-44. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos – NERU, jan/dez 2003.
- PUTNAM, Robert D. *Comunidade e Democracia: A Experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. *
- REGUILLO, Rossana. *Ciudadanías Juveniles en America Latina*. Última Década Nº19, Viña Del Mar, Noviembre 2003.
- REIS, Ana Carla Fonseca Reis. *Marketing Cultural e Financiamento da Cultura. Teoria e Prática em um Estudo Internacional Comparado*. São Paulo Pioneira Thomson Learning, 2003.
- RIBEIRO, Vanda Mendes. *Casa de Zabelê*. In CAMAROTTI, Ilka & SPINK, Peter. *Parceiras e Pobreza: Soluções Locais na Implementação de Políticas Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000. *
- RIFKIN, Jeremy. *O Fim dos Empregos*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- _____. *A Era do Acesso*. São Paulo Pearson Education, 2001.
- ROCHFORT, Michel. *Redes e Sistemas: Ensinando sobre o Urbano e a Região*. São Paulo: EDITORA HCITEC, 1998. *
- RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *Cultura Urbana e Modernidade: Um Exercício Interpretativo*. In PAIVA, Márcia de & MOREIRA, Maria Ester. *Cultura: Substantivo Plural*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil: São Paulo: Ed. 34, 1996.
- RODRIGUES, Paulo Roberto Ambrosio. *A Cultura Empresarial Brasileira e a Companhia Vale do Rio Doce*. In RAP Revista de Administração Pública v. 35, n 6. Rio de Janeiro: EBAPE FGV, nov./dez. 2001.
- RUELLE, David. *Acaso e Caos*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

- SALDANHA, Nelson. *O Jardim e a Praça: O Privado e o Público na Vida Social e Histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- SANTAELLA, Lucia. *Formas de Socialização na Cultura Digital in Culturas e Artes do Pós-humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1998.
- _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Lazer Popular e Geração de Empregos*. In: GARCIA, Erivelto Busto & LOBO, Francis. (edit.) *Lazer numa Sociedade Globalizada: Leisure in a Globalized Society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira*. In *Tempo Social; Revista de Sociologia da USP*; vol. 5, n. 1-2. São Paulo: Departamento de Sociologia: FFLCH: USP, nov. de 1994.
- _____. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SAWAIA, Bader Burihan. *Participação Social e Subjetividade*. In SORRENTINO, Marcos. *Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2002.
- SCHAUN, Angela. *Educomunicação: Reflexões e Princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SCHEIN, Edgar H. *Organizational Culture and Leadership*. San Francisco: Jossey-Bass, 1992.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos Sociais e Participação*. In SORRENTINO, Marcos. *Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2002.
- SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a Sociedade Civil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999
- SILVA, Hélio. *Trabalho e Consumo: Os Impactos da Mercantilização da Cultura no Mundo do Trabalho*. In DOWBOR, Ladislau [et. al.] (org.). *Desafios do Trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. *
- SPINK, Peter. *O Resgate da Parte*. In RAUSP Revista de Administração da Universidade de São Paulo, v. 26, n. 2. São Paulo: FIA USP, abr./jun. 1991.
- STEINER, George F. & STEINER, John F. & STEINER, John. *Business, Government and Society: A Managerial Perspective*. New York: Irwin/McGraw-Hill, 1999.

- TAJRA, S. F. *Comunidades Virtuais: Um Fenômeno Social Autopoiético na Sociedade do Conhecimento*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.
- TAMAYO, Víctor Muñoz. *Movimiento Social Juvenil y Eje Cultural*. Última Década Nº17, Viña Del Mar, Septiembre 2002.
- TEIXEIRA, Elenaldo. *O Local e o Global: Limites e Desafios da Participação Cidadã*. São Paulo: Cortez; Recife: EQUIP; Salvador: UFBA, 2002.
- TEIXEIRA FILHO, Jayme. *Comunidades Virtuais: Como as Comunidades de Práticas na Internet estão mudando os Negócios*. Rio de Janeiro: Senac, 2002.
- TEVES, Lura et. al. *Una Aplicación de la Metodología de Redes Sociales a la Investigación Etnográfica*. In Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales, v. 5 n. 2. Madrid: RedIris, ene/feb 2004.
- THEML, Neyde. *Linguagem e Comunicação: Ver e ouvir na Antigüidade* In THEML, Neyde (org.). *Linguagens e Formas de Poder na Antiguidade*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- THIOLLENT, Michel. *Notas para o Debate sobre Pesquisa-Ação in Repensando a Pesquisa Participante*. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- _____. *Pesquisa-ação nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.
- TREVISAN, Leonardo & CASTRO, Maria da Conceição. *Transformações no Trabalho*. São Paulo: Olho d'Água, 1994.
- _____. *Jovens, Mentiras e Desemprego: Algumas Incertezas sobre oferta Educacional como Receita de Felicidade*. In DOWBOR, Ladislau [et. al.] (org.). *Desafios do Trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- ULRICH, Dave. *Seis práticas para criar comunidades de valores, e não de proximidade* in HESSELBEIN, Frances etal. *A Comunidade do Futuro: Idéias para uma nova Comunidade*. São Paulo: Futura, 1998.
- VAITSMAN, Jeni. *Gerencialismo, Cultura e Expectativas entre Servidores Públicos de Saúde*. In RAP Revista de Administração Pública v. 35, n 1. Rio de Janeiro: EBAPE FGV, nov./dez. 2001.

- VASCONCELOS, Ruth. *O Narcisismo e a Violência na Atualidade*. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e Identidade: Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- VAZ, Lilian Fessler & JACQUES, Paola Berestein. *A Cultura na Revitalização Urbana: Espetáculo ou Participação?* In Espaço e Debates – Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Vol. 23 n. 43-44. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos – NERU, jan/dez 2003.
- VIEIRA, Liszt. *Os Argonautas da Cidadania: A Sociedade Civil na Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VILLASANTE, Tomás R. *Redes e Alternativas: Estratégias e Estilos Criativos na Complexidade Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- VILCHES, Lorenzo. *A Migração Digital*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- WALSELFISZ, Jacobo. *Mapa da Violência III (Síntese)*. Brasília: Unesco, 2002.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva v. 2*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- WOLFF, Robert P. *A Miséria do Liberalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ANEXO 1

ORGANIZAÇÕES DA REDE SOCIAL DE CULTURA

Associação Conjunto 1o. de Maio

Endereço: Rua Gingadinho, 30 fundos, Cep: 05858-003

Representante: Pedro Vicente Siqueira

Email: a1demaio@ig.com.br

Telefone: (11) 8181-1653

Associação Comunitária Monte Azul

Endereço: Av. Tomas de Sousa, 552, Cep: 05836-350

Site: monteazul.org.br

Representante: Ana Maria Medeiros

Email: centrocultural@monteazul.org.br

Telefone: (11) 5851.5370

Associação Tropis para Desenvolvimento Cultural e Social

R. Thomaz de Souza, 552 J, Monte Azul

CEP 05836-180 São Paulo – SP

Tel.: (55 11) 5851-1158

e-mail: tropis@tropis.org

Casa de Cultura e Educação São Luís

Av. Hum, 30, Jd São Luís

CEP 05823-070 São Paulo – P

Tel.: (55 11) 5812-2434

e-mail: ccesl.ccesl@globo.com.br

Casa dos Meninos

R. Yoshimari Minamoti, 656, Jd. Fim de Semana

CEP 05847-620 São Paulo – SP

Tel.: (55 11) 5511.4889

e-mail: cmeninos@bol.com.br

Casa Popular de Cultura

Estrada do M' Boi Mirim, Av. Inácio Dias da Silva, s/n, Piraporinha

CEP 04913-180 São Paulo – SP

Tel.: (55 11) 5514-3408

e-mail: cpcmboi@ig.com.br

Centro Alternativo de Artes e Cidadania

R. Serra do Jairé, Mooca

CEP 03175-000 São Paulo – SP

Tel.: (55 11) 9808-7217

e-mail: caac@gogo.com.br

Centro Rotário Educacional, Social, Cultura e Recreativo

R. Aribugu, 311, Jardim São Luís

CEP 05844-020 São Paulo – SP

Tel.: (55 11) 5510-1958
e-mail: campsa@osite.com

Cooperativa Educacional e Assistencial Casa do Zezinho

R. Amália Dolácio Albino, 30/77, Pq. Maria Helena
CEP 05854-020 São Paulo – SP
Tel.: (55 11) 551- 3750
e-mail: info@casadozezinho.org.br

Rede Popular de Cultura

Av. Pedro Alvares Cabral, 201, Sala 3007
CEP 04094-050 São Paulo – SP
Tel.: (55 11) 9504-9210
e-mail: hpcultura@hotmail.com

Associação Sarambeque de Desenvolvimento Cultural e Social

Endereço: Av. Tomas de Souza, 871, Cep: 05836-350
Site: 1design.com.br/zunidos
Representante: Ana Maria Medeiros
Email: zunidosdomonteazul@terra.com.br
Telefone: (11) 5851-8905

Associação Recreativa e Cultural Criança Feliz

Endereço: R. Prof. Rubens Oscar Guelli, 30, Cep: 04918-280
Representante: Erly Rodrigues Silva
Email: acr.criancafeliz@bol.com.br
Telefone: (11) 5514-5889

Associação Nossa Senhora Rainha da Paz

Endereço: Rua Aderbal, 20, Cep: 05847-450
Representante: Maria Regina Gonçalves Sigaki
Email: rainhadapaz@terra.com.br
Telefone: (11) 5816-3638

Associação Gremio Recreativo Bloco do Beco

Endereço: Rua Salgueiro do Campo, 383, Cep: 05814-210
Representante: Luis Claudio
Email: blocodobeco@bol.com.br
Telefone: (11) 5852-6266

Cia Teatral Arte e Vida

Endereço: Rua Prof. Barroso do Amaral, s/n, Cep:
Representante: Juvenita Maria de Jesus Salvioli
Email: anitasalvioli@yahoo.com
Telefone: (11) 5834-1355

Grupo Informanos

Endereço: Av. José Manoel Camisa Nova, 100, Cep: 05822-013
Representante: Renato Fascínora

Email: renatoofascinora@uol.com.br

Telefone: (11) 5812-2434

Projeto de Cinema

Endereço: Av. Hum, 30, Cep: 05823-070

Representante: Ana Paul

Email: cemiteriosaoluiz@bol.com.br

Telefone: 5641.3408

Soldados do Baixo Escalão

Endereço: Rua Romão Manzine Cerqueira, 7, Cep: 05844-210

Representante: Douglas Mariano

Email: shilrap@yahoo.com.br

Telefone: (11) 5513.9688

Para saber mais informações sobre a Rede Social de Cultura, entre em contato com o Centro de Educação Comunitária para o Trabalho do Senac - SP - Projeto Rede Social - Tel.: (55 11) 6647-515 1 e-mail: redesocial@sp.senac.br ou clique: www.sp.senac.br/educomunitaria ou com uma das organizações da Rede Social de Cultura (acima).

ANEXO 2

(Matérias sobre política cultural para a cidade de São Paulo)

SAÍDA PARA OS CEUS

Editoria: OPINIÃO Página: A2

Edição: São Paulo Feb 18, 2005

Seção: EDITORIAIS

O prefeito José Serra (PSDB) propôs ao governo estadual que utilize as instalações dos CEUs (Centros de Educação Unificados) para as atividades do programa Fábricas de Cultura _um projeto do Estado voltado para jovens que residem em áreas de baixa renda da cidade de São Paulo. A idéia é reduzir a exposição dessas pessoas à violência, incentivando a prática de atividades culturais _desde aquelas que já fazem parte do repertório desses jovens até as que lhes são pouco familiares. O programa conta com financiamento do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e só deverá ser implementado a partir de 2006. Sem os CEUs, construídos na gestão de Marta Suplicy, o programa exigiria investimentos em instalações. Com as estruturas e equipamentos já existentes no município _e nas áreas para as quais dirige-se o projeto estadual_ seria mais sensato unir esforços. Depois do período de aulas, as salas, o cinema e o teatro poderiam ser utilizados pelo Estado. Um exemplo de integração entre as duas esferas de governo, a parceria também teria a vantagem de tornar menos custosa para a cidade a manutenção dos CEUs _que hoje está em torno de R\$ 700 mil por mês. Além disso, o entendimento reforçaria o que parece ser o principal papel dessas escolas _servir como centro de convivência e irradiação de cultura nas periferias da cidade. Segundo a prefeitura, técnicos do BID já se manifestaram a favor da idéia, restando agora levar adiante os entendimentos com o governador. Vale observar que parcerias como essa poderiam ter sido realizadas desde a gestão passada. Lamentavelmente, interesses e desavenças políticas quase sempre prevalecem sobre o interesse público.

Governo tucano tenta atacar CEU, diz ex-secretária

Editoria: COTIDIANO Página: C8

Edição: São Paulo Feb 18, 2005

DA REPORTAGEM LOCAL

A secretária de Educação do governo Marta Suplicy (PT), Cida Perez, qualificou ontem como "políticas" as afirmações de José Serra. "Há uma tentativa do novo governo de desqualificar o CEU, ao invés de apresentar um proposta concreta para a educação", disse. Segundo ela, o contrato feito com as empreiteiras prevê que qualquer problema originado pela construção num período de cinco anos será sanado pelas construtoras sem ônus para a prefeitura. No caso do CEU Paz, diz a ex-secretária, a OAS já está desde dezembro do ano passado refazendo parte da obra da piscina e do esgoto. "Mas dizer que todos os CEUs têm problemas de construção não é verdade."

CEU terá parceria e pode ser 'alugado'

Autor: FABIO SCHIVARTCHE; CONRADO CORSALETTE

Editoria: COTIDIANO Página: C6

Edição: São Paulo Jan 28, 2005

Com dificuldades financeiras, a administração José Serra (PSDB) prepara projeto para que a manutenção dos 21 CEUs (Centros Educacionais Unificados) seja feita por meio de financiamento externo e de empresas particulares. Técnicos estão procurando executivos de grandes corporações e de bancos internacionais para negociar parcerias. Avaliam até a possibilidade de alugar os prédios para faculdades particulares no período noturno _quando os "escolões" ficam vazios. A idéia integra o ajuste de gastos programado pela Secretaria da Educação, que prevê ainda a diminuição do número de coordenadorias da pasta de 31 para 13 e o corte de 280 cargos de confiança. Segundo o secretário da Educação, José Aristodemo Pinotti, a prefeitura vai tentar encampar o projeto Fábricas de Cultura, uma parceria que já funciona entre o governo do Estado e o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). No caso da prefeitura, o financiamento seria usado integralmente na sua manutenção. Segundo Pinotti, o custo anual de cada CEU gira em torno de R\$ 9 milhões. "É muito dinheiro. Dá para construir cinco escolas", diz. A gestão Marta Suplicy (PT) afirmava que o custo anual de cada CEU era de R\$ 6 milhões. O projeto para a inclusão dos CEUs no Fábricas de Cultura deve ser elaborado em parceria com a USP (Universidade de São Paulo) e enviado aos financiadores em um mês. O Estado já obteve US\$ 20 milhões do BID e, como contrapartida, terá de desembolsar US\$ 10 milhões. O programa prevê a criação de espaços culturais na periferia para a promoção de inclusão social. Ele justificou a redução das coordenadorias de ensino dizendo que o Estado tem 13 delas, o que pode ajudar "num maior entrosamento" entre os governos. Assim como vêm fazendo diversos secretários do prefeito José Serra, o titular da Educação sustenta que está gastando os primeiros dias para "apagar fogueiras", numa referência às dívidas da prefeitura. Segundo ele, algumas liberações já foram feitas, como o repasse de R\$ 11 milhões para as creches conveniadas. Pinotti afirma que o pagamento das empresas de limpeza e de segurança dos CEUs, que estava atrasado e motivou paralisações, foi retomado. Os uniformes e o material escolar gratuitos para os alunos da rede, porém, atrasarão. Saúde Assim como a Educação, a Secretaria da Saúde também quer financiamento externo para seus projetos. Ontem, Serra e o secretário Claudio Lottenberg se reuniram com representantes do Bird (Banco Mundial). De acordo com Lottenberg, as conversas com o banco ainda são preliminares. Sem receber, funcionários fazem dívidas.

Projeto dobra carga horária no CEU

Autor: FABIANE LEITE

Editoria: COTIDIANO Página: C5

Edição: São Paulo Jul 3, 2005

DA REPORTAGEM LOCAL

Cumprida a promessa de manter os "escolões" criados por Marta Suplicy (PT) na periferia, o prefeito José Serra (PSDB) tenta potencializar o atendimento: há dois meses lançou um projeto experimental em que as crianças permanecem oito horas nos CEUs (Centros Educacionais Unificados), e não quatro. No período extra, há atividades culturais _música, dança_, e esportivas e reforço escolar para os que precisam. Segundo o secretário da Educação, José Aristodemo Pinotti, ainda há poucos alunos no projeto _ de 200 a 600 para cada um dos 21 CEUs da cidade, que têm capacidade para 2.400 crianças cada um. E os resultados e gastos do programa nos CEUs ainda não foram todos dimensionados _a ação também está sendo implantada em outros tipos de escola do município. O valor gasto por CEU hoje em custeio é de R\$ 700 mil mensais. Durante a campanha, o prefeito José Serra

(PSDB) criticava o alto custo das unidades e desistiu de construir novos escolões. No CEU São Matheus (zona leste), no entanto, o gestor José Valdene Tavares de Oliveira avalia que são necessários mais professores. Há 140 alunos precisando de reforço escolar para apenas dois educadores. A refeição para as crianças, afirma, também precisa ser melhoradas. As que freqüentam o Pós-escola à tarde, por exemplo, recebem apenas pão recheado e suco, muitas vezes sem fruta, antes de começarem as atividades. Para integrantes dos conselhos que acompanham o CEU, o problema é uma menor disponibilidade de recursos dos escolões para a comunidade, algo que era parte importante do projeto inicial das unidades, que têm teatros, cinemas, piscinas, quadras, bibliotecas e Telecentros. Segundo o gestor do CEU São Matheus (zona leste), em sua unidade houve muita preocupação com a manutenção das atividades para quem não é aluno. Mas há muita reclamação, porque o uso do Telecentro teve de ser estreitado, afirma Edilson Bento Ferreira de Oliveira, 33, do conselho gestor do escolão. Um período foi reservado ao todas as quartas e sextas. A prefeitura, no início do ano, modificou atividades culturais dos CEUs. Substituiu companhias profissionais de teatro por peças das comunidades. "A reorientação está tirando o vigor da proposta: a força pedagógica com o vínculo com a comunidade", afirma Alípio Casali, que integra o Conselho Municipal de Educação. "Sinto muito se alguém vislumbrou os CEUs como local de lazer", discorda Ismael Palhares Júnior, presidente do Sindicato dos Professores e Funcionários Municipais. (FL)

Pai de aluno exige uniformes e mais aulas no CEU Pedreira

Editoria: COTIDIANO Página: C2

Edição: São Paulo Jun 15, 2005

Seção: A CIDADE É SUA

DA REPORTAGEM LOCAL

Hugo Benedito Tobias reclama que seu filho e seu sobrinho, que estudam no CEU (Centro Educacional Unificado) Pedreira, na zona sul de São Paulo, ainda não receberam o uniforme escolar e que pelo menos duas vezes por semana eles não têm aula. Ele diz ainda que o material escolar é ruim e faltam livros didáticos. "Fico realmente preocupado com o futuro dessas crianças que estudam em instituições do governo, pois não estão recebendo a devida educação nessa fase em que se forma o caráter e a base cultural", diz. Tobias ressalta que o fato de as crianças irem à escola e não terem aula as deixam mais expostas à violência. "Sem estudos, essas crianças poderão se tornar os delinquentes de amanhã."

Resposta

A Coordenadoria de Educação de Santo Amaro informou que o CEU recebeu os uniformes e as entregas estão em fase de conclusão. Quanto ao livro didático, a modalidade de educação infantil não recebe esse tipo de material. Com relação à falta de aulas, a coordenadoria informou que recentemente houve um problema pontual, por conta de um vazamento, e as aulas ficaram prejudicadas por dois dias.

Prefeitura estuda reduzir gastos do CEU

Autor: LUCIANE SCARAZZATI

Origem do texto: DO "AGORA"

Editoria: COTIDIANO Página: C6

Edição: São Paulo Jun 9, 2005

Idéia é cortar funcionários de limpeza e segurança; centros infantis tiveram que diminuir despesas de lavanderia
LUCIANE SCARAZZATI DO "AGORA"

A administração José Serra (PSDB) estuda a redução do quadro de funcionários de limpeza e segurança nos CEUs (Centros Educacionais Unificados). Em maio, os gestores dos escolões receberam planilhas com o atual número de funcionários e a previsão de quantos devem permanecer após as mudanças. A margem de redução, segundo as planilhas obtidas pela reportagem, varia de 10% a 25%. Na semana passada, foi a vez de as diretoras dos CEIs (Centros Educacionais Infantis), que ficam dentro dos CEUs, receberem uma notificação de que deve haver corte no serviço de lavanderia. Atualmente, cada escolão possui uma máquina de lavar roupa e uma secadora de roupas caseiras. Empresas contratadas para lavar as peças das crianças _cobertor, lençol, fronha e toalha de banho passam diariamente nas unidades para recolher o material. Cada creche dos escolões tem 300 alunos. "O volume de roupas é muito grande e os equipamentos que temos não vão dar conta", afirma uma diretora de creche de um CEU da zona norte _ela preferiu não ter seu nome revelado. A limpeza, a segurança, a lavanderia e a alimentação dos CEUs são serviços terceirizados. No fim do ano passado, funcionários que trabalhavam nos escolões chegaram a paralisar suas atividades, por causa da falta de pagamento. A gestão Marta Suplicy (PT) atrasou o repasse de verbas para as empresas, que não tinham como pagar os seus empregados. Dívidas pendentes Ainda há dívidas de 2004 pendentes _e algumas empresas deixaram de prestar serviços. As que entraram no lugar já reduziram o número de funcionários. É o caso do CEU Alvarenga (zona sul), que tinha oito vigilantes por período e, desde março, tem cinco. Na semana passada, a reportagem esteve no local e verificou que o bosque localizado entre os prédios e o campo de futebol não tem segurança. No CEU Casa Blanca (zona sul), também houve redução de oito para cinco vigilantes por turno. Serra e seus auxiliares criticam, desde a campanha eleitoral, que o custo dos escolões é muito alto: são cerca de R\$ 500 mil de manutenção por mês. Em decreto publicado anteontem no "Diário Oficial" do município, Serra retirou R\$ 3 milhões destinados inicialmente para "operação e manutenção" dos CEUs para gastos com publicidade. A gestão tucana justificou a transferência dizendo que a verba voltará para a área de educação em forma de campanhas de utilidade pública e de esclarecimento.

Secretaria vê falha em despesas

Autor: LUCIANE SCARAZZATI

Editoria: COTIDIANO Página: C6

Edição: São Paulo Jun 9, 2005

A Secretaria da Educação afirmou ontem que não houve redução do quadro de funcionários de segurança, limpeza e lavanderia nas unidades do CEU e que as planilhas fazem parte de um "estudo técnico interno" da pasta. Segundo a chefe-de-gabinete da secretaria, Maria Lúcia Tajal, o estudo levou em consideração a área dos escolões, a quantidade de portarias e o número de seguranças contratados pela administração de Marta Suplicy (PT). "Existe uma incoerência", argumenta. "O CEU Perus [na zona norte] tem 19 mil m2 e 22 vigilantes. Já o CEU Paz [também na zona norte] tem uma área bem maior, de mais de 44 mil m2, e conta com 19", diz. Tajal afirma que "não há prazo para [o estudo que prevê os cortes] ser implantado". "Pode ser até que aconteça [a mudança no quadro de funcionários], mas vamos esperar ter a utilização plena dos CEUs com o Pós-Escola, as atividades culturais e outros

programas para verificar se pode haver redução ou não do quadro", afirma. Ela diz ainda que, até o início do ano, havia furtos dentro dos escolões e "as investigações recaíam sobre os seguranças". Segundo ela, nas unidades em que houve redução no quadro, por causa da mudança de empresa, os problemas acabaram. A equipe da ex-prefeita Marta rebate as críticas de Tajal. Além da área dos escolões, os assessores de Marta dizem que no planejamento dos CEUs foram levadas em consideração informações como o tamanho do terreno e o número de portarias da unidade e foi montado um esquema diferenciado de ronda, para não prejudicar usuários da piscina e outros espaços usados pela população do entorno. (LS)

Serra usa verba do CEU para publicidade

Autor: CONRADO CORSALETTE

Origem do texto: DA REPORTAGEM LOCAL

Editoria: COTIDIANO Página: C12

Edição: São Paulo Jun 8, 2005

Prefeito transferiu R\$ 5,3 milhões dos recursos reservados para manutenção dos escolões e criação doCEU Saúde

DA REPORTAGEM LOCAL

O prefeito de São Paulo, José Serra (PSDB), transferiu ontem R\$ 5,3 milhões destinados no Orçamento a projetos de saúde e educação para gastos com publicidade. A gestão tucana diz que a verba voltará para essas áreas em forma de campanhas de utilidade pública e de esclarecimento. De acordo com decreto publicado no "Diário Oficial" do município, o prefeito retirou R\$ 3 milhões destinados inicialmente para "operação e manutenção" dos CEUs (Centros Educacionais Unificados) e R\$ 2,3 milhões reservados para a "construção de clínicas de especialidades", promessa da ex-prefeita Marta Suplicy (PT) batizada de CEU Saúde na campanha eleitoral de 2004. Segundo o secretário de Comunicação do prefeito, Sérgio Kobayashi, a "reengenharia" orçamentária foi feita porque Serra não construirá os CEUs Saúde. Ele afirmou ainda que a verba dos CEUs da educação seria destinada à manutenção de novas unidades (outra promessa de campanha de Marta), que não serão feitas pelo prefeito neste ano. A oposição criticou as alterações no Orçamento. "Um dos pontos fortemente criticados pelo prefeito no período eleitoral foi a destinação de recursos para a área de comunicação durante a gestão passada", afirmou o vereador Paulo Fiorilo (PT). "A decisão do prefeito de tirar verba da educação e da saúde para gastar em publicações do município demonstra sua falta de compromisso em melhorar a qualidade de vida dos paulistanos", afirmou o líder do PT na Câmara, vereador João Antonio, em nota divulgada à tarde. O secretário de Comunicação de Serra deu ainda outra explicação para o remanejamento de verbas do Orçamento. De acordo com Kobayashi, o dinheiro extra servirá para "dar volume" à licitação para a contratação de duas novas agências de publicidade pela administração tucana. Novo contrato A agência Agnelo Pacheco, atual detentora da conta da administração paulistana, deve ser substituída nos próximos dois meses, após a conclusão da licitação. Segundo Kobayashi, a opção por duas agências se deve ao fato de a atual administração querer criar uma "concorrência interna" na criação de campanhas publicitárias municipais. Tal concorrência, ressaltou ele, ficará limitada à criação, pois os preços serão definidos em contrato. O chefe da pasta disse que, dos R\$ 4,2 milhões previstos para publicidade neste ano, apenas R\$ 3 milhões foram liberados _parte do Orçamento está congelada por causa do ajuste fiscal imposto pela Secretaria de Finanças. Dessa quantia, R\$ 2 milhões estão sendo gastos com a

Agnelo Pacheco. O saldo de R\$ 1 milhão, segundo Kobayashi, seria insuficiente para os novos contratos, que terão duração de seis meses e poderão ser renovados. Com os remanejamentos orçamentários, que incluem ainda verbas da Secretaria do Trabalho, a gestão tucana terá reservado R\$ 14,8 milhões para gastar com publicidade neste ano. "É uma quantia bem menor do que a gestão anterior", diz Kobayashi, citando os R\$ 36 milhões gastos na área por Marta no ano passado e os R\$ 47 milhões de 2003.

Serra reduz programação cultural de CEUs

Autor: LUCIANE SCARAZZATI

Origem do texto: DO "AGORA"

Editoria: COTIDIANO Página: C7

Edição: São Paulo Jun 6, 2005

Peças de teatro profissional foram suspensas e cinemas passam filmes repetidos; aulas de arte só voltaram em maio

LUCIANE SCARAZZATI DO "AGORA"

Construídos para serem espaços de educação para as crianças e de lazer para a comunidade, os CEUs (Centros Educacionais Unificados) tiveram atividades culturais reduzidas desde janeiro, no governo José Serra (PSDB). A reportagem visitou 10 dos 21 escolões entre quarta e sexta-feira da semana passada e constatou alterações na programação teatral e de cinema. A revisão dos contratos de segurança em unidades da zona sul também levou à redução da quantidade de vigilantes _de oito para cinco em cada turno. Até dezembro, eram contratadas pela Secretaria da Cultura peças profissionais para serem apresentadas nos finais de semana. O catálogo de filmes para as sessões de cinema incluía novidades. Desde janeiro, porém, as peças teatrais são somente de grupos da comunidade ou contatados pelos coordenadores das escolas. O catálogo de filmes não foi atualizado _as atrações são repetidas. Com capacidade para 2.400 alunos, cada um dos 21 CEUs também tem um roteiro de aulas e cursos para a comunidade. Em 2004, último ano do governo Marta (PT), a agenda de atividades estava movimentada. Havia aulas de iniciação artística _teatro, artes plásticas, dança e música. Mas os contratos com esses educadores acabaram em 31 de dezembro. Entre janeiro e abril, foram mantidas as aulas em unidades que tinham voluntários ou professores contratados em regime diferenciado. Foi só em maio que novos profissionais chegaram. Todos os CEUs possuem estúdios para fotografia e cinema, que estão equipados. São poucas as unidades, porém, que usam esse material, porque faltam profissionais. Em 2004, parcerias com a iniciativa privada garantiram a realização de alguns cursos. No CEU Paz, na zona norte, a falta de pessoal levou à paralisação de atividades da oficina na padaria e no estúdio de foto. O material para revelação do laboratório do CEU São Rafael, na zona leste, não foi usado até agora. Os CEUs Casa Blanca e Meninos, na zona sul, estão entre os que sofrem com a falta de professores e técnicos de educação física. No CEU Aricanduva, na zona leste, a pista de skate fica tomada pela terra quando há chuva. Alunos e moradores reclamam. "A comunidade está perdendo espaço", diz a telefonista Delfina Custódio da Silva, 49, vizinha do escolão de Aricanduva.

Titular da Cultura deixa cargo e critica Serra

Autor: FERNANDA MENA

Editoria: COTIDIANO Página: C4

Edição: São Paulo Apr 11, 2005

Em carta dirigida ao prefeito e enviada à Folha, Emanuel Araújo relata falta de infraestrutura; tucano não comenta

FERNANDA MENA DA REPORTAGEM LOCAL

O secretário de Cultura de São Paulo, Emanuel Araújo, 64, renunciou ao cargo ontem por meio de uma carta dirigida ao prefeito de São Paulo, José Serra (PSDB), e enviada exclusivamente à Folha.

Na carta de seis páginas, o agora ex-secretário de Cultura justifica sua saída da pasta. O documento, no entanto, não foi enviado por ele a Serra, que não quis comentar a demissão _primeira baixa da administração tucana na cidade. Celebrado no meio cultural como autor da transformação da Pinacoteca do Estado nos anos 90, o artista plástico e curador Emanuel Araújo foi pivô de polêmicas com os tucanos desde que foi anunciado como futuro gestor da pasta da Cultura do governo Serra. Durante o período de transição, Araújo não escondeu seu apoio à candidatura de Marta Suplicy (PT) à reeleição. Depois de assumir a pasta, rivalizou publicamente com a gestora estadual da Cultura, Cláudia Costin. A gota d'água da demissão de Araújo, no entanto, ocorreu na última sexta-feira, durante reunião de Serra com seu secretariado para avaliação dos cem primeiros dias de governo. Na ocasião, o prefeito _conhecido por seu perfil centralizador_ anunciou duas medidas na área da cultura que Araújo, então secretário da pasta, desconhecia: a instalação do acervo do MAC (Museu de Arte Contemporânea) e a ampliação do MAM (Museu de Arte Moderna) no pavilhão da Prodam (Companhia de Processamento de Dados do Município) no parque Ibirapuera e uma articulação entre a prefeitura e a Fundação Roberto Marinho para criar dois museus (o Museu da Criança e o Museu do Futebol) no Quintal da Luz (centro). "Devolvo-lhe esta secretaria desejando que se faça mesmo o Museu da Criança na 'cracolândia', mas rogo que não se esqueça de incluir nesse espaço essas crianças abandonadas ao infortúnio da sorte", escreveu Araújo. "Faça o Museu do Futebol, mas não esqueça a Pinacoteca Municipal guardada na reserva técnica do Centro Cultural São Paulo", provocou o ex-secretário. "Coloque na Prodam o MAM e o MAC (...). Faça-o como se faz usualmente com o arranjo de um quarto de despejo, mas não toque com sua impropriedade no Museu Afro-Brasil porque este é uma conquista de anos", ameaçou. Foi no Museu Afro-Brasil, do qual Araújo é criador e diretor, que o desentendimento entre Serra e o ex-secretário ficou evidente. No sábado, convidado para o lançamento do catálogo "Brasileiro, Brasileiros", Serra não apareceu. Na carta dirigida ao prefeito, Araújo discorre sobre a infra-estrutura da secretaria _que chama de "espaço tratado como pocilga"_ e ataca seu antecessor, o secretário da gestão Marta Suplicy (PT), Celso Frateschi. "A minha saída justifica-se por ter sido internado sem nenhuma infra-estrutura numa secretaria desprovida de recursos humanos, 'apagando incêndios' deixados pelo meu antecessor, que eu, ingenuamente, desconhecia. Mas, como ele é ator, soube interpretar muito bem o seu papel."

Coluna Mônica Bergamo

Autor: ANDRÉA MICHAEL; JOÃO LUIZ VIEIRA; DANIEL BERGAMASCO; MARIA FERNANDA ERDELYI

Editoria: ILUSTRADA Página: E2

Edição: São Paulo Jan 17, 2005

Seção: MÔNICA BERGAMO

Legenda Foto: O secretário municipal de Cultura, Emanuel Araújo, que ainda não escolheu nenhum nome para chefiar os órgãos ligados a sua pasta; PORTA-

RETRATO - A modelo Isabeli Fontana tinha 14 anos quando fez esta foto para a *lódice*; hoje, aos 21, será duplamente festejada na SPFW: pela marca que apostou nela àquela época e pela Patachou, que a convidou para desfilarm com uma peça tecida em fios de ouro 24 quilates; VITROLA - O músico Antonio Pinto, que orquestrou canções em filmes como "Cidade de Deus" e "Colateral" _sua estréia em Hollywood_, assinará as canções que embalarão os passos das modelos no desfile da Forum, na SPFW; Pinto compôs a música e produziu a parte eletrônica da trilha com o DJ Periférico

Observações: ENTREVISTA

CULTURA

"Não deu tempo de saber de tudo"

Há 14 dias como secretário de Cultura de São Paulo, o artista plástico Emanuel Araújo, 64, não se abala com as especulações sobre quem comandará órgãos importantes da cidade, como o Teatro e a Biblioteca Municipal. "Meu prazo para escolher a equipe vai até fevereiro. Ainda tenho tempo", diz. Folha - Esses órgãos estão sem comando?

Emanuel Araújo - Os diretores entregaram suas cartas de exoneração, mas isso não significa que abandonaram o cargo. A cidade é muito grande para eu escolher tudo de uma hora para outra. Tenho até fevereiro para decidir os nomes. Além disso, não tem nada parado na cidade, a programação corre normalmente.

Folha - Falta gente qualificada ou são tantas indicações que fica difícil escolher?

Araújo - É delicado. Existem alguns nomes, mas é preciso, primeiro, decidir quem sai e quem fica e buscar qualidade para formar uma boa equipe. Vou com calma.

Folha - A gestão de Marta foi boa para a cultura?

Araújo - Eu não posso falar da Marta. Ainda não deu tempo de ver de tudo, de analisar a cidade